



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



ROSIMEIRE VIVIANE DE OLIVEIRA ARAÚJO

**ESTRANGEIRISMO OU PORTUGUÊS? EIS A QUESTÃO: UMA
PROPOSTA PARA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA**

UBERLÂNDIA/MG

2023

ROSIMEIRE VIVIANE DE OLIVEIRA ARAÚJO

**ESTRANGEIRISMO OU PORTUGUÊS? EIS A QUESTÃO: UMA
PROPOSTA PARA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Linha de pesquisa: I. Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini

**UBERLÂNDIA/MG
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A663e
2023 Araújo, Rosimeire Viviane de Oliveira, 1977-
 Estrangeirismo ou português? Eis a questão [recurso eletrônico] :
 Uma proposta para adequação linguística / Rosimeire Viviane de Oliveira
 Araújo. - 2023.

 Orientadora: Adriana Cristina Cristianini.
 Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
 Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7038>
 Inclui bibliografia.

 1. Linguística. I. Cristianini, Adriana Cristina, 1969-, (Orient.). II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
 Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	27 de março de 2023	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12112MPL013				
Nome do Discente:	Rosimeire Viviane de Oliveira Araújo				
Título do Trabalho:	ESTRANGEIRISMO OU PORTUGUÊS? EIS A QUESTÃO: UMA PROPOSTA PARA ADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA				
Área de concentração:	Linguagens e Letramentos				
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR PARA O ESTUDO/ENSINO DO LÉXICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE				

Reuniu-se, remotamente via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP Profa. Dra. Eliana Dias, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP; Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini, Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Adriana Cristina Cristianini, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Cristina Cristianini, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/03/2023, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Usuário Externo**, em 27/03/2023, às 11:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliana Dias, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/03/2023, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4367562** e o código CRC **2F66F6C5**.

AGRADECIMENTOS

Não é sobre viver, é sobre agradecer quem concedeu vida a você...

Ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

Quanto mais nos aproximamos do saber, mais temos a certeza da existência de Deus e reconhecemos o quanto somos pequenos diante da imensidão do universo!

Senhor Deus, dono do tempo e da eternidade, em primeiro lugar agradeço a Ti por ter ouvido minhas orações e ter me concedido a oportunidade de conquistar o título de mestre antes de me aposentar!

Agradeço ao Senhor Jesus Cristo, o mestre dos mestres, por nos ensinar a viver nesse mundo e superar os obstáculos!

Agradeço ao Espírito Santo por ter chorado comigo, gemidos inexprimíveis, por ter colhido as minhas lágrimas e não ter deixado me afastar da Tua presença!

Não é sobre sonhar, é sobre agradecer quem sonhou junto com você...

Gratidão aos familiares...

Agradeço aos meus pais, Pedro Antônio e Maria Joaquina, pelos princípios e valores, meus primeiros e eternos mestres na vida!

Obrigada pela acolhida e hospitalidade no Sítio Oliveira!

À minha família, meu esposo Sandro Teixeira e meus filhos João Pedro, Leandro (in memoriam) e Alexandre, obrigada por compreenderem minha ausência e meus "pitis", obrigada pelo carinho, por cuidarem de mim, agradeço os almocinhos, lanchinhos, cafezinhos para me manter acordada, amo vocês!

Obrigada meus queridos irmãos Marcelo, Cleibson e Daniela, meu cunhado Erli Luciano, meus sobrinhos Daniel, Lucas, Matheus, Kellen, Will e Pedro Antônio.

Agradeço à minha sogra Sebastiana Pereira, minha segunda mãe!

Ao meu sogro Erasmo Teixeira (in memoriam)

Obrigada cunhada e família, Alessandra, Lucas, Vinícius e Carol, Ângela e Sofia

Não é sobre conquistar, é sobre agradecer quem incentivou você...

Gratidão aos amigos...

Aos meus amigos, o casal Wellington e Sunamita, "a amiga da amiga", Ana Beatriz e Leonardo, uma amizade incondicional, estiveram sempre do meu lado, não me deixaram desistir, agradeço o incentivo.

Aos amigos Priscilla Carvalho e Eládio Herwig “meu padrinho de mestrado”, filhos do PROFLETRAS- UFU, que tanto me incentivaram a fazer a prova.

Não é sobre orar, é sobre agradecer quem orou por você...

Aos meus Pastores e irmandade

Agradeço ao Pr. Manoel Ribeiro e Pra. Sebastiana, e todos os meus irmãos em Cristo que sempre estiveram em oração por minha família!

Não é sobre aprender, é sobre lembrar de quem ensinou você...

Gratidão aos Profissionais

À minha orientadora Adriana Cristianini (UFU), obrigada pelo profissionalismo e dedicação, agradeço também seus ouvidos sempre atentos na hora do desespero!

Agradeço as grandiosas contribuições dos profissionais da Banca do Exame de Qualificação e Defesa do Trabalho de Conclusão, Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP) e Dra. Eliana Dias (UFU), obrigada por prontamente atender ao nosso convite, me sinto honrada com a presença de vocês!

A todos os professores do PROFLETRAS-UFU que direta ou indiretamente estiveram conosco, esse trabalho tem a voz de vocês ecoada no decorrer da pesquisa:

Dra. Adriana Cristianini, Dra. Carolina Damasceno, Dra. Eliana Dias, Dra. Elisete Mesquita, Dr. João Carlos Biella, Dr. Leandro Silveira, Dra. Maria Aparecida (Cida Ottoni), Dra. Marisa Martins, Dra. Marlúcia Alves, Dr. Mauricio Viana, Dra. Talita de Cássia

Agradeço à coordenadora Dra. Marlúcia e ao Secretário Andson por nos orientar nos protocolos da vida!

Ao Grupo de Pesquisa Sociogeolinguística (GPS-UFU) agradeço a todos os pesquisadores desse grupo representados pela Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini e a Profa. Dra. Irenilde Pereira dos Santos.

Não é sobre vencer, é sobre lembrar de quem venceu com você...

Aos colegas de mestrado

Agradeço aos meus colegas da Turma 7/2021 do PROFLETRAS-UFU, separados pela distância, unidos pela tela e pelo coração. Professores espalhados pelo Brasil lutando em prol de uma Educação de qualidade. Agradeço imensamente pelo companheirismo, aprendi muito com vocês, obrigada por tudo!

Lema da Turma 7:

“Ninguém solta a mão de ninguém!”

Aline Tosta, Carla de Aquino, Cinthia Pires, Deyse Alves, Elizangela Vasconcelos, Elizete Araújo, Kathiemi Matsumoto, Kellyne Amaral, Marcos Medeiros, Maria Lúcia Fernandes, Marlene Gonçalves, Patrícia Sousa, Rosimeire Viviane(eu) e Thamyres de Oliveira.

Não é sobre pesquisar, é sobre lembrar de quem colaborou com você...

Aos colegas de trabalho e aos “meus” alunos

Agradeço à equipe diretiva, inestimáveis colegas de trabalho e meus queridos alunos que estiveram comigo nessa caminhada, sem vocês nada seria possível!

À Secretaria Municipal de Educação de Goiânia por ter me concedido a Licença.

À Secretaria Estadual de Educação de Goiás por autorizar a pesquisa.

Não é sobre ficar, é sobre lembrar de quem partiu...

Uma homenagem especial

Gratidão a uma Participante (in memoriam)

“É tão estranho, os bons morrem antes, me lembro de você e de tanta gente que se foi, cedo demais.” (Renato Russo)

Agradecemos a uma participante (in memoriam) pelas contribuições com a pesquisa enquanto lutava pela vida, aos 12 anos ela se foi por complicações no quadro de saúde, lamentamos sua partida precoce!

Vou te contar uma coisa, querida ... o dia que você partiu, você deixou um grande vazio na escola, as lágrimas foram inevitáveis ao olhar para sua cadeira vazia, seu lugarzinho, aquele seu cantinho deixou uma saudade imensa nos colegas!

Nossas condolências e gratidão a toda sua família!

“Viver é Plural” (Guimarães Rosa)

“o empréstimo linguístico enriquece a língua
que o recebe sem tornar mais pobre a língua
que o cede.”

(Geir Campos, 1986)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, o estrangeirismo, o qual é alvo de críticas negativas por grupos puristas. Diante disso, observa-se que não há uma proposta de abordagem efetiva sobre o assunto no ensino de Língua Portuguesa. Então, este trabalho pauta-se pelo objetivo da elaboração de uma proposta de intervenção, voltada para o ensino do léxico na perspectiva da variação linguística, incluindo os itens lexicais estrangeiros, com a finalidade de contribuir para a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos alunos. Para isso, realizamos um estudo bibliográfico e documental, especialmente, em obras relacionadas à variação linguística, sociolinguística e lexicologia. Assim, como aporte teórico nos pautamos em Alves (1990;1984), Antunes (2012), Bagno (2001), Barbosa (1978, 1979; 1981), Biderman (1978; 1984; 2001), Bortoni-Ricardo (2005), Cristianini (2007), entre outros. Nos aspectos metodológicos, adotamos a pesquisa-ação, tendo como participantes um grupo de 35 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede oficial de ensino em Goiânia-GO. A proposta de intervenção foi aplicada por meio de um questionário de sondagem inicial para levantamento dos conhecimentos prévios e, posteriormente, cinco oficinas pedagógicas distribuídas em 24h/aula. Para a constituição do *corpus* e análise dos dados, compilamos os resultados da aplicação da proposta de intervenção, juntamente com um relato das observações da professora-pesquisadora. Os resultados foram apresentados por meio de quadros, gráficos e análise crítico-reflexiva, numa abordagem quantiquantitativa. Consideramos que os objetivos foram alcançados, visto que a proposta de intervenção contribui com o ensino do léxico, possibilita a inclusão das palavras estrangeiras na abordagem da variação linguística e oportuniza a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes. Como produto final, produzimos um Caderno de Atividades a ser disponibilizado a docentes de Língua Portuguesa na Educação Básica.

Palavras-chave: Língua Portuguesa; Léxico; Variação Linguística; Estrangeirismo; Educação Básica.

ABSTRACT

This research presents the presence of foreign words in the Portuguese language, the "estraneirismo", which is the target of negative criticism by purist groups. Therefore, there is no effective approach on this subject in the teaching of Portuguese. Therefore, this paper aims to elaborate an intervention proposal to teach lexical in the perspective of linguistic variation, including foreign lexical items, to contribute to the expansion of the lexical repertoire, linguistic adequacy, and communicative competence of students. To this end, we carried out a bibliographic and documental study, especially in works related to linguistic variation, Sociolinguistics, and Lexicology. Thus, as a theoretical basis, this research was based on Alves (1990; 1984), Antunes (2012), Bagno (2001), Barbosa (1978, 1979; 1981), Biderman (1978; 1984; 2001), Bortoni-Ricardo (2005), Cristianini (2007), among others. As for the methodological aspects, we adopted the action research, having as participants a group of 35 7th grade students from a public school in Goiânia-GO. The intervention proposal was applied by means of an initial survey questionnaire to determine prior knowledge and, subsequently, five pedagogical workshops distributed in 24 hours/class. For the constitution of the *corpus* and data analysis, we compiled the results of the application of the intervention proposal, along with a report of the observations of researcher-teacher. The results were shown by means of charts, graphs, and critical-reflexive analysis, in a quantitative-qualitative approach. We believe that the objectives were achieved, since the intervention proposal contributes to lexical teaching, allows the inclusion of foreign words in the approach to linguistic variation and provides an opportunity to expand the lexical repertoire, linguistic adequacy, and communicative competence of the students. As a final product, we produced an Activity Notebook to be available to Portuguese Language teachers in Basic Education.

Keywords: Portuguese Language; Lexicon; Linguistic Variation; Foreign Words; Basic Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de participantes por turma.....	126
Gráfico 2 – Número de participantes por sexo	126
Gráfico 3 – Número de participantes por idade	127
Gráfico 4 – Origem dos participantes	127
Gráfico 5 – Origem dos pais e/ou responsáveis	127
Gráfico 6 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 1	134
Gráfico 7 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 2	135
Gráfico 8 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 3	136
Gráfico 9 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 4	137
Gráfico 10 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 5	138
Gráfico 11 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 6	139
Gráfico 12 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 7	140
Gráfico 13 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 8	141
Gráfico 14 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 9	142
Gráfico 15 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 10.....	143
Gráfico 16 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 11.....	144
Gráfico 17 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-A.....	145
Gráfico 18 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-B.....	146
Gráfico 19 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-C.....	147
Gráfico 20 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-D.....	147
Gráfico 21 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 13.....	148
Gráfico 22 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 14.....	149
Gráfico 23 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 15.....	151
Gráfico 24 – Respostas: Palavras da imagem mais utilizadas	156
Gráfico 25 – Respostas: Palavras estrangeiras mais utilizadas	157
Gráfico 26 – Respostas: motivo da presença de palavras estrangeiras	158
Gráfico 27 – Respostas: entrada de palavras estrangeiras	159
Gráfico 28 – Respostas: significado de estrangeirismo – Parte 1.....	160
Gráfico 29 – Respostas: significado de estrangeirismo – Parte 2.....	160
Gráfico 30 – Respostas: significado de empréstimo.....	161
Gráfico 31 – Respostas: Pesquisa no VOLP.....	162
Gráfico 32 – Trabalho dos participantes: música.....	187
Gráfico 33 – Trabalho dos participantes: culinária.....	187
Gráfico 34 – Trabalho dos participantes: moda anos 50, 60, 70 e 80.....	189

Gráfico 35 – Trabalho dos participantes: moda 2020	190
Gráfico 36 – Trabalho dos participantes: pandemia covid-19	190
Gráfico 37 – Estrangeirismo: opinião da comunidade escolar e familiares	202
Gráfico 38 – Resultado: Biscoito ou Bolacha?.....	215
Gráfico 39 – Gírias antigas e atuais para “Crush”	217
Gráfico 40 – Resultado: Variante “Sale” e Liquidação	234
Gráfico 41 – Resultado: contexto inadequado para “Sale”	235

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Acepção de <i>palavra</i> no dicionário Aulete Digital	36
Quadro 2 – Acepção de <i>palavra</i> no dicionário Michaelis Digital	39
Quadro 3 – A <i>palavra</i> em vários ângulos em Basílio	40
Quadro 4 – Três critérios para definir <i>palavra</i> em Biderman	44
Quadro 5 – <i>Palavra</i> : definição de termos relacionados	45
Quadro 6 – Processo de Neologia	55
Quadro 7 – Palavras com aportuguesamento de origem estrangeira.....	73
Quadro 8 – Sistema, Norma e Fala.....	91
Quadro 9 – Definição dos participantes para delivery, drive-thru, light e diet	168
Quadro 10 – Palavras dos Cardápios: definição dos participantes.....	172
Quadro 11 – Respostas: Palavras estrangeiras e suas correspondentes.....	242

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fases do neologismo	59
Figura 2 – Tripé sentir-pensar-agir	116
Figura 3 – Estrangeirismos	155
Figura 4 – Rótulos e embalagens.....	164
Figura 5 – Pesquisa dos participantes em rótulos e embalagens	166
Figura 6 – Cardápio 1	169
Figura 7 – Cardápio 2	170
Figura 8 – Pesquisa dos participantes nos cardápios.....	171
Figura 9 – Fotomontagem em 2 minutos na cozinha.....	179
Figura 10 – Fotomontagem participante 1	179
Figura 11 – Fotomontagem participante 2.....	180
Figura 12 – Embalagem de xampu	180
Figura 13 – Embalagem de shampoo	181
Figura 14 – Placa de Black Friday.....	182
Figura 15 – Placa de Black Fraude	183
Figura 16 – Recortes de trabalhos dos participantes : música	184
Figura 17 – Recortes de trabalhos dos participantes : pandemia	185
Figura 18 – Recortes de trabalhos dos participantes : culinária	185
Figura 19 – Recortes de trabalhos dos participantes : moda anos 50 a 80	186
Figura 20 – Recortes de trabalhos dos participantes : moda 2020.....	186
Figura 21 – Recortes de trabalhos dos participantes : pandemia 2	187
Figura 22 – Tirinha “Coisas desse Brasil Tiririca!	192
Figura 23 – Transcrição:Palavras estrangeiras não são prejudiciais	198
Figura 24 – Transcrição de entrevista dos participantes 1.....	199
Figura 25 – Transcrição de entrevista dos participantes 2.....	199
Figura 26 – Transcrição de entrevista dos participantes 3.....	199
Figura 27 – Recorte de entrevista dos participantes 1.....	200
Figura 28 – Recorte de entrevista dos participantes 2.....	200
Figura 29 – Recorte de entrevista dos participantes 3.....	201
Figura 30 – Recorte de entrevista dos participantes 4.....	201
Figura 31 – Panfleto 1: Pratos e lanches.....	203
Figura 32 – Panfleto 2: Pratos e lanches.....	204
Figura 33 – Anúncio de pizza.....	204
Figura 34 – Tirinha de Calvin	209

Figura 35 – Produção dos participantes: Tirinha 1	211
Figura 36 – Produção dos participantes: Tirinha 2	211
Figura 37 – Produção dos participantes: Tirinha 4	211
Figura 38 – Produção dos participantes: Tirinha 4	212
Figura 39 – Produção dos participantes: Tirinha 5	212
Figura 40 – Embalagem de biscoito recheado	214
Figura 41 – Embalagem de biscoito doce de maizena	214
Figura 42 – Embalagem de biscoito salgado.....	214
Figura 43 – Biscoito ou bolacha? Um país dividido.....	216
Figura 44 – Produção Textual: Uma história de crush.....	223
Figura 45 – Transcrição Produção Textual: Uma história de crush	223
Figura 46 – Produção Textual: Uma paixão de verão.....	224
Figura 47 – Transcrição Produção Textual: Uma paixão de verão	224
Figura 48 – Produção Textual: O menino que eu gosto	225
Figura 49 – Transcrição Produção Textual: O menino que eu gosto	225
Figura 50 – Produção Textual: Crush Secreto.....	226
Figura 51 – Transcrição Produção Textual: Crush Secreto	226
Figura 52 – Produção Textual: Sobre o meu crush	227
Figura 53 – Transcrição Produção Textual: Sobre o meu crush.....	227
Figura 54 – Produção Textual: A história não é minha	228
Figura 55 – Transcrição Produção Textual: A história não é minha.....	228
Figura 56 – Produção Textual: Amizade não é suficiente.....	229
Figura 57 – Transcrição Produção Textual: Amizade não é suficiente	229
Figura 58 – Produção Textual: Meu amor	230
Figura 59 – Transcrição Produção Textual: Meu amor.....	230
Figura 60 – Tirinha: Entrega e Delivery	232
Figura 61 – Vitrine de loja: Sale e Liquidação	234
Figura 62 – Meme: Fake News e Conversa fiada.....	236
Figura 63 – Exemplar 1: Palavras estrangeiras e suas correspondentes	238
Figura 64– Exemplar 2: Palavras estrangeiras e suas correspondentes	239
Figura 65 – Exemplar 3: Palavras estrangeiras e suas correspondentes	240
Figura 66 – Exemplar 4: Palavras estrangeiras e suas correspondentes	241
Figura 67 – Produção de diálogos : Réveillon e ano novo.....	244
Figura 68 – Produção de diálogos : Crush e paquera	244
Figura 69 – Produção de diálogos : Bullying	245

Figura 70 – Produção de diálogos : Crush, whatsapp, stalker e revéillon.....	245
Figura 71 – Produção de diálogos : Internet, site, chat e delivery.....	246
Figura 72 – Produção de diálogos : blackout, fake news e shopping	246
Figura 73 – Produção de diálogos : Internet e boy	247
Figura 74 – Produção de diálogos : Pizza e online.....	247

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ABNT	Associação Brasileira de Norma Técnica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Câmara de Educação Básica
CONSEPE	Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão
Covid-19	Corona Virus Disease - 2019
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFLETRAS	Programa de Mestrado Profissional em Letras
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
VOLP	Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1	LÉXICO.....	29
2.1.1	Palavra: (in)definição	34
2.1.2	Competência lexical.....	48
2.2	PROCESSO DE CRIAÇÃO E RENOVAÇÃO LEXICAL.....	53
2.2.1	A integração das palavras ao acervo lexical	57
2.2.2	Estrangeirismo e/ou Empréstimo?	59
2.2.3	Estrangeirismo no léxico da Língua Portuguesa	64
2.2.4	Estrangeirismo e Empréstimo: dupla acusada de linguicídio?	78
2.2.5	Estrangeirismo: purismo e preconceito linguístico	82
2.2.6	Estrangeirismo: dimensão social, discursiva e ideológica	86
2.3.	SISTEMA, NORMA E FALA	90
2.4	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO	92
2.4.1	Estrangeirismo como variação linguística de aspecto lexical	98
2.4.2	Estrangeirismo e ensino de Língua Portuguesa	102
3	MÉTODO E PROCEDIMENTOS	108
3.1	A PESQUISA-AÇÃO	109
3.2	A ABORDAGEM QUANTIQUALITATIVA	112
3.3	OFICINAS PEDAGÓGICAS	115
3.4	O ESPAÇO ESCOLAR: NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM PRÉDIO.....	120
3.5	QUESTÕES ÉTICAS	122
3.6	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	125
3.6.1	Relação faixa etária e linguagem	128
3.7	A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	130
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	133
4.1	QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL	133
4.1.1	Resultado do Questionário de Sondagem Inicial.....	134
4.2.	AS OFICINAS PEDAGÓGICAS	153
4.2.1	Oficina 1: O Estrangeirismo nosso de cada dia.....	154
4.2.2	Oficina 2: Black Friday ou Black Fraude?	175
4.2.3	Oficina 3: “Tamu junto e misturado!”	193

4.2.4	Oficina 4: Temos pizza, sanduíche gourmet e chica doida!.....	203
4.2.5	Oficina 5: O Estrangeirismo “tá on”!	213
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	249
	REFERÊNCIAS	255
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL	263
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOGEOLINGUÍSTICO	266
	APÊNDICE C – O CADERNO DE ATIVIDADES	267

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua reflete a identidade de seu povo e suas relações sociais, isso significa que, à medida que a sociedade muda, a língua também muda para atender às necessidades de seus falantes. Por ter um caráter social, dinâmico e heterogêneo, as línguas se renovam natural e constantemente. As mudanças que ocorrem na língua são provenientes de fatores diversos, podendo ser de ordem social, histórica, econômica, política, entre outros.

O Brasil, desde seu processo de colonização, sempre foi palco de influência de outros povos espalhados pelos continentes, europeu, africano, americano etc. Imigrantes de diversos lugares do mundo foram deixando suas heranças culturais e linguísticas sobre a nação brasileira que se misturaram às línguas dos povos indígenas, os habitantes nativos do país.

Se a história do Brasil é marcada pela presença de vários povos, com a sua língua não seria diferente. Sendo assim, palavras¹ indígenas, africanas, francesas, italianas, árabes, inglesas, entre outras, passaram a integrar o acervo lexical da Língua Portuguesa. Assim, o hibridismo linguístico da Língua Portuguesa é absolutamente justificável, considerando a construção histórica da identidade do país. Esses fatores supracitados contribuíram para a pluralidade cultural, influenciando diretamente a diversidade linguística presente na Língua Portuguesa.

O processo de introduzir palavras de outros idiomas em uma determinada língua é conhecido por estrangeirismo². À medida que as palavras estrangeiras passam a ser usadas com uma certa frequência pela comunidade linguística, podem ser incorporadas ao léxico da língua. Ao serem oficializadas no idioma, passam a ser consideradas empréstimos.

Conforme já mencionamos, palavras estrangeiras estiveram sempre presentes

¹ Os nossos estudos, embasados na Lexicologia, na Lexicografia, na Terminologia e na Terminografia, deixam claro a falta de consenso na definição do termo palavra (brevemente abordado na seção 2.1.1 Palavra: (in)definição). Diante disso, em nosso trabalho, optamos por não esmiuçar o posicionamento de diferentes pesquisadores e empregamos o termo palavra de forma geral, pois entendemos que esse item lexical é de uso corrente e é bastante acessível aos docentes da Educação Básica, principal leitor de nossa pesquisa.

² O termo “estrangeirismo” será utilizado de forma genérica, em alguns momentos nesta dissertação, por uma questão de fluidez textual, e considerando a abrangência e popularidade do termo no contexto educacional. Porém, como se trata de uma pesquisa científica, esclarecemos que adotamos concepções teóricas que diferenciam tecnicamente os termos “estrangeirismo” e “empréstimo” na sua definição. Consideramos que ambos mantêm uma relação de interdependência à medida que se referem ao uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

na Língua Portuguesa do Brasil. Ao longo da história, entre essas palavras, algumas permaneceram, outras se modificaram, desapareceram, caíram em desuso e há, ainda, aquelas que voltaram a ser usadas. Esse é um movimento natural e comum em todas as línguas, tendo em vista seu caráter heterogêneo e dinâmico.

No entanto, com o processo de globalização, o estrangeirismo tem-se intensificado cada dia mais, principalmente em relação à quantidade de palavras de origem inglesa presentes na Língua Portuguesa. A presença marcante de palavras estrangeiras no idioma nacional causa inquietação e divide opiniões na sociedade e, conseqüentemente, na comunidade escolar.

Partindo da experiência em nossa prática profissional, observamos que a presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa é um assunto polêmico no Brasil. Entre os profissionais do âmbito educacional, há vozes favoráveis e contrárias. Muitos não concordam com a presença de itens lexicais estrangeiros, questionam a oficialização desses itens ao nosso acervo lexical, numa visão purista da língua. Os puristas acreditam que a Língua Portuguesa deve ser protegida da influência de outras línguas, em uma concepção relacionada ao nacionalismo, chamada purismo ou protecionismo linguístico.

Por conseguinte, o estrangeirismo, na Língua Portuguesa, é cercado de preconceitos e críticas negativas, há o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a língua nacional, o que acaba sendo prejudicial ao ensino da Língua Portuguesa, pois a disseminação dessa visão purista adentra o espaço escolar.

Diante desse contexto, observa-se que os itens lexicais estrangeiros são ignorados na maioria das aulas e nos livros didáticos de Língua Portuguesa, ou o tema é abordado de forma superficial e equivocada. O trabalho com léxico desenvolvido em sala de aula não inclui o estudo do estrangeirismo, nem há uma proposta efetiva de adequação linguística incluindo as palavras estrangeiras.

Portanto, a problemática relacionada ao ensino da Língua Portuguesa supramencionada é o ponto inicial para o desenvolvimento desta pesquisa, apresentando como tema a presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa, com uma proposta de adequação linguística.

Esta pesquisa parte da hipótese de que uma proposta de intervenção direcionada ao estudo do estrangeirismo possibilita a diminuição da dificuldade quanto à compreensão sobre em que consiste esse processo linguístico na estrutura do

léxico, e a possibilidade de adequação linguística quanto aos usos de itens lexicais estrangeiros em diferentes contextos comunicativos.

Dessa forma, nosso estudo se propôs a buscar resposta para a seguinte questão de pesquisa: um conjunto de atividades, direcionadas a alunos do Ensino Fundamental, possibilita que eles compreendam em que consiste o estrangeirismo na estrutura do léxico, bem como sua dimensão social, discursiva e ideológica nas práticas discursivas?

A motivação inicial para pesquisa surgiu no contexto de atuação da professora-pesquisadora, após a constatação do pouco espaço reservado ao ensino do léxico, e o silenciamento da abordagem do estrangeirismo como variação linguística. Observamos a necessidade de um trabalho mais sistematizado em sala de aula, envolvendo atividades que contribuam para a ampliação lexical e adequação linguística, incluindo os itens lexicais estrangeiros.

Considerando a temática e sua abordagem no contexto educacional, o objetivo desta pesquisa foi elaborar uma proposta de intervenção voltada para variação linguística e o ensino do léxico, com foco na presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa, considerando sua dimensão social, discursiva e ideológica, visando contribuir para ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes.

Como objetivos específicos, tencionamos: propiciar a compreensão dos processos de introdução, formação e incorporação das palavras estrangeiras ao acervo lexical da Língua Portuguesa, bem como o impacto desse processo na estrutura do léxico; possibilitar o discernimento dos motivos da presença ou ausência de itens lexicais estrangeiros no Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa (VOLP) e no dicionário escolar; contribuir para minorar o preconceito em relação ao uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, desvelando o estigma de que elas descaracterizam a língua nacional; refletir sobre os aspectos socioculturais e ideológicos das escolhas dos falantes entre o estrangeirismo e o português; cooperar com docentes, autores de material didático e outros profissionais da área de Língua Portuguesa com um Caderno de Atividades, produzido como produto final desta pesquisa; contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa com conhecimentos teórico-científicos e didático-metodológicos.

O trabalho se justifica pelo fato de haver poucos estudos e pesquisas no âmbito nacional sobre a presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa. Além

disso, há escassez de material didático, abordagens superficiais e equivocadas presentes nos livros didáticos, bem como o silenciamento do assunto em sala de aula.

À vista disso, a pesquisa torna-se inovadora por apresentar uma proposta de adequação linguística incluindo as palavras estrangeiras, e promovendo a reflexão crítica das escolhas lexicais entre o estrangeirismo e o português.

Esta pesquisa torna-se relevante à medida que apresenta uma proposta de intervenção que poderá trazer uma importante contribuição para o ensino da Língua Portuguesa, ao possibilitar uma ampla compreensão do estrangeirismo, numa visão mais adequada ao mundo contemporâneo, desprovida de preconceitos, que analisa a apropriação das palavras estrangeiras por um prisma social e discursivo.

O trabalho também pode colaborar com docentes e outros profissionais da área de Língua Portuguesa, com conhecimentos teórico-científicos sobre o tema abordado, além do material didático, um Caderno de Atividades, a ser disponibilizado aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental por meio de arquivo em formato PDF, a ser amplamente divulgado em canais virtuais de comunicação.

Para isso, partimos de uma revisão bibliográfica e documental. Realizamos estudos e pesquisas em obras, especialmente, relacionadas à variação linguística, sociolinguística e lexicologia. Diante dessa temática, elegemos como aporte teórico, Alves (1990;1984), Antunes (2012), Bagno (2001), Barbosa (1978, 1979; 1981), Biderman (1978; 1984; 2001), Bortoni-Ricardo (2005), Cristianini (2007), entre outros estudiosos do assunto. Desenvolvemos também estudos no que tange às diretrizes oficiais do ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental – Anos Finais. Nesse caso, recorreremos aos fundamentos de Brasil (2018), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Brasil (1998), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). E, ainda, nos dedicamos a estudos que tratam da pesquisa-ação, tendo como referência Thiollent (1986), Tripp (2005), Franco (2005) e das oficinas pedagógicas, tendo como base teórica, os estudos de arriada; Valle (2012), Silva (2019), Paviani; Fontana (2009), entre outros.

Nos aspectos metodológicos, adotamos como método a pesquisa-ação por aproximar o pesquisador do contexto em que atua, em nosso caso, a sala de aula. Nessa perspectiva, teoria e prática caminham juntas, professor-pesquisador e alunos estabelecem uma parceria e constroem os conhecimentos coletivamente. Além disso, a pesquisa-ação orienta para resolução de problemas coletivos com a finalidade de transformar a realidade observada.

Como instrumento para aplicação da proposta de intervenção, adotamos as oficinas pedagógicas fundamentadas no tripé sentir-pensar-agir. Essa escolha se deu por entender que as oficinas proporcionam um ambiente interativo de aprendizagem por meio da reflexão, considerando os sentimentos, pensamentos e ações dos envolvidos em torno dos objetivos de ensino propostos.

A pesquisa conta, inicialmente, com um grupo de 35 participantes de duas turmas de 7.º ano do Ensino Fundamental, faixa etária entre 12 e 13 anos, sendo 22 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, turno vespertino, em uma escola da rede oficial de ensino, localizada no município de Goiânia-GO. Ao final da pesquisa, contamos com um grupo de 30 participantes, visto que quatro pediram transferência de escola e, infelizmente, uma participante faleceu em decorrência de complicações no quadro de saúde.

Para a constituição do *corpus*, compilamos os resultados da aplicação da proposta de intervenção, juntamente com o relato das observações da professora-pesquisadora, por meio de um diário de anotações. Utilizamos uma abordagem quantiquantitativa para análise dos dados e divulgação dos resultados, por meio de gráficos, quadros e figuras, seguido da análise crítico-reflexiva com respaldo nas perspectivas teóricas da revisão bibliográfica e documental.

Quanto à proposta de intervenção, após o recrutamento dos participantes em março de 2022, aplicamos um questionário sociogeolinguístico para conhecer o perfil dos participantes e um questionário de sondagem inicial (2h/aula) com a finalidade de averiguar os conhecimentos prévios dos participantes acerca do estrangeirismo. Em seguida, partimos para elaboração de uma sequência de atividades realizadas por meio de cinco oficinas, distribuídas em 24h/aula (50min). As oficinas foram aplicadas de agosto a novembro de 2022.

Para consolidar os resultados, construímos um panorama analítico por meio de gráficos e quadros elaborados pelas autoras, com o levantamento dos dados quantitativos, seguidos de análise qualitativa, por meio de observações do diário de anotações e discussões com base nas abordagens teóricas dessa pesquisa.

Esta dissertação está organizada em cinco seções: 1 Considerações Iniciais; 2 Fundamentação Teórica; 3 Método e Procedimentos; 4 Descrição e análise dos resultados; 5 Considerações Finais. Na sequência, temos as Referências e os Apêndices. A seguir, apresentamos um breve resumo do que tratamos em cada seção:

Na seção 1, as Considerações Iniciais, refletimos sobre a construção histórica da Língua Portuguesa, a influência de diferentes povos que contribuíram para a formação da identidade linguística do Brasil, bem como uma breve definição do que é estrangeirismo e empréstimo. A partir de então, apresentamos a problemática, a hipótese, a questão norteadora da pesquisa, a motivação, os objetivos da pesquisa, a justificativa e relevância deste trabalho. Apresentamos também o método e procedimentos adotados, os participantes, a constituição do *corpus*, e a organização da proposta de intervenção.

Na seção 2, a Fundamentação Teórica, temos: 2.1 Léxico, onde apresentamos a definição e discussões sobre o que é léxico; 2.1.1 Palavra: (in) definição, na qual tratamos da problemática em torno da definição de palavra e os vários ângulos apresentados na visão dos dicionários e em estudos linguísticos; 2.1.2 Competência lexical, nela delimitamos léxico e vocabulário, as discussões em torno do que é competência lexical e a contribuição dessa abordagem para o desempenho do desenvolvimento lexical e competência comunicativa dos estudantes; 2.2 Processos de criação e renovação lexical, na qual apresentamos os processos de neologia, os neologismos e a neologia por empréstimo; 2.2.1 A integração das palavras ao acervo lexical, o percurso da criação da palavra até sua integração ao sistema da língua; 2.2.2 Estrangeirismo e/ou Empréstimo?, onde abordamos as discussões teóricas em torno da definição de estrangeirismo e empréstimo, com base na afiliação teórica que norteia a pesquisa; 2.2.3 Estrangeirismo no léxico da Língua Portuguesa, a qual nos dedicamos a falar sobre a construção histórica da Língua Portuguesa no Brasil, no que tange aos diferentes povos que contribuíram para formação do nosso léxico e suas heranças linguísticas; 2.2.4 Estrangeirismo e Empréstimo: dupla acusada de linguicídio?, onde trazemos discussões em torno do estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa, como se fosse uma ameaça de morte à língua, e trazemos abordagens que desmistificam essa crença; 2.2.5 Estrangeirismo: purismo e preconceito linguístico, onde tratamos das críticas negativas ao estrangeirismo na visão de grupos puristas, a tentativa de preservar a “pureza” da língua contribui para disseminação do preconceito linguístico na sociedade e adentra ao espaço escolar; 2.2.6 Estrangeirismo: dimensão social, discursiva e ideológica, onde abordamos as questões relativas aos motivos das escolhas entre os itens lexicais estrangeiros e os da própria língua; 2.3 Sistema, Norma e Fala, na qual trazemos a abordagem teórica sobre a relação da língua e a

norma de organização social, os graus de abstração que explicam a variação linguística; 2.4 Variação linguística e ensino, nela tratamos da importância do ensino de Língua Portuguesa na perspectiva da variação linguística no espaço escolar, e a necessidade de inclusão dos itens lexicais estrangeiros nessa abordagem; 2.4.1 Estrangeirismo como variação linguística de aspecto lexical, onde tratamos da possibilidade de adequação linguística, levando em consideração as variáveis linguísticas que os itens lexicais apresentam, e os construtos sociais em torno das variantes; 2.4.2 Estrangeirismo e ensino de Língua Portuguesa, aqui trazemos uma reflexão da proposta de ensino para Língua Portuguesa nos documentos oficiais, PCN e BNCC, e a importância do ensino do léxico em sala de aula, incluindo os itens lexicais estrangeiros.

Na seção 3, Método e Procedimentos, apresentamos a problemática que envolve o tema, o método de pesquisa e os procedimentos que adotamos para a aplicação da pesquisa; 3.1 A Pesquisa-ação, onde apresentamos as bases teóricas do método adotado nessa pesquisa; 3.2 A abordagem quantiqualitativa, onde trazemos reflexões teóricas sobre as vantagens dessa abordagem; 3.3 Oficinas pedagógicas, onde apresentamos os fundamentos teóricos que sustentam o instrumento pedagógico utilizado na aplicação da pesquisa; 3.4 O espaço escolar: no meio do caminho tinha um prédio, na qual fazemos a descrição dos ambientes da pesquisa, e esclarecemos a mudança de prédio durante aplicação da proposta de intervenção; 3.5 Questões éticas, onde esclarecemos sobre o recrutamento dos participantes e o cuidado com as questões éticas; 3.6 Os participantes da pesquisa, na qual apresentamos por meio de gráficos o número de participantes, turma, sexo, faixa etária e local de origem; 3.6.1 Relação faixa etária e linguagem, na qual discorremos sobre as práticas de linguagem representativas da faixa etária dos estudantes do Ensino Fundamental; 3.7 A constituição do *corpus*, onde apresentamos os instrumentos utilizados para composição do *corpus*, coleta e análise de dados, e a aplicação da proposta de intervenção.

Na seção 4, Descrição e análise dos resultados, apresentamos: 4.1 Questionário de Sondagem Inicial, onde fazemos a descrição dos aspectos gerais do questionário; 4.1.1 Resultado do questionário de sondagem inicial, apresentação dos resultados do questionário por questão, por meio de gráficos, análise qualitativa e crítico-reflexiva; 4.2 As oficinas Pedagógicas, onde fazemos a descrição dos aspectos gerais das oficinas; 4.2.1 Oficina 1: O Estrangeirismo nosso de cada dia!, onde

refletimos sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, introduzimos os conceitos de estrangeirismo e empréstimos; 4.2.2 Oficina 2: Black Friday ou Black Fraude?, onde tratamos da relação da importação das palavras estrangeiras atreladas às questões socioculturais, considerando a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo; 4.2.3 Oficina 3: “Tamu junto e misturado!”, nela tratamos do purismo linguístico e do estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa; 4.2.4 Oficina 4: Temos pizza, sanduíche gourmet e chica doida!, onde abordamos os principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa e reflexões sobre o aportuguesamento; 4.2.5 Oficina 5: O Estrangeirismo “tá on”!, onde abordamos o processo de variação linguística, com a inclusão dos itens lexicais estrangeiros, direcionando para uma proposta de adequação linguística.

Na seção 5, Considerações Finais, retomamos a motivação, a resposta da questão de pesquisa, a hipótese, analisamos se os objetivos foram alcançados, e resultados obtidos, como também as contribuições da pesquisa no âmbito educacional.

Na sequência, temos as referências, o apêndice A com o questionário de sondagem inicial, o apêndice B com o questionário sociogeolinguístico e o apêndice C com o Caderno de Atividades, o material didático produzido como produto final deste trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 LÉXICO

Léxico é o acervo de palavras de uma determinada língua, é considerado patrimônio linguístico e cultural de um povo, uma vez que as palavras deixam registradas as marcas socioculturais dos seus falantes, armazenam a memória e mantêm viva a história de uma comunidade linguística. O léxico inclui a totalidade de palavras e expressões existentes em uma língua, incluindo aquelas em uso, como também as que já passaram por algum momento de sua história.

Tendo em vista que a centralidade de nossa pesquisa é a presença das palavras estrangeiras no léxico da Língua Portuguesa, consideramos que compreender o que é léxico se torna relevante para este estudo, assim nos propomos a apresentar abordagens de estudiosos que tratam dessa temática.

Para Antunes (2012, p. 27), léxico “numa definição mais geral, pode ser visto como um amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação”. A autora afirma também que não existe língua sem léxico, e que as ações de linguagem são constituídas pela matéria-prima da palavra. Ao utilizar a expressão “matéria-prima” para se referir às palavras, Antunes está enfatizando a importância do léxico na composição da língua, consenso nas pesquisas linguísticas.

Conforme Cristianini (2007, p. 120), “o léxico de uma língua é o conjunto de todas as palavras que estão à disposição do locutor e, num dado momento, ele pode empregar ou compreender”. Então, pode-se dizer que diante do acervo de palavras, o falante faz as escolhas lexicais conforme suas necessidades comunicativas, à medida que surgem as demandas de emprego e compreensão das palavras. Nesse sentido, pode-se afirmar, ainda, que o repertório lexical utilizado pelo locutor revela sua identidade e do grupo social ao qual pertence.

Biderman (1981) considera o léxico como um tesouro vocabular, incluindo nele a nomenclatura de todos os conceitos, tanto linguísticos como não linguísticos, inclui também os referentes do mundo físico e cultural de todas as comunidades do presente e do passado. Nessa ampla definição, a autora ainda justifica, “por isso o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extra-linguístico.” (BIDERMAN, 1981, p.138). Vilela, em suas considerações, também aponta o léxico como a parte da língua

que melhor representa a cultura e armazena os saberes linguísticos de uma comunidade, apontando ainda o léxico como o meio de acesso do povo ao conhecimento:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extra linguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade (VILELA, 1995, p.6).

Diante dessas considerações, é possível dizer que o léxico de uma língua abarca os conhecimentos linguísticos, culturais, materiais e os saberes dos falantes de determinada comunidade por meio dos nomes, das palavras escolhidas coletivamente para o registro de uma realidade.

Léxico e sociedade são indissociáveis, o acervo lexical de uma comunidade é o registro da história de um povo, sua identidade, cultura e legado, portanto, o patrimônio linguístico é, ao mesmo tempo, um patrimônio cultural. Corroborando tal concepção:

A unidade lexical é ao mesmo tempo unidade de língua e unidade de discurso. Ela é simultaneamente modelo teórico disponível e ocorrência em incontáveis atos de fala, nos mais variados contextos intra e extra-linguísticos. As unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sócio-cultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo. Estabelece-se uma relação entre língua e mundo, língua e sociedade, indefinidamente constituída e reconstituída pela mediação discursiva. Sociedade, cultura e língua caminham juntas, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente. (BARBOSA, 1979 p. 167).

De acordo com Marcuschi (2004, p. 269), “o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social”, pois os domínios sociais são construídos para expressar categorias cognitivas nas ações de linguagem, é desse movimento que nasce as novas palavras. Nesse sentido, o autor esclarece ainda que:

Conhecer um objeto como cadeira, mesa, bicicleta, avião, livro, banana, sapoti não é apenas identificar algo que está ali, nem usar um termo que lhes caiba, mas é fazer uma experiência de reconhecimento com base num conjunto de condições que foram internalizadas numa dada cultura. O mundo de nossos discursos (não sabemos como é o outro) é sociocognitivamente produzido. O discurso é o lugar privilegiado da organização desse mundo (MARCUSCHI, 2004, p. 270).

Nesse sentido, Antunes (2012, p.30) salienta que o léxico não é uma lista do que existe no mundo, a autora defende a ideia de que o léxico em relação às coisas do mundo “não é uma espécie de nomenclatura ou a outra de que a língua não é um

espelho que reflete fielmente o mundo são aceitas há bastante tempo por linguistas de diferentes correntes teóricas”.

Embora nomear seja uma necessidade que acompanha o homem desde o início de sua existência, os estudos linguísticos já demonstraram que a atividade linguística vai além de dar nomes, rótulos e designações para os objetos e seres existentes.

As experiências humanas ficam registradas no léxico de uma comunidade linguística. Segundo Biderman (1996, p. 187), o léxico é “o lugar que armazena significação e conteúdos significantes da linguagem humana”. Não há como pensar em léxico, sem pensar na atribuição coletiva de sentidos que há em cada palavra.

As palavras são carregadas de princípios, preceitos, comportamentos, ensinamentos e saberes que caracterizam a cultura e a identidade dos seus falantes. Sendo assim, por meio do léxico de uma língua é possível compreender diversos aspectos de uma comunidade linguística, entre eles, os culturais, sociais e políticos da construção histórica a ela interligados.

À vista das ideias expostas anteriormente, corroborando as concepções de Vilela (1995), trouxemos as considerações de Oliveira e Isquierdo (2001, p.9): “o léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível de língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade [...]”.

Nomear seres, objetos e tudo que existe no mundo é uma necessidade humana. Diante disso, a relação da palavra com o mundo é a própria relação do homem com sua existência. Biderman (1998, p.91), em seus estudos sobre a relação do léxico com a cognição humana, afirma que “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo”.

Para a autora, o que gerou o léxico das línguas naturais foi o processo de nomeação que o homem estruturou para se relacionar com o mundo à sua volta. Para entender a dimensão do léxico, tomamos como exemplo a ilustração metafórica do relato da criação do mundo na Bíblia sugerida por Biderman (1998).

Uma das versões da teoria criacionista³ tem como base o livro de Gênesis, o qual narra a história da criação do universo e do homem por Deus. Ao criar o universo, Deus nomeia tudo que projetou até a chegada do homem, depois passa essa responsabilidade ao homem personificado em Adão, após ganhar forma física e o sopro de vida do criador. A partir de então, o homem, determinado por Deus, passou a nomear os seres vivos já existentes, e posteriormente suas próprias invenções.

No versículo do Novo Testamento “no princípio era o Verbo⁴” (BÍBLIA ONLINE, João 1,1,1993), a expressão “no princípio” reporta ao versículo do Velho Testamento “no princípio criou Deus os céus e a terra” (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 1,1, 1993). O texto expressa a criação no sentido da materialidade do universo, a delimitação do plano espaço-temporal e também linguístico, pois o *verbo* pode se traduzir, entre as diversas possibilidades, como “palavra”, de origem grega *logos*. Pela palavra vem o existir e nela se encontra o significado da existência, conforme podemos observar no texto bíblico:

- 1 No princípio criou Deus o céu e a terra.
- 2 E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.
- 3 E disse Deus: Haja luz; e houve luz.
- 4 E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas.
- 5 E Deus *chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite*. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.
- 6 E disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas.
- 7 E fez Deus a expansão, e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão; e assim foi.
- 8 E *chamou Deus à expansão Céus*, e foi a tarde e a manhã, o dia segundo.
- 9 E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca; e assim foi.
- 10 E *chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares*; e viu Deus que era bom.
- 11 E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi.
- 12 E a terra produziu erva, erva dando semente conforme a sua espécie, e a árvore frutífera, cuja semente está nela conforme a sua espécie; e viu Deus

³ “Assim como o evolucionismo, o criacionismo é uma teoria que tenta explicar a origem da vida e a evolução do homem. No entanto, é importante ressaltar que a teoria criacionista segue uma linha de pensamento distinta da teoria evolucionista. O criacionismo se baseia na fé da criação divina, como narrado na Bíblia Sagrada, mais especificamente no livro de Gênesis na qual Deus criou todas as coisas, inclusive o homem. Lembrando que diversas culturas possuem sua versão própria do criacionismo, como é o caso da mitologia grega, da mitologia chinesa, cristianismo entre outras”.
Fonte: MONIZ, Priscilla. Criacionismo. Educação. Biologia. **Globo.com**, c2015. Disponível em: <http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html> . Acesso em: 15 de mar. de 2022.

⁴ João emprega *Verbo*, com letra maiúscula, para se referir à Segunda Pessoa da Trindade, Jesus, o Filho de Deus, representando a Palavra personificada desde a criação do universo, no Antigo Testamento.

que era bom.

13 E foi a tarde e a manhã, o dia terceiro. (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 1, 1-13, 1993, grifo nosso).

No ato simultâneo à criação vem a nomeação, nada é criado por acaso. Observa-se que a existência da luz surgiu da necessidade de acabar com as trevas. Tudo nasce de uma necessidade e com uma finalidade. Na ilustração do texto bíblico, após nomear, o autor classifica e ordena a criação seguida da explicação de sua finalidade específica, como podemos observar no trecho a seguir:

14 E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, *para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos.*

15 E sejam para luminares na expansão dos céus, para iluminar a terra; e assim foi.

16 E fez Deus os dois grandes luminares: *o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e fez as estrelas.*

17 E Deus os pôs na expansão dos céus *para iluminar a terra,*

18 *E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom.*

19 E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.

20 E disse Deus: Produzam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus.

21 E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

22 E Deus os abençoou, dizendo: *Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra.*

23 E foi a tarde e a manhã, o dia quinto.

24 E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; e assim foi.

25 E fez Deus as feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil da terra conforme a sua espécie; e viu Deus que era bom.

26 E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; *e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.*

27 E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 1, 14-27, 1993, grifo nosso).

Logo que Deus fez o homem já lhe incumbiu de nomear os seres vivos que ele havia criado. Diante disso, a metáfora nos leva a refletir que o criador deixou essa responsabilidade a quem teria a relação social direta com os seres existentes, o homem. Então, teria mais sentido essa nomeação partir do próprio homem:

19. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; *e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome.*

20. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo o animal do campo; mas para o homem não se achava ajudadora idônea.

21. Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar;

22. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.

23. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; *esta será chamada mulher*, porquanto do homem foi tomada. (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 2, 19-23, 1993, grifo nosso).

A leitura do texto bíblico do livro de Gênesis nos permite dizer que o ser humano foi a coroação, a etapa final da criação divina, depois do homem Deus não criou mais nada, nem ninguém. A partir de então, tudo que existe no mundo é invenção da espécie humana ou reprodução do que Deus criou. Além disso, são os seres humanos os responsáveis pela nomeação de tudo e todos que existem no mundo.

Seguindo a lógica do criador, o homem seguiu o mesmo caminho, no ato simultâneo à invenção vem a nomeação. Nesse sentido, outra consideração que podemos fazer é que o ato de nomear vem acompanhado de um significado, como podemos observar em: “E chamou Adão o nome de sua mulher Eva; *porquanto era a mãe de todos os viventes*” (BÍBLIA ONLINE, Gênesis 3:20, 1993, grifo nosso). Conforme o Dicionário online dos nomes próprios (c2022), o nome Eva apresenta como acepção “a que vive”, “a vivente”, “a que tem vida” ou “cheia de vida”. O nome Eva tem origem a partir do hebraico *Hawwá, Havah*, derivado da raiz *hawá*, que quer dizer ‘ela viveu’, portanto é atribuído o significado de ‘a que vive’, ‘a vivente’”. O texto ilustrativo nos mostra a necessidade humana de expressar e registrar o significado das coisas.

Diante disso, observamos que, além de nomear, há ainda a necessidade de classificar, categorizar a existência, associado aos seus significados, formando assim o acervo de palavras de uma determinada língua, enquanto é o acervo da própria cultura da comunidade.

Sendo assim, o assunto léxico gira sempre em torno de *palavra*. Por conseguinte, consideramos importante trazer alguns estudos sobre *palavra* na próxima seção. Além do mais, nosso trabalho aborda a temática da presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

2.1.1 Palavra: (in)definição

As palavras que usamos no processo de interação social fazem parte de uma estrutura maior da língua, o léxico, sendo o reflexo da forma de como organizamos o mundo, ou seja, só é possível estruturar e organizar uma língua porque as palavras

existem. As definições de diferentes teóricos sobre o léxico têm como ponto em comum a constituição do mesmo por palavras. Nas considerações anteriores, observamos expressões para caracterizar palavra e léxico como “matéria-prima”, “tesouro vocabular”, “uma janela para ver o mundo”.

Biderman (1998, p.81), em seu estudo *Dimensões da Palavra*, afirma que “a palavra é a pedra de toque da linguagem humana”. A expressão “pedra de toque”, nesse contexto, significa que a palavra é a essência, a verdadeira natureza da linguagem dos humanos. A autora pondera ainda que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 1998, p. 92). Mas afinal, o que é palavra?

A verdade é que não há uma única definição para palavra, a dimensão de *palavra* é ampla e complexa. Portanto, há definições diferentes para os diversos ângulos que a envolvem, o que não são poucos, tanto os dicionários como os estudos linguísticos a tratam em diferentes vieses.

Propomo-nos a apresentar alguns quadros explorando a acepção de *palavra* em dicionários, como também os diferentes ângulos apresentados pelos estudos linguísticos. A finalidade é ter um panorama do tratamento do termo. É importante esclarecer que não estamos tentando encontrar uma definição de *palavra* para nosso estudo, nem temos a intenção de colocar em competição dicionários e abordagens teóricas. Contudo, consideramos importante que os profissionais que lidam com o ensino de Língua Portuguesa tenham essa visão.

Posto isso, elaboramos alguns quadros para organizar as pesquisas realizadas: no Quadro 1, apresentamos a pesquisa realizada no dicionário Aulete Digital; no Quadro 2, apresentamos a pesquisa realizada no dicionário Michaelis Digital; no Quadro 3, abordamos os diferentes enfoques de *palavra* nos estudos linguísticos de Basílio (2011); no Quadro 4, apresentamos três critérios para definir *palavra* de acordo com Biderman (1978); no Quadro 5, apresentamos *Palavra* e definição de termos relacionados, com base no Glossário de Biderman (1984):

Quadro 1- Acepção de *palavra* no dicionário Aulete Digital

Dicionário Caldas Aulete. Aulete Digital (2022)
<p>Palavra (pa./la.vra) sf</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gram. Unidade da língua que, na fala ou na escrita, tem significação própria e existência isolada. [NOTA: Na escrita, é a sequência de letras entre dois espaços em branco] 2. Gram. Vocábulo, termo 3. Faculdade que a espécie humana tem de exprimir suas ideias por meio da voz; FALA (X): <i>A palavra foi dada ao homem para exprimir seus pensamentos</i> 4. Fig. Expressão de pensamentos e emoções em linguagem verbal: <i>Ela tem o dom da palavra</i> [NOTA: <i>Tb. us. no pl.: Palavras não podem expressar o que sinto</i>] 5. Frase ou grupo de palavras 6. Afirmação, declaração: <i>Era a minha palavra contra a dele</i> 7. Conversa sobre determinado assunto: <i>Posso ter uma palavra com você?</i> 8. Permissão para falar (num debate etc.): <i>Pedi a palavra para contestar o orador</i> 9. Ensino ou doutrina (de um mestre, líder etc.): <i>Segue a palavra do Dalai Lama</i> 10. Promessa verbal: <i>Cumpriu a sua palavra</i> 11. Discurso breve, alocução: <i>uma palavra de agradecimento aos colegas</i> 12. Fig. Promessas vagas, discursos vãos (em oposição a ação, obras) [NOTA: Us. no plural: <i>palavras</i>] <p>interj.</p> <ol style="list-style-type: none"> 13. Usa-se ao afirmar algo com convicção, ou para assegurar que é verdade: <i>Não estou mentindo. Palavra!</i> [F.: Do lat. <i>parábola</i> -ae, deriv. do gr. <i>parabolé</i>. Cf.: <i>palavrão</i>. Ideia de 'palavra': <i>lex(e/i)</i> - (<i>lexicografia</i>); <i>verb(i/o)</i> - (<i>verbosidade</i>); - <i>fasia</i> (<i>afasia</i>); - <i>lexia</i> (<i>dislexia</i>)] <p>Cortar a palavra (a)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Impedir que (alguém) dê continuidade a discurso, pronunciamento, declaração etc. <p>Dar a palavra (a)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Conceder (quem dirige uma sessão, uma reunião, uma assembleia etc.) o direito de falar (a alguém), permitir que fale. 2 Garantir cumprimento de promessa, ou a veracidade de uma afirmação. <p>Dar a palavra de honra</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Prometer ou comprometer-se, colocando em jogo a própria honra. <p>De palavra</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Que merece crédito, que cumpre o que promete (mulher de palavra). <p>Em duas palavras</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Us. para apresentar ou resumir determinada ideia com apenas duas palavras (ou com frase cujo núcleo de significado tem duas palavras). 2 Fig. De modo breve, sucinto, resumido <p>Empenhar a palavra</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Assumir compromisso; dar a palavra (2).

Em uma palavra

1 Us. ao apresentar uma palavra que resume a ideia que se quer expressar.

2 Fig. De modo extremamente breve, resumido.

Jogar com as palavras

1 Interpretar palavras capciosamente, de modo a que atribuir-lhes significados de acordo com os próprios interesses.

2 Fazer uso, para fins humorísticos, literários, irônicos etc., da semelhança de formas entre palavras (homônimas, homógrafas ou homófonas), ou dos múltiplos significados (polissemia) de uma palavra.

Medir as palavras

1 Ser cuidadoso no que afirma ou declara.

Molhar a palavra

1 Tomar vinho, ou outra bebida alcoólica.

Não dar uma (só) palavra

1 Nada dizer; não falar; calar.

Não ter palavras (para)

1 Maneira (ger. meramente retórica) de dizer que qualquer expressão verbal (para agradecer, exprimir emoção etc.) seria insuficiente ou inadequada.

Palavra de conteúdo

1 Ling. Ver *Palavra lexical*.

Palavra de honra

1 Declaração verbal e solene de compromisso com algo, cujo cumprimento supõe-se ser uma questão de honra para o declarante.

Palavra de máquina

1 Inf. A menor unidade capaz de armazenar um número a ser us. por computador como objeto de uma operação.

Palavra de ordem

1 Palavra, locução, mote etc. que expressa incitamento, atitude, posição em relação a um tema etc., ger. us. em exortação oral ou escrita, apelos, protestos etc.

Palavra de papel

1 Lex. Fig. Palavra com registro em léxico ou dicionário, mas sem uso real no idioma correspondente. [Pode-se originar de erro tipográfico, má leitura ou pronúncia etc.]

Palavra de rei

1 Afirmação ou promessa que não suscita dúvida, dada a autoridade de quem a profere.

Palavra entrecruzada

1 Ling. Palavra formada da combinação de partes de outras palavras. [Formação vocabular que resulta da combinação de palavras, ou da parte inicial de uma palavra com a parte final de outra; amálgama. [P.

ex.: *carnatal* (de *carnaval* e *Natal*, cap. do

RN); *carreata* (de *carro* e *passeata*); *showmício* (de *show* e *comício*).

Palavra erudita

1 Ling. Palavra que foi tomada diretamente da língua clássica de origem, sem transformação fonética. [Ex.: *curriculum*; *ethós*.]

Palavra estrutural

1 Ling. Ver *Palavra funcional*.

Palavra funcional

1 E. Ling. Palavra cujo significado não se refere ao mundo real, biossocial, mas expressa relações gramaticais; palavra estrutural; palavra gramatical; palavra vazia. [São as preposições e as conjunções. P.op. a *Palavra lexical*.]

Palavra gramatical

1 E. Ling. Uma certa palavra considerada em seu paradigma gramatical; palavra morfossintática. [No português do Brasil, *cobre* representa as seguintes palavras gramaticais: o substantivo, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *cobrir*, a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *cobrir*, a primeira pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo *cobrir*, a terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo do verbo *cobrir*, a terceira pessoa singular do imperativo afirmativo do verbo *cobrir*.]

2 Ver *Palavra funcional*.

Palavra lexical

1 Ling. Palavra de significado referente ao mundo físico, biossocial, concreto ou abstrato; palavra de conteúdo; palavra plena. [P.op. a *Palavra funcional*.]

Palavra morfossintática

1 Ling. Ver *Palavra gramatical*.

Palavra plena

1 Ling. Ver *Palavra lexical*.

Palavra reservada

1 Inf. Palavra que, numa linguagem de programação, tem uso restrito à instrução que representa, não podendo ser usada em outro contexto em programas nessa linguagem.

Palavras cruzadas

1 Diagrama de casas numeradas, em linhas cruzadas vertical e horizontalmente, que devem ser preenchidas com letras que formam palavras de acordo com definições numeradas para as palavras horizontais e as verticais (cada definição tem o número da casa que deve receber a primeira letra da palavra).

Palavra semierudita

1 Ling. Palavra que foi tomada diretamente da língua clássica de origem, e que sofreu transformação fonética.

Palavra vazia

1 Ling. Ver *Palavra funcional*.

Pedir a palavra

1 Pedir autorização formal para falar perante o público ou os demais presentes numa assembleia, reunião etc.

2 Solicitar a atenção dos demais para a opinião ou pensamento que se quer apresentar.

Pegar na palavra

1 Cobrar de quem empenhou a palavra o cumprimento do compromisso assumido.

Pesar as palavras

1 Ver *Medir as palavras*.

Pôr as palavras na boca de alguém

1 Atribuir a alguém palavras que não disse.

Santas palavras

1 Us. para expressar intensa satisfação com aquilo que outra pessoa diz, para saudar palavras que se ouve e que se desejava ou esperava há muito ouvir.

2 Joc. Us. para expressar contentamento quando se é chamado para comer ou beber.

Sem palavra

1 Que não merece crédito; que não cumpre o que promete (pessoa sem palavra).

Sem palavras

1 Sem conseguir falar, por estar tão impressionado ou emocionado:

Ficou sem palavras, de tão comovida.

2 Na situação de não *ter palavras (para)*.

Ser a última palavra (em)

1 Ser o que há de mais adiantado, ou moderno (em certa área): *É a última palavra no tratamento da obesidade.*

Ter a palavra

1 Estar autorizado a se pronunciar, numa assembleia, sessão, reunião etc.

Ter a palavra fácil

1 Ter facilidade de se expressar verbalmente, de se pronunciar, de discursar etc.

Ter palavra

1 Ser alguém que cumpre suas promessas, que honra seus compromissos.

Tirar a(s) palavra(s) da boca de (alguém)

1 Dizer exatamente aquilo que (outra pessoa) tinha intenção de dizer.

Tomar a palavra

1 Numa discussão, debate etc., intervir com suas ideias ou opiniões.

Última palavra

1 Decisão ou opinião final, definitiva, da qual não se volta atrás

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base no Dicionário Aulete digital (2022).

Quadro 2 - Acepção de *palavra* no dicionário Michaelis digital

Dicionário Michaelis on-line (2022)
<p>Palavra (pa·la·vra) sf</p> <p>1 LING Unidade mínima com som e significado que, sozinha, pode constituir um enunciado; vocábulo.</p> <p>2 Unidade da língua composta de um ou mais fonemas que, em língua escrita, se transcreve entre dois espaços em branco, ou entre um espaço em branco e o sinal de pontuação.</p> <p>3 GRAM Unidade que pertence a uma das grandes classes gramaticais, como substantivo (quando expressa um objeto), verbo (quando expressa uma ação), adjetivo (quando expressa uma qualidade), preposição (quando expressa relação) etc. considerando apenas seu significado, sem levar em conta as modificações que nela ocorrem com as marcações flexionais; vocábulo.</p> <p>4 Manifestação verbal ou escrita: Desde o Natal, não recebo nem uma palavra dela.</p> <p>5 Grupo de palavras; frase: “As últimas palavras do moço pareciam interessar deveras o negociante, porque este, logo que as ouviu, passou a considerá-lo da cabeça aos pés, e exclamou depois: – Ora espere... O senhor é o Amâncio!” (AA2).</p>

<p>6 Faculdade de expressar ideias, emoções, experiências através de sons articulados; fala: “Agora sentia-se mais eloquente o provinciano; acudiam-lhe opiniões e juízos perfeitamente armados; percebia que as suas palavras causavam bom efeito; ia bem” (AA2).</p> <p>7 Conjunto de ideias, princípios e conhecimentos a serem transmitidos e que formam a doutrina de uma ciência, de uma religião, de um pensamento filosófico etc.: A palavra de Cristo é seguida até hoje.</p> <p>8 Discurso, geralmente curto, feito em ocasiões formais e solenes; alocução, oração: No casamento civil, o juiz iniciou a cerimônia com algumas palavras de praxe.</p> <p>9 FIG Direito ou permissão para falar: Alegando o adiantado da hora, o presidente da mesa negou a palavra ao rapaz.</p> <p>10 FIG Compromisso ou promessa verbal: Eu lhe dou minha palavra de que isso não se repetirá.</p> <p>11 FIG Maneira de falar: Sua palavra é convincente e emocionante.</p> <p>[...]</p> <p>ETIMOLOGIA <i>gr parabolē</i>, via <i>lat vulg parabolam</i>. [...]</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base no Dicionário Michaelis digital (2022).

Nas acepções apontadas nos dicionários, mostram a *palavra* analisada no sentido gramatical, semântico, lexical, figurado, fonológico, discursivo, entre outros. Embora os dicionários pesquisados não tenham a função de trazer abordagens teóricas, observamos que algumas definições apresentadas vão ao encontro dos estudos linguísticos. Como podemos comparar nas abordagens teóricas apresentadas a seguir.

No quadro 3, apresentamos a definição de *palavra* em vários ângulos apontados pelos estudos linguísticos de Basílio (2011, p.13-17):

Quadro 3 - A *palavra* em vários ângulos

<p>A PALAVRA GRÁFICA</p>	<p>“Graficamente, podemos definir palavra como a sequência de caracteres que aparece entre espaços e/ou pontuação e que corresponde a uma sequência de sons que formam uma palavra na língua.” (BASÍLIO, 2011, p.14).</p> <p>A autora, contudo, fundamentando-se nos estudos de Mattoso Câmara Júnior⁵ (1967) e de outros linguistas, considera essa definição incompleta e questionável. Para ilustrar essa reflexão, podemos observar:</p> <p>A) O menino saiu.</p> <p>B) * ã m~me iusy.</p>
--------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

⁵ Esse quadro sobre palavra, embasado em Basílio (2011), tem por fundamento original os estudos de Mattoso Câmara Júnior (1967), um linguista pioneiro na descrição do português brasileiro. Apesar das mudanças de paradigmas, dos avanços dos estudos linguísticos, da ampliação dos métodos de investigação e de análise, suas obras ainda apresentam grande relevância e contribuem para novos estudos com base em seu legado e na sua história de dedicação à descrição e ao ensino de Língua Portuguesa.

	<p>Em A, identificamos três palavras, enquanto, em B, não consideramos palavras, mas uma expressão agramatical ou uma sequência de erros de digitação, por exemplo. Assim, seria preciso uma segunda parte da definição.</p>
PALAVRA E DICIONÁRIO	<p>“Podemos também dizer que palavras da língua são aquelas que aparecem listadas nos dicionários.” (BASÍLIO, 2011, p.13).</p> <p>Uma definição considerada não satisfatória pela autora, visto que os dicionários só podem registrar as palavras depois de um certo tempo considerável de uso. Por outro lado, há casos de registro de palavras que não são mais reconhecidas pelos falantes atuais.</p>
A PALAVRA ESTRUTURAL	<p>“Do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos.” (BASÍLIO, 2011, p.14).</p> <p>Por exemplo, são consideradas palavras encadernar e batata-doce, porém <i>*dernarenca</i> e <i>*batata-talvez-doce</i> não podem ser consideradas palavras.</p>
PALAVRA, VOCÁBULO E LEXEMA	<p>“uma outra maneira de enfocar a questão da variação de forma da palavra é pensar na palavra como unidade lexical e como unidade formal.” (BASÍLIO, 2011, p. 14-15).</p> <p>A autora denomina de lexema, a palavra como unidade lexical, por exemplo, o verbo dormir é um lexema</p> <p>Enquanto vocábulo é a variação de forma da palavra como dormi, dormiu.</p> <p>Preposições, conjunções, verbos auxiliares, são considerados vocábulos e não lexemas, pois não apresentam significado lexical segundo a autora.</p>
PALAVRA, HOMONÍMIA E POLISSEMIA	<p>“A palavra é normalmente tida como uma unidade de significação. Entretanto, são mais comuns as palavras que têm mais de um significado. Quando os significados de uma palavra são relacionados, damos à situação o nome de polissemia. Quando os significados não são relacionados, em geral é preferível considerar que se tratam de palavras distintas, ainda que com a mesma forma fonológica. Nesse caso, denominamos a situação de homonímia.” (BASÍLIO, 2011, p.15).</p> <p>Ainda assim há problemas em relação ao conceito de palavra, visto que a homonímia e a polissemia são questionáveis teoricamente nos casos particulares.</p> <p>A autora cita como exemplo que a manga da camisa e a manga do vestuário seria uma situação de homonímia.</p>

PALAVRA FONOLÓGICA	<p>“A palavra também pode ser entendida como uma unidade fonológica”. (BASÍLIO, 2011, p.15). A autora analisa a palavra fonológica por dois ângulos, a palavra como sequência fônica que ocorre entre pausas, por outro lado, o padrão de acento das palavras em português tem como base a tonicidade e duração.</p> <p>A autora denomina o lado fonológico da palavra de vocábulo fonológico.</p>
CLÍTICOS	<p>“Dá-se o nome de clíticos a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico.” (BASÍLIO, 2011, p.16).</p> <p>Nas considerações da autora os clíticos colocam ainda mais dificuldade de identificação da palavra, visto que não fazem parte da palavra morfológica, mas fazem parte do vocábulo fonológico.</p> <p>Nessa situação estão os casos dos artigos, e vários pronomes pessoais átonos, sem acentuação própria, os quais integram à pronúncia do verbo, sem fazer parte dele morfológicamente: -o, -a, -me, -te, -se etc.</p> <p>Assim é falha a definição de que os elementos que formam uma palavra são ligados uns aos outros e não admitem mudar de posição ou interferência de outro elemento, pois casos como em <i>deu-me</i>, o pronome átono pode mudar de posição: <i>me deu</i>. Bem como o exemplo <i>comprou a blusa</i>, há possibilidade de colocar um adjetivo entre o artigo e o substantivo: <i>comprou a desejada blusa</i>.</p>
LOCUÇÕES	<p>“Embora consideradas como sequências de palavras do ponto de vista gráfico, essas expressões, chamadas tradicionalmente de locuções, ilustram as dificuldades de identificação da palavra, pois apresentam unidade de significado e uso e também são morfológicamente unificadas.” (BASÍLIO, 2011, p.16).</p> <p>A autora esclarece que pelo ângulo fonológico as preposições também são clíticas, por fazerem parte das expressões com valor adverbial, em muitos casos, como observamos em <i>de repente</i>, <i>em cima</i> etc.</p> <p>Nesse caso há uma irregularidade entre o aspecto morfológico e o gráfico que não permite interferentes ou mudança de posição como vemos em <i>*repente de</i>, <i>*em toda cima</i>.</p>
A PALAVRA COMO FORMA LIVRE MÍNIMA	<p>“O linguista Bloomfield define a palavra como forma livre mínima. Forma livre é aquela que pode por si só constituir um enunciado, ao contrário da forma presa, ou afixo, que só pode ocorrer em conjunto com outra, da qual depende.</p> <p>Mas a frase também pode ser uma forma livre. A palavra é, então, a forma livre mínima, isto é, a forma livre que não pode ser subdividida em formas livres, embora possa conter uma forma livre.” (BASÍLIO, 2011, p.16).</p>

	A autora considera essa definição interessante por fazer a distinção entre frases, sintagmas e afixos. Porém, ainda é problemática ao pensar nas palavras compostas, pois são formadas por dois ou mais radicais, dificultando assim, sustentar a ideia de que palavras não podem ser subdivididas em formas livres.
FORMAS DEPENDENTES	“O linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. modificou a definição de Bloomfield, acrescentando a noção de forma dependente: aquela que depende de outra para ocorrer, mas não está concretamente soldada à forma da qual depende.” (BASÍLIO, 2011, p.17). A autora explica que essa definição abarca formas livres e dependentes. Portanto, as preposições, conjunções, artigos são considerados palavras, com o conceito redefinido de forma não presa mínima.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Basílio (2011).

A autora não considera essas definições suficientes para resolver as questões acerca de *palavra*, pois ainda há uma série de problemas que envolvem esse conceito entre eles:

A questão das palavras compostas, a classificação das formas que expressam grau, a colocação do Particípio Passado como parte da conjugação verbal ou como um adjetivo derivado do verbo, os nomes pátrios e os nomes de cores, que podem ser sistematicamente usados em classes diferentes, a situação de nomes próprios de cidades e instituições, e assim por diante.” (BASÍLIO, 2011, p.17).

Diante desse cenário, observamos que é preciso aprender a lidar com a diversidade e com a complexidade em torno de *palavra*, visto que o léxico abarca diversos aspectos da língua, como o fonológico, gráfico, morfológico, sintático, pragmático, os quais nem sempre são totalmente sobrepostos uns aos outros.

No quadro 4, trazemos a abordagem de Biderman (1978). A autora delimita três critérios para definir *palavra*: 1) fonológico; 2) gramatical (morfossintático); 3) semântico. Conforme podemos ratificar:

Quadro 4 – Três critérios para definir *palavra*

1) fonológico	<p>No critério fonológico, “uma palavra seria, pois, uma sequência fônica que constituísse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível” (BIDERMAN, 1978, p. 104).</p> <p>Esse critério por si só é considerado frágil pela autora e por outros linguistas, visto que há exceções, o falante pode, por exemplo, isolar parte de uma palavra ou expressão de forma intencional, há ainda sequências emitidas sem pausa, podendo corresponder a mais de uma palavra.</p> <p>Assim, a autora considera necessário “o concurso de outros critérios para oferecer um mapa completo de todas as características definidoras da unidade léxica” (BIDERMAN, 1978, p. 109). A autora propõe então o critério morfossintático.</p>
2) gramatical (morfossintático)	<p>O critério gramatical (morfossintático), conforme aponta Biderman (1978, p.109-114), depende do reconhecimento da unidade léxica no interior do enunciado por meio da análise fonológica (a potencialidade de pausa, acento da palavra e outras regras fonológicas).</p> <p>Só após essa delimitação deve-se submeter às regras morfossintáticas. No critério gramatical, a autora delimita <i>palavra</i> por duas situações complementares: a classificação gramatical e a função da <i>palavra</i> na sentença. Ainda devem ser levados em consideração dois aspectos importantes: a coesão interna da <i>palavra</i> (estabilidade interna) e o princípio da permutação, o quais aliados ao demais critérios gramaticais permitem a identificação das unidades com precisão.</p>
3) semântico.	<p>O critério semântico está associado aos critérios fonológicos e morfossintáticos, contribui para identificar a unidade léxica expressa nos enunciados: “na evolução léxica das línguas Românicas constatou-se que, frequentemente, as alterações semânticas podiam acarretar alterações nos significantes”. (BIDERMAN, 1978, p. 116). O critério semântico somado ao gramatical e fonológico tem um papel determinante da definição de palavra. Dessa forma, a autora conclui que os três critérios de análise: fonológica, gramatical e semântica devem ser analisadas simultaneamente para determinar as unidades léxicas.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Biderman (1978).

No quadro 5, compilamos a definição de *palavra* e termos relacionados, retirados do Glossário de Biderman:

Quadro 5 – Palavra: definição de termos relacionados

Palavra	“Unidade psico-sociológica fundamental da língua, essencial tanto no processo de comunicação, como no processo simbólico de apresentação do universo pelos sujeitos. É termo da língua comum, sendo pouco rigoroso para o uso técnico da Lexicologia e da Lexicografia.” (BIDERMAN, 1984, p. 141).
Lexema	“Unidade léxica abstrata que faz parte do léxico de uma língua. Ele se atualiza no discurso na forma de uma palavra flexionada com todas as marcas gramaticais exigidas pelo contexto.” (BIDERMAN, 1984, p. 139).
Lexia	“Forma que um lexema assume no discurso. Ex.: “O dia está claro.” Temos aí quatro lexias. Em Lexicologia esse termo técnico se opõe a lexema; foi cunhado para evitar a imprecisão e ambiguidade de termos da língua comum, tais como: palavra, vocábulo. Lexicalização. O processo formal de categorizar, ao nível do léxico, uma forma, ou uma combinatória de formas usadas no discurso. Ocorre lexicalização na evolução histórica de uma língua: 1) quando um empréstimo estrangeiro passa a fazer parte do léxico da língua (ex.: coquetel, futebol, butique); 2) quando uma criação vernácula nova é definitivamente aceita pela comunidade de falantes do idioma; 3) quando uma sequência, de formas passa a ser compreendida e usada como se fosse uma forma única, uma unidade léxica (ex.: mercado negro, capa-de-chuva)”. (BIDERMAN, 1984, p.140).
palavra lexical	“Palavra de significação plena, não gramatical. Dentro do universo vocabular é aquela que faz parte do conjunto de elementos exclusivamente lexicais, já que o outro conjunto é híbrido, pois contém elementos de natureza gramatical. Cf. palavra instrumental”. (BIDERMAN, 1984, p. 141, 142).
unidade léxica	“Unidade vocabular tanto com respeito à significação como com respeito à forma gramatical, que tem um uso característico no discurso. Sinônimo de lexema (cf. essa palavra), ou de lexia (cf. essa palavra) conforme o contexto”. (BIDERMAN, 1984, p. 144).
repertório léxico (vocabular)	“Conjunto das palavras de uma língua, ou universo léxico. Pode-se falar também no repertório léxico (vocabular) de um indivíduo, de uma obra, de um grupo social, dando a esse termo um significado mais restrito”. (BIDERMAN, 1984, p. 143).

vocábulo	“Sinônimo de palavra na língua comum; portanto, é ambíguo e não tem os requisitos de rigor técnico necessários à linguagem científica, a saber: um significado unívoco. Para completar as informações sobre vocábulo consulte o verbete palavra”. (BIDERMAN, 1984, p.144).
verbeta	“O texto de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria. Os dicionários são formados de sequências de verbetes”. (BIDERMAN, 1984, p. 144).
glossário	“Pequeno vocabulário, ou relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê. Modernamente são comuns os glossários de linguagem técnica como este”. (BIDERMAN, 1984, p. 129).

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base no Glossário de Biderman (1984).

Como podemos observar, as definições que envolvem *palavra* são abrangentes, apresentam problemáticas ainda não resolvidas nos estudos linguísticos, mas que também não se resolverão devido à sua complexidade. Assim, consideramos que a definição de *palavra* deve ser analisada, linguisticamente, conforme a perspectiva de interesse do estudo que se pretende realizar.

Em seus estudos, Biderman afirma que não é possível definir *palavra* de forma genérica face às diferentes línguas:

[...] não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma. (BIDERMAN, 2001b, p.102).

Do ponto de vista linguístico, podemos observar que não é possível chegar a um consenso na definição de palavra, devido sua amplitude. Essa complexidade nos revela o quanto a *palavra* é importante na existência humana, como também é utilizada em diversos contextos.

Cabe-nos refletir qual é o viés de análise para as palavras estrangeiras presentes na Língua Portuguesa diante dessas discussões. É importante ressaltar que as *palavras* estrangeiras ao entrarem no sistema da língua, seguem o fluxo natural das palavras já existentes, portanto entram no mesmo rol de complexidade. Isso

significa que a dificuldade em definir *palavra* está relacionada ao sistema estrutural de cada língua, e não nos itens lexicais em si, sejam oriundos de outros idiomas, sejam os da própria língua, ou seja, as palavras estrangeiras presentes na Língua Portuguesa não são responsáveis pela problemática apresentada em torno de *palavra*.

Assim, as palavras estrangeiras em nosso sistema lexical devem receber o mesmo tratamento, ou seja, podem ser analisadas como itens lexicais, unidades lexicais, lexemas, lexias, palavra lexical, palavra semântica, vocábulo, verbete etc.

Tomemos como exemplo *lexema* e *lexia*. Assim como as palavras “cantar, cantei, cantou, cantamos”, compõem um lexema verbal, os itens lexicais de origem estrangeira “bugar, buguei, bugou, bugado, bugada, bugamos”, também formam um lexema verbal.

Em se tratando de uma *lexia complexa* temos tanto “verde-amarelo” em português, como “black-and-white” do inglês, utilizadas em alguns contextos comunicativos na Língua Portuguesa.

A *palavra gráfica* é considerada uma definição bastante frágil pela maioria dos linguistas, pois observaram que palavra nem sempre pode ser considerada uma sequência de caracteres ou de sons. Assim, os itens lexicais fast-food⁶, e drive-thru, podem ser reconhecidos por um grupo de falantes com contato com essas palavras em seus contextos sociais, mesmo com a grafia original do idioma estrangeiro, ou seja, outro código linguístico. Ao passo que esse mesmo grupo poderia não reconhecer, por exemplo, “ood-tasf” ou “ervtcc-thru”.

Podemos observar em todas as definições apresentadas que a palavra só faz sentido ao analisarmos o contexto de uso na comunidade linguística. No caso da *palavra gráfica*, definida como uma sequência de caracteres ou sequência de sons, podem funcionar em determinados contextos de uso da língua. Por exemplo, a sequência de caracteres “kkkkkk”, “kakaka” ou “rsrsrs” podem ser reconhecidas como itens lexicais pelo grupo de falantes que fazem uso da linguagem das redes sociais,

⁶De acordo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), as palavras estrangeiras sem aportuguesamento devem ser grafadas em itálico, mesmo aquelas que foram incorporadas ao sistema da Língua Portuguesa (empréstimo). Porém, neste trabalho, optamos por não fazer uso desse recurso, pois ponderamos que estaríamos contradizendo as ideias defendidas ao longo da pesquisa e o nosso objetivo de minorar o preconceito e o purismo linguístico. Ao destacar palavras estrangeiras em um texto escrito em Língua Portuguesa, apenas para mostrar que elas vêm de outros idiomas, acreditamos que agimos de modo a rotular e estigmatizar as palavras estrangeiras. Reservamos o itálico na necessidade de dar ênfase a alguma palavra, expressão ou termo específico de uma área científica, quer seja de origem estrangeira ou não.

pois nesse contexto comunicativo apresentam o significado de “riso”. Ao passo, que a sequência “ttttttt” poderia ser vista como um erro de digitação, nesse mesmo contexto. Da mesma forma, uma sequência de “k” digitada numa página inteira pelo computador fora de um contexto comunicativo, poderia ser vista como um erro de digitação, ou tecla travada, por exemplo.

É importante ressaltar que no computador, o editor de texto Word 2010 utilizado por nós para realizar a pesquisa pode reconhecer uma sequência de caracteres separados por espaço como sendo *palavra*, ao digitar, por exemplo, a sequência “?????? //???? ç”, foram computadas três palavras em nosso texto. Entretanto, ao digitar a sequência “banana-maçã, maçã, couve, couve-flor, fast-food, black-and-white”, foram computadas seis palavras. Ainda nessa sequência, se colocarmos um espaço entre as aspas e as palavras do início e do fim, ele vai computar mais duas palavras, ou seja, vai considerar as aspas como caracteres, devido ao espaço.

Neste estudo, ao fazer referência às palavras estrangeiras, utilizaremos os termos *itens lexicais* e *unidades lexicais* em alguns momentos do texto, considerando-as como sinônimas de *palavras*, tendo em vista que essas definições relacionam o aspecto linguístico ao discursivo.

Acreditamos que as acepções e abordagens em torno de *palavra* podem trazer uma contribuição para nossa prática enquanto profissionais, conhecer os termos científicos acerca de palavra amplia ainda mais nossa compreensão para a necessidade de desenvolver um trabalho reflexivo em sala de aula, relacionando as palavras aos seus sentidos no discurso.

2.1.2 Competência lexical

Tendo em vista as definições apresentadas para léxico, é possível dizer que o falante não consegue dominar o léxico de uma língua, devido sua abrangência. Além disso, os estudos linguísticos revelam que o léxico é a parte mais mutável e dinâmica da língua, por isso não é possível dominar o léxico em sua totalidade. Nem os dicionários mais completos conseguem reunir todas as palavras e expressões utilizadas ao longo da história de uma língua. Sendo assim, consideramos importante delimitar léxico e vocabulário, para trazer a discussão sobre competência lexical.

O léxico abrange as palavras e expressões que passaram pela língua, porém deixaram de ser usadas, aquelas que foram modificadas, as que adquiriram outros

significados, até as que estão em uso numa comunidade linguística. O vocabulário é o conjunto de palavras e expressões selecionadas no universo lexical e empregadas pelos falantes de uma comunidade linguística. Para ratificar, apresentamos algumas definições de léxico e vocabulário:

O léxico de uma língua é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção de palavras. O léxico inclui ainda os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. Por seu turno, o vocabulário é um conjunto factual, entre muitos possíveis, de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, um conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de facto nesse registro. (CORREIA, 2011, p. 227).

Krieger (2012 apud DIAS, 2016, p. 56) em seu *Dicionário Didático de Português*, define léxico como “conjunto das palavras e locuções de uma língua; vocabulário”, enquanto vocabulário é definido como “conjunto ou repertório de palavras e expressões características de uma determinada região, época, autor, grupo social, cultura, área do conhecimento, campo profissional etc.”

Ainda sobre a diferença entre léxico e vocabulário, Biderman (1996, p.32) define: “léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”.

À vista disso, podemos dizer que léxico e vocabulário mantêm uma relação intrínseca, vocabulário são as palavras e expressões que os falantes de uma comunidade utilizam para se comunicar, tanto de forma oral, quanto escrita. As práticas discursivas realizadas pelos falantes por meio de seu vocabulário só são possíveis pela existência do léxico.

Ao delimitar léxico e vocabulário, observamos a necessidade de a escola rever o seu papel no que tange o ensino do léxico, sua contribuição é imprescindível para o desempenho das habilidades de leitura e escrita. Assim, é importante refletir sobre a efetividade do trabalho que está sendo realizado, questionar se o ensino está centrado no léxico ou se restringe ao vocabulário. Diante disso, trataremos da competência lexical, assunto basilar diante dos objetivos desta pesquisa.

Um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa está centrado no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e na competência comunicativa dos estudantes. Entre as dez competências específicas de língua portuguesa propostas para o ensino fundamental na BNCC, consta:

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BRASIL, 2018, p.87).

Para que esses objetivos se concretizem, é de fundamental importância o desenvolvimento da competência lexical. Assim, consideramos importante refletir sobre esse ponto crucial para um ensino de qualidade. Por competência lexical compreende-se:

A capacidade de compreender as palavras, sua estrutura e suas relações de sentido com outros itens lexicais constitutivos da língua. A competência lexical compreende tanto o conhecimento que se tem para utilizar com propriedade uma palavra do léxico de uma dada língua como a capacidade de reconhecer, interpretar e relacionar as palavras dessa mesma língua nas modalidades oral e escrita. (FERRAZ; FILHO, 2016, p. 9).

Segundo os autores supracitados, a competência lexical do falante se manifesta em seu desempenho lexical, o qual revela o conhecimento das regras lexicais e o domínio do vocabulário, classificado em passivo e ativo, considerados complementares e de uso simultâneo e, ainda, o vocabulário de reserva, que se dá no instante da transição da palavra entre um vocabulário e outro. Assim, os autores consideram que o repertório lexical de um falante, evidencia a competência lexical sob três aspectos:

- i. Vocabulário ativo, o qual representa as palavras usadas com regularidade.
- ii. Vocabulário de reserva (ou de transição), que se constitui das palavras relativamente conhecidas, que o usuário não utiliza na fala, mas eventualmente emprega na escrita.
- iii. Vocabulário passivo, conjunto das palavras que o usuário reconhece, mas para o uso das quais não se sente seguro, por não ter certeza de seus significados contextuais e, por enquanto, não são usadas. (FERRAZ; FILHO, 2016, p. 11).

Os autores ressaltam que estimular o desenvolvimento da competência lexical em sala de aula, colabora com o processo de transferência do vocabulário passivo para o ativo, um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Dessa forma, o foco do ensino deve ser no léxico e não se limitar à extensão do vocabulário dos estudantes. Outra reflexão sobre esse assunto é a de que

a competência lexical do usuário de uma língua se compõe de dois momentos: o da análise e interpretação das unidades estabelecidas no léxico, isto é, já formadas, e o da formação ou entendimento de novas palavras de acordo com modelos ou regras que a gramática da língua põe à disposição. (SANDMANN, 1991, p.23).

O autor esclarece que é na fase analítica que os usuários compreendem as

estruturas das palavras, e a competência propicia a fixação de regras para formar novas unidades lexicais. Contudo, nem toda regularidade proporciona produtividade, pois há restrições não previsíveis no sistema linguístico.

Nesse sentido, Ferraz (2008 apud HENRIQUES; SIMÕES 2008, p.151) também traz suas contribuições ao postular que a competência é a capacidade de formar palavras aceitáveis por um grupo de falantes, como também a capacidade de bloquear formações inaceitáveis no léxico.

Assim, fundamentados nos estudos supramencionados, podemos dizer que a competência lexical é o conhecimento acerca da língua armazenado na memória do falante, que vai ao encontro da capacidade de compreender sua própria língua em seus diversos aspectos. Considerando isso, ainda é possível dizer que é por meio do léxico que o falante constrói, estrutura, organiza, processa e exterioriza o pensamento.

É importante ressaltar que o conhecimento da língua armazenado na memória do falante, e sua capacidade de reconhecimento de regras para formar novas palavras é fruto das relações socioculturais do contato com a língua:

A língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2003, p.302).

O ensino do léxico assume lugar de destaque para a contribuição no desenvolvimento da competência linguística dos estudantes. É consenso nos estudos linguísticos que o foco no trabalho com o léxico é essencial para a ampliação do repertório linguístico, que resulta em competência comunicativa. Porém, os métodos de se trabalhar o léxico podem contribuir ou não para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes.

Os PCN orientam que o ensino do léxico não deve ser reduzido a uma lista de palavras isoladas. É preciso trabalhar as palavras associadas aos seus sentidos, para que o estudante consiga fazer suas escolhas conforme os contextos comunicativos, ou seja, um trabalho que direcione para adequação linguística:

O trabalho com o léxico não se reduz a apresentar sinônimos de um conjunto de palavras desconhecidas pelo aluno. Isolando a palavra e associando-a a outra apresentada como idêntica, acaba-se por tratar a palavra como “portadora de significado absoluto”, e não como índice para a construção do sentido, já que as propriedades semânticas das palavras projetam restrições seletivas. (BRASIL, 1998, p. 83).

O objetivo do trabalho com o léxico deve pautar-se na compreensão de como se formam as palavras, como o léxico da língua é constituído, a relação da palavra e seu significado na existência da língua, seus usos nas práticas discursivas, sua entrada e/ou saída da língua, os motivos da entrada de palavras de outras línguas no léxico. Por esse viés, o ensino poderá contribuir para o desempenho lexical e competência comunicativa dos estudantes.

A competência lexical está diretamente relacionada com as experiências humanas, com os enunciados construídos na interação social das práticas discursivas. Sobre a relação do léxico e a manifestação discursiva podemos citar:

O léxico de uma língua é constituído de unidades criadas a partir da necessidade, expressa pelos grupos sociais, de interação com o universo sociocultural, e por isso mesmo essas unidades, emanadas desses grupos, carregam informações diretamente relacionadas às experiências humanas. Visto assim, o léxico é o manancial de onde os usuários da língua recolhem as unidades que vão compor o seu repertório de manifestação discursiva. Esse universo lexical, servindo a todos os usuários de uma língua, vai assumindo matizes específicos à medida em que cada falante vai imprimindo colorido próprio a seu repertório lexical, levando-se em conta diversos fatores que podem influir tanto na escolha quanto na realização das unidades lexicais num ato discursivo. (FERRAZ; FILHO, 2016, p. 10).

Ainda sobre as relações do léxico com o mundo:

da língua, o léxico é o componente que se relaciona mais estreitamente com o conhecimento do mundo. Ao longo de toda a vida, estamos sempre a incorporar, por meio do léxico, o conhecimento de que necessitamos para nos relacionarmos com o mundo extralinguístico. (FERRAZ; FILHO, 2016, p. 10)

Entre os fatores externos para o desenvolvimento da competência lexical, segundo os autores, estão as condições de produção do discurso, o interlocutor, o ambiente, o grau de formalidade, entre outros.

Além disso, o repertório lexical, bem como o desempenho lexical não é o mesmo entre os falantes, mesmo compartilhando a mesma língua, visto que as relações socioculturais também variam de sujeito para sujeito:

cada indivíduo, ao dominar uma língua, possui parte do léxico efetivo da língua, constituindo o seu repertório lexical. E por razões óbvias, o repertório lexical de um indivíduo não é idêntico ao de outro usuário da mesma língua, nem quanto à sua competência e muito menos quanto ao seu desempenho lexical. (FERRAZ; FILHO, 2016, p. 10).

Assim como o léxico de uma língua se amplia constantemente, ao longo da vida os falantes também podem ampliar seu repertório lexical, conforme os pressupostos de Biderman (2001b, p.180), “o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa durante toda a vida do indivíduo”. O processo de expansão lexical dos

falantes implica diretamente nos processos de criação e renovação de palavras, responsável pela expansão do léxico de uma língua.

A seguir, nos dedicamos a apresentar o processo de criação e renovação lexical, em que abordamos a neologia por empréstimo – estrangeirismo e empréstimo – o cerne da nossa pesquisa.

2.2 PROCESSO DE CRIAÇÃO E RENOVAÇÃO LEXICAL

Você reconhece estas palavras? “namorido, crush, paquera, reblation, maridódromo, sextou, topíssimo, top das galáxias, show de bola, psiu, vish, fast-food, sofrência, lingerie, portunhol, internet, light, celular, smartphone”. Uma coisa é certa, revelam muita criatividade. Nesses exemplos, podemos perceber que o sistema linguístico da Língua Portuguesa permite uma produtividade lexical por meio do processo de formação de palavras, além de palavras estrangeiras, termos técnicos que entram na língua, e ainda novos significados atribuídos às palavras já existentes. Esses fatores, entre outros, contribuem para o processo de criação e renovação do léxico.

A necessidade de criar palavras é inerente à espécie humana. Além da criação, o ser humano também apresenta como característica básica a necessidade de se renovar em diversos aspectos da vida, isso reflete diretamente na inovação e renovação da língua em seu aspecto lexical. Ademais, a renovação acontece para atender as necessidades comunicativas de seus falantes. A criação de novas palavras representa também as demandas das invenções humanas.

O processo de criação e renovação do léxico é infindável e contínuo, visto que a todo momento as relações sociais se modificam, se ampliam, os novos contextos e situações exigem novos modos de se expressar. Nesse ínterim, ainda há o caráter criativo do ser humano, a necessidade de se posicionar sobre o mundo de forma diferente, fazendo escolhas lexicais, sempre modificando, inovando, ampliando o repertório da língua de uma comunidade. O léxico de uma língua é um sistema aberto:

O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para o sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível. (BIDERMAN, 2001b, p. 203).

Em um mundo de constantes invenções e transformações, o ser humano se depara com o novo a todo momento. Assim, a necessidade de criar novas palavras e expressões surgem constantemente nossas práticas sociais. Dessa forma, Alves (1990, p.5) define: “Ao processo de criação de novas palavras, dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”.

A definição supramencionada se fundamenta nos estudos de que

neologia é o processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novas – não ainda encontrados na língua ou num determinado conjunto de enunciados– ela deve ser estudada ao nível de suas consequências, de seus resultados, isto é, dos neologismos. (BARBOSA, 1981, p.78).

Então, os neologismos são as novas palavras que entram em um idioma pelo processo de criação e inovação da língua. Os neologismos representam a necessidade de nomear novos objetos, concepções, comportamentos, valores, atitudes e invenções que ocorrem o tempo todo na interação humana e precisam ser expressas pela língua. A competência para criar palavras é inerente a todos os falantes:

O fato é que qualquer locutor, de diferentes níveis sócio-econômico-culturais, com diferentes objetivos e segundo diferentes necessidades sociais, tem, em sua competência, os mecanismos essenciais da língua para a neologia. Essas estruturas, que funcionam como modelos teóricos disponíveis, permitem-lhe a produção de novas unidades lexicais, novos empregos. Qualquer falante numa língua pode ser autor de um neologismo. Isso é comprovado não só pelo contínuo enriquecimento do vocabulário da norma culta ou das normas profissionais, como também das normas do discurso banal, como o demonstra a produção da língua popular e da gíria. (BARBOSA, 1978, p.196).

O termo neologismo apresenta uma composição híbrida em sua formação: *neo* (novo), do latim e *logos* (palavras), do grego. Conforme Alves (1984), as novas palavras, os neologismos que entram numa comunidade linguística, podem ocorrer por meio de palavras da própria língua, denominado Neologia Formal e Neologia Semântica, ou com palavras oriundas de outras línguas pelo processo de Neologia por Empréstimo, sendo esse último nosso objeto de estudo. No quadro 6, apresentamos os processos de Neologia propostos pela autora e alguns exemplos dos recursos linguísticos:

Quadro 6 – Processo de Neologia

Processo de Neologia	Recursos linguísticos	Processos de criação
Neologia Formal	Palavras criadas a partir da junção de elementos mórficos da própria língua. (palavras, prefixos e sufixos.	Derivação Composição
Neologia Semântica	Itens lexicais já existentes na língua ganham novos significados	Metáfora Metonímia
Neologia por Empréstimo	Importação de palavras de outros sistemas linguísticos.	Estrangeirismo Empréstimo

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Alves (1984).

Como podemos observar no quadro 6, a importação de palavras de outros sistemas linguísticos é o meio de criação e renovação do processo da Neologia por Empréstimo, denominados de estrangeirismo e empréstimo.

Nessa conjuntura, podemos afirmar que as palavras estrangeiras contribuem para o processo de criação e renovação da Língua Portuguesa, ou seja, exercem um papel importante no léxico da língua. É importante ressaltar que as palavras estrangeiras seguem os mesmos movimentos das palavras da própria língua no que se refere ao processo de formação de palavras, colaborando para constante expansão do léxico. É importante esclarecer que ao entrar no sistema linguístico, as palavras estrangeiras também podem formar outros neologismos:

(...) quase sempre, o empréstimo de um termo estrangeiro se faz, inicialmente, dentro dos limites de um universo de discurso, para atender a uma necessidade específica de comunicação, e, somente em seguida torna-se suscetível de ser atingido por outro processo de neologismo e transferir-se para diferentes universos de discurso. (BARBOSA, 1979, p.170).

Isso significa que as palavras estrangeiras podem passar pelo processo de Neologia formal por meio da derivação e composição, ou seja, a palavra estrangeira se junta a elementos mórficos da própria língua. E, ainda, pela Neologia Semântica onde os itens lexicais ganham novos significados, portanto o estrangeirismo segue os mesmos processos de produtividade lexical da Língua Portuguesa.

Podemos observar casos de derivação sufixal: print, printar, printei, printou; delete, deletar, deletou; blog, blogar, blogueira; bug, bugar, bugou, bugado; rock, roqueiro, e uma infinidade de palavras que passam por esse processo.

Os verbos da primeira conjugação, a terminação (-ar), apresentam uma produtividade lexical notável com os estrangeirismos na Língua Portuguesa, além do emblemático exemplo do deletar, temos printar, tuitar, stalkear, shippar, clicar, checar,

entre outros.

Podemos observar produtividade lexical nas gírias também, a gíria top, oficializada ao nosso acervo, é um exemplo produtivo de criação de palavras que os falantes utilizam como recurso, dela surgiram outros neologismos, palavras e expressões como topíssimo, topzera, topper, topzada, maravitop, top da silva, top das galáxias, entre outras.

Um dos fatores de influência na ampliação na produtividade lexical são as mudanças sociais que ocorrem e exigem mudanças no léxico, como aconteceu com em bullying que ampliou para cyberbullying, crime ampliou para cibercrime, cibersegurança, ciberataque.

Outro exemplo de produtividade lexical é com a palavra “designer”, surgiu da palavra estrangeira “design”, expandindo rapidamente para design(er) de interiores, design(er) de moda, design(er) de sobrancelha, design(er) gráfico, entre outras. Outro exemplo é personal trainer, personal styler, personal organizer, personal chef, personal pet, entre outros.

Em relação ao processo de Neologia Semântica, as palavras estrangeiras também ganham novos significados na língua: o empréstimo “light” pode ser tanto um produto menos calórico como também uma gíria: “a professora tá tão light hoje”; o estrangeirismo “off” dependendo do contexto pode significar; desligar (em um aparelho eletrônico, uma tomada); numa vitrine de loja “off” significa oferta, promoção, liquidação; “in off”, uma expressão coloquial : “ela me contou tudo in off”, sugere que ela contou no particular, sem ninguém saber; “off-line” pode significar que alguém está desconectado.

Esses foram só alguns exemplos em que podemos observar que o processo de neologia e o termo neologismo engloba tanto as palavras da própria língua, como as palavras estrangeiras.

Apresentamos a seguir como se processa a integração das novas palavras, os neologismos, ao acervo lexical.

2.2.1 A integração das palavras ao acervo lexical

O que acontece com os neologismos após entrarem em contato com a comunidade linguística, instantaneamente podem ser considerados pertencentes ao acervo lexical? Como se processa a integração oficial das novas palavras no idioma?

Para fundamentar as respostas a esses questionamentos, trazemos a abordagem de Barbosa (1978), em seu estudo sobre a *gênese do neologismo* a autora se dedica à compreensão do caminho percorrido pelo neologismo até sua integração ao acervo lexical de um idioma.

A autora esclarece que o fato de um neologismo ser criado, não significa que o mesmo permanecerá ou se integrará ao idioma, visto que é preciso considerar desde a criação do neologismo até sua desneologicidade. Na prática, isto significa ser o uso social e coletivo do neologismo pela comunidade linguística que determina o destino da nova palavra, sua integração ou não ao idioma.

Barbosa explica o processo neológico considerando a recepção, aceitabilidade e frequência de uso dos neologismos por um grupo social:

Se o primeiro momento do ato neológico é a sua criação, o segundo momento se refere à recepção ou à aceitabilidade do neologismo pelos destinatários, bem como a sua inserção no conjunto das unidades léxicas memorizadas. Uma vez criado, o neologismo só passa a ter esse estatuto, se o seu uso se generaliza a ponto de ser um vocábulo disponível de, pelo menos, um grupo de indivíduos. (BARBOSA, 1978. p. 200).

Os estudos de Barbosa revelam que a frequência de uso coletivo pelo grupo social em que o neologismo está inserido determina a direção da nova palavra no idioma. Se o grupo ignora ou recusa o neologismo, ele desaparecerá de forma imediata. Entretanto, se o neologismo for acolhido pela comunidade, ainda assim terá um tempo na língua antes de sua integração, o qual será determinado pelas variáveis de frequência propostas pela autora, em níveis de variação, zero, baixa, média e alta frequência:

Conforme o ponto desse continuum ocupado pela unidade lexical memorizada, pode-se definir a sua relação com sistema, normas e zona fluidas. Assim, se ela desaparece, ao ser criada, sua frequência é zero — ela pertence ao sistema como virtualidade —. Se é criada e reempregada por outros indivíduos, ela pertence ao sistema, e ao conjunto vocabulário que abrange os elementos já memorizados. Ela não pertence ainda à norma, pois, neste momento, situa-se na zona intermediária entre o sistema e a norma. É uma zona fluida em que o fato neológico vai caminhando da baixa para a alta frequência, sem que se possa verificar quando e como se operam essas mudanças, e em que ponto do processo elas se encontram. (BARBOSA, 1978, p. 201).

Os limites temporais e espaciais do neologismo são imprecisos, não há como prever, dependem do uso social e coletivo dos falantes, o seu tempo de duração pode ser breve, um pouco mais prolongado, e pode até cair no esquecimento depois de uma frequência considerável de uso.

Porém, se a nova palavra é empregada com alta frequência, atendendo às necessidades sociais e culturais do grupo em que foi inserida, essa palavra vai perdendo o caráter de novidade até não ser mais percebida como neológica e ser integrada oficialmente ao idioma. A fase da perda do caráter de novidade do neologismo é o que a autora denomina desneologização. A dicionarização é a etapa final do caminho percorrido pelo neologismo, conforme a afirmação da autora:

Se uma unidade léxica nova é aceita, e se torna frequente, perde o seu caráter de neologismo, para juntar-se às demais unidades que já foram consagradas pelo uso. A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua. (BARBOSA, 1978, p. 200).

Ao perder o aspecto de novidade, o uso da palavra passa a ser recorrente no grupo, ou seja, passa a pertencer à norma, conforme afirma Barbosa (1978, p. 202): “Se a palavra neológica passa a ser de alta frequência e de distribuição regular entre os falantes, deixa de ser neologismo, perde esse caráter, e passa a pertencer ao subconjunto vocabulário dos elementos de alta frequência, que constituem a norma”.

É importante ressaltar que a integração de uma palavra ao acervo lexical da língua não é garantia de permanência da mesma no idioma, visto que há inúmeros casos de palavras arcaicas que um dia foram de alta frequência numa comunidade e depois caíram em desuso naturalmente, por diversos motivos, sempre relacionados com as experiências do grupo social.

O processo neológico apresentado por Barbosa (1978) apresenta como base teórica a relação com o modelo tríplice de *Sistema, Norma e Fala*, proposto por Coseriu (1973), abordagem a ser tratada em nosso estudo mais adiante (item 2.3, Sistema, Norma e Fala).

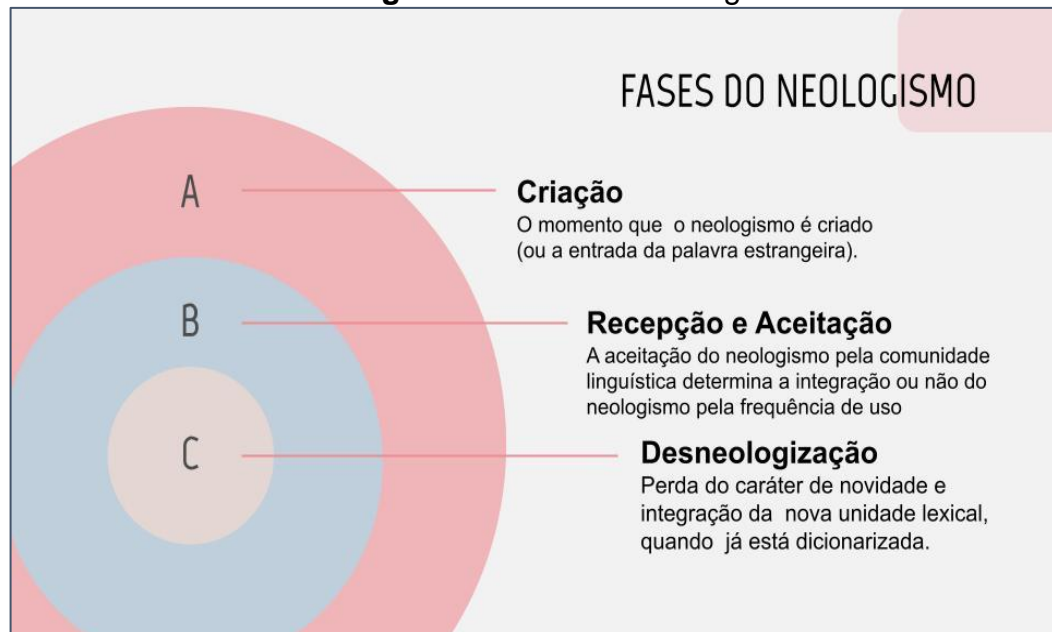
Uma vez que a criação do neologismo se dá no instante da fala, a receptividade e aceitabilidade pelo grupo é que define sua entrada na norma, até chegar ao final de sua trajetória com a inserção da palavra no sistema da língua, como podemos observar nas considerações da autora:

[...] esse modo, quando se chega a registrar um neologismo é porque sua aceitabilidade atingiu o nível de norma do grupo (perdeu o caráter real de neologismo). A aceitação do grupo é comprovada pelo dicionário. De outro ponto de vista, para o falante-ouvinte, o fato de pertencer ao dicionário a

palavra atribui-lhe um caráter estável. O falante julga, então, que a lexia é aceitável porque está no dicionário, enquanto o dicionário reflete uma aceitação já comprovada, a do grupo. (BARBOSA, 1978, p. 205).

A seguir, apresentamos de forma esquematizada as fases do neologismo, as etapas percorridas desde sua entrada até sua integração no sistema linguístico, conforme podemos observar na figura 1:

Figura 1 - Fases do neologismo



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Barbosa (1978).

Diante dessas considerações, a seguir, nos dedicamos a tratar do processo de neologia por empréstimo, e a compreensão dos termos estrangeirismo e empréstimo.

2.2.2 Estrangeirismo e/ou Empréstimo?

A Neologia por Empréstimo é a ampliação de uma língua pela entrada de itens lexicais estrangeiros, ou seja, oriundos de outros idiomas, outros sistemas linguísticos. Dentro desse processo é utilizado os termos estrangeirismo e empréstimo para se referir às palavras estrangeiras presentes na Língua Portuguesa. Sendo assim, nos propomos a tecer considerações sobre as concepções de estrangeirismo e empréstimo.

Nas pesquisas linguísticas, a definição dos termos estrangeirismo e empréstimo não é consenso entre os autores e pesquisadores do assunto. Para alguns, os termos são considerados sinônimos; para outros, os termos são definidos sob diferentes prismas. Diante da imprecisão terminológica, adotamos e delimitamos

para a presente pesquisa concepções de autores que distinguem estrangeirismo de empréstimo, mantendo uma relação de interdependência, visto que ambos se referem ao uso de palavras estrangeiras.

Essa escolha se deu por ser a definição mais comum entre os autores e mais pertinente ao nosso objetivo, considerando que, ao aplicar a pesquisa em sala de aula, o aluno poderá compreender melhor a trajetória e a movimentação das palavras estrangeiras no sistema linguístico ao utilizarmos os termos estrangeirismo e empréstimo para diferenciá-las.

É importante ressaltar que adotamos estrangeirismo e empréstimo como termos técnicos da ciência linguística, porém com algumas ressalvas ao significado dos mesmos no uso social. Consideramos estrangeirismo as palavras que vieram de outro sistema linguístico, não com a ideia de serem estranhas, mas estrangeiras, de outros povos, outra cultura, outra localização geográfica, outro país. Porém, não concordamos totalmente com o termo técnico empréstimo, pois culturalmente o dever de quem pega algo emprestado é devolver depois, não é o que acontece com as palavras ao se tornarem empréstimos, pelo contrário, elas passam a pertencer ao idioma.

Conforme Alves (1988, p.3), “Utilizaremos estrangeirismo para designar termo ou expressão sentidos como externos à Língua Portuguesa. O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua [...]”.

Outros autores também definem estrangeirismo nessa perspectiva:

Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. A noção de estrangeirismo, contudo, confere ao empréstimo uma suspeita de identidade alienígena, carregada de valores simbólicos relacionados aos falantes da língua que originou o empréstimo. (GARCEZ; ZILLES, 2001, p.15).

Posto isso, podemos dizer que as palavras estrangeiras em uso na Língua Portuguesa, que ainda não foram oficializadas, são definidas como estrangeirismo, enquanto as palavras estrangeiras que se integraram ao sistema da língua são definidas como empréstimo.

Campos (1986, p. 34), afirma que “o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou”. Dessa forma, podemos dizer que as palavras estrangeiras passam pela fase de uma espécie de “teste” na comunidade. Essas palavras podem

desaparecer brevemente, por ser apenas um modismo instantâneo. Por outro lado, podem ser usadas com certa frequência a ponto de não serem mais percebidas como estranhas, até serem incorporadas à língua. Os falantes de uma comunidade linguística que direcionam o caminho da palavra estrangeira, se será acolhida ou excluída, partindo da premissa de que a língua é determinada pelo seu uso social e coletivo.

Em síntese, conforme os estudos dos autores supracitados, podemos dizer que estrangeirismos são palavras ou expressões de outras línguas que estão em uso em uma determinada comunidade linguística, circulam nas práticas discursivas, mas ainda não pertencem oficialmente ao seu acervo lexical, ainda está em processo de assimilação na comunidade. O empréstimo pode ser considerado palavras ou expressões que foram dicionarizadas, ou seja, já pertencem ao léxico de uma determinada língua, integrou-se ao idioma devido à alta frequência de uso. O empréstimo designa a etapa final da palavra importada de outro sistema linguístico, passando a integrar-se oficialmente à língua.

Considerando que os estudos de Barbosa foram realizados em 1978, o dicionário era o parâmetro para consulta de palavras oficializadas à época. Porém, atualmente, consideramos que a consulta on-line ao Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa (VOLP) é a fonte mais rápida e segura de constatar se uma palavra foi efetivada no sistema. Mas o que é o VOLP?

O Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa, sob responsabilidade da Academia Brasileira de Letras (ABL), é o responsável pela oficialização das novas palavras ao léxico, sua primeira edição foi em 1977. Segundo a Academia Brasileira de Letras (2022) “Esta 6.^a edição conta com 382 mil entradas, mil palavras novas, incluindo estrangeirismos, (...)”. Em 2021, foi lançada a 6.^a edição do VOLP, disponível exclusivamente na versão on-line e aplicativo oficial, disponibilizado pelo site da ABL.

Os acadêmicos Evanildo Bechara (presidente), Arnaldo Niskier e Domício Proença Filho são os nomes que compõem a Comissão de Lexicologia e Lexicografia, responsáveis por orientar e determinar a metodologia e as diretrizes formativas do VOLP. Segundo a ABL:

O vocabulário não cessa de crescer, espelho flutuante e progressivo, segundo a inscrição de palavras e franjas semânticas, no horizonte possível da sincronia. Atividade que traduz perfeitamente o adágio antigo de totum, sed non totaliter. A sexta edição do Vocabulário ortográfico da língua portuguesa é a prova cabal de como as antenas da Academia Brasileira de Letras seguem abertas, sensíveis, aos apelos e às vozes de nossa língua.

(ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS⁷, 2022).

A ABL (2022) esclarece que se constatou o dever de atualizar a obra para oferecer ao público a visão aumentada do universo lexical, ficar em dia com a língua, e refletir sobre as mudanças atuais da sociedade: “Eis a tarefa de auscultar os batimentos cardíacos da língua, os instrumentos de sentir o mundo, e de ocupá-lo”. Foi mais de uma década da 5.^a edição (2009) para a 6.^a edição (2021). Desde então, segundo a ABL (2022), a equipe de Lexicologia e Lexicografia reuniu um grande volume de palavras que passaram a fazer parte do cotidiano da língua, colhidos em textos literários, científicos e jornalísticos, ou recebidos como sugestão por consulentes do VOLP:

Muitos acréscimos estão relacionados aos novos termos originados do desenvolvimento científico e tecnológico, às palavras surgidas no contexto da pandemia do novo coronavírus, ao registro mais abrangente de nomes de povos indígenas, língua e família linguística, assim como termos técnicos das diversas áreas do conhecimento e novos vocábulos de uso comum, muito divulgados na mídia impressa e em textos acadêmicos, sempre de acordo com os critérios de formação de palavras da língua-padrão. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS⁸, 2021).

Portanto, para este estudo, adotamos o VOLP como parâmetro para ratificar se uma palavra pode ser considerada estrangeirismo ou empréstimo, visto a dificuldade dos dicionários de se manterem atualizados com as rápidas transformações do mundo contemporâneo e, conseqüentemente, o processo cada vez mais acelerado de incorporação de palavras estrangeiras ao acervo da Língua Portuguesa. É importante ressaltar que o VOLP não é um dicionário:

Diversamente dos dicionários, que se ocupam de definir os vocábulos neles consignados ou, no caso dos bilíngües, de dar o equivalente de cada palavra em outra língua, um vocabulário ortográfico, obra de escopo distinto – mas nem por isso menos útil –, destina-se a visualizar, por assim dizer, o sistema ortográfico vigente e também, até certo ponto, a prosódia e a ortoepia das palavras de um idioma. Outra função é dar a classe gramatical dos vocábulos que arrola e, em alguns casos, formas mais ou menos irregulares do feminino de substantivos e adjetivos, plurais de muitos compostos, homônimos e parônimos. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS⁹, 2022).

Uma dúvida que pode surgir no ambiente escolar ao tratar do estrangeirismo e do empréstimo, é o caso das palavras estrangeiras que passam pelo processo de

⁷ Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/apresentacao_da_6a_edicao_presidente.pdf. Acesso em: 30 de maio de 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letras-disponibiliza-6a-edicao-do-vocabulario-ortografico-da-lingua>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

⁹ Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/nota_editorial_da_6a_edicao_ok.pdf. Acesso em: 30 de maio de 2022.

aportuguesamento, como são consideradas pelo VOLP? Estrangeiras ou da Língua Portuguesa? É importante esclarecer que há uma diferença entre a palavra ser de origem estrangeira e estar grafada no original do idioma.

Quando as palavras passam pelo processo de aportuguesamento são consideradas da Língua Portuguesa, mesmo sendo de origem estrangeira. Por exemplo, o VOLP considera “futebol” uma palavra da Língua Portuguesa, mesmo sua origem sendo do inglês “football”.

Porém, existem casos em que as palavras estrangeiras são incorporadas com dupla grafia, por exemplo, o empréstimo “rock” e o aportuguesamento “roque”, como o VOLP as tratam? Tanto esse caso como os demais nesse sentido terão dois tratamentos distintos: a palavra na grafia do idioma original é considerada estrangeira e consta a informação do seu idioma de origem; a palavra com aportuguesamento é considerada da Língua Portuguesa, sem informações de sua origem. Portanto, o VOLP considera “rock” uma palavra estrangeira, origem do inglês. Enquanto “roque” é considerada uma palavra da Língua Portuguesa, nesse caso, o VOLP não coloca a informação de sua origem.

E como ficam os casos de palavras em que a grafia é incorporada apenas no idioma estrangeiro? Nesse caso, o VOLP as considera como palavras estrangeiras, um exemplo é a palavra “show”, um empréstimo do inglês, oficializada na Língua Portuguesa com a grafia do idioma de origem, o VOLP a considera estrangeira, de origem do inglês. O mesmo ocorre com o empréstimo “menu”, oficializada na Língua Portuguesa com a grafia do idioma de origem, o VOLP a considera como estrangeira, de origem do francês, e assim sucessivamente.

Em síntese, as palavras de origem estrangeiras oficializadas na Língua Portuguesa, ao passarem pelo processo de aportuguesamento não são consideradas estrangeiras pelo VOLP. Ao passo que as palavras oficializadas com a grafia estrangeira do idioma de origem são consideradas estrangeiras, mesmo com sua oficialização no sistema da Língua Portuguesa.

A seguir, apresentamos uma trajetória histórica da influência de palavras estrangeiras na formação do léxico da Língua Portuguesa, estrangeirismos que se tornaram empréstimos, ou seja, se integraram à língua, contribuindo para o hibridismo e diversidade linguística da Língua Portuguesa no Brasil.

2.2.3 Estrangeirismos no léxico da Língua Portuguesa

É fato que a Língua Portuguesa teve sua origem no latim vulgar, conforme apontam os estudos linguísticos. De acordo com Azeredo (2010, p. 393-394), “quando a língua portuguesa começou a ser escrita – nos fins do século XII ou início do século XIII – seu léxico reunia cerca de 80% de palavras de origem latina e outros cerca de 20% de palavras pré-romanas, germânicas e árabes”. Desde então, a partir do contato com diferentes povos, a influência de várias outras línguas foram deixando suas palavras no léxico da Língua Portuguesa, bem como as palavras da Língua Portuguesa também se espalharam para outros idiomas.

Sendo assim, o léxico da Língua Portuguesa apresenta um repertório amplo de palavras de diferentes origens estrangeiras. Além do latim, o provençal, catalão, holandês, hebraico, persa, quíchua, grego, chinês, turco, japonês, alemão, russo, das línguas célticas, eslavas, germânicas, africanas, indígenas, além dos idiomas mais frequentes como o inglês, o francês, o espanhol, o italiano, entre outros.

No Brasil, temos a herança linguística de todos esses idiomas agregados ao nosso léxico, os quais contribuíram para formação de nossa identidade linguística, representativa dos vários povos e suas culturas que fizeram parte da construção de nossa história, com predomínio para os colonizadores, os portugueses, os imigrantes europeus, os indígenas e africanos.

A Língua Portuguesa, tendo suas raízes no latim, preserva em sua base lexical as palavras desse idioma. O Brasil é um país predominantemente cristão, tendo o catolicismo como religião predominante, isso influencia na preservação dos latinismos em nossa língua. Além disso, na esfera judiciária ainda são utilizados muitos termos do latim, em alguns casos preservando a grafia original, como podemos observar nas palavras que seguem: agenda, álibi, déficit, a priori, a posteriori, bis, curriculum vitae, grátis, grosso modo, habeas corpus, incógnita, in memoriam, in vitro, modus operandi, per capita, superávit, veto, via, vice-versa, et cetera (etc), caput, entre outras. Sendo o grego um dos idiomas de grande influência sobre o latim, conseqüentemente palavras do grego foram agregadas ao nosso léxico por meio do latim: antídoto, arquipélago, bíblia, cirurgia, dinossauro, eutanásia, heureka/eureca, histeria, xerox/xérox, entre outras.

No Brasil, a Língua Portuguesa construiu sua identidade linguística atrelada à construção histórica do país:

Com o início efetivo da colonização portuguesa em 1532, a língua portuguesa começa a ser transportada para o Brasil. Aqui ela entra em relação, num novo espaço-tempo, com povos que falavam outras línguas, as línguas indígenas, e acaba por tornar-se, nessa nova geografia, a língua oficial e nacional do Brasil. Podemos estabelecer para esta história quatro períodos distintos, se consideramos como elemento definidor o modo de relação da língua portuguesa com as demais línguas praticadas no Brasil deste 1532. (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

Os quatro momentos que o autor se refere são os períodos históricos do Brasil e as relações linguísticas estabelecidas em nosso país. Apresentamos a seguir o que Guimarães (2004, p. 24-25) expõe em seu estudo sobre esses períodos.

O *primeiro momento* começa com a colonização do Brasil em 1532, a Língua Portuguesa trazida pelos portugueses convive com as línguas de diferentes tribos indígenas dos habitantes nativos do país: as línguas gerais, que eram as línguas tupis faladas pela maioria da população. Nesse momento, convive também com o holandês, língua europeia de um país que trouxe os primeiros grupos de colonizadores, os holandeses.

No *segundo momento* há uma mudança no quadro linguístico com a saída dos holandeses em 1654, até a chegada da família real portuguesa em 1808. Diante dessa conjuntura, a relação linguística é estabelecida entre o português de Portugal, as línguas indígenas, e as línguas africanas vindas com os escravos. Nesse período, há um aumento crescente da população dos portugueses e africanos. A Língua Portuguesa, já oficializada, passa a ser a língua mais falada do Brasil.

O *terceiro momento*, um curto período, entre 1808 com a vinda da família real de Portugal para o Brasil a 1826 com a formulação da língua nacional do Brasil pelo parlamento. Ocorre então, a chegada de um grande número de portugueses ao Rio de Janeiro que passa a ser a capital do país, a criação da imprensa e fundação da Biblioteca Nacional, o estabelecimento da Língua Portuguesa como instrumento de circulação da imprensa, e a língua utilizada oficialmente pela corte real e pela população em geral.

O *quarto momento* é marcado pela relação entre a Língua Portuguesa como língua oficial e nacional do Brasil, e o início da relação com as línguas dos imigrantes. Por volta de 1818-1820, começa o processo de imigração com a chegada dos alemães, respectivamente em Ilhéus e Nova Friburgo. A partir de 1880 – 1930, transição do século XIX para XX, expande o grupo de imigrantes, agora “falantes de alemão, italiano, japonês, coreano, holandês, inglês. Deste modo o espaço de enunciação do Brasil passa a ter, em torno da língua oficial e nacional, duas relações

significativamente distintas.” (GUIMARÃES, 2005, p.25). Uma nova relação linguística é estabelecida entre a Língua Portuguesa, as línguas indígenas, as línguas africanas e as línguas dos imigrantes. Para esse período, o autor afirma:

Enquanto língua oficial e língua nacional do Brasil, o português é uma língua de uso em todo o território brasileiro, sendo também a língua dos atos oficiais, da lei, a língua da escola e que convive, na extensão do território brasileiro, com um grande conjunto de outras línguas (de um lado as línguas indígenas e de outro as línguas de imigrantes). Por outro lado, enquanto língua nacional, o português é significado como a língua materna de todos os brasileiros, mesmo que um bom número de brasileiros tenham como língua materna outras línguas, ou indígenas ou de imigrantes. (GUIMARÃES, 2005, p. 25).

Diante desse cenário histórico da Língua Portuguesa no Brasil, podemos compreender o hibridismo e a diversidade linguística presente em nosso idioma, palavras de origens diversas, ligadas às relações estabelecidas entre as diferentes comunidades linguísticas convivendo no mesmo espaço territorial, contribuíram para a formação do nosso acervo lexical.

No cenário atual, poderíamos acrescentar um novo momento para história da Língua Portuguesa no Brasil, uma nova era linguística se inicia com a globalização, que influenciou na mudança do perfil de várias línguas em volta do mundo. O inglês, como língua universal, a língua de países de domínio econômico e político, a língua da tecnologia, da internet, das redes sociais, do comércio, dos canais virtuais de comunicação, apresenta um novo “raio x” linguístico que se revela em nosso acervo lexical, um grande número de palavras de origem inglesa passa constantemente a serem utilizadas em nosso cotidiano, e rapidamente passam a ser incorporadas ao nosso léxico.

Com o objetivo de refletir sobre o hibridismo e diversidade do léxico da Língua Portuguesa, nos dedicamos a apresentar a influência de palavras estrangeiras como herança dos povos que construíram a história do Brasil. Começando pelo tupi, que desapareceu como idioma, mas deixou uma vasta herança no nosso acervo lexical:

Meu *xará*, carioca da *Tijuca*, foi ao *Pará* surfar a *pororoca*, em um rio infestado de *piranhas* e *jacarés*. Nas margens, viu *jaguars*, *quatis* e *capivaras*. No céu, sobrevoavam *araras*, *tucanos* e *urubus*. Enquanto estava lá, bebeu suco de *caju* e de *maracujá*. Comeu *pipoca*, *mandioca*, carne de *tatu* e de *paca*. Visitou uma *taba* amazônica e foi *cutucado* por um *curumim* curioso. Dormiu em uma *oca* cheia de *cupim* e ficou com o corpo coberto de *perebas*. Foi atendido por um *pajé*. Depois de algum tempo, quando já estava na *pindaíba*, voltou para casa.

O texto acima é fictício e pode até ter informações inexatas, mas serve para mostrar como a língua usada no dia a dia no Brasil recebeu grande influência do idioma tupi, amplamente falado no país quando os primeiros portugueses chegaram aqui no século 16. Nada menos que 27 palavras de origem indígena (que estão grifadas em itálico) foram usadas no parágrafo.

(AGÊNCIA BRASIL¹⁰, 2014).

De acordo com os estudos, a maioria dos nomes de plantas e animais existentes no léxico da Língua Portuguesa no Brasil são de origem indígena. Franzin (2015) apresenta a pesquisa de Ana Suelly Cabral, a pesquisadora esclarece que foram os índios que apresentaram aos colonizadores europeus os nomes da enorme variedade da fauna e flora brasileiras: a capivara, o tamanduá, a cutia, o pirarucu, o jabuti; e às frutas, como o cacau e o cajá.

De acordo com a professora Ana Suelly Cabral, pesquisadora das línguas indígenas, cerca de 80% das palavras que nomeiam as plantas e bichos brasileiros são oriundas do Tupinambá, o mais conhecido idioma nacional nativo. Aliás, o tronco Tupi é um dos grandes agrupamentos linguísticos do Brasil. São sete famílias de línguas: Arikém (1 língua), Juruna (1 língua), Mondé (7 línguas), Mundurukú (2 línguas), Ramaráma (2 línguas), Tuparí (3 línguas), Tupi-Guarani (21 línguas). Há ainda três línguas isoladas no nível de família: Aweti, Puruborá e Sateré-Mawé. Considerando que o total de línguas indígenas no Brasil é de 180, o tronco Tupi reúne 40 línguas, o que corresponde a 22,2 % do total. (FRANZIN¹¹, 2015).

A pesquisadora ainda esclarece que a influência no léxico não foi apenas em nomes de plantas e animais, está relacionada também com a herança do comportamento social e cultural dos modos de viver indígena e seu conhecimento em lidar com a terra:

A influência foi muito lexical, de nomes das coisas desse mundo rico, desconhecido para os portugueses, que era o Brasil, de uma diversidade ambiental e ecológica muito grande. E não só os nomes das plantas, mas como os processos, as técnicas de agricultura. A coivara, por exemplo, porque isso foi aprendido com os índios, de como plantar, como colher. (...) A gente também tem verbos, como pipocar, cutucar (...). (CABRAL, 2015 apud FRANZIN, 2015).

Nessa união de povos, muitas palavras de origem indígena foram integradas ao léxico da Língua Portuguesa no Brasil: babaçu, barbatimão, buriti, capivara, capoeira, carioca, catuaba, cipó, cutia, guariroba, gororoba, guri, jabuti, jacaré, jenipapo, maracanã, mingau, mocotó, mutirão, paca, paçoca, pamonha, pipoca, piranha, pitanga, saúva, sucuri, tamanduá, taturana, tucano, urubu. Muitas cidades e bairros brasileiros apresentam nomes associados ao léxico de origem indígena: Curitiba, Copacabana, Igarapé, Irapuã, Aracaju, Erechim, Jericoacoara, Oiapoque, entre outras.

Essas palavras aprendidas pelos portugueses misturadas com a estrutura

¹⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/tupi-deu-importantes-contribuicoes-ao-portugues> . Acesso em: 20 de maio de 2022.

¹¹ Todas as referências de Franzina (2015) nesse trabalho têm como endereço o link que segue. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

gramatical da língua dos colonizadores deram origem à Língua Geral do Brasil, que, com o passar do tempo, se dividiu em duas: a Língua Geral Amazônica (mais falada no Maranhão e no Pará) e a Língua Geral Paulista (mais corrente no sudeste do país). Até a metade do século XVIII, era essa última a língua mais falada por aqui. Foi quando em 17 de agosto de 1758, o Marquês de Pombal, que era o primeiro-ministro de Portugal, instituiu por meio de um decreto a língua portuguesa como idioma oficial do Brasil e proibiu o uso das línguas gerais, que eram, inclusive, usadas pelos jesuítas para catequizar os índios e pelos bandeirantes, nas suas expedições para desbravar o Brasil. Mesmo assim, as palavras que já faziam parte do vocabulário da população se mantiveram e são faladas até hoje. (CABRAL, 2015 apud FRANZIN, 2015).

Ao léxico da Língua Portuguesa também foram integradas palavras de origem africana, herdadas dos escravos trazidos para o Brasil pelos colonizadores para trabalharem na construção do país, assim nosso léxico é repleto de palavras dos dialetos africanos, conhecidas e utilizadas na rotina dos brasileiros: acarajé, angu, batuque, banguela, cachaça, cachimbo, cafundó, cafuné, camundongo, canjica, caxumba, chuchu, dendê, dengo, fubá, inhame, jiló, marimbondo, maxixe, miçanga, mandinga, moleque, muamba, muxiba, quenga, quiabo, quibebe, quitute, samba, tanga, tutu, vatapá, zumbi, e outras mais.

Os imigrantes de origens europeia e asiática que vieram para o Brasil, no final do século XIX e início do século XX, contribuíram para um novo perfil da Língua Portuguesa com suas heranças ao léxico do nosso acervo linguístico.

Do alemão, os germanismos, herdamos algumas palavras, não em grande número, pois conforme a história não veio uma quantidade significativa desses imigrantes:

Língua dos imigrantes de origem alemã, suíça, russa (região do Volga), polonesa e austríaca no Brasil. Falada atualmente ainda no Paraná (Rio Negro, Ponta Grossa, Rolândia, Entre Rios), Santa Catarina (Blumenau, Joinville, São Francisco do Sul, Brusque, Itajaí, São Bento) Espírito Santo (Santa Leopoldina) e Rio Grande do Sul (São Leopoldo, Santa Augusta, São Lourenço, Lageado, Montenegro).

Embora o Brasil ocupasse o segundo lugar como país de destino dos falantes de alemão que vieram para o continente americano (o primeiro país de destino são os Estados Unidos), eles não se destacaram do conjunto de imigrantes que vieram para cá. Foi o primeiro grupo de imigrantes que veio ao país, mas representa apenas 9% do total de imigrantes.

As primeiras colônias fundadas por imigrantes falantes de alemão foram Leopoldina e São Jorge dos Ilhéus, em 1818, na província da Bahia, e depois Nova Friburgo, em 1820, perto do Rio de Janeiro. (BOLOGNINI, 2005, p. 43 – 44).

Dessa forma, foram incorporadas ao léxico da Língua Portuguesa, palavras de origem germânica: guerra, bando, bandeira, dardo, estribo, esporas, elmo, arauto, esgrimir, marechal, bedel, feudo, bandido, embaixada, guisa, rico, albergue, fralda, casa, loja, banco, canivete, roupa, gastar, agasalhar, boca, branco, brandir, britar,

coifa, escanção, espia, estala, feltro, fresco, guardar, guarnecer, harpa, jardim, luva, orgulho, rico, roca, roubar, sala, sopa, toalha, trégua, trotar, ufano, venda etc.

Sobre os imigrantes holandeses, destaca-se dois momentos de introdução dessa língua no Brasil segundo Bolognini (2005, p.45): o primeiro foi no século XVII, com a tentativa de colonização do Brasil por parte dos holandeses, o destaque foi ao incentivo cultural estabelecido no Brasil, “como resultado, temos a criação de uma biblioteca, da imprensa e o testemunho da época retratado em quadros e escrito em livros de holandeses” (BOLOGNINI, 2005, p.45); o segundo momento foi a compra de um grande lote de terras, onde hoje fica Holambra-SP, em meados do século XX. Conforme a autora, “o destaque fica marcado nesse período pela grande produtividade e contribuição socioeconômica da comunidade para o Brasil. É essa região que o holandês ainda é falado no Brasil”.

Para os que persistiram na colonização de Holambra, o trabalho conjunto com colonos brasileiros foi fundamental. Começa, assim, uma nova relação entre o português e o holandês, falado pelos colonos holandeses. Mesmo com a dificuldade da língua, usando no início a comunicação de sinais, a troca de experiências ajudou no plantio de culturas que acabaram dando certo. Dada a aferência estranha para os brasileiros dos nomes dos holandeses colocaram nos imigrantes apelidos como: Espírito Santo, Calça Curta, João Choque, Cabeça Chata, entre outros. (BOLOGNINI, 2005).

Em 27 de outubro de 1991, após um plebiscito, Holambra foi emancipada, o primeiro prefeito tomou posse do município em 1 de janeiro de 1993. “Em abril de 1998, Holambra recebe o título de Estância Turística. Hoje com uma estimativa de 10 mil habitantes, vê-se em Holambra a convivência entre as línguas holandesa e portuguesa” (BOLOGNINI, 2005, p.45). A cidade de Holambra é conhecida nacional e internacionalmente como “Cidade das Flores”, isso se deve ao cultivo de flores nessa região e plantas ornamentais. O nome Holambra foi escolhido pelos holandeses representando um acordo político e a união entre Holanda e Brasil, a integração econômica, cultural e social dos trabalhadores do campo, agricultores e horticultores.

A contribuição dos holandeses para o nosso léxico está entre as palavras de origem germânica, já citadas anteriormente, sendo que a língua holandesa ou neerlandês é de origem germânica, situada entre o alemão e o inglês. Assim como outros grupos de imigrantes, os holandeses continuaram usando sua língua dentro de sua comunidade e descendentes, paralela à língua portuguesa que aprenderam no Brasil. Essa comunidade linguística preservou seus falares em grupos e espaços específicos no território nacional.

Os imigrantes italianos e portugueses estão entre os maiores grupos que

vieram para o Brasil. Porém, de acordo com as informações de Bolognini (2005, p.44), não há dados precisos sobre o número de imigrantes italianos que entraram em solo brasileiro, devido à alta proporção de imigração clandestina, e também muitos falantes de dialetos italianos, registrados como brasileiros e falantes de português. A estimativa é que mais de um milhão e quatrocentos mil dos imigrantes italianos chegaram ao Brasil, só no período da grande imigração. Em relação à localidade que se instalaram:

Os imigrantes italianos instalaram-se principalmente nas Regiões Sul (Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo e Sul de Minas Gerais), além do Sul da Bahia. Na segunda parte do século XX, após 1970, a partir de remigrações interestaduais motivadas pela busca de terras, encontram-se também concentrações de descendentes de falantes de italiano em Estados das Regiões Centro-oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás) e Norte (Acre, Pará). (BOLOGNINI, 2005, p. 44).

No cenário político do Brasil durante o Estado Novo, o italiano e outras línguas estrangeiras foram proibidas, ocorrendo a nacionalização da Língua Portuguesa nas colônias de imigrantes:

Por outro lado, o italiano, assim como outras línguas estrangeiras, como o alemão, foram pontualmente interdidas durante as guerras mundiais e durante o Estado Novo (1937–1945), no contexto nacionalista próprio à década de 1930. De um certo modo, a Segunda Guerra funcionou, também, como argumento no inevitável processo de nacionalização que já havia sido iniciado, de fato, desde o início do grande fluxo imigratório. De forma incisiva, através de legislação específica e da minuciosa Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada em 1938, o Estado brasileiro implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira, (re)forçando a nacionalização. Esse fato inibiu significativamente a prática das línguas maternas dos imigrantes, marcadamente no domínio público e institucional, sobretudo na imprensa escrita e na escola, mas também no espaço privado. (BOLOGNINI, 2005, p. 44).

Entretanto, as línguas estrangeiras não deixaram de ser usadas extra oficialmente com essa legislação. Cada grupo de imigrantes tentou preservar suas culturas e suas línguas dentro de suas comunidades e de seus descendentes, entre eles, o italiano. Assim, no Brasil, ainda há traços italianos na fala do português de muitos brasileiros provenientes e descendentes e da imigração italiana. De acordo com Bolognini (2005, p. 44), “esses traços estão presentes desde a fonologia, passando pelo léxico, pela semântica, morfologia, e até a sintaxe, apresentando-se ainda em fragmentos de discursos, em provérbios e expressões”. Pode-se dizer então, que no Brasil há interferência italiana nas transformações linguísticas da Língua Portuguesa.

Do italiano, nosso léxico apresenta, entre outras palavras: pizza, carnaval,

cappuccino, mortadela, macarrão, maestro, trêmulo, sonata, alarme, artesão, poltrona, risoto, poltrona, entre outras mais.

Quanto aos espanhóis, esses imigrantes vieram para o Brasil no período do grande fluxo, entre 1950 e 1964, atraídos primeiramente pelo café, e depois pela indústria e siderurgia. Depois dos italianos e dos portugueses, o terceiro maior grupo de imigrantes são os espanhóis.

Porém, entre 1580 e 1640, o espanhol já se fazia presente em solo brasileiro, devido ao acordo político entre Espanha e Portugal. Além disso, o espanhol funcionava como segunda língua da maioria dos portugueses, sem contar a influência do fator social do casamento entre os portugueses e as princesas espanholas. Ademais, a maioria dos escritores portugueses escreviam suas obras em português e espanhol, tendo uma influência forte na literatura. Assim, o espanhol/castelhano deixaram suas palavras ao léxico da Língua Portuguesa desde os primórdios de sua formação:

Quanto à influência espanhola, é às vezes difícil de determinar, dada a semelhança das duas línguas que faz que os vocábulos castelhanos não saltem à vista como estrangeirismos ou possam confundir-se com cultismos. Contudo, a intimidade de relações entre povos durante toda a Idade Média e a Idade Moderna permite-nos supor que tenha maior importância do que vulgarmente se crê. (CUESTA; LUZ, 1980, p.267).

As palavras botija, cabecilha, cavaleiro, flamengo, granizo, guerrilha, hombridade novilho boina, mantilha, muleta, trecho, tijolo, hediondo, são exemplos de heranças lexicais dos espanhóis.

No século XVIII, o espanhol perde seu espaço como segunda língua dos portugueses. Por seu turno, o francês passa a exercer forte influência na cultura dos portugueses. Porém, a língua espanhola marca sua presença até os dias atuais na Língua Portuguesa.

Apesar disso, as colônias de imigrantes preservaram suas línguas:

A convivência dos imigrantes em grupos relativamente coesos e o isolamento de suas colônias em relação aos demais centros de povoamento contribuíram para a manutenção de suas línguas. Por outro lado, a interdição oficial das línguas estrangeiras no Brasil pelo presidente Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), sob influência do nacionalismo, inibiu a prática dessas línguas tanto nas cidades (sobretudo na imprensa escrita e nas escolas), quanto na zona rural. Para isto, foram realizadas campanhas de nacionalização do ensino primário. A interdição das línguas estrangeiras apressou a nacionalização dos imigrantes italianos no Brasil. Assim, durante um longo tempo, após a Segunda Guerra Mundial, a língua e a memória histórica desses imigrantes foram silenciadas, marcadamente no domínio

público e institucional. (PAYER¹², 2005).

No léxico da Língua Portuguesa também há influência dos japoneses:

A língua japonesa marca também sua presença no português brasileiro, na introdução de itens lexicais que representam os vários segmentos da cultura japonesa e que estão inseridos na sociedade brasileira, tais como na alimentação (sushi, sashimi, tempura, shoyu, shiitake), nos esportes e lazer (judô, jiu-jitsu, karaoke), costumes (tatami, furô, quimono), etc. (BOLOGNINI, 2005, p.45)

Dos imigrantes asiáticos, temos ainda influência do chinês: chá, chávena, nanquim, pequinês etc.

É importante ressaltar, que existem grupos de imigrantes ou descendentes de imigrantes, que ainda preservam a língua do país de origem e as utilizam no seio familiar e em suas comunidades, a região sul do Brasil, é um exemplo da presença marcante de comunidades de origem europeia. Em São Paulo, a comunidade japonesa. Em Goiânia-Go, há um grande número de chineses no comércio, principalmente em regiões de camelódromos, é comum ao entrar em lojas e os donos os estabelecimentos estarem conversando em chinês, muitas lojas já adotaram nomes asiáticos.

Portanto, a motivação comercial e cultural deve ser considerada ao tratar do estrangeirismo. Estudos mostram que a comunidade tem a cultura do outro como referência na adoção da palavra estrangeira:

[...] todas as comunidades que compartilham uma mesma língua ou dialeto aprendem com seus vizinhos. Tanto os objetos naturais como os manufaturados, passam de uma comunidade para outra, assim como seus padrões de ação, tais como procedimentos técnicos, práticas de guerra, ritos religiosos ou moldes de conduta individual (BLOOMFIELD 1933, p. 445).

Elaboramos uma amostra de palavras vindas de outros sistemas linguísticos que passaram pelo processo de aportuguesamento e compõem o acervo lexical da Língua Portuguesa. A finalidade é reunir as palavras agrupadas por suas línguas de origem para uma melhor visualização. Além disso, refletir que a palavra gráfica e fonológica foi adaptada para a Língua Portuguesa, porém suas raízes são de outros idiomas, ou seja, a língua é um processo de construção contínuo desde sua formação, não existe língua sem influência de outras.

As palavras são fruto de uma pesquisa realizada no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Eletrônico e no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa

¹² Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/noticias/lerArtigo.lab?categoria=17&id=117> . Acesso em: 31 de mar. de 2022.

Eletrônico e postadas no site Recanto das Letras. No quadro 7, apresentamos a compilação de palavras com aportuguesamento de origem estrangeira:

Quadro 7 - Palavras com aportuguesamento de origem estrangeira

Grego	anjo, apóstolo, Ângelo, bíblia, bodega, bispo, blasfêmia, blasfemar, batizar, drama, escola, golpe, governar, gesso, igreja, monarquia, teatro, clímax, púrpura, nostalgia, telefone, microscópio, mecânica, heureka ou eureka etc.
Hebraico	aleluia, Páscoa, sábado, Jesus, Maria etc.
Alemão	guerra, norte, sul, realengo, Ricardo, elmo, orgulho, sabão, burgo, brasa, trégua, luva, espora, albergue, fralda, coifa, feudo, embaixada, rico, branco, íngreme, ganso, guardar, roubar, gastar, agasalhar, vermute etc.
Árabe	açougue, açucena, açude, adaga, alarido, alarde, alcova, algazarra, alicerce, Alá, algodão, alfafa, alface, alfaiate, alfândega, alfazema, algarismo, almôndega, açúcar, álcool, acém, algemas, álgebra, alforje, almoxarife, andaimes, argola, armazém, arroz, assassino, até azeite, azeitona, azulejo, bazar, barraca, café, caravana, cuscuz, fulano, gazela, javali, leilão, laranja, lima, limão, marfim, mesquita, muçulmano, oxalá, romã, saquão, sorvete, tâmara, xerife, xarope etc.
Francês	abajur, avenida, balé, batom, bibelô, bidê, bijuteria, boate, boné, bufê, buquê, bege, clichê, cabaré, cachê, camioneta ou caminhonete, camelô, carnê, cassetete, chalé, champanha, chantagem, chassi, chique, chofer, complô, conhaque, creiom, crepom, crochê, croqui, cupão ou cupom, dossiê, edredom, filé, detalhe, elite, etiqueta, gafe, greve, garçom, glacê, guichê, guidom ou guidão, jargão, maçom, madama ou madame, maiô, maionese, maquete, maquilagem ou maquiagem, marrom, matinê, omelete, paletó, patê, pasteurizar, patoá, pierrô, pivô, placar, pose, purê, randevu, raquete, toalete, tricô etc.
Inglês	bangalô, basquete, beisebol, bife, biquíni ou bikini, blefe, boi, buldogue, cicerone, clube, coquetel, craque, detetive, drinque, dólar, buldogue, esquete, esqui, esnobe, estêncil, estoque, esporte, filme, folclore, futebol, jóquei, handebol, hóquei, iogurte, iate, lanche, magazine, náilon/nylon, nocaute, piquenique, pingue-pongue, pulôver, quitinete, gim, repórter, recorde, suéter, sanduíche, tênis, trailer, vagão, voleibol, xampu etc.
Italiano	cassino, cicerone, confete, espaguete, gueto, imbrólio, lasanha, nhoque, madona, maestro, mortadela, piano, pitoresco, ricota, risoto, ravióli, soneto, pastel, lasanha, salsicha, terracota etc.
Espanhol	castanhola, cavaleiro, caudilho, ninharia, ojeriza etc.
Russo	Estrogonofe, esputinique, rublo, sovieta, vodca etc.
Chinês	chá, chávena, nanquim, pequinês etc.
Japonês	biombo, judô, gueixa, haraquiri, haicai, nissei, quimono, samurai etc.

Turco	algoz, horda, lacaio, quiosque etc.
Tupi¹³	araponga, araçá, arara, carijó, Araxá, Avaré, biboca, caboclo, canoa, capenga, carioca, Goitacá, Guarani, Guaratinguetá, Iguaçu, Ipanema, Ipiranga, Itajubá, Iracema, Itu, Iguaçu, jiboia, jururu, mandioca, pajé, Paraíba, Paraná, pereba, Pernambuco, Piauí, pitanga, pindaíba, Sergipe, tatu, Tocantins, xará, Xavante etc.
Africanas	acarajé, agogô, angu, axé, banguela, bunda, batuque, berimbau, búzio, cacunda, cachaça, cachimbo, chuchu, cacimba, cafundó, cafuné, canjica, calombo, calundu, candomblé, camundongo, carimbo, capenga, caruru, caxambu, caxumba, dendê, denngo, farofa, fubá, conga, inhame, lemanjá, jiló, macumba, mandinga, maracatu, marimba, marimbondo, maxixe, miçanga, milonga, molambo, moleque, muamba, mungunzá, pomba-gira, quenga, quiabo, quibebe, quilombo, quindim, quitute, samba, senzala, tutu, vatapá, xangô, zumbi etc.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Recanto das Letras ¹⁴(2011).

De acordo com Câmara Jr. (1994), o aportuguesamento tem maior probabilidade de acontecer quando um estrangeirismo é útil à comunidade, acrescenta ainda que os anglicismos e os galicismos são os mais frequentes na Língua Portuguesa.

Assim, o francês e o inglês são responsáveis pela maioria dos estrangeirismos da Língua Portuguesa. O francês por ter sido considerada uma língua universal, o inglês por ser a língua universal em substituição ao francês. Além disso, há uma quantidade significativa de países que têm o inglês como língua oficial. Portanto, é maior a probabilidade de o inglês ter mais influência sobre as outras línguas.

O galicismo, ou seja, palavras de origem francesa, deixou muitos empréstimos no léxico da Língua Portuguesa, ainda usados em nosso universo linguístico: bânton/batom, soutien/sutiã, fillet/ filé, buffet/ bufê, purée/ purê, pâté/ patê, ballet/ balé. Algumas permaneceram com a grafia original do francês, outras com aportuguesamento: réveillon, nécessaire, lingerie, madame, avalanche, revanche, vitrine, entre outras já elencadas.

Por diversos fatores já mencionados, sobre a entrada de palavras estrangeiras

¹³ Ao tratar as palavras de origem indígena incorporadas na Língua Portuguesa como estrangeiras há de se ter uma certa cautela, pois é um tanto quanto irônico considerar estrangeira uma língua que já era utilizada no Brasil antes da chegada dos Portugueses. Portanto, é preciso perguntar de qual ponto de vista ela é estrangeira? As consideramos estrangeirismo do ponto de vista de serem palavras de outro sistema linguístico incorporadas à Língua Portuguesa.

¹⁴Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/2914649> . Acesso em: 20 de abr. de 2022.

em nossa língua, o inglês merece atenção especial. Podemos notar no cotidiano dos brasileiros, a presença cada vez mais marcante de itens lexicais em inglês na Língua Portuguesa, os anglicismos. O inglês, como língua franca, considerada a língua universal na atualidade, influencia a maioria dos países em volta do mundo no contexto de globalização.

Biderman (2001b) ratifica que os estrangeirismos apresentam diversas origens, sendo os anglicismos os mais abundantes. Bagno (2001a), também ressalta que os estrangeirismos estão cada vez mais empregados na língua falada e escrita no Brasil, principalmente os de origem inglesa.

É importante ressaltar que os estrangeirismos provenientes da língua inglesa no léxico da Língua Portuguesa no Brasil não têm relação direta com a imigração que ocorreu no país:

Os povos de língua inglesa não estão entre os principais grupos imigrantes no Brasil, portanto não têm participação forte no processo migratório. A colônia, no século XIX, não se fez presente em todo o território brasileiro, concentrando-se nas capitais Recife, Rio de Janeiro e Salvador, onde foram instaladas várias empresas, lojas e bancos ingleses. Reconhece-se, no entanto, a influência inglesa no Brasil pela observação da transferência de traços culturais e hábitos, notadamente quanto ao vestuário (uso do chapéu, casacas, luvas, confeccionados com tecidos ingleses), objetos domésticos (louças) e moradias (disseminação do uso do vidro nas casas). (GUIMARÃES, 2005, p.25).

O contexto histórico da política mundial, tem como consequência a influência do inglês na Língua Portuguesa. No Brasil, esse fato se dá desde o início do século XIX, tanto por parte dos Estados Unidos, quanto da Grã-Bretanha:

Dentro da cultura de língua inglesa, é preciso distinguir uma vertente britânica e uma norte-americana. Não dá para se pensar na presença técnica, cultural e comercial, tanto da Grã-Bretanha como dos Estados Unidos, sem passar pelo fenômeno da língua. Embora não se tenha o número exato nem estimado de quantas pessoas falavam inglês, no século XIX, sabe-se que havia cursos dessa língua inclusive como disciplina de currículo escolar. Por conseguinte, a presença inglesa no Brasil no século XIX se dá em vários níveis: educacional, técnico, negocial e político (o Brasil ficou devendo dinheiro para a Inglaterra, tendo assumido as dívidas de Portugal). (CIÊNCIA E CULTURA¹⁵, 2005).

No contexto educacional, há uma relação histórica com a presença do inglês e sua influência na Língua Portuguesa:

Uma das presenças mais concentradas de imigrantes de língua inglesa no Brasil ocorreu em São Paulo, na cidade de Americana, que se tornou importante centro urbano, a partir do estabelecimento de imigrantes norte-

¹⁵ Todas as referências de Ciência e Cultura (2005) nesse trabalho podem ser acessadas por esse link. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerNoticia.lab?id=302>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

americanos, que, nos núcleos imigratórios bem-sucedidos, fundaram propriedades agrícolas algodoeiras e nelas viviam, onde também foram criadas escolas com professores, contratados nos Estados Unidos, responsáveis pela educação de crianças americanas. Tal prática exerceu significativa influência no sistema educacional do Brasil, quanto à metodologia de ensino e ao patrocínio da construção e manutenção de escolas. (CIÊNCIA E CULTURA, 2005).

O contexto religioso também contribuiu para disseminação do inglês na Língua Portuguesa, em consequência do crescimento das igrejas protestantes e aumento dos fiéis das religiões de vertentes evangélicas no Brasil:

Do ponto de vista religioso, os imigrantes americanos procuraram praticar suas crenças, e geralmente atribui-se a eles responsabilidade pela expansão da igreja protestante no Brasil, por meio de cultos celebrados em língua inglesa por pastores que se deslocavam, em trabalho missionário, entre várias propriedades e diversos núcleos de imigração. Na verdade, prática educativa e religião estiveram por vezes inter-relacionadas no estabelecimento de colégios protestantes, que representaram, na segunda metade do século XIX e início do século XX, projetos de divulgação do idioma inglês e expansão da vertente protestante no Brasil, com ensinamentos de cunho liberal, que encontravam simpatizantes brasileiros favoráveis à substituição da mão-de-obra escrava. (CIÊNCIA E CULTURA, 2005).

Outro fator de influência do inglês no mundo contemporâneo é o fato de ser considerado a língua global:

O inglês tornou-se uma língua global como resultado de dois fatores principais: a extensão do poder colonial britânico, que teve seu ápice no final do século XIX, e a hegemonia dos Estados Unidos como poder econômico no século XX. Para se impor como língua global, um idioma deve adquirir um papel especial reconhecido no mundo todo. Esse papel é evidente nos países em que o inglês é falado como primeira língua por grandes contingentes da população: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul e vários países caribenhos. Mas é preciso que outras nações ao redor do mundo deem a uma língua papel e funções especiais para que ela se torne língua global, seja proclamando o idioma uma das línguas oficiais do país, seja dando-lhe primazia no ensino local de línguas estrangeiras. (GRIGOLETTO¹⁶, 2005).

A influência do inglês no cenário mundial:

No caso do inglês, o idioma tem estatuto de língua oficial em mais de setenta países, a maior parte dos quais têm em comum o fato de serem ex-colônias da Inglaterra. Nesses locais, a língua inglesa é usada como meio de comunicação em um ou mais setores: na administração governamental, na educação, no sistema judiciário ou nos meios de comunicação de massa. O inglês é também o idioma mais ensinado como língua estrangeira ao redor do mundo e a principal língua de comunicação em vários domínios, como, por exemplo, a aviação, o intercâmbio científico e as novas tecnologias de informação e comunicação. A situação hegemônica do inglês, entretanto, vem sendo desafiada, em certa medida, pelo crescimento de outras línguas, tanto em questão de posição estratégica no mundo quanto de número de

¹⁶ Todas as referências de Grigoletto (2005) nesse trabalho podem ser acessadas por esse link. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=98> . Acesso em: 30 de mar. de 2022.

falantes, não necessariamente falantes nativos. O mandarim e o espanhol, especialmente, têm importância suficiente para influenciar políticas nacionais em alguns países. (GRIGOLETTO, 2005).

Além desses fatores, muitos estrangeirismos entram na língua, como alguns termos técnicos, para atender uma necessidade emergente de uma esfera de atividade humana. Os termos da informática e tecnológicos, por exemplo, pertencentes à língua inglesa se tornaram comuns na Língua Portuguesa, assim como na maioria das línguas em volta do mundo.

Temos uma infinidade de palavras que circulam em nosso contexto atual, a maioria delas preservou a escrita original do idioma, como podemos observar em mouse, internet, notebook, laptop, smartphone, site, software, hardware, wi-fi, e-mail, on-line, off-line, bluetooth, entre outras.

Considerando o princípio da heterogeneidade e da evolução da Língua Portuguesa, apresentamos algumas palavras que foram incorporadas ao nosso acervo lexical na última edição do VOLP, em 2021. De acordo com a ABL, a 6.^a edição do VOLP soma 382 mil entradas, apresenta mil palavras novas, incluindo estrangeirismos:

Assim tivemos a inclusão das entradas telemedicina, teleinterconsulta, laudar, biopsiar, bucomaxilofacial, ciberataque, cibersegurança, aporofobia, gerontofobia, feminicídio, sororidade, decolonialidade, judicialização, covid-19, infodemia, pós-verdade, negacionismo, necropolítica, homoparental, gentrificação, ciclofaixa, astroturismo, mocumentário, docussérie, apneísta, entre muitas outras. Em relação aos estrangeirismos, podemos citar o registro de botox, bullying, compliance, coworking, crossfit, delay, home office, live-action, lockdown, personal trainer, podcast, entre muitos outros da língua inglesa. Também incluímos vocábulos que atestam a influência de outras línguas, como emoji, shiitake, shimeji, do japonês, parkour, physique du rôle, sommelier, do francês, paparazzo, cappuccino, do italiano, chimichurri, do espanhol, só para citar alguns. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS¹⁷, 2022).

Diante do aumento considerável da quantidade de palavras estrangeiras incorporadas ao léxico da Língua Portuguesa, acontecendo de forma cada vez mais veloz, a preocupação com a preservação da língua acaba sendo questionada pela sociedade, como também no contexto escolar. Desse modo, consideramos importante propor uma reflexão sobre as palavras estrangeiras serem consideradas uma ameaça à descaracterização da Língua Portuguesa, um estigma que circula na sociedade.

¹⁷ Disponível em: https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/nota_editorial_da_6a_edicao_comissao_e_equipe.pdf. Acesso em: 20 de abr. de 2022.

2.2.4 Estrangeirismo e Empréstimo: dupla acusada de linguicídio?

A princípio tínhamos colocado linguicídio entre aspas no título dessa seção, “linguicídio”, pensando se tratar de um neologismo, porém em consulta ao VOLP constatamos que essa palavra já pertence ao acervo lexical da Língua Portuguesa, ou seja, já se oficializou no idioma. A escolha do termo linguicídio se deu pelo fato do uso de palavras estrangeiras serem tratadas como uma ameaça à “integridade” da Língua Portuguesa.

Ao pesquisarmos em alguns dicionários para sabermos a acepção registrada para linguicídio, encontramos apenas no Dicionário Informal on-line:

1.**Linguicídio.** **Linguicídio** é a exterminação da língua. O fenômeno do **linguicídio** é catalisado por dois tipos de agentes, os ativos que tentam eliminar uma língua e os passivos aqueles que deixam uma língua morrer. *No caso do Latim, que é uma língua morta, porém é base de várias outras línguas.* 2.**Linguicídio.** Extermínio deliberado de uma língua, morte programada de um idioma. *O idioma Tupi foi vítima de linguicídio.* (LINGUICÍDIO, 2012, grifo original).

Consideramos importante abordar essa temática, porque há o estigma de que a presença do excesso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, em especial o inglês, tende a descaracterizá-la, um receio da perda de identidade nacional da língua, como se ela estivesse correndo perigo de extinção, ou sofrendo uma ameaça de linguicídio pela dupla do estrangeirismo e do empréstimo. Com o objetivo de contribuir para desmistificar essa visão negativista acerca do estrangeirismo, apresentamos algumas reflexões e abordagens que tratam do assunto.

Ao analisar a história da humanidade, podemos observar que sempre houve línguas mais dominantes que as outras, atreladas sempre ao fator de poder econômico do país. O francês, por exemplo, já foi considerado a língua de prestígio no mundo, mas perdeu seu lugar para o inglês. Um dos principais motivos foi o estabelecimento e a hegemonia do poder econômico pelos Estados Unidos no final do século XX, em conjunto com as nações de língua inglesa, depois da Segunda Guerra Mundial, e o estabelecimento da Organização das Nações Unidas (ONU) que tem o inglês como uma de suas línguas oficiais.

Outra reflexão importante, é pensar na imposição de uma língua pelo processo de colonização. O Brasil é um exemplo desse acontecimento, pois os portugueses logo que chegaram já catequizaram os índios para imposição da sua língua, cultura, religião, costumes etc.

Segundo informações da Agência Brasil (2014), nas primeiras décadas de colonização dos portugueses, o tupi antigo era a língua de comunicação entre os índios, europeus e os mestiços que viviam em solo brasileiro. Porém, essa língua foi se perdendo ao longo da história, evoluindo para outras línguas como o nheengatu, uma variação falada até hoje na região amazônica. Na metade do século XVIII, Marquês de Pombal, primeiro-ministro português, proibiu o ensino e o uso do tupi no Brasil, decretando a Língua Portuguesa como língua oficial. O intuito era enfraquecer o movimento da Igreja Católica de catequização dos índios pelos jesuítas.

Diante dessas informações, é importante ressaltar que uma língua é extinta por fatores primordialmente políticos e econômicos, e conseqüentemente, quando deixa de ser a referência da identidade cultural do seu povo, quando deixa de ser funcional. Quando a comunidade não usa mais determinada língua na vida cotidiana, é considerada uma língua morta pelos linguistas.

O latim, por exemplo, é uma língua que desapareceu como idioma. Entre os principais motivos está a queda do império romano, entre os séculos VII e X. Gradativamente, outros dialetos foram se formando até as línguas românicas ganharem força. Por volta do século XVI, o latim já não era mais considerado uma língua viva, porém suas raízes se espalharam por diferentes países dando origem a novas línguas vivas, como o espanhol, o francês, o italiano e o português.

Apesar de o latim ainda ser o idioma oficial da igreja católica e do Vaticano não a faz ser considerada uma língua viva, pelo fato de ser utilizada por um grupo restrito, em situações específicas de comunicação e com objetivos delimitados. Em entrevista ao Gaudium Press, uma agência de notícias que divulga acontecimentos da igreja católica, em sua matéria de 24 de maio de 2018: “Por que o latim continua sendo o idioma oficial da igreja?”, o Secretário da Pontifícia Academia para o Latim explica:

em entrevista à ‘Catholic News Agency’, o Secretário da Pontifícia Academia para o Latim, Padre Roberto Spataro, explicou os motivos pelos quais o latim continua sendo o idioma oficial da Igreja Católica. Uma das primeiras razões é a de que “no Vaticano alguns dos documentos mais importantes emitidos pelos Papas e a Santa Sé estão oficialmente escritos em latim”. Além disso, a versão padrão da Bíblia, conhecida como Vulgata, também está escrita toda em latim. Outro motivo para a preservação desse idioma é a de que através do latim se pode ter contato com a vasta herança da Igreja Católica ao longo dos séculos de história e “descobrir que este mesmo idioma foi durante muito tempo o meio de diálogo entre a Fé e a Razão”. (GAUDIUM PRESS, 2018).

A tentativa de valorização do latim pela igreja católica não a torna uma língua viva, por ser de interesse de um grupo em particular e não de uma comunidade que a usa na sua rotina de comunicação. Além disso, a característica principal de uma língua

viva é seu aspecto de mutabilidade e variabilidade como a presença de outras línguas em seu léxico, por exemplo. Nesse caso, a própria igreja admite que o latim é uma língua morta e imutável:

da mesma forma como a Igreja é católica ou universal por natureza, a língua latina também é internacional, não pertencendo a nenhum país ou lugar. Além disso, por não ser uma língua viva, é imutável. Sob estes aspectos, o latim é “perfeito para as avaliações dogmáticas e litúrgicas, já que tal atividade intelectual requer uma linguagem lúcida que não deixa ambiguidade na expressão. É belo e elegante, e a Igreja sempre é amante das artes e da cultura”, concluiu o Secretário da Pontifícia Academia para o Latim. (EPC). (GAUDIUM PRESS, 2018).

Ao refletirmos sobre os motivos que levaram o latim e o tupi a deixarem de ser uma língua viva, consideramos que a presença de palavras estrangeiras no acervo lexical da Língua Portuguesa não a descaracteriza, pelo contrário, esse é um sinal de que a língua está viva. Também não há perigo da nossa língua ser extinta como idioma oficial por esse motivo. O que ocorre de fato é a sua evolução, reflexo do aspecto de mutabilidade e variabilidade presente em todas as línguas.

A preocupação com o exagero de itens lexicais estrangeiros na Língua Portuguesa é antiga. O francês, por exemplo, entre o século XVII e meados do século XX, foi considerada a língua franca, internacional, devido às influências econômicas e políticas. Podemos constatar nas revisões bibliográficas mais antigas, pesquisas que já registravam a presença de estrangeirismos, conforme Figueiredo:

constituída nos fins da Idade-Média (sic) com elementos célticos, latinos, gregos, árabes e góticos, a língua portuguesa tem recebido nos últimos cinco séculos as mais variadas contribuições, desde a influência do francês, até à (sic) do tupi, do quinchua, do caraíba, na América; do quimbundo e dialectos cafreais, na África; do chinês, do tâmul, do malaio, na Ásia e na Oceania. (FIGUEIREDO, 1938, p.8).

De acordo com os estudos sociolinguísticos, a influência de outras línguas é salutar para a língua que recebe os itens estrangeiros. Conforme Campos (1986, p.35), “o empréstimo linguístico enriquece a língua que o recebe sem tornar mais pobre a língua que o cede”. O estudo do autor direciona um novo olhar para as palavras estrangeiras, que podem ser vistas como fator positivo de contribuição para a expansão do léxico da Língua Portuguesa.

Contiero e Ferraz (2014, p. 51), corroboram a ideia de que “nenhuma língua é isenta de receber unidades lexicais de outros idiomas, sobretudo porque muito da renovação e riqueza de seu léxico advém da incorporação dessas palavras trazidas de fora e adaptadas ao nosso patrimônio lexical”.

Atualmente, a maior preocupação é com o excesso de uso de palavras em

inglês na Língua Portuguesa. Não há como negar que a quantidade de anglicismos aumentou de forma considerável nas últimas décadas. Contudo, não há motivos para preocupação, estudos e pesquisas apontam que as palavras estrangeiras enriquecem o léxico, e não modificam a estrutura do sistema linguístico. Conforme Bagno (2001a, p. 84), “os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática”. Nesse sentido, não há prejuízo para a língua ao incorporar palavras estrangeiras.

Em suas considerações, Xatara (2001, p.153) afirma que todos os estrangeirismos utilizados “não parecem representar de fato nenhuma ameaça à integridade do português brasileiro, embora inegavelmente causem em alguns, um certo desconforto, digamos, linguístico”.

Diante disso, consideramos que um fator que motiva o preconceito relacionado ao estrangeirismo, principalmente os da língua inglesa, é o desconforto linguístico apontado pela autora, pelo fato das palavras dessa língua se destacarem graficamente na Língua Portuguesa.

Então, podemos dizer que as críticas negativas ao estrangeirismo no mundo contemporâneo são feitas sem reflexão. Palavras como *light* e *diet* (do inglês), já integradas à Língua Portuguesa, podem ser vistas com um olhar estigmatizante de descaracterização da língua, ou seja, essas palavras incomodam visualmente, graficamente e fonologicamente o grupo que defende a língua sem influência de outras.

Essa situação ímpar do inglês suscita o debate teórico sobre a relação entre língua e nacionalidade. Uma questão posta por esse debate é a de saber a quem pertence a língua inglesa hoje. Não há resposta única para a questão. Pode-se considerar o sucesso internacional do inglês como resultado de séculos de exploração e opressão e entender que o poder sobre a língua continua nas mãos dos povos falantes nativos do idioma. Na direção inversa, é possível olhar para o inglês como língua verdadeiramente mundial, no sentido de idioma que se tornou um recurso a ser utilizado cultural e comercialmente por muitos grupos diversos, para além de diferenças nacionais. Alguns linguistas e linguistas aplicados defendem, ainda, uma resistência ideológica ao inglês, na direção de uma mudança de atitude que abandone a subserviência à língua ou a sua rejeição pura e simples, para reconhecer o caráter imperialista e ideológico que tem comandado a expansão dessa língua no mundo e saber dela se servir de modo estratégico. (GRIGOLETTO, 2005).

A presença dos estrangeirismos de origem inglesa é resultado, em primeiro lugar, de um processo político, econômico, seguido dos avanços científicos, tecnológicos, a popularização da internet, a qual possibilitou estreitas relações comerciais e interpessoais.

Enfim, fatores socioculturais de ordem nacional e mundial que envolvem mudanças no comportamento social influenciam diretamente mudanças no comportamento linguístico. Assim, consideramos que a dupla estrangeirismo e empréstimo acusada de linguicídio, na realidade, é reflexo do processo de construção da identidade da Língua Portuguesa, mostra que a língua está viva, e que o contato de seus falantes com os povos espalhados pelo mundo está mais em evidência na contemporaneidade. Além disso, sem precisar sair do lugar, basta um clique para que os falantes fiquem interconectados com o mundo, tendo o inglês como fio condutor.

Portanto, a rapidez com que se processou o aumento de palavras estrangeiras e a quantidade de itens lexicais incorporados à nossa língua, refletiu diretamente no aumento excessivo de palavras estrangeiras em nosso léxico. É importante pensar que desde o início, a Língua Portuguesa, assim como todas as línguas do mundo, registra a presença do estrangeirismo.

A seguir, apresentamos o tratamento estigmatizante dado ao estrangeirismo por grupos puristas, contribuindo para disseminação do purismo linguístico.

2.2.5 Estrangeirismo: Purismo e preconceito linguístico

Recentemente, observa-se que houve o estreitamento nas relações pessoais e comerciais entre os povos, o processo cada vez mais acelerado de globalização, a popularização da internet e do acesso aos canais virtuais de comunicação, variados meios midiáticos, evolução dos meios de transporte, bens de consumo físicos e virtuais, avanços computacionais, tecnológicos, científicos, entre outros. Como resultado, a Língua Portuguesa, em diferentes ambientes comunicativos, apresenta palavras estrangeiras de diversas origens, como reflexo do próprio comportamento da sociedade.

Diante dos acontecimentos e transformações do mundo contemporâneo, é comum lermos e ouvirmos críticas aos estrangeirismos, com o uso da expressão “invasão” de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, numa visão purista da língua.

O grupo de pessoas que se preocupam com a preservação da “pureza” da língua, conhecido como puristas, são contra as mudanças que ocorrem no idioma em decorrência das palavras estrangeiras. O Projeto de Lei 1676/1999 do deputado Aldo Rebelo do PCdoB/SP, tomando como exemplo, tentou proibir o uso de palavras

estrangeiras na Língua Portuguesa, inclusive gerando multas a quem o descumprisse, ratificado em Brasil (1999): “Art. 4.º Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei”.

Na primeira versão do Projeto, constava os valores estipulados para multa:

Art. 6º. O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma da regulamentação, sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas, com multa no valor de:

I — 1.300 (mil e trezentas) a 4.000 (quatro mil) UFIRs, se pessoa física;

II — 4.000 (quatro mil) a 13.000 (treze mil) UFIRs, se pessoa jurídica. (BRASIL, 1999).

Na versão definitiva, o projeto impõe a obrigatoriedade da substituição por uma palavra do português, aportuguesamento ou um neologismo no lugar da palavra estrangeira:

Art. 5º. Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência.

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado. (BRASIL, 1999).

O projeto, para punir, pautava-se na promoção, proteção, defesa e o uso da Língua Portuguesa como patrimônio cultural brasileiro:

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. Nos termos do caput do art. 13, e com base no caput, I, § 1º e § 4º do art. 216 da Constituição Federal, a língua portuguesa:

I — é o idioma oficial da República Federativa do Brasil;

II — é forma de expressão oral e escrita do povo brasileiro, tanto no padrão culto como nos moldes populares;

III — constitui bem de natureza imaterial integrante do patrimônio cultural brasileiro.

Parágrafo único. Considerando o disposto no caput, I, II e

III deste artigo, a língua portuguesa é um dos elementos da integração nacional brasileira, concorrendo, juntamente com outros fatores, para a definição da soberania do Brasil como nação. (BRASIL, 1999).

Diante disso, o uso de palavras estrangeiras poderia ser considerado prática abusiva, enganosa, danosa, como mostra o Art. 4.º do Projeto de Lei 1676/1999:

Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-

se-á:

I — Prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;

II — Prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;

III — prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira. (BRASIL, 1999).

O projeto foi alvo de críticas e movimentos de profissionais da área da ciência linguística que reagiram contra o projeto pelo fato de nenhum linguista ou profissional das letras ser consultado para elaboração do projeto, como consta em um dos textos:

ora, por que cargas d'água a um grupo de 40 pessoas — que em sua maioria nem sequer são escritores, muito menos filólogos, havendo ali médicos, jornalistas, juristas, empresários, militares, clérigos, economistas etc. — caberia tomar decisões sobre os destinos da língua falada e escrita num país com 170 milhões de habitantes? Que competência científica esses gloriabundos senhores e senhoras têm para legislar sobre o tema? Não seria mais razoável consultar, por exemplo, os quase dois mil membros da Associação Brasileira de Linguística, que reúne os cientistas, pesquisadores, professores e demais especialistas nas questões de língua, linguagem e ensino? Afinal, quem ousaria propor uma lei sobre procedimentos cirúrgicos se ela fosse rejeitada, *in limine*, pelo Conselho Federal de Medicina? Quem levaria adiante alguma proposta de legislação sobre a jurisprudência que tivesse sido reprovada, por absurda, pela Ordem dos Advogados do Brasil? No entanto, embora tenhamos no Brasil centros de ensino e de pesquisa em linguística reconhecidos internacionalmente como polos de excelência na área e dos quais já partiram inúmeras reações negativas ao projeto de lei do deputado, só se dá ouvidos — quando o assunto é língua — a pessoas que em geral apenas ouviram o galo cantar, mas não sabem onde, nem, principalmente, quando, já que a maioria das superstições que circulam no senso comum acerca da língua se cristalizaram um período histórico anterior ao nascimento de Cristo e, portanto, anterior à ciência moderna tal como a conhecemos. (BAGNO, 2001a, p.50).

Não houve adesão da sociedade, o projeto acabou sendo engavetado, na prática não obteve êxito. Porém, deixou alguns adeptos, contribuindo para prática do preconceito contra palavras estrangeiras, ainda se tenta aportuguesar palavras com o objetivo de “preservar” a língua. Se o aportuguesamento não ocorrer de forma natural, pela norma de uso da comunidade linguística, não adianta tentar outro caminho. Para Zilles (2001, p.157), “os falantes decidem sobre o uso ou não de certas formas”, logo, legislar sobre o léxico se torna uma tarefa em vão, como o Projeto de Lei citado, considerado uma tentativa fracassada.

Sobre a defesa da língua pura

é importante perguntar: defesa de quem contra quem? Defesa da pura língua portuguesa, naturalizada como nacional num território invadido e usurpado de povos falantes de outras línguas? E atacada e defendida por quem? Não são os próprios falantes que fazem os empréstimos? Por acaso, alguém toma emprestado o que não deseja? (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 24).

A visão purista pode ser justificada pela falta de contato com os estudos sociolinguísticos, bem como a falta de conhecimento da influência de palavras de diversos outros idiomas na Língua Portuguesa herdadas ao longo da história. Ou seja, a crítica é feita sem embasamento teórico, e por pessoas que não são estudiosas da área das pesquisas sociolinguísticas.

O olhar purista para a língua desconsidera a relação sociocultural estabelecida entre língua e sociedade. Assim as mudanças sócio-históricas que ocorrem na língua são vistas como problemas a serem resolvidos, desconsiderando a heterogeneidade da língua e sua natureza variacionista, assim colocam a língua de um lado e a comunidade do outro. Sendo assim, é importante refletir que

“a língua” como uma “essência” não existe: o que existe são seres humanos que falam línguas. A língua não é uma abstração: muito pelo contrário, ela é tão concreta quanto os mesmos seres humanos de carne e osso que se servem dela e dos quais ela é parte integrante. (BAGNO, 2003, p.18 grifo original).

Nos estudos sociolinguísticos não encontramos algum que contrarie a noção de heterogeneidade da língua, nem que considere a presença do estrangeirismo como prejudicial à língua materna. Nessa perspectiva, faz-se necessário pensar na contribuição da linguística para o ensino de línguas:

o que a linguística traz de positivo ao ensino de línguas são as noções fundamentais de linguagem e língua, de variedades e registros; a noção de que não há língua que não evolua; a noção de que o uso e os fatos devem prevalecer sobre preconceitos normativistas-e, sobretudo, a noção de que a língua é um saber interior, pessoal, dos falantes, de onde o ensino deve partir e em que deve, sempre, se basear. (LUFT, 2002, p. 97).

Outrossim, se tivéssemos que colocar de um lado o que é estrangeiro e o que é puro no léxico da Língua Portuguesa, o resultado não seria surpresa: o português do Brasil é uma mistura de várias línguas, existem influências de origens diversas. Acrescido do fato histórico que o português originou do latim, constatamos que não existe “pureza” em nossa língua, como não existe em outras.

A identidade da nossa língua é justamente nossa própria história, uma língua viva, em movimento constante, palavras que entram e saem, palavras que entram e ficam, palavras que saem e não voltam, palavras que retornam, palavras adotadas por outras línguas, palavras que adotamos de outros, exatamente como são os movimentos dos seres humanos.

Bagno (2001a, p.82) afirma que “não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos,

outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas”. Assumir uma visão purista, é negar a essência social da língua, além de contribuir para a disseminação do preconceito linguístico.

O Brasil é um país multilíngue. Esta característica linguística é significada politicamente pela tensão histórica entre um imaginário de unidade, comum a um grande número de países contemporâneos, e uma divisão das línguas e de seus falantes. Esse imaginário de unidade é parte da construção das identidades nacionais modernas. (GUIMARÃES, 2005, p. 22).

O estreitamento das relações sociais e culturais nas últimas décadas promoveu um espaço para ampliação da diversidade linguística, traçando um perfil híbrido para as línguas em volta do mundo, como espelho do comportamento de uma sociedade que percorre o mundo a qualquer tempo e em qualquer espaço, um mundo sem fronteiras. Se nunca foi possível impedir o contato entre línguas e a influência de umas sobre as outras em tempos remotos, agora mais do que nunca, é impossível “proteger” a “integridade” de uma língua.

Se não é possível frear o desenvolvimento científico, tecnológico, o contato entre os povos, o processo de globalização, não é possível impedir a entrada de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

A seguir, propomos uma reflexão sobre o estrangeirismo e sua dimensão social, discursiva e ideológica:

2.2.6 Estrangeirismo: dimensão social, discursiva e ideológica

É importante ressaltar que os fatores extralinguísticos são os que mais motivam e condicionam a variação e mudança no léxico de uma língua. Não há como compreender o processo de introdução de itens lexicais estrangeiros, sem se atentar para seu caráter social. Ao adotar fast-food na Língua Portuguesa, por exemplo, não foi introduzida apenas uma unidade lexical para nomear uma categoria de alimentos, mas foi importado, antes de tudo, uma mudança de comportamento nos padrões dos hábitos alimentares do brasileiro. Esse comportamento pode ser justificado como resultado do processo de globalização, a imitação da cultura norte-americana, uma quantidade significativa de redes de restaurantes padrão fast-food que adentraram ao Brasil, a expansão dos shoppings centers, entre outros fatores.

Diante desses fatos, observa-se que os itens lexicais estrangeiros introduzidos na língua materna são acompanhados de uma mudança no comportamento social e

cultural da comunidade da língua em questão. Ao observar, por exemplo, o campo lexical do item fast-food, vemos que há uma quantidade significativa de estrangeirismos que apareceram, outros reapareceram, se renovaram, outros que fixaram na língua, é o caso de pizza, hambúrguer, cheeseburger, pokes, donuts, cupcake, kebab, yakisoba, milkshake, chips, delivery, drive-thru etc.

A situação pandêmica que o mundo enfrentou no ano de 2019, relacionada à contaminação da população pelo Coronavírus, nomeado tecnicamente como Covid-19 (Corona Virus Disease - Ano 2019), é um exemplo claro da movimentação de uso de palavras estrangeiras. Houve uma mudança brusca e inesperada nas relações sociais, comerciais e econômicas da população mundial. Então, surgiu a necessidade de isolamento social, o mundo do trabalho se reinventou com as demandas emergentes, e uma série de outras situações que exigiram adaptações.

Como consequência desse contexto social mundial, algumas palavras estrangeiras apareceram, outras reapareceram, outras passaram a ser usadas com maior frequência do que antes para se referir às novas situações comunicativas que surgiram na mudança do ambiente social. Palavras e expressões como home office, lockdown, home schooling, aulas on-line, chat, feedback, live, fake news, drive-thru (de vacinas, lanches, fraldas etc.), delivery, a própria expressão Covid (Corona Virus Disease) são exemplos do reflexo do contexto pandêmico da Covid-19.

Entendemos assim, que a dimensão da quantidade de palavras estrangeiras que adentraram à Língua Portuguesa com o processo de globalização desde o final do século XX, é do tamanho da dimensão social que interconectou o mundo sem precisar sair do lugar, apenas um clique e temos o mundo em nossas mãos.

Não há como falar em estrangeirismo sem pensar nas questões ideológicas que envolvem a língua. A conquista do poder do povo A sobre o povo B se dá, em primeiro lugar, por meio da língua, ela é o veículo que conduz as ideologias de um discurso.

Dessa forma, observa-se que assim como há países mais influentes e poderosos que outros, consequentemente há línguas mais influentes e poderosas que outras. Uma coincidência que podemos observar é que, geralmente, as línguas mais poderosas são exatamente a dos países mais influentes, poderosos e ricos.

Diante disso, justificam-se os motivos que os estrangeirismos, principalmente os de origem inglesa, são privilegiados nos diferentes discursos das práticas sociais. As escolhas lexicais com preferência para itens estrangeiros estão ideológica e

tradicionalmente relacionadas à uma língua melhor, uma cultura superior, oriunda de um país melhor e mais rico do que o país de origem.

O discurso publicitário, tomando como exemplo, é um dos grandes responsáveis pela disseminação dos estrangeirismos, visto que o poder de persuasão está diretamente relacionado com a prioridade de uso de palavras estrangeiras em seus discursos, como forma de ser socialmente bem aceito. Isso se deve ao fator ideológico de que a palavra estrangeira tem mais poder, portanto mais valor na sociedade de bens e consumo.

O inglês está ideologicamente relacionado como língua oficial de muitos países de primeiro mundo e bem sucedidos economicamente. Ao se falar em língua inglesa no Brasil, logo vem em mente Estados Unidos ou Inglaterra como referência. É difícil alguém se lembrar de países como Quênia, Camarões, Nova Guiné, Ghana, países africanos, lembrados apenas na lista de países do inglês como língua oficial.

Essa é uma questão ideológica relacionada ao estigma de que os países africanos são pobres, portanto, o inglês bom é o inglês dos Estados Unidos, da Inglaterra ou dos países europeus. Da mesma forma que o espanhol de referência no mundo deve ser o da Espanha, não o de países latino-americanos como Argentina, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Bolívia etc.

O francês, por exemplo, apesar de não ser mais uma língua de influência mundial, ainda preserva a ideologia de ser uma língua “cult, chique, charmosa”, assim como seu povo e seu país. Em suas considerações, Dubois (2000) utiliza os termos de caráter melhorativo ou piorativo nas questões de escolha dos itens lexicais estrangeiros:

O empréstimo é o fenômeno sociolinguístico mais importante em todos os contatos de línguas (V. Bilinguismo), isto é, de um modo geral, todas as vezes que existe um indivíduo apto a se servir total ou parcialmente de dois falares diferentes. O empréstimo liga-se necessariamente ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala (caráter melhorativo), ou então ao desprezo no qual ambos são tidos (caráter piorativo). (DUBOIS, 2000, p. 209).

Nesse sentido, podemos pensar que, ideologicamente, uma placa de *toailete/toilette* está associada a um ambiente mais requintado. Assim como ir ao shopping será sempre mais elegante do que ir ao camelódromo. Nesses casos, a questão ideológica está mais atrelada à palavra do que ao ambiente. Em Goiânia-GO, por exemplo, alguns camelódromos trocaram suas fachadas por shopping em vez de camelódromo (mesmo continuando com a característica de camelódromo, não houve alteração na estrutura do comércio, apenas no nome).

Assim, a escolha lexical está ideologicamente associada à realidade compartilhada por um grupo dominante. A palavra estrangeira remete a um contexto de uso de maior prestígio, por isso é facilmente acolhida por uma comunidade linguística, por ter como referência a ideia de que é oriunda de um povo melhor, mais rico e mais culto.

O comportamento do ser humano se espelha no grupo social em que está inserido e no grupo que se elege como referência pelo coletivo, assim nosso comportamento linguístico, nossos discursos têm suas bases o que é de nosso interesse, com a finalidade de conquistar o que desejamos. Nesse sentido, Marcuschi (2004, p.70) afirma que “o mundo e nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sociocognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto”.

Podemos considerar que a comunidade atribui um valor social à palavra estrangeira, relacionando-a ao poder e status que ela pode causar na produção e efeitos de sentido nos discursos.

O que determina o uso de prestígio ou não, a dimensão que um estrangeirismo tem numa comunidade são as normas sociais do grupo em que está inserida, os valores e a concepção do mundo que uma comunidade deposita numa palavra estrangeira. Daí se justifica o fato dos estrangeirismos serem aceitos rapidamente em uma comunidade, e logo se integram ao sistema da língua, pois autenticam e conferem poder no discurso.

Sendo assim, nos propomos a discorrer sobre a abordagem de *Sistema, Norma e Fala* proposta por Coseriu (1973), com a finalidade de compreender o processo de variação linguística.

2.3 SISTEMA, NORMA E FALA

A língua é considerada um instrumento de comunicação humana por natureza, a mesma possibilita a produção de enunciados e a construção de sentidos necessários para que um grupo possa estruturar ideias, comunicar, compreender e se organizar socialmente para a convivência coletiva.

Considerando que a sociedade se organiza de forma estratificada, é possível afirmar que a língua se submete à norma de organização social do grupo a qual está inserida. O sentido de norma a ser estudado aqui está vinculada ao sentido de normalidade, o que é considerado normal em uma comunidade linguística, ou seja, o que é recorrente, usual para um grupo de falantes. Não se trata de norma no sentido de normatividade ou regras impostas pela gramática normativa.

Diante disso, apresentamos o conceito de *Norma* introduzida pelo linguista romeno Eugênio Coseriu (1973), para consolidar as discussões nos pautamos nos estudos de Cristianini (2007), que trata da abordagem do modelo tríplice de *Sistema*, *Norma* e *Fala*. Em síntese, o modelo tríplice:

“[...] podemos dizer que o sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o sistema em si mesmo e ainda, os elementos funcionalmente “não pertinentes”, mas normalizam o falar de uma comunidade; o falar (ou, se prefere, a fala) é a realização individual-concreta da norma, que contém a norma em si mesma e ainda, a originalidade expressiva de seus falantes” (COSERIU, 1973, p. 97 apud CRISTIANINI, 2007, p.110).

Cristianini (2007, p.111), apresenta o modelo tríplice por meio de um quadro explicativo e comparativo, entre outras informações, apresenta os níveis de abstração da língua e seus graus de variação: *Sistema*, mais abstrato e grau mínimo de variação; *Norma*, menos abstrata e grau médio de variação; *Fala*, concreto e grau máximo de variação, conforme podemos visualizar no quadro 8:

Quadro 8 – Sistema, Norma e Fala

SISTEMA		NORMA	FALA	
mais abstrato		menos abstrato	Concreto	
prescrições: regras indicativas que mostram como o Sistema se constitui	liberdades: criações, inovações que não infringem seu caráter funcional	mantém o caráter funcional do sistema e recebe as inovações da Fala	indivíduos manifestam-se por meio de seus idioletos, ou seja, suas linguagens próprias.	
		é fixado, usado e consagrado pela comunidade linguística.	criações inéditas a partir de atualizações de modelos definidos na norma	
		tem um critério estatístico: alta frequência e distribuição regular		
			repetição dos modelos responsável por explicitar a permanência e a estabilidade do Sistema linguístico	criação de elementos novos que remete à inovação
contém o que é efetivo e virtual		há muitas variáveis: classe social, faixa etária, gênero, modalidade, geográfica etc.		
possui grau mínimo de variação		possui grau médio de variação	possui grau máximo de variação	

Fonte: Cristianini (2007, p. 111).

Tendo em vista as ideias apresentadas, os estudos de Cristianini (2007) apontam ser na relação *Sistema, Norma e Fala* que se justifica o caráter de mutabilidade e variabilidade que a língua apresenta.

Ao observar os níveis de abstração, é possível dizer que a língua, em maior ou menor grau, apresenta variação em todos eles. Porém, é na *Norma* que a língua apresenta as variáveis representativas da comunidade linguística, por ser o nível de abstração que representa as escolhas do grupo em relação à criação e inovação da língua, determinadas pelo critério estatístico de alta frequência de uso pelo grupo e distribuição regular. Segundo Cristianini (2007, p.108), “podemos dizer que a norma é o padrão grupal de uso. É Norma tudo que é de uso comum e corrente numa dada comunidade linguística”.

Dessa forma, pode-se afirmar que o caráter de variação linguística se legitima

na *Norma*, por ser determinada pelo uso coletivo da língua por um grupo da comunidade. Assim, as manifestações individuais de *Fala* não são levadas em consideração no que se refere à variação que a língua apresenta.

A variação que se apresenta em uma língua é a manifestação da diversidade social e cultural da comunidade, nela que se figura a identidade dos diferentes grupos existentes. A variação ocorre por diversos fatores como faixa etária, localização geográfica, nível social e econômico, entre outros. Visto que os grupos são diversificados e estratificados, não existe uma única norma. Cristianini (2007, p. 111) afirma que “na realidade, em uma única comunidade linguística, percebemos a existência de várias normas”.

Diante disso, a abordagem do estudo do léxico em sala de aula, pautado no princípio da variação linguística, torna-se essencial no processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, assunto do qual tratamos a seguir.

2.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO

Os diversos fatores que influenciam a caracterização das variedades apresentadas pela língua, de uma forma geral, podem se agrupar em tipos diferentes: *variação diatópica*, é a variação geográfica, configura as diferenças regionais, os dialetos, o sotaque, os hábitos, costumes e cultura de uma região; *variação diastrática*, é a variação social, configura o aspecto sociocultural de convivência com um grupo específico, como o contexto de fala relacionado à faixa etária, gênero, profissão, grau de escolaridade, família etc. ; *variação diafásica*, a variação de adequação da língua aos contextos comunicativos, como a modalidade oral e escrita, norma de prestígio e norma coloquial, nível formal e informal, entre outras.

Todas as línguas apresentam variação em seus diferentes aspectos, fonológico, lexical, morfológico, sintático e semântico, com a Língua Portuguesa não é diferente, isso mostra que a língua está viva e evolui à medida que a sociedade muda. Os estudos sociolinguísticos e documentos oficiais para o ensino de Língua Portuguesa, como a BNCC e os PCN, contribuíram para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística no ensino. Entre as competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental na BNCC, consta:

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. (BRASIL, 2018, p.87).

As pesquisas realizadas pela Sociolinguística Educacional proporcionaram uma visão mais abrangente sobre o papel da escola no tratamento dado à Língua Portuguesa no âmbito escolar. As variedades linguísticas apresentadas pelos estudantes passaram a ser consideradas e valorizadas. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.133), “Os significados que alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de sociolinguística educacional”.

As variedades linguísticas que se apresentam numa determinada comunidade é o resultado de processos históricos, geográficos, culturais, convivência familiar e de grupo, nível social e econômico, faixa etária, entre outros.

A escola é um ambiente que possibilita o encontro dessas variedades, pelo fato de receber indivíduos de diferentes grupos sociais. Ao chegar na escola, cada estudante leva consigo sua identidade, sua fala, sua história, sua origem, sua classe social, bem como hábitos, gostos e costumes, além de apresentar as variedades linguísticas características do grupo o qual está inserido, reflexo de todos os fatores citados acima. Sendo assim, as marcas linguísticas dos estudantes são as marcas de sua própria história de vida.

A língua que o estudante adentra à escola não é uma escolha individual, ele não se expressa dessa ou daquela forma por opção, suas escolhas lexicais são feitas espontaneamente nos atos de fala. A linguagem apresentada por ele é o espelho do seu ambiente externo à escola.

Nesse sentido, é importante pensar que

todo grupo social pode indicar a distinção entre os seus e os outros. Isso acarreta um duplo fenômeno: por um lado, o código linguístico utilizado por um grupo tenderá a se unificar no seio do grupo e, por outro lado, esse mesmo código tenderá a se distinguir de outros códigos, seja da sociedade em seu conjunto, seja de outros grupos. (BAGNO, 2001c, p.158).

Contudo, lidar com a diversidade cultural e linguística no contexto escolar é um grande desafio para o professor. Por um lado, as variedades apresentadas pelos estudantes devem ser valorizadas, por outro lado apresentar a norma de prestígio é um dos papéis da escola, um direito que não pode ser negado ao estudante.

Enquanto a linguagem do aluno deve ser respeitada na sua individualidade, concomitantemente há o compromisso com a coletividade, ensinar a modalidade

escrita e falada conforme à norma de prestígio. A diversidade linguística reunida num ambiente voltado para um estudo da língua no seu aspecto formal, tendo a norma de prestígio como referência. Assim, é necessário

empreender um ensino crítico da norma-padrão, escancarar sua origem “elitista e coercitiva”, e mostrar que a necessidade de a dominar se prende à necessidade de que os alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas (ou seja, a imensa maioria da população brasileira) possam dispor dos mesmos instrumentos de luta dos alunos provindos das camadas privilegiadas. (BAGNO, 2003, p.186, grifo original).

Numa sociedade em que as camadas populares tiveram acesso à escola, o que não acontecia no passado, é natural que o perfil linguístico do ambiente escolar não seja mais o mesmo, pois os sujeitos também não são mais os mesmos. A diversidade de diferentes grupos que se reúnem no mesmo espaço, em torno do mesmo objetivo de aprendizagem, deve ser considerada na proposta do ensino de Língua Portuguesa.

Nesse contexto, observa-se que os falares mais distantes da norma de prestígio adentraram ao espaço escolar, assim os desafios para o professor de Língua Portuguesa em lidar com a diversidade se tornaram mais perceptíveis. Adotar a proposta de ensino que valoriza as variedades que a língua apresenta é o caminho para valorização dos próprios estudantes e para um ensino mais produtivo.

Um dos grandes problemas em debate no cenário educacional, há décadas, é a prioridade que a escola dá ao ensino de língua direcionado apenas para apropriação da norma de prestígio, desvalorizando todas as outras variedades que a língua apresenta. Além disso, ainda há a prioridade pela modalidade escrita em detrimento da oral. O estudo centrado na variação linguística deve atender às duas modalidades da língua em seus diversos aspectos.

É responsabilidade da escola proporcionar ao estudante a apropriação da escrita, sem desconsiderar a fala que ele adquiriu no seu contexto familiar e social. Não é uma tarefa fácil para o professor lidar com a modalidade oral/escrita, contexto de formalidade/informalidade, norma de prestígio/coloquial.

Numa sociedade que prevalece o uso da oralidade nas práticas sociais revela que trabalhar o sistema convencional da escrita é um desafio constante, visto que ele ainda está atrelado ao preconceito de que a modalidade que a escola deve priorizar é a norma de prestígio.

As modalidades da língua, oral e escrita, estabelecem relações intrínsecas. Na perspectiva da variação linguística, é necessário refletir sobre a interferência da fala na escrita. Considerando que é uma dificuldade enfrentada pela maioria dos

estudantes ao realizar o registro escrito das palavras com base em suas práticas de oralidade. Esse fato torna-se um motivo de preocupação para os professores, que acabam indo em busca de estratégias para tentar solucionar o problema.

O tratamento dado à escrita é o mesmo que merece a oralidade, as duas devem caminhar juntas no processo ensino-aprendizagem, se pretende ter bons resultados na escrita, é importante considerar também a oralidade, refletindo com os estudantes sobre o processo de transferência da fala para o registro escrito, de acordo com a modalidade e formalidade exigida.

Considerando que a variação de uma língua se apresenta tanto na modalidade oral quanto escrita, ambas não podem ser vistas como modalidades antagônicas, dicotômicas e desassociadas, infelizmente uma visão ainda presente na cultura escolar, a valorização da escrita e o desprezo à oralidade.

No contexto escolar, docentes relatam suas inquietudes sobre a dificuldade dos alunos em dominar a variedade escrita da língua de acordo com a norma de prestígio. Os estudos da Sociolinguística contribuem para uma visão mais abrangente sobre a influência dos fatores externos à língua, considerando que língua, sociedade e cultura mantêm uma relação intrínseca:

A língua, a sociedade e a cultura são indissociáveis, visto que interagem a todo o momento. Na realidade, temos um complexo processo que possibilita a relação do homem com o mundo e do homem com o homem, cuja mediação se dá por meio da língua. Esta por sua vez é composta de inúmeras minúcias que formam um todo a ser analisado. (CRISTIANINI, 2007, p. 120).

Uma das explicações relacionadas às dificuldades dos alunos em dominar a norma de prestígio com a rapidez que a sociedade e o sistema de ensino requerem, é o fato da maioria de os estudantes, em especial da escola pública, serem oriundos de um contexto social e familiar distante da variedade de prestígio. Para muitos, o único contato com essa variedade é na escola. Muitos estudantes são privados do acesso aos bens culturais, materiais e tecnológicos.

É importante ressaltar que não estamos dizendo que os estudantes nas condições mencionadas acima são incapazes de dominar a norma de prestígio. Entretanto, entendemos que os fatores externos que influenciam a aprendizagem da Língua Portuguesa não podem ser ignorados.

Os estudos da Sociolinguística Educacional trazem reflexões das influências do grupo social no comportamento linguístico:

O comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social. Os grupos sociais são diferenciados pelo uso da língua. Em sociedades com

histórica distribuição desigual de renda (entre as quais o Brasil pode ser considerado paradigmático), as diferenças são acentuadas e tendem a se perpetuar. Pode-se afirmar que a distribuição injusta de bens culturais, principalmente das formas valorizadas de falar, é paralela à distribuição iníqua de bens materiais e de oportunidades. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.14).

Sendo assim, dizer que antigamente os alunos aprendiam e hoje “não sabem nada”, “não aprendem português”, “falam e escrevem tudo errado”, “os professores não sabem ensinar”, é reflexo de uma visão ainda tradicional para o ensino de língua, que supervaloriza a escrita e a norma de prestígio. Além de desvalorizar o contexto social e desprezar a linguagem dos estudantes e as variedades que a língua apresenta.

Essa visão significa que não há uma reflexão sobre a história da educação, a mudança de público presente na escola e sua diversidade linguística, nem sobre o contexto atual das mudanças nas relações sociais, bem como as diferentes necessidades de uso da língua na atualidade.

Ensinar a norma de prestígio a um grupo de elite dominante, habituada e familiarizada com seu uso em contextos formais, é muito diferente que ensiná-la a um grupo misto, onde há indivíduos oriundos das mais diversas práticas linguísticas possíveis. As variedades apresentadas por esses grupos é a reprodução do seu convívio nos ambientes social e linguístico em que estão inseridos.

Apesar da mudança no perfil do ambiente escolar, as práticas tradicionais persistem no ensino, por meio de atividades mecânicas e descontextualizadas que não contribuem para o desenvolvimento linguístico do estudante, nem para uma reflexão crítica relacionada à variação apresentada pela língua.

O ensino de língua pautado na variação linguística é o que considera que a aprendizagem acontece socialmente, por meio da interação entre os sujeitos, sendo a língua a responsável em promover a interatividade na comunicação social.

Um ensino produtivo de línguas é aquele que direciona para adequação linguística, ou seja, a utilização da língua conforme o contexto, pelo grau de formalidade/informalidade, pelo ambiente e seus graus de monitoramento, levando em consideração o assunto, o ambiente, os interlocutores, o objetivo do discurso etc.

Nessa concepção, um ponto importante a ser refletido é a noção de “certo” e “errado” ainda tão enraizado no ensino de línguas, uma marca que o ensino tradicional deixou de herança. Há cobranças da sociedade, da família, do estudante, acreditando ser o papel do professor mostrar, apontar os erros que os alunos carregam em sua

fala ou escrita. Na perspectiva tradicional, a noção de “certo” é o que corresponde à norma de prestígio, o que estiver em desacordo é considerado “erro”.

Na perspectiva variacionista de ensino não existe a noção de “erro”, o que existe é o uso adequado ou inadequado da língua em relação ao ambiente, contexto, o público-alvo que o discurso se direciona. Logo, ensinar língua não significa ensinar a norma de prestígio, sem reflexão sobre seu uso, sem compreender seu papel na construção de sentido dos enunciados.

O papel do professor é o de mediador do conhecimento, logo, cabe-lhe proporcionar um ensino voltado para apropriação das diferentes variedades que a língua apresenta, possibilitando as escolhas lexicais de acordo com as diversas situações comunicativas, sem desconstruir ou desconsiderar a identidade dos estudantes.

É um trabalho mais de conscientização e reflexão, não se trata de correção e apontamentos, que não contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico. É importante que o estudante compreenda que não precisa abrir mão de sua identidade linguística, mas deve-se ampliá-la para se adequar a outros ambientes de uso mais monitorado. É preciso pensar que

erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como vimos, e culturas de letramento como a que é cultivada na escola. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37).

A escola deve promover um ensino-aprendizagem que considere as diferenças culturais e linguísticas. Desenvolver um trabalho com as variantes da língua pautado no respeito às diferenças, valorizar os conhecimentos e a opinião dos estudantes. Convidá-los a refletir sobre as diferentes possibilidades linguísticas para expressar a mesma ideia. Ao se sentir mais valorizado, confiante e seguro, será possível minimizar o estigma de que a norma de prestígio é a única que a escola deve apresentar nas aulas de Língua Portuguesa.

O estudo da variação linguística em sala de aula deve considerar também a reflexão sobre o uso dos itens lexicais estrangeiros. Assim como há o estigma e a noção de “erro” para o uso de palavras e expressões como “nóis vai, nóis gosta, nóis estava, a gente vamos, ocê, cê”, há também um estigma, uma visão purista e preconceituosa em usar home office em vez de trabalho em casa, evidente que em escalas de valores opostas.

Ao observar em graus distintos as formas estigmatizadas acima, ambas voltam ao conceito preconceituoso de um padrão estabelecido para língua, a tentativa de manter o sistema da língua intacto e homogêneo. Podemos pensar que “tirar uma selfie”, “tirar uma foto”, “bater uma foto”, cada um desses usos é rodeado de uma escala de valores na comunidade e cercados de preconceitos e estigmas.

Observamos que “tirar uma foto” pode ser considerado o “padrão”, em “bater uma foto”, pode ser considerado antiquado, arcaico, ou tradicionalmente um “erro”, “um desvio”, “um empobrecimento da língua”. Enquanto “tirar uma selfie”, pode ser vista como uma ameaça à “integridade” nacional da língua, como se fosse uma “poluição linguística” por grupos puristas.

Por um lado, há os falantes que usam naturalmente a palavra estrangeira, por outro, há um grupo que se preocupa com o exagero dessas palavras em nossa língua, e há estudiosos que apresentam estudos científicos apontando que o estrangeirismo faz parte do processo natural de uma língua.

É preciso levar essas discussões para sala de aula para que os estudantes reflitam sobre o estrangeirismo como variação linguística, numa abordagem desprovida de preconceitos. A seguir, tratamos do estrangeirismo como variação linguística de aspecto lexical.

2.4.1 Estrangeirismo como variação linguística de aspecto lexical

Num país de grande extensão territorial como o Brasil, além da história do seu “descobrimento” e colonização, a chegada de vários povos de lugares diferentes, com o intuito de desbravar as terras em que “dar-se-á nela tudo”, conforme descrito na carta de Pero Vaz de Caminha em primeiro de maio de 1500, da qual surgiu a expressão “em se plantando tudo dá” ou “tudo que se planta dá”, é natural que nossa língua apresente, notoriamente, variação geográfica, histórica, cultural, social, em diferentes aspectos, fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical. Sendo este último, o aspecto a ser refletido nesse estudo.

De acordo com Biderman (2001b), os estrangeirismos podem ocorrer por *Decalque*, *Adaptação* e *Incorporação*: *Decalque* é a versão literal da palavra estrangeira, considerado como calcos literais, por exemplo, superman/ super-homem, credit card/ cartão de crédito, hot dog/ cachorro quente; *Adaptação*, ocorre quando há semelhança fonológica e ortográfica da forma estrangeira para o português, por

exemplo, Whisky/ uísque, champagne/champanhe, hamburger/ hambúrguer, club/ clube, football/futebol (esse processo é conhecido também como aportuguesamento das palavras estrangeiras); *Incorporação*, quando a grafia original é preservada ao incorporar o item lexical, por exemplo, freezer, show, jazz, best seller, pizza, sushi, sashimi, lingerie, software, hardware.

Diante desses processos de incorporação, observa-se que durante a trajetória da palavra estrangeira, desde sua entrada na língua até sua integração ao sistema, os falantes vão “moldando” as palavras de acordo com suas necessidades e interesses, de modo a usá-las conforme os padrões fonológicos, morfológicos e lexicais do sistema linguístico da Língua Portuguesa.

Nesse ínterim, as palavras estrangeiras também podem apresentar variação linguística em seu aspecto lexical, um exemplo é o *decalque* de hot dog para cachorro quente, ambas são correspondentes em determinadas regiões do Brasil, ou seja, apresentam o mesmo valor social e cultural em determinados contextos, o que podemos chamar de variação lexical

Em se tratando da variação de aspecto lexical de uma língua, é preciso considerar que a

[...] variação lexical está intimamente relacionada ao sentido atribuído aos elementos constituintes do mundo que rodeia cada membro de uma comunidade linguística. O processo de categorização do mundo e sobre o mundo é uma característica marcante que influencia fortemente a variação lexical, traduzindo-a em sentimento de pertença a um ou outro grupo do qual faz parte o sujeito. Nesse sentido, importa dizer que a variação lexical se dá dentro das possibilidades de usos permitidos pelo sistema linguístico vigente no interior da comunidade linguística (TIMBANE; SANTOS; ALVES, 2016, p.775).

É importante considerar também que

a variação lexical é um dado constantemente presente no contraste entre línguas, dialetos, socioletos e até, por vezes, na comparação entre idioletos. Os contrastes lexicais evidentes que se manifestam na comparação entre as diversas variedades nacionais do Português são, pois, esperáveis e não devem ser entendidos senão como uma manifestação da vitalidade de cada uma dessas variedades. (VILLALVA; SILVESTRE, 2014, p. 46).

Diante dessas considerações, tomemos como exemplo a expressão entrega a domicílio e sua variante entrega em domicílio, um serviço de entrega de materiais, bens, serviços ou produtos a um determinado local (residência, comércio, indústria e outros), com a modernização da sociedade e a evolução dos meios de comunicação, em especial a telefonia fixa e móvel, as expressões apresentaram as variantes tele-entrega e telentrega, e mais recentemente, com a rápida evolução dos meios de

comunicação para os atendimentos virtuais, o serviço ganhou uma variante estrangeira: *delivery*, um empréstimo do inglês. Sendo assim, as variantes *entrega em domicílio*, *tele-entrega*, *telentrega* e *delivery*, apresentam variação lexical. Se analisarmos respectivamente essas palavras percebemos a evolução gradativa de cada uma como reflexo da história dos meios de comunicação e das relações socioculturais na linha do tempo.

Os estudos de Labov (2008, p.21) apontam que o conceito de variação linguística reside no fato de uma língua possuir “diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”. Em consonância com essa definição, Tarallo (2002, p. 9) conceitua as variantes linguísticas de uma comunidade de fala como “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

Sendo assim, o conjunto de variantes “*entrega a domicílio*, *entrega em domicílio*, *tele-entrega*, *telentrega* e *delivery*” representam uma variável linguística. A variante *delivery*, oficializada na Língua Portuguesa com a grafia do idioma original, representa que o léxico acolheu mais uma variante, a estrangeira, pela alta frequência do uso social da palavra nas relações sociais e comerciais.

Sobre a relação da variação e a heterogeneidade do léxico de uma língua:

A variação torna evidente que o léxico de um idioma é heterogêneo, ou seja, ele é composto de palavras e locuções que nascem, são ou foram usadas em vários lugares, em épocas diferentes; envolve também saberes diferenciados, usos cultos, gírias, entre outras possibilidades. Apesar disso mantém uma característica: a referência é a mesma, mas a palavra que denomina é outra. Por isso, variantes são formas de dizer distintas de uma mesma língua. (KRIEGER, 2012, p. 59).

À vista disso, é possível pensar em diversas circunstâncias que há possibilidade de variação lexical com as palavras estrangeiras, a escala de valores atribuída pelos falantes nas relações sociais é que constroem essa variação lexical, é preciso pensar nas circunstância e contextos de uso, mas de forma geral podemos citar algumas variantes para as palavras estrangeiras na Língua Portuguesa: *chat* e *bate-papo*; *fake news* e *notícias falsas*; *like*, *joinha* e *gostei*; *blackout* e *apagão*; *download* e *baixar*; *réveillon* e *ano novo*; *lingerie* e *roupa íntima*.

O prestígio social em usar uma variante estrangeira acaba determinando o item lexical que será acolhido pela língua, ou se os dois coexistirão. Observamos que *toilette*, *W.C.* e *banheiro* coexistem socialmente. Em bares, restaurantes, shoppings e outros lugares comerciais podemos encontrar as três variantes, porém há ambientes

que optam pela variante estrangeira *toilette* em vez de banheiro por agregar um aspecto mais requintado ao ambiente.

O empréstimo *home office* – expressão oficializada na Língua Portuguesa – tem como variante trabalho em casa, porém há uma certa confusão no senso comum entre *home office* e teletrabalho. É importante esclarecer que *home office* e teletrabalho, do ponto de vista das leis trabalhistas, são formas distintas de trabalho remoto. O teletrabalho possui bases legais, conforme o art. 75-B da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) incluído pela lei 13.467/17, que prevê o teletrabalho como a prestação de serviços principalmente fora das dependências do empregador, por meio de formas de telecomunicação na modalidade à distância, fora da sede empresarial. O *home office* ainda não possui uma base legal específica. O trabalhador continua prestando seus serviços normalmente, porém sem se deslocar até seu ambiente físico de trabalho, seria como levar a empresa para casa do trabalhador.

Como exemplo de *home office*, podemos citar o trabalho dos professores durante a pandemia da Covid-19, com o formato de aulas on-line, a rotina de trabalho continuou a mesma para esses profissionais, porém sem precisar se deslocar até a escola, o ambiente físico de trabalho. Devido à necessidade emergente da pandemia, a Medida Provisória 1.046/21 flexibilizou a aplicação do trabalho remoto.

As gírias também podem apresentar variação no léxico: “top” concorre com “massa”, “é 10” e “supimpa”, “legal”; para o estrangeirismo “crush” temos “paquera”, “paixonite aguda”, “amizade colorida”.

Existem alguns itens lexicais que se popularizam como variantes, foi o que aconteceu com Coronavírus (do inglês, *Coronavirus*) e Covid-19 (do inglês, *Corona Virus Disease-2019*). Ambas se tornaram variantes no uso popular, porém, tecnicamente, há uma diferença na aceção dessas palavras. Conforme o dicionário, Dicio online (2022), Coronavírus é, para a medicina uma “família de vírus que provoca variadas doenças em animais e pessoas, especialmente infecções respiratórias, sendo a sua manifestação mais severa conhecida como Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-Cov)”. Enquanto Covid-19, na medicina, apresenta a aceção de “síndrome respiratória aguda e grave que, causada pelo Novo Coronavírus, pode levar à morte (...)”. No uso popular observamos que as pessoas também usam “corona” e ‘covid”.

Enquanto algumas palavras estrangeiras apresentam variação, há casos em que não há possibilidade de escolha pelo falante, a palavra *internet* é um exemplo de

empréstimo que ainda não há uma variante. Em drive-thru ainda não temos “relativamente” uma variante, porém em um anúncio de uma rede de lanches no Brasil já presenciamos a expressão “drive tudo”, a ideia do trocadilho é ampliação do serviço de entrega ao cliente no modelo tradicional de fila de carros ou motos, passando a aceitar todos os meios de transportes (bicicleta, skate, patins, patinete etc.) no corredor de entregas.

Como podemos observar, a variação lexical não é uma tradução do item lexical estrangeiro, não é a acepção que consta nos dicionários, as variáveis linguísticas são resultantes dos construtos sociais da língua, nascem e tornam-se norma na comunidade linguística sendo motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos.

A variabilidade que a língua apresenta é uma marca de sua heterogeneidade, construída por fatores socioculturais, emergem das práticas discursivas da comunidade linguística. Nesse sentido, Mollica (2003, p. 10) afirma que "toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível".

Compreende-se, então, que o estrangeirismo contribui para o aspecto de variabilidade que a língua apresenta em seu aspecto lexical, um dos fatores que demonstram a importância do trabalho com o estrangeirismo em sala de aula. Portanto, a seguir, trataremos da relação do estrangeirismo com o ensino de Língua Portuguesa.

2.4.2 Estrangeirismo e ensino de Língua Portuguesa

Desde o advento dos PCN, década de 90, o texto passou a ser entendido como unidade comunicativa, significativa por excelência, e o estudo das estruturas linguísticas foi reestruturado, privilegiando o uso social da língua nas suas mais diversas manifestações. Apesar de se tratar apenas de um “parâmetro” e não um documento obrigatório, os PCN trouxeram uma nova abordagem para o Ensino de Língua Portuguesa.

Os conceitos de gêneros discursivos pautados nas concepções de Bakhtin (2003) passam a ser a centralidade da proposta do documento e a base para a aprendizagem da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras.

Bakhtin (2003 p. 289) afirma que o emprego da língua se efetua em forma de enunciados, concretos e únicos, proferidos pelos integrantes de uma ou outra esfera

da atividade humana. O autor também afirma que a linguagem acontece sempre por meio de gêneros, estabelecendo uma interconexão da linguagem com a vida social. Nessa perspectiva, os PCN afirmam:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequências que compõem o texto etc. (BRASIL, 1998, p.21).

Diante dessas considerações, observamos que o documento assume os conceitos de gêneros discursivos, aliado a teoria dos gêneros textuais, portanto a concepção de ensino de Língua Portuguesa nessa perspectiva é baseada no interacionismo sociodiscursivo¹⁸.

Atualmente, o documento oficial que norteia os componentes curriculares na educação básica é a BNCC, de cunho obrigatório para todo território brasileiro. A proposta segue as mesmas perspectivas apresentadas nos PCN. A função social da língua é a prioridade do ensino de Língua Portuguesa, tendo os gêneros discursivos como centralidade. Este é o requisito básico para que os indivíduos possam construir seu processo de cidadania e integrar-se à sociedade de forma autônoma, participativa e crítica. Ao assumir a concepção de ensino para Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, o documento afirma que

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem (...). (BRASIL, 2018, p.67).

Na proposta, observa-se a concepção discursiva no ensino da língua. Tal perspectiva confronta com a proposta tradicional, centrada no conteúdo, na gramática, na lista de palavras ou nomenclaturas, com abordagens descontextualizadas, favorecendo o desenvolvimento de múltiplas capacidades comunicativas que o sujeito deve dispor para responder às exigências de sua condição de ser social e

¹⁸ O interacionismo sociodiscursivo (ISD), década de 80, é uma linha teórica de uma das escolas de abordagens de gênero, a Escola de Genebra. Entre o grupo de estudiosos estão Jean-Paul Bronckart, Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly, que fundamentaram a Teoria dos Gêneros Textuais direcionada ao Ensino de línguas.

participativo.

O documento assume que ocorreram transformações nas práticas de linguagem, em consequência de uma mudança social nas formas de comunicação, proporcionadas pelos avanços tecnológicos. Na prática, isso significa que se há mudança social, há mudança na língua.

Apesar de valorizar as mudanças que ocorreram no mundo, como o desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, a BNCC, Brasil (2018), não apresenta um enfoque significativo ao ensino do léxico, nem tampouco do estrangeirismo no documento.

Ao perscrutar a BNCC, no que tange à proposta de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental – Anos Finais, apenas uma habilidade, em todo o documento, no 9.º ano, propõe o trabalho com estrangeirismo: “(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso (BRASIL, 2018, p. 191)”.

A proposta para essa habilidade é superficial e frágil ao se pensar na dimensão social, discursiva e ideológica dos estrangeirismos conforme abordamos nesse estudo, nesse sentido o documento não apresenta uma proposta efetiva.

Se na perspectiva bakhtiniana só nos comunicamos por meio dos gêneros, é preciso pensar que o léxico faz parte do todo comunicativo, não está desassociado dos gêneros. Desse modo, o estudo do léxico contribui para a formação comunicativa em diferentes esferas de atividades humanas dos estudantes. Nessa perspectiva:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 2003, p. 280).

Os recursos lexicais fazem parte dos enunciados de nossas práticas discursivas, como bem esclarece Bakhtin, isso nos leva a entender a importância do trabalho com o léxico para o desenvolvimento da habilidade de leitura e produção dos gêneros discursivos/textuais. Segundo ZILLES (2003, p. 5 apud FERREIRA et al, 2013, p. 25) considera que “o aumento do conhecimento lexical leva a um desenvolvimento das habilidades dos alunos tanto em termos receptivos (leitura e compreensão oral) como produtivos (fala e escrita)”.

Consideramos um avanço para o ensino de Língua Portuguesa o trabalho com ênfase nos gêneros discursivos/textuais. Porém, um dos equívocos que acontece no contexto escolar é desconsiderar a importância do ensino do léxico. É importante ressaltar o trabalho com gêneros não exclui o estudo do léxico, pelo contrário, torna-se essencial uma abordagem do léxico para um trabalho efetivo com os gêneros discursivos/textuais.

Considerando que o estrangeirismo faz parte do processo das transformações que ocorrem na Língua Portuguesa, afirmamos a importância dessa abordagem e discussão em sala de aula, visto que estarão presentes nos gêneros discursivos/textuais, de modo que os estudantes compreendam os fatores sociais, culturais, políticos e, acima de tudo, ideológicos que motivam a influência e presença de outras línguas na Língua Portuguesa.

Um dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa é analisar os fatos que ocorrem na língua, no momento em que estão acontecendo, como também ao longo de sua história, em outras palavras promover um estudo diacrônico e sincrônico ao analisar os processos que ocorrem na língua.

Então, entender a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo, vem ao encontro da proposta enunciativa-discursiva para o ensino de Língua Portuguesa. Ao trabalhar a variação linguística, é importante que se inclua o estudo e a reflexão sobre o estrangeirismo ao longo da história e no momento contemporâneo, para que os estudantes tenham uma compreensão global desse processo na língua.

As palavras estrangeiras estão presentes no que o estudante lê, escreve, fala, ouve, pensa, vê no shopping, no supermercado, na mídia, nos diversos produtos, nas roupas, nos objetos, nas conversas com os amigos, nas redes sociais, enfim, em praticamente todo seu universo discursivo. Nesse caso, as palavras estrangeiras presentes nas práticas discursivas dos estudantes tornam-se um material vivo para estudo e reflexão.

Conforme Brasil (2018, p. 70), “é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos”. Um estudo sistematizado do léxico, incluindo os estrangeirismos, pode contribuir com o estudante para fazer escolhas lexicais ao produzir seus discursos orais e escritos. Apresentar possibilidades de palavras ou expressões correspondentes às palavras estrangeiras, refletir sobre os motivos de escolha entre uma ou outra, de acordo com os contextos

comunicativos mais adequados para cada uma delas.

Além disso, é importante trabalhar o estrangeirismo no contexto linguístico e social dos estudantes, para que percebam a sua funcionalidade, considerando os movimentos da língua como representação do comportamento social. É importante também, promover espaços para reflexão sobre o que esses itens lexicais representam na identidade da comunidade linguística, seus valores, crenças, hábitos e costumes.

O estrangeirismo é um assunto que deve ser discutido com os estudantes:

Em suma, um levantamento dos chamados estrangeirismos (aportuguesados ou não) - distribuídos por suas respectivas áreas da experiência - poderia ampliar o debate sobre 'questões de política linguística', além de despertar nos alunos o gosto por 'olhar, observar, ter em conta a língua acontecendo, hoje, aqui, ali'". (ANTUNES, 2012, p.156).

Compreender a história da identidade cultural e linguística do país, o caminho percorrido do estrangeirismo ao empréstimo, avaliar a pertinência ou não de seu uso, significa promover o uso consciente das palavras estrangeiras na língua.

Com base em nossa experiência profissional com o ensino de línguas, tanto materna quanto estrangeira, o que se percebe é que o estudo do estrangeirismo é ignorado nas aulas de Língua Portuguesa, esse silenciamento pode trazer prejuízos ao ensino. Os itens lexicais estrangeiros são tratados como se não fizessem parte do repertório linguístico dos estudantes, ainda há o equívoco que trabalhar os estrangeirismos é papel do professor de língua estrangeira.

Apesar das contribuições da Sociolinguística com estudos voltados para valorização das variedades que a língua apresenta, aliada à proposta de ensino com centralidade no texto e nos gêneros discursivos, ainda há muitos desafios para um ensino eficaz da língua como prática social. Percebe-se um certo preconceito ou recusa em assumir um estudo voltado para o estrangeirismo na perspectiva da variação linguística.

Na prática, ainda há muitas posturas tradicionais escondidas por detrás dos discursos inovadores. Um exemplo disso, é pensar no trabalho desenvolvido em sala de aula sobre variação linguística, sem priorizar o ensino do léxico, nem incluir o estrangeirismo.

Os estudos da Sociolinguística Educacional consideram que

a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de

maneira diferenciada pela sociedade” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15).

A autora não trata especificamente do estrangeirismo em suas considerações, porém se a ideia é de valorização da diversidade oriunda do contexto social, o uso de palavras estrangeiras também deve ser tratado com a possibilidade de adequação linguística.

Além disso, a autora se refere à necessidade de os alunos estarem conscientes da variação que a língua apresenta, assim é extremamente necessário incluir as questões que envolvem o estrangeirismo como variação lexical, bem como as questões ideológicas que envolvem as escolhas do uso de palavras estrangeiras nos contextos comunicativos.

À vista disso, consideramos que as práticas de ensino baseadas no modelo tradicional, desconsiderando o aspecto da variação linguística e o uso social da língua, o silenciamento da abordagem do estrangeirismo em sala de aula, resultam no estabelecimento do purismo linguístico em relação às palavras estrangeiras. O que a escola deve fazer é proporcionar um ambiente que possibilite ao estudante fazer suas escolhas e adequações diante dos diferentes contextos comunicativos, visando minorar qualquer tipo de preconceito ou visão purista em relação à Língua Portuguesa.

Na próxima seção, apresentamos os aspectos metodológicos adotados para realização desta pesquisa.

3 MÉTODO E PROCEDIMENTOS

A temática abordada nesta pesquisa, a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, nasceu de algumas problemáticas que nos inquietaram enquanto professoras dessa área. Assim, partindo da experiência em nossa prática profissional, observamos que a presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa é um assunto polêmico no Brasil. Entre os profissionais do âmbito educacional, há vozes favoráveis e contrárias. Muitos não concordam com a presença de itens lexicais estrangeiros, questionam a oficialização dos mesmos ao nosso acervo lexical, numa visão purista da língua. Os puristas acreditam que a Língua Portuguesa deve ser protegida da influência de outras línguas, uma concepção relacionada ao nacionalismo, chamada purismo ou protecionismo linguístico.

Por conseguinte, o estrangeirismo na Língua Portuguesa é cercado de preconceitos e críticas negativas, pois há o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a língua nacional, o que acaba sendo prejudicial ao ensino da Língua Portuguesa, pois a disseminação dessa visão preconceituosa adentra o espaço escolar.

Diante desse contexto, observa-se que os itens lexicais estrangeiros são ignorados na maioria das aulas e nos livros didáticos de Língua Portuguesa, ou o tema é abordado de forma superficial e equivocada. O trabalho com léxico desenvolvido em sala de aula não inclui o estudo do estrangeirismo, nem há uma proposta efetiva de adequação linguística incluindo as palavras estrangeiras.

Tendo em vista que a presente pesquisa está centrada no estudo do estrangeirismo, visando à adequação linguística, como proposta final desse trabalho foi produzido um Caderno de Atividades, o qual poderá contribuir com o processo ensino-aprendizagem, tanto para alunos, quanto para professores. Como resultado, em decorrência dessa pesquisa, os alunos puderam ampliar o repertório lexical, compreender que há possibilidade de adequação linguística incluindo as palavras estrangeiras, e difundir a ideia da dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo. Em síntese, ampliar o uso social da língua de acordo com os contextos comunicativos.

Entendendo que há escassez de material didático relacionado à temática trabalhada, a pesquisa servirá de aporte teórico e prático para o ensino de Língua Portuguesa. Pode ser, ainda, um instrumento para auxiliar docentes de Língua

Portuguesa do Ensino Fundamental, a ter novos olhares e estratégias de ensino, para lidar com a língua de forma mais reflexiva e produtiva.

Entre os mais relevantes benefícios que esta pesquisa pode proporcionar podemos citar: a) Ao participante da pesquisa: ampliação do acervo vocabular e desenvolvimento da competência comunicativa; compreensão a respeito da relação entre usos linguísticos específicos e práticas discursivas cotidianas na sociedade; reflexão sobre o combate ao preconceito linguístico de modo a promover o respeito aos direitos civis, sociais e culturais para o ser humano; b) À sociedade: contribuição com uma proposta pedagógica disponibilizada aos docentes do Ensino Fundamental e demais profissionais do ensino de Língua Portuguesa, com vistas a implementar ações que colaborem com uma educação de qualidade, em especial na rede pública de ensino; c) À comunidade acadêmica: discussões sobre a adequação da língua, incluindo itens lexicais estrangeiros, em diferentes práticas discursivas; consideração do estrangeirismo como um processo natural a todas as línguas; sobre os fatores e motivações que levam as palavras estrangeiras a circularem em nosso cotidiano; sobre o estigma dos estrangeirismos como ofensivos à língua nacional; e sobre como as escolhas lexicais determinam o lugar discursivo do sujeito, a sua visão de mundo, a sua identidade e de sua comunidade de fala.

Um dos eixos norteadores de nossa pesquisa é a aplicação de uma sequência de atividades em sala de aula, centradas no estudo do estrangeirismo. Para isso, após uma revisão bibliográfica e documental, considerando o problema, o objetivo, a temática da pesquisa e sua aplicação no contexto educacional, adotamos como método de pesquisa, a pesquisa-ação, numa abordagem quantiquantitativa para análise e discussão dos resultados.

3.1 A PESQUISA-AÇÃO

Considerando que este estudo trata de uma pesquisa científica com objetivo de aplicação em sala de aula na educação básica, apresentamos algumas considerações sobre em que consiste o método científico de pesquisa.

Para Silveira; Córdova (2009 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31), “a pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”.

Nos estudos de Gerhardt; Souza (2009, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009,

p.25), as autoras trazem a concepção de Ciência como “um procedimento metódico cujo objetivo é conhecer, interpretar e intervir na realidade, tendo como diretriz problemas formulados que sustentam regras e ações adequadas à constituição do conhecimento”. Assim, a pesquisa científica tem o objetivo de resolver um problema, após identificação e interpretação dos fatos de uma realidade, por meio de procedimentos científicos.

Tartuce (2006, p. 12 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.25) afirma que “os métodos científicos são as formas mais seguras inventadas pelos homens para controlar o movimento das coisas que cerceiam um fato e montar formas de compreensão adequada dos fenômenos”.

Tendo em vista que a aplicação de uma pesquisa em sala de aula tem como meta aliar a teoria à prática para alcançar os objetivos propostos, consideramos que a pesquisa-ação atende bem esse requisito, por esse motivo a consideramos mais condizentes para a aplicação dessa pesquisa.

Quanto à natureza, a pesquisa aplicada, Silveira; Córdova (2009, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35) afirmam que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”.

Na prática, isso significa que a pesquisa surge de uma situação real vivenciada no ambiente de sala de aula, é realizada na sala de aula e dali mesmo surgem as respostas possíveis para a resolução dos problemas, com conhecimentos construídos coletivamente, no intuito de investigar e propor caminhos que podem resolver problemas apontados pela própria comunidade envolvida na pesquisa.

Aderimos ao procedimento da pesquisa-ação por ser uma forma de pesquisa que aproxima o pesquisador do contexto em que atua, e orienta-se para resolução de problemas, com objetivos de transformar a realidade observada. Sendo assim, consideramos a mais pertinente para a aplicação no âmbito educacional:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14).

O autor ressalta que a pesquisa-ação é favorável para os pesquisadores que não querem se limitar aos aspectos acadêmicos e burocráticos, mas estão em busca de uma pesquisa onde as pessoas possam “dizer” e “fazer”, ou seja, os envolvidos

desempenham um papel ativo, não apenas um simples levantamento de dados. Assim, é preciso definir qual é a ação, os agentes, os objetivos e os obstáculos. Ademais, é preciso delimitar o conhecimento que precisa ser produzido em função dos problemas levantados. O autor considera que a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social em que

a) há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; c) O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; d) O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; e) Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; f) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência das pessoas e grupos considerados. (THIOLLENT, 1986, p.16).

Nesse sentido, a pesquisa-ação contribui para construção coletiva do conhecimento, o professor-pesquisador promove atitudes reflexivas junto aos participantes, assim todos os envolvidos se sentem responsáveis pela busca conjunta da solução de problemas e transformação da realidade, tornando a pesquisa científica mais democrática e significativa para os envolvidos. Nesse sentido, pesquisadores afirmam que

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador. (FONSECA, 2002 p.34-35 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.40).

Outra particularidade da pesquisa-ação que nos chamou atenção é sua versatilidade para aplicação em sala de aula, pois não há um padrão fixo estabelecido, não há etapas ou estágios pré-definidos a serem cumpridos, possibilitando maior flexibilidade metodológica. Nesse sentido, Franco (2005, p. 497) ratifica que a pesquisa-ação "implica, como todo trabalho sobre a prática, um rigor

científico que se vincula mais à coerência epistemológica em processo do que ao cumprimento de um ritual de ações que se sucedem”. A autora salienta ainda sobre a complexidade e imprevisibilidade dos acontecimentos que emergem na prática durante a aplicação da pesquisa, exigindo um “agir na urgência e decidir na incerteza” por parte do pesquisador, o que ela nomeia de pedagogia da pesquisa-ação. Corroborando tal concepção Thiollent (1986, p.47) afirma que “[...] há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada”.

Dessa forma, tal procedimento de pesquisa é considerado mais pragmático em relação aos outros, conforme as considerações de Tripp (2005, p.447) ao mesmo tempo em que altera o que está sendo pesquisado, se limita ao contexto e aos princípios éticos da prática. O autor aponta também um ciclo ininterrupto na realização da pesquisa, um contínuo: “[...] planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p. 446).

Podemos afirmar então, que tal procedimento permite ao professor-pesquisador uma autoavaliação, uma autorreflexão sobre sua postura profissional, em busca do aprimoramento das práticas de ensino, contribuindo para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e o engajamento dos estudantes. Portanto, pode-se dizer que os resultados são benéficos para todos os envolvidos na pesquisa.

Ademais, o procedimento da pesquisa-ação pode contribuir para a formação de alunos-pesquisadores, estimulando-os à prática da pesquisa científica, analisando os acontecimentos e os problemas conforme suas realidades.

3.2 A ABORDAGEM QUANTIQUALITATIVA

Para análise dos dados e divulgação dos resultados da proposta de intervenção, adotamos a abordagem quantiqualitativa. Antes de refletir sobre esse método de análise, julgamos importante tecer considerações sobre o que é conhecimento científico.

Diante da busca para resolução de problemas e a construção coletiva do

conhecimento, que é a finalidade de uma pesquisa, é importante nos perguntarmos então: o que é conhecimento? E mais ainda, o que é conhecimento científico?

Assim, o conhecimento pode ser definido como sendo a manifestação da consciência de conhecer. Ao viver, o ser humano tem experiências progressivas, da dor e do prazer, da fome e saciedade, do quente e do frio, entre muitas outras. É o conhecimento que se dá pela vivência circunstancial e estrutural das propriedades necessárias à adaptação, interpretação e assimilação do meio interior e exterior do ser. Dessa maneira, ocorrem, então, as relações entre sensação, percepção e conhecimento, sendo que a percepção tem uma função mediadora entre o mundo caótico dos sentidos e o mundo mais ou menos organizado da atividade cognitiva. É importante frisar que o conhecimento, como também o ato de conhecer, existe como forma de solução de problemas próprios e comuns à vida. O conhecimento como forma de solução problemática, mais ou menos complexa, ocorre em torno do fluxo e refluxo em que se dá a base da idealização, pensamento, memorização, reflexão e criação, os quais acontecem com maior ou menor intensidade, acompanhando parâmetros cronológicos e de consciência do refletido e do irrefletido. (TARTUCE, 2006, p. 5 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.17).

A autora salienta também que nas relações sociais o conhecimento serve como referencial para pesquisa qualitativa e quantitativa, é um processo dinâmico e está sempre em construção. Conclui-se, então, que o saber e o conhecimento são fundamentais para a existência humana. O desejo de saber é inato a todos os povos, independente de crença ou raça.

Ainda sobre o conceito e os tipos de conhecimento:

(...) o homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora representações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico. (FONSECA, 2002, p.10 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.13).

Observamos nas considerações do autor que existem diferentes formas de conhecimento, entre eles está o conhecimento científico que é de interesse para a presente pesquisa:

O conhecimento científico é produzido pela investigação científica, através de seus métodos. Resultante do aprimoramento do senso comum, o conhecimento científico tem sua origem nos seus procedimentos de verificação baseados na metodologia científica. É um conhecimento objetivo, metódico, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes de falseabilidade. Contudo, o conhecimento científico apresenta um caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado. Para que tal possa acontecer, deve ser de domínio público [...]. (FONSECA, 2002, p. 11 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.14).

Sobre os conhecimentos científicos, Rodrigues (2014, p.136) define: “resulta da investigação objetiva, crítica, metódica, analítica, sistemática e verificável [...]. O conhecimento científico é aquele produzido pela investigação científica, através de seus métodos e técnicas”.

Como já informamos anteriormente, adotamos a abordagem quantiquantitativa, ao refletir sobre os objetivos deste estudo e as características básicas da pesquisa quantitativa e qualitativa. Quanto à abordagem, na pesquisa quantitativa, como o próprio nome já diz, os resultados podem ser quantificados em linguagem matemática:

A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. (FONSECA, 2002, p. 20).

Ao passo que, na abordagem da pesquisa qualitativa, Silveira; Córdova (2009, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31-32) afirmam que “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”

As autoras esclarecem ainda que esse tipo de pesquisa busca explicar os motivos dos problemas e o que deve ser feito para resolver, sem quantificar “os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens”.

Ainda sobre a abordagem da pesquisa qualitativa e o papel do pesquisador:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991, p. 58 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35).

Uma característica importante da pesquisa qualitativa conforme Thiollent (1986, p.28) é que esta possui uma estrutura que “contém momentos de raciocínio de tipo inferencial (não limitados às inferências lógicas e estatísticas) e é moldada por processos de argumentação ou de ‘diálogo’ entre vários interlocutores”, tendo como objetivo proporcionar condições para melhorar a “compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do ‘material’ qualitativo” constituído na investigação.

Dessa forma, depreende-se que esse tipo de abordagem é adequado ao perfil do contexto de investigação em sala de aula, pois permite ao pesquisador lidar com

situações diversificadas que surgem no cotidiano escolar.

Para Fonseca (2002, p. 20 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33): “A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. Nessa perspectiva, adotamos a abordagem de pesquisa quantiquantitativa, pois acreditamos que o conjunto das duas abordagens pode proporcionar resultados mais seguros, pois um completa o outro, dando maior credibilidade e segurança na descrição da análise dos resultados.

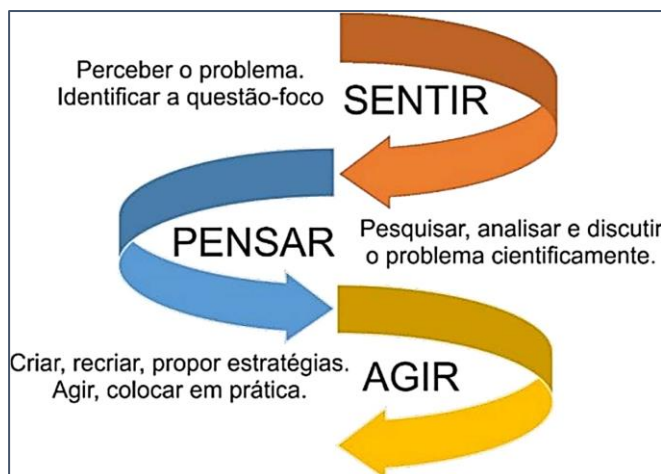
Um dos fatores determinantes para escolha da abordagem quantiquantitativa por nós, é o fato do estrangeirismo ser visto como uma forma de descaracterização da Língua Portuguesa, principalmente pela quantidade excessiva de palavras do inglês, portanto acreditamos que os números são argumentos fortes que podem nos ajudar a desvelar esse estigma com maior propriedade, sem dispensar a análise crítico-reflexiva.

3.3 OFICINAS PEDAGÓGICAS

Como instrumento pedagógico para aplicação da proposta de intervenção desta pesquisa, adotamos as oficinas pedagógicas, por entendermos que essa ferramenta vem ao encontro dos objetivos que pretendemos alcançar, pois, valoriza as experiências dos participantes e a construção coletiva dos conhecimentos, além de promover a interação entre teoria e prática.

Conforme Arriada; Valle (2012, p.4) “caracterizamos as oficinas como uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. Ou seja, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”. Diante dessa concepção, podemos refletir que as oficinas proporcionam um ambiente interativo de aprendizagem por meio da reflexão, considerando os sentimentos, pensamentos e ações dos envolvidos em torno dos objetivos de ensino propostos.

Ao encontro da concepção dos autores supracitados, Silva (2019, p.5) afirma que “a Oficina Pedagógica é importante estratégia metodológica por proporcionar o desenvolvimento de uma ação didática ordenada pela interação entre teoria e prática”. Na figura 2, podemos observar o tripé sentir-pensar-agir:

Figura 2 - Tripé sentir-pensar-agir

Fonte: Silva (2019, p.5).

Esse tripé proposto por Arriada e Valle (2012, p. 4), esquematizado na figura de Silva (2019, p.5), nos apresenta as etapas que precisam ser pensadas durante a elaboração das oficinas: o Sentir, “perceber o problema, identificar a questão-foco”, é o momento de apresentar o tema e o porquê deve ser trabalhado, qual a problemática levantada, as questões propostas em busca de respostas, o objeto de discussão da oficina. O professor-mediador deverá organizar um espaço adequado e um ambiente atrativo de acordo com a proposta da oficina, de forma que os estudantes se sintam acolhidos e motivados a participar do processo de troca de conhecimento.

Segundo SILVA (2019, p.6), “Os temas de uma oficina estão inseridos no cotidiano dos participantes, parte de um problema real, fator que estimula os participantes a compartilharem suas experiências com o conteúdo”. É importante discutir aqui o “Perceber o problema”, o termo *problema* pode ser interpretado como algo negativo, ruim, desequilíbrio, uma circunstância muito difícil de resolver. Contudo, cientificamente, o termo problema significa situações que se transformam em objeto de discussão. conforme explica SILVA (2019, p.8) é preciso “observar a realidade e identificar qual a situação que precisa ser melhorada ou resolvida.”

Na fase do Pensar, “pesquisar, analisar e discutir o problema cientificamente” é o momento de refletir sobre a interação teoria e prática, os participantes se envolvem em trocas de experiências a partir de seus conhecimentos prévios e nos conhecimentos teóricos fundamentais para compreensão e busca de respostas com parâmetros científicos sobre o objeto em discussão, com a finalidade de atingir os objetivos propostos. Em outras palavras é uma análise mais sistemática em torno do

objeto de conhecimento investigado, a partir de uma realidade observada na prática. Sendo assim, saberes populares e conhecimentos científicos se completam. Para isso, é preciso propor estratégias e dinâmicas atrativas para incentivar e motivar os participantes na investigação e na realização da pesquisa.

Na fase do agir, “criar, recriar, propor estratégias, agir, colocar em prática”, é o momento dos estudantes colocarem os conhecimentos em prática, por meio da reflexão, criação e produção, para isso é preciso estratégias para os estudantes se mantenham interessados na criação colaborativa, e manter uma estrutura dinâmica e interacional, compartilhando conhecimento em sala de aula por meio de trabalhos em duplas e em grupos, produção de materiais didáticos como produto final, construídos a partir da reflexão e de uma avaliação crítica ao longo do processo.

As aulas por meio de oficinas, conforme as considerações de Silva, Gomes e Lelis (2012), apresentam um caráter educativo, inovador, atrativo e dinâmico. O professor tem a oportunidade de inserir diversas estratégias para exercitar o conhecimento crítico, analítico e significativo para os estudantes, produzindo resultados que contribuem com o processo ensino-aprendizagem.

Por entender que as oficinas pedagógicas apresentam uma perspectiva reflexiva e crítica, a teoria voltada para prática, tendo como objetivo refletir sobre a trajetória que se inicia por um domínio teórico até sua aplicação em sala de aula, é que a escolhemos como instrumento pedagógico.

A construção dos conhecimentos na articulação teoria-prática contribui para as respostas às demandas decorrentes do contexto da vida em sociedade que adentram ao espaço escolar. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico em sala de aula deve ser voltado para compreensão dos acontecimentos sociais, superando as práticas tradicionais de ensino, voltadas para definição de conceitos, memorização, nomenclaturas, de reprodução acrítica e desarticulada do objeto do conhecimento como ocorrência da vida cotidiana, oriundos das relações sociais.

Nas oficinas pedagógicas, os participantes compartilham experiências:

Os temas de uma oficina estão inseridos no cotidiano dos participantes, parte de um problema real, fator que estimula os participantes a compartilharem suas experiências com o conteúdo; os participantes se envolvem na construção do conhecimento, deixam de ser meros expectadores e passam a ser atores da aprendizagem; permitem interação entre a reflexão, teoria e prática; permitem avaliar os resultados e promove debates; desenvolvimento da criatividade. (VIEIRA E VALQUIND, 2002 apud SILVA, 2019, p.6).

A valorização da participação dos estudantes como protagonistas da

aprendizagem na proposta das oficinas, torna a aprendizagem e a busca pelo conhecimento mais significativo, rompendo com o modelo tradicional, centrado no professor, único responsável pelos conhecimentos. Sendo assim,

o professor ou coordenador da oficina não ensina o que sabe, mas vai oportunizar o que os participantes necessitam saber, sendo, portanto, uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor. Desse modo, a construção de saberes e as ações relacionadas decorrem, principalmente, do conhecimento prévio, das habilidades, dos interesses, das necessidades, dos valores e julgamentos dos participantes (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 79).

Diante disso, podemos afirmar que a oficina pedagógica, por meio da ação e da reflexão, muda o foco e a perspectiva da centralidade no professor, para o foco do trabalho em equipe, os alunos participam de forma ativa e reflexiva do processo de construção e apoderamento dos conhecimentos. Nessa perspectiva, o educador e pesquisador Freire (1996, p.12), sabiamente, defende a tese que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

As oficinas promovem a participação reflexiva por parte dos envolvidos, tanto professor como os alunos se sentem responsáveis pela produção do conhecimento e a articulação entre a teoria e a prática em torno do objeto de estudo, com a finalidade de alcançar um resultado voltado para resolução dos problemas. Portanto, em sala de aula,

[...] a oficina pedagógica constitui-se num importante dispositivo pedagógico para a dinamização do processo de ensino-aprendizagem, particularmente por sua praticidade, sua flexibilidade diante das possibilidades de cada escola e [...] por estimular a participação e a criatividade de todos os seus integrantes (MOITA; ANDRADE, 2006, p. 11).

Os autores defendem ainda a ideia de que as oficinas pedagógicas são de natureza abertas e dinâmicas nas situações de ensino e aprendizagem, além de articular os saberes populares e os saberes científicos.

No entanto, é importante ressaltar que a relação teoria e prática é um desafio constante, não é uma tarefa tão simples como se parece, requer participação coletiva e esforço dos envolvidos para que os resultados sejam consolidados a partir da articulação teoria e prática. O domínio de um conhecimento teórico, em nosso caso, uma teoria linguística, não é garantia de uma aplicação didática de sucesso, saber como aplicar o conhecimento e a escolha dos instrumentos para aplicação são de grande importância. As dificuldades e as situações desafiadoras que surgem durante a trajetória podem se tornar em oportunidades para reflexão e avanços na

aprendizagem. As experiências pedagógicas exigem posicionamento crítico.

Nesse sentido, os instrumentos metodológicos utilizados no desenvolvimento das oficinas devem valorizar os saberes e a cultura dos estudantes, sem desconsiderar os saberes sistematizados constituídos cientificamente.

Outro aspecto a ser considerado é a relação estreita, a proximidade entre o professor–pesquisador e os alunos. O ambiente de sala de aula durante a realização das oficinas torna-se um espaço coletivo de valoração de experiências e construção de conhecimentos de todos os envolvidos. O aluno posiciona-se de forma ativa, tornando um sujeito reflexivo no processo de construção de sua aprendizagem, tendo o professor como alguém que está ao seu lado para pensarem juntos os possíveis caminhos que conduzem a resultados positivos.

Para isso, é preciso um planejamento sistemático e flexível para realização das oficinas, constantes reflexões durante a execução, direcionando para os ajustes necessários ao alcance dos objetivos. De acordo com Paviani; Fontana (2009, p. 79) “[...] o planejamento prévio caracteriza-se por ser flexível, ajustando-se às situações-problema apresentadas pelos participantes a partir de seus contextos reais de trabalho”.

Conquanto, Paviani; Fontana (2009, p. 79) esclarecem que é na fase da execução que as oficinas assumem características diferenciadas das abordagens tradicionais, aquelas centradas no professor e no conhecimento racional. O caráter diferenciado das oficinas se dá, especialmente, pelo papel do professor como mediador do conhecimento, onde todos os envolvidos podem contribuir de forma reflexiva para a melhoria do ensino-aprendizagem e para busca de soluções construídas coletivamente.

Sendo a flexibilização uma das características da oficina pedagógica, Paviani; Fontana (2009, p. 79), sobre a execução das atividades, afirmam que a apresentação de procedimentos e técnicas diversificadas tem foco em atividades práticas e a valoração da interação entre os participantes, com trabalhos em duplas e grupos, num constante diálogo, uma negociação que se processa durante todos os encontros das oficinas com propostas de tarefas para busca da resolução de problemas das dificuldades ainda existentes. Para isso, inclui no planejamento de projetos de trabalho, “a produção de materiais didáticos, a execução de materiais em sala de aula e a apresentação do produto final dos projetos, seguida de reflexão crítica e avaliação”.

Diante do exposto, por entender que as oficinas pedagógicas propõem o trabalho em equipe, professor e aluno caminham juntos na produção dos conhecimentos necessários para a aprendizagem, consideramos um instrumento metodológico condizente com nossa proposta.

Nesta pesquisa, a proposta de intervenção foi aplicada em duas etapas: na primeira etapa, após o recrutamento dos participantes e assinatura dos termos de consentimento, aplicamos o questionário sociogeolinguístico para conhecer o perfil dos participantes e o questionário de sondagem inicial para levantamento dos conhecimentos prévios, aplicados em 2 horas/aula, em março de 2022; a segunda etapa foi a aplicação das oficinas pedagógicas que se deu nos meses de agosto a novembro de 2022.

As atividades foram elaboradas visando a alcançar os objetivos propostos da pesquisa, e está fundamentada nos pressupostos teóricos da revisão bibliográfica e documental. Para isso, as atividades foram distribuídas em cinco oficinas, totalizando 24 horas/aula de 50 min.

3.4 O ESPAÇO ESCOLAR: NO MEIO DO CAMINHO TINHA UM PRÉDIO

A aplicação da proposta de intervenção se deu em dois espaços físicos diferentes, em março de 2022 fizemos o recrutamento dos participantes e a aplicação dos questionários em um prédio, enquanto a aplicação das oficinas, nos meses de agosto a novembro de 2022, ocorreu em um novo prédio, em outro endereço.

Por qual motivo isso aconteceu? Por ser uma construção antiga, paredes de placa e outros problemas na construção, o prédio da escola em que iniciamos a proposta de intervenção estava, há tempos, com um processo para demolição por parte da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, apesar de correrem os trâmites legais, ainda não haviam especificado a data para a derrubada, nem tínhamos uma previsão para desocupação do prédio. Também não tínhamos informações oficiais se iriam construir outra unidade no mesmo endereço em que estávamos, nem sabíamos o destino dos alunos, professores e funcionários. Até então era tudo uma incógnita.

Desde 2010, a professora-pesquisadora estava lotada nessa unidade de ensino e sempre ouvia essa mesma história. Porém, para nossa surpresa, no início de maio de 2022, recebemos o comunicado da direção da escola que seria nosso último dia naquela unidade. Por determinação da Secretaria Estadual de Educação

de Goiás, deveríamos retirar nossos pertences dos armários, pois começariam a mudança do mobiliário para outra unidade no dia seguinte. Além disso, em breve dariam início a derrubada do prédio. Ficamos todos atônitos com a notícia, foi uma mistura de sentimentos, nostalgia e expectativa, tristeza e alegria ao mesmo tempo.

Todos da unidade, equipe diretiva, funcionários administrativos, professores e alunado foram transferidos coletivamente para um prédio vizinho, em um novo endereço e para uma escola, com um novo nome. Portanto, a mudança foi predial e documental, o material humano continuou o mesmo.

Sobre o prédio novo para o qual nos endereçaram, esclarecemos que era uma escola antiga na região que foi demolida e reconstruída. Esse novo prédio estava em construção desde 2009, então era uma reivindicação antiga da comunidade para que fosse finalizado. Ao terminarem as obras em 2022, nos transferiram para ele. Portanto, a lotação dos profissionais mudou perante a Secretaria de Educação de Goiás, bem como os alunos foram matriculados na nova escola.

Como a aplicação das oficinas aconteceu no prédio novo, nos delimitamos a falar sobre ele na descrição a seguir. Localizada em um bairro de área urbana periférica na cidade de Goiânia-GO, a escola faz parte da rede estadual de ensino de Goiás, atende estudantes da Educação Básica, distribuídos em alunos de 1.^a a 3.^a série do Ensino Médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno, e alunos do 7.^o ao 9.^o ano do Ensino Fundamental apenas no período vespertino. A professora-pesquisadora atua como regente de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Ensino Fundamental no período vespertino, e Ensino Médio no período noturno.

Segundo informações do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a maioria dos estudantes do Ensino Fundamental moram nas redondezas da escola ou bairros circunvizinhos, são oriundos de famílias com nível socioeconômico variado, de média a baixa renda, sendo a última predominante, filhos de trabalhadores autônomos ou assalariados, de profissões variadas como pequenos comerciantes, feirantes, funcionários públicos, com predominância para trabalhadores do ramo de confecção. Isso se deve ao fato de Goiânia ter cerca de dez mil empresas de confecção, contar com uma logística privilegiada por estar localizada na região centro-oeste, no coração do Brasil, e ser um polo atacadista de roupas e moda em geral. Assim, atrai comerciantes e turistas de várias partes do país e também de países vizinhos.

Apesar dos fatores internos e externos, a escola encontra-se, segundo a comunidade, num patamar de referência como exemplo de ensino de qualidade e

organização.

A escola, para muitos estudantes, é o único espaço de referência para práticas de esporte e acesso à Educação e à Cultura, visto que muitos são privados de bens materiais e de acesso à prática de esporte, cultura e lazer em outros espaços.

O prédio novo foi construído no Padrão Século XXI, com amplo espaço, quadra coberta, espaço de convivência, laboratórios de informática e química, biblioteca, 12 salas de aulas, cozinha, secretaria etc.

A escola é bem equipada de recursos pedagógicos e tecnológicos; em cada sala de aula possui uma TV Smart, um projetor multimídia e uma caixa de som instalados. Cada professor recebeu um notebook do governo de Goiás, em agosto de 2022, que pode ser facilmente instalado para ministrar as aulas. Porém, durante a aplicação das oficinas encontramos dificuldade para usar o laboratório de informática, devido à instabilidade da rede de internet. Isso se deu pelo fato de o prédio ser novo, a rede estava em fase de instalação e teste, manutenção e ajustes.

Assim, nossa proposta de intervenção foi desenvolvida nesse duplo cenário. Consideramos a mudança de prédio benéfica para autoestima dos estudantes, professores e toda comunidade escolar, pelas melhores condições no espaço físico e material. Ao analisar as mudanças ocorridas nesse ínterim, acreditamos que não houve interferência nos resultados da pesquisa em consequência da transferência de prédio.

3.5 QUESTÕES ÉTICAS

Considerando o fato de lidarmos com uma pesquisa voltada para as práticas dos eventos sociais da língua em ambiente escolar, é fundamental que façamos uma reflexão sobre as questões éticas na seleção dos participantes, elaboração dos instrumentos de coleta de dados, visto que um trabalho de pesquisa dessa natureza, deve-se pautar no respeito e na solidariedade.

A ética, segundo Cenci (2002, p. 90 apud PAIVA, 2005, p.44), “nasce amparada no ideal grego da justa medida, do equilíbrio das ações”. Cenci explica que “a justa medida é a busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos”. Dessa forma, Paiva (2005, p.44) afirma que “se a pesquisa envolve pesquisadores e pesquisados – ou pesquisadores e participantes –, é importante que a ética conduza as ações de pesquisa, de modo que a investigação não traga prejuízo

para nenhuma das partes envolvidas”.

É de conhecimento de todos que as pesquisas no âmbito do PROFLETRAS são aplicadas em instituições de ensino público. Sendo assim, é importante estar atento às questões éticas para não gerar constrangimento para instituição e para os envolvidos. PAIVA (2005, p. 46) alerta sobre a tendência das pesquisas em expor as fragilidades desse sistema de ensino, para autora há “um preconceito generalizado contra as escolas públicas e um desejo de expor suas deficiências, sem, contudo, lhes dar o devido retorno”. A autora salienta ainda que apontar falhas, sem trazer nenhum retorno para os pesquisados é, no mínimo, irresponsável e só desestabiliza o que já está fragilizado. Nessa mesma perspectiva:

Certamente, o pesquisador deve ter cuidado para que sua pesquisa não seja usada para tirar a voz e caçar o poder de quem está em situação de desigualdade. Fazer pesquisa, i.e., produzir conhecimento, é uma forma de construção de significado prestigiada na sociedade e, portanto, impregnada das relações de poder inerentes à prática discursiva. Assim, os resultados de nosso trabalho podem ser usados para desempregar, condenar, criar incompetência, etc. (MOITA LOPES, 1996, p. 9 apud PAIVA, 2005, p.46).

Diante dessas observações, procuramos seguir os protocolos dos Códigos de Ética em Pesquisa com seres humanos, preservando a identidade, imagem, privacidade, confidencialidade e integridade dos participantes. Além disso, ponderamos outras considerações apontadas por Paiva (2005) para realização da pesquisa, entre elas, não alterar a rotina do ambiente escolar, nem o contexto dos pesquisados, nem o planejamento da instituição.

Sendo assim, informamos à instituição e aos participantes sobre os objetivos e benefícios para os envolvidos na pesquisa por meio de reunião e documento escrito, ponderamos que o risco mínimo pode ser a eventual identificação dos participantes, porém todos os esforços são tomados para preservar o sigilo dos mesmos.

Tomamos, ainda, o devido cuidado para preservar o respeito aos participantes ao elaborar os instrumentos de coleta de dados, como o questionário e atividades propostas nas oficinas.

Para selecionar os participantes, solicitamos à equipe diretiva a inclusão de um item na pauta, para apresentação da pesquisa, na primeira reunião de pais dos alunos do 7.º ano do Ensino Fundamental, ocorrida no início de fevereiro de 2022, para entrega dos livros didáticos, momento que costuma reunir um bom número de pais. Nessa ocasião, apresentamos a proposta da pesquisa aos pais e alunos para o recolhimento das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do

Termo de Assentimento para o Menor.

Nessa reunião, além das informações sobre os objetivos e metodologia do projeto, pais e alunos foram informados sobre o sigilo na preservação da identidade dos participantes, os critérios de inclusão e exclusão, a liberdade de participar ou não da pesquisa, sem qualquer prejuízo para qualquer aluno. Ainda, foram informados sobre o direito de se desvincular da pesquisa, a qualquer momento que desejassem, mesmo tendo entregue os termos assinados.

Ressaltamos ainda que, independentemente, do aluno e seu responsável legal entregarem ou não o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento para o Menor, todos os alunos das duas turmas participariam das atividades de intervenção propostas na pesquisa, considerando que as atividades da pesquisa estão nos planos de aulas quinzenais a serem ministrados, e em conformidade com o currículo oficial do sistema de ensino do estado de Goiás. Esclarecemos que somente os dados referentes aos alunos participantes seriam computados para os resultados.

Informamos também que todas as atividades do projeto seriam realizadas no horário regular das aulas, no período que o aluno estuda, turno vespertino, seguindo o calendário oficial da unidade de ensino sob coordenação da delegacia metropolitana de Goiânia, da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Não se utilizariam horários alternativos ou o contraturno.

Estabelecemos como critério de inclusão dos participantes, ser aluno matriculado e frequente em uma das turmas de 7.º ano do Ensino Fundamental selecionadas para aplicação da pesquisa, e a entrega de dois termos assinados, conforme orientação legal do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com a assinatura dos pais ou responsáveis concordando com a participação do aluno na pesquisa, e o Termo de Assentimento para o Menor assinado pelo aluno, confirmando que quer participar da pesquisa, mesmo que seu responsável legal já tenha consentido.

Nossa expectativa era conseguir em média 30 alunos como participantes, porém se houvesse um número maior de termos entregues assinados aceitaríamos todos.

Como critério de exclusão ficou estabelecido se o aluno menor não apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado pelos pais ou responsáveis, e o Termo de Assentimento para o Menor assinado pelo aluno

participante, ou decidir se desvincular do projeto em qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo ao aluno participante em qualquer uma das hipóteses.

Sendo assim, a seleção dos participantes da pesquisa se deu mediante à entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento para o Menor (TALE), após reunião com os pais e estudantes para esclarecimentos da pesquisa e das bases legais.

Nosso objetivo era reunir um grupo de 30 participantes, entretanto, recebemos 35 termos assinados, assim decidimos que seria interessante acolher todo grupo que demonstrou interesse em participar, pois em caso de alguma desistência ou transferência da unidade escolar, teríamos ainda um número de participantes dentro da expectativa.

3.6 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A proposta de intervenção da pesquisa foi realizada em uma escola da rede oficial de ensino em Goiânia-GO. Os participantes dessa pesquisa foram estudantes de duas turmas de 7.º ano do Ensino Fundamental, turno vespertino. A seleção do local e das turmas se deve ao fato de ser onde a professora-pesquisadora tem vínculo efetivo e ministra aulas de Língua Portuguesa como regente dessas duas turmas de Ensino Fundamental.

Como participantes da pesquisa tínhamos inicialmente um grupo de 35 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 22 do sexo feminino, faixa etária entre 12 e 13 anos. Em relação à participação por turma, temos 23 participantes da turma X e 12 participantes da turma Y (nomes fictícios das turmas). Acreditamos que a maior participação da turma X se deve ao número maior de pais que participaram da reunião.

Em relação ao estado de origem dos participantes, a maioria nasceu no estado de Goiás, seguido da Bahia, Maranhão, Pará e Minas Gerais. Sobre o estado de origem dos pais e/ou responsáveis, constatamos que a maioria também nasceu em Goiás, seguido do Pará, Bahia, Tocantins, Maranhão, Minas Gerais e Distrito Federal.

Os dados acima foram retirados do questionário do perfil sociogeolinguístico aplicado aos participantes, consideramos importante trazer essas informações devido nosso estudo tratar de um tema que envolve a variação linguística.

Informamos que, ao finalizar a proposta de intervenção, o número de participantes decresceu de 35 para 30 participantes, visto que quatro participantes

pediram transferência de escola, e uma participante, infelizmente, faleceu em decorrência de complicações no quadro de saúde. Para uma melhor visualização, a seguir apresentamos o perfil dos participantes por meio de gráficos: o gráfico 1 mostra o número de participantes por turma; o gráfico 2 mostra o número de participantes por sexo; o gráfico 3 mostra a idade dos participantes; o gráfico 4 mostra a origem dos participantes; o gráfico 5 mostra a origem dos pais e/ou responsáveis dos participantes:

Gráfico 1 – Número de participantes por turma



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 2 – Número de participantes por sexo



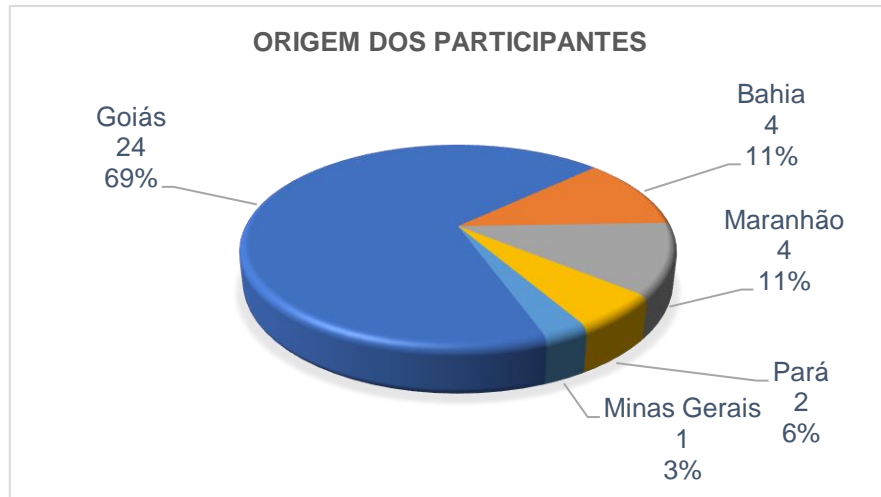
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 3 – Número de participantes por idade



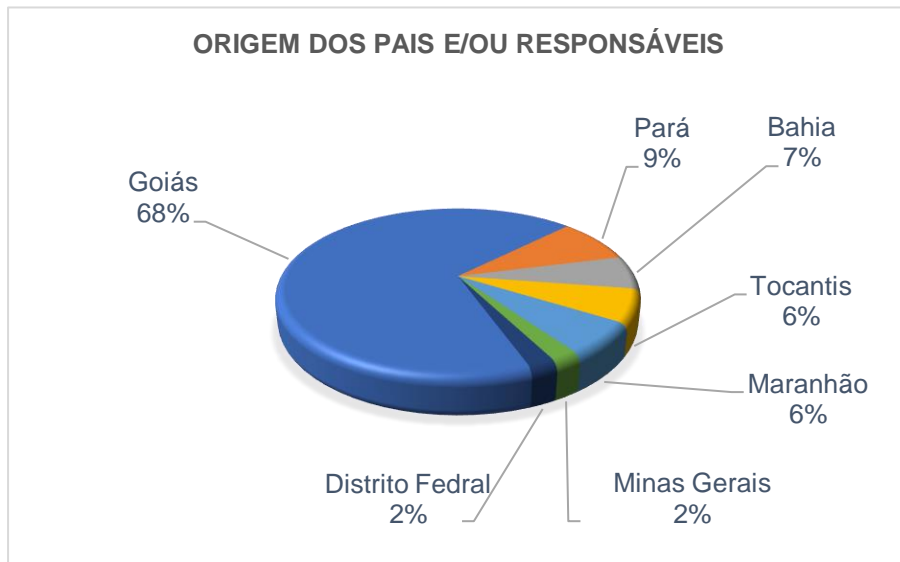
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 4 – Origem dos participantes



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 5 – Origem dos pais e/ou responsáveis



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Consideramos esses dados dos participantes importantes para análise dos resultados, pois as variáveis de quantidade de alunos por turma, sexo, faixa etária e, principalmente a origem geográfica dos participantes e de seus pais ou responsáveis influenciam diretamente nas questões de análise linguística das atividades de pesquisa e produções textuais propostas nas oficinas.

Nas variáveis de quantidade de participantes por turma observamos que o maior número de participantes são aqueles em que as famílias são mais presentes, pois os pais compareceram à reunião da escola. Enquanto na turma de menor quantitativo de participantes, a participação dos pais ou responsáveis não foi representativa, sabemos que esse fator familiar influencia diretamente no comportamento e no desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

Nas variáveis de sexo prevaleceu o sexo feminino em detrimento do sexo masculino, consideramos que esse fator pode influenciar na análise dos resultados das produções textuais, pois o vocabulário e as formas de expressão, o interesse pelo assunto é diferente de um sexo para outro.

Em relação à faixa etária, consideramos que pode haver pouca influência nos resultados por ser bem homogênea, apenas um participante com 13 anos e os demais 34 participantes com 12 anos. Ainda assim, é preciso considerar que a maturidade biológica, emocional e psicológica varia de um indivíduo para o outro, fatores que influenciam também nas questões linguísticas.

Consideramos que o fator de maior influência para os resultados da pesquisa são os dados da origem geográfica dos participantes e seus familiares, no estudo da variação linguística fica evidente que, linguisticamente, cada região do Brasil apresenta suas especificidades como fruto dos fatores históricos e socioculturais.

Acreditamos que essas variáveis, assim como outras, podem influenciar em uma pesquisa que envolve o estudo do léxico e da variação linguística, porém esse não é o foco de nossa análise nesse trabalho, portanto não teceremos comentários específicos da influência dessas variáveis na descrição dos resultados.

3.6.1 Relação faixa etária e linguagem

Considerando o ano escolar dos participantes da pesquisa, 7º ano do Ensino Fundamental, e a faixa etária entre 12 e 13 anos, é importante pensar nesse público e nas formas de manifestação de linguagens comuns a essa fase da vida. Sobre essa

faixa etária, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma:

Os estudantes dessa fase inserem-se em uma faixa etária que corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Nesse período de vida [...], ampliam-se os vínculos sociais e os laços afetivos, as possibilidades intelectuais e a capacidade de raciocínios mais abstratos. Os estudantes tornam-se mais capazes de ver e avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro[...]. (BRASIL, 2018, p.60).

A faixa etária dos estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais é a fase da vida em que estão em processo de formação da identidade, em busca da autonomia, avaliação crítica dos valores morais e éticos, questionam regras e normas e requerem uma atenção especial por parte dos adultos, principalmente da família e da escola.

As mudanças próprias dessa fase da vida implicam a compreensão do adolescente como sujeito em desenvolvimento, com singularidades e formações identitárias e culturais próprias, que demandam práticas escolares diferenciadas, capazes de contemplar suas necessidades e diferentes modos de inserção social. (BRASIL, 2018, p.60).

Nessa fase, os adolescentes se espelham nos padrões comportamentais do grupo da mesma faixa etária em diversos aspectos, aparência física, no vestuário, acessórios, design do cabelo, nas músicas, nas atividades de lazer e, principalmente, na linguagem própria, característica dessa fase da vida. Segundo Brasil (2010 apud BRASIL, 2018, p. 60), “Isso requer dos educadores maior disposição para entender e dialogar com as formas próprias de expressão das culturas juvenis, cujos traços são mais visíveis, sobretudo, nas áreas urbanas mais densamente povoadas”.

Na BNCC, a área de Linguagens do Ensino Fundamental – Anos Finais é composta pelos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. Como afirma Brasil (2018, p.63), “a finalidade é possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens [...]”.

Outro aspecto que a BNCC ressalta é o engajamento dos estudantes à cultura digital, cada vez mais presentes na sociedade:

Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. (BRASIL, 2018, p.61).

Diante disso, a escola deve promover espaços para debate e reflexão sobre as novas formas de linguagem que chegam com a cultura digital, contribuindo com o desenvolvimento do estudante para aprender a lidar com a superficialidade e a quantidade de informações, a cultura do apelo emocional e do imediatismo, além da propagação da cultura das notícias falsas, conhecidas também como fake news.

É preciso, ainda, incentivar os adolescentes a refletirem criticamente sobre os valores e padrões estabelecidos à sociedade pelos meios midiáticos e pela cultura digital e, acima de tudo, o papel imprescindível da linguagem na realização dos discursos e o poder de manipulação do universo digital, a utilização da linguagem como veículo de ideologias dos grupos dominantes. Nessa perspectiva, refletir sobre o estrangeirismo é essencial para essa faixa etária.

Dessa forma, a escola tem o papel de promover a aprendizagem proporcionando espaços para interação e reflexão sobre as especificidades relacionadas à faixa etária dos estudantes, e motivá-los a participar das discussões que envolvem os problemas da sociedade.

À vista disso, esse público apresenta características singulares, especificidades próprias, a linguagem sendo uma delas. Portanto, demanda que as aulas de Língua Portuguesa tenham como foco propostas que discutam com os estudantes as transformações sociais e linguísticas.

Ao abordar o estrangeirismo na perspectiva da variação linguística, nossa pesquisa contribui para a realização das ideias supramencionadas.

3.7 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Para composição do *corpus* e análise dos dados, aplicamos inicialmente um questionário aos participantes da pesquisa, em meados de março de 2022, com a finalidade de fazer uma sondagem inicial, verificar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre estrangeirismo e empréstimo. O questionário é composto de 15 questões objetivas com espaço para comentários, aplicamos também um questionário para traçar o perfil sociogeolinguístico dos participantes. No segundo momento, elaboramos uma sequência de atividades que foram aplicadas aos participantes entre os meses de agosto a novembro de 2022, por meio de cinco oficinas pedagógicas, totalizando 24h/aula de 50min cada.

Portanto, o *corpus* do trabalho é constituído pelos dados obtidos no

questionário de sondagem inicial, pelas respostas dadas pelos participantes na realização das atividades propostas durante aplicação das oficinas pedagógicas, nas produções textuais escritas e orais. Além disso, o *corpus* também é composto pelo relato das observações feitos pela professora–pesquisadora com as impressões sobre o desenvolvimento das oficinas e comentários dos participantes durante a realização das atividades, por meio do registro em um diário de anotações utilizado durante a aplicação de cada oficina.

Entre os instrumentos que utilizamos para coleta de dados e composição do *corpus* durante as oficinas podemos citar: o trabalho com os gêneros discursivos/textuais por meio de leitura, discussões e propostas de atividades sobre a presença do estrangeirismo em embalagens, rótulos, cardápios, vitrines de lojas em shoppings, panfletos, anúncios de pratos e lanches, reportagens, tirinhas, entre outros; os resultados de pesquisas realizadas pelos participantes no VOLP e no dicionário escolar impresso de Língua Portuguesa; entrevistas com a comunidade escolar e familiar sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa; produção de texto narrativo sobre crush; produção de cartazes e trabalhos digitais sobre o estrangeirismo como resultado da influência da cultura estrangeira na cultura brasileira em diferentes temas: música, culinária, dança, esportes, moda, aparelhos eletrônicos, palavras mais usadas na pandemia da Covid-19; projeção em sala com apresentações orais e discussões sobre os assuntos pesquisados pelos participantes; elaboração de proposta de variação e adequação linguística realizada pelos participantes por meio de um quadro de palavras estrangeiras trabalhadas ao longo das oficinas; produção de diálogos considerando a adequação linguística do estrangeirismo aos contextos e situações comunicativos.

Para consolidar os resultados, apresentamos um panorama analítico por meio de gráficos e quadros elaborados pelas autoras, com o levantamento dos dados quantitativos com base nas respostas dos participantes, seguidos de exemplares de produções e análise qualitativa, por meio de observações e discussões com base nas abordagens teóricas dessa pesquisa.

Por fim, organizamos o material produzido para a realização das oficinas em um Caderno de Atividades, a ser disponibilizado aos docentes de Língua Portuguesa da escola onde a pesquisa está sendo realizada, como também a docentes de áreas afins, e outros profissionais de outras escolas. O Caderno de Atividades será disponibilizado em arquivo PDF em canais virtuais de comunicação, por ser um meio

de divulgação de amplo alcance. Essa escolha de divulgação se deu pela praticidade de uso do material por parte dos docentes, visto que, com a mudança no formato das aulas para o contexto virtual durante a pandemia da Covid-19, os arquivos digitais se tornaram mais frequentes, práticos e acessíveis no ambiente escolar. O Caderno de Atividades está disponibilizado no apêndice C desta dissertação (p.267).

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A proposta de intervenção pedagógica foi aplicada em duas etapas: na primeira etapa, após o recrutamento dos participantes e assinaturas dos termos (TCLE e TALE), aplicamos o questionário sociogeolinguístico com intuito de conhecer o perfil dos participantes e o questionário de sondagem inicial para levantamento dos conhecimentos prévios, aplicados em 2 horas/aula, em março de 2022; a segunda etapa foi a aplicação das oficinas pedagógicas que se deu entre os meses de agosto a novembro de 2022.

Consideramos importante fazer dois esclarecimentos: apresentamos o resultado do questionário sociolinguístico na seção 3.6 Participantes da pesquisa (p.125); os questionários foram aplicados no mês de março de 2022, portanto apresentam uma janela até o início das oficinas em agosto de 2022. O objetivo foi analisarmos antecipadamente o perfil e os conhecimentos prévios dos participantes, a fim de apresentarmos os resultados na banca de qualificação em junho de 2022.

A seguir, apresentamos a descrição da aplicação da proposta de intervenção e a análise dos resultados dos dados coletados que constituiu-se em *corpus* da pesquisa. Para consolidar os resultados, construímos um panorama analítico por meio de quadros, figuras e gráficos, com o levantamento dos dados quantitativos e análise qualitativa, tendo em vista que esta pesquisa é de cunho quantiqualitativo.

4.1 QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL

O questionário de sondagem inicial foi aplicado em meados de março de 2022, com o objetivo de analisarmos os conhecimentos prévios dos participantes sobre estrangeirismo e empréstimo. Os trinta e cinco participantes da pesquisa estavam presentes e responderam às questões. O questionário é composto por 15 questões de múltipla escolha, em algumas delas há espaços para comentários e/ou exemplos.

O questionário pode ser visualizado na íntegra no apêndice A (p.263-266). A seguir, apresentamos os resultados por meio de gráficos, seguidos da análise dos dados por questão.

4.1.1 Resultado do Questionário de Sondagem Inicial

Para apresentar os resultados, por uma questão de organização, utilizamos os códigos alfanuméricos, de R1 a R35, elegemos “R” para representar “Resposta” e a numeração de 1 a 35 para representar a ordem das respostas dadas em cada questão. Optamos por não utilizar um código para cada participante.

As respostas foram apresentadas conforme a escrita original dos participantes, sem intervenções, correções ou modificações, colocamos, entre aspas, a transcrição literal das respostas na frente do código alfanumérico. Apresentamos os resultados computados em cada questão por meio de gráficos, seguidos da descrição do objetivo e análise das respostas. As questões estão numeradas de 1 a 15 conforme a ordem do questionário aplicado. A seguir, apresentamos a questão número 1:

1. Você já deve ter percebido que usamos muitas palavras estrangeiras em nosso dia a dia. Você já deve ter ouvido alguma dessas frases: “Se você gostou desse vídeo deixe seu **like**¹⁹”, “Vou tirar um **print** de tela da nossa conversa”, “Minha mãe faz **cupcake** para vender”. As palavras **print**, **like**, **cupcake**, são consideradas **estrangeirismos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

Gráfico 6 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 1



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Obtivemos oito comentários na questão 1:

R1, R2, R3, R4, R5: “Eu não sei se já estudei”;

R6: “estudei, mas não lembro em qual aula”;

¹⁹ Utilizamos negrito em algumas palavras do questionário com a finalidade de chamar atenção dos estudantes ao ser aplicado em sala de aula.

R7: “já, mas não me lembro muito bem”;

R8: “Estudei no curso de inglês on-line”.

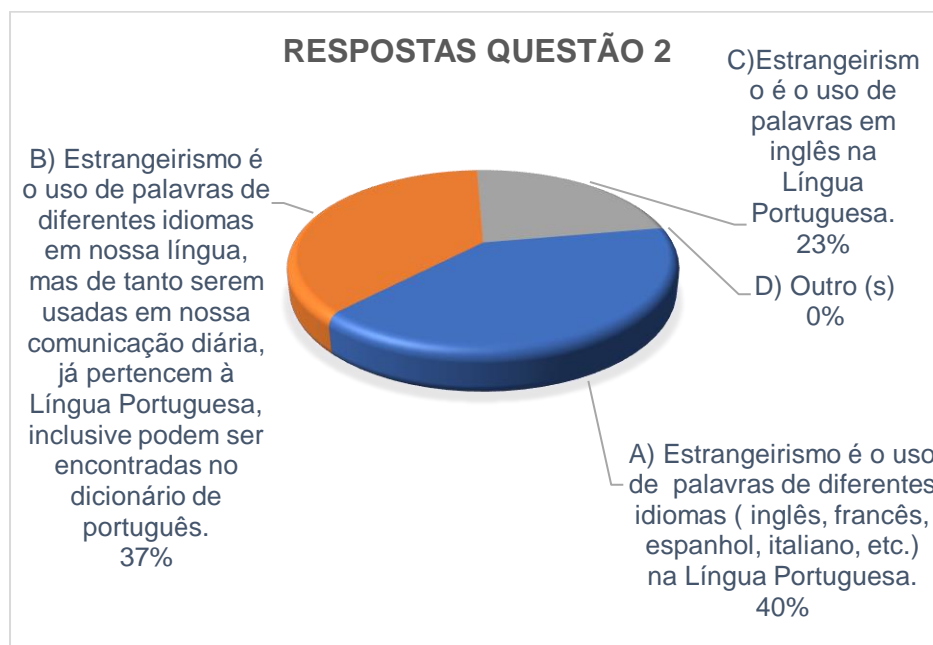
O objetivo dessa questão é confirmar ou não um dos problemas levantados por nós em relação ao silenciamento do estrangeirismo na sala de aula e o equívoco de que esse assunto é papel do professor de língua estrangeira.

Os resultados apontaram que 26% dos participantes não estudaram sobre o assunto na aula de Língua Portuguesa, 26% estudaram na aula de inglês e 31% assinalaram outros (totalizando 83%), enquanto 17% dos participantes assinalaram que já estudaram na aula de Língua Portuguesa.

Diante dos resultados obtidos, concluímos que o estrangeirismo não apresenta uma abrangência significativa, é um assunto pouco tratado nas aulas de Língua Portuguesa. seguir, apresentamos a questão número 2:

2. Qual definição você daria para **estrangeirismo**?

Gráfico 7 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 2



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 2 é verificar se os participantes apresentam uma visão do estrangeirismo associado apenas às palavras em inglês ou a noção que existem palavras de diferentes idiomas presentes na Língua Portuguesa.

Os resultados apontaram que 40% dos participantes assinalaram que o estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas, 37% que o estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas e já pertencem à Língua Portuguesa

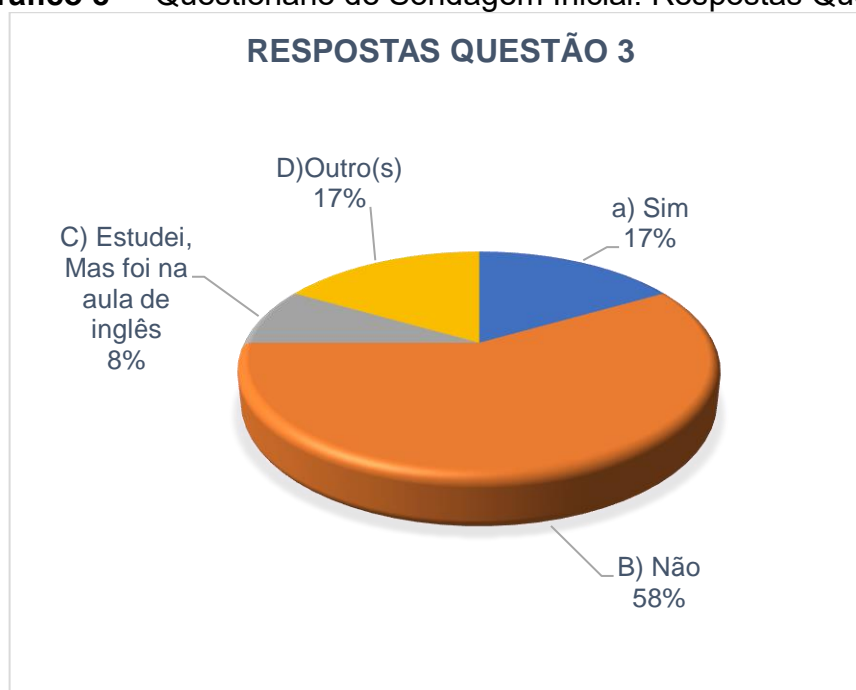
(totalizando 77%), enquanto 23% consideram que o estrangeirismo é o uso de palavras em inglês na Língua Portuguesa e 0% para outros.

Diante dos resultados, consideramos que a maior parte dos participantes têm noção de estrangeirismo como a presença de diferentes idiomas na Língua Portuguesa e não apenas palavras do inglês. A seguir, apresentamos a questão número 3:

3. No período de pandemia, ouvimos muito essa frase nos noticiários de Goiânia: “Atenção: hoje haverá vacinação contra **covid-19** no Passeio das Águas **Shopping** pelo sistema **drive-thru**”. As palavras **Covid-19**, **Shopping**, **drive-thru** são consideradas **empréstimos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

Gráfico 8 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 3



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Obtivemos seis comentários na questão 3:

R1, R2, R3: “já ouvi falar, mas não sei em qual aula”;

R4: “já ouvi falar, mas não sei onde”;

R5: “Estudei no curso”;

R6: “Eu não me lembro de ter estudado”.

O objetivo da questão 3 é verificar se os participantes já estudaram sobre empréstimo – no sentido linguístico - e se esse assunto é abordado nas aulas de Língua Portuguesa ou nas aulas de Língua Inglesa, e ainda, se o uso do termo

estrangeirismo é mais comum para os participantes em detrimento do termo empréstimo.

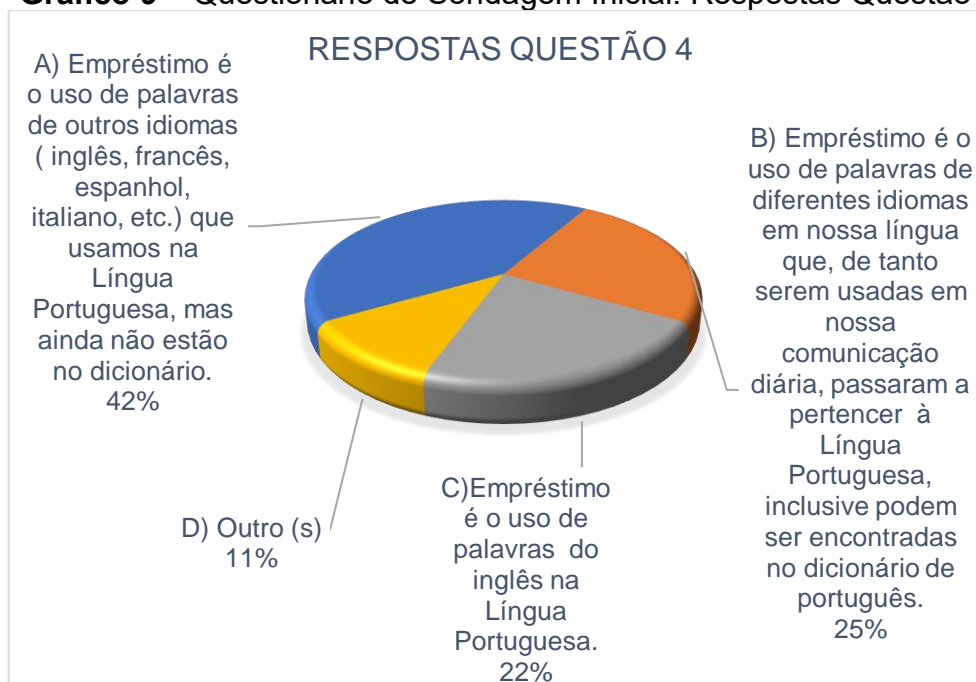
Os resultados apontaram que 58% dos participantes não estudaram sobre o assunto na aula de Língua Portuguesa, 8% estudaram na aula de inglês e 17% para outros (totalizando 83%), enquanto 17% dos participantes estudaram sobre o assunto na aula de Língua Portuguesa.

Diante desses resultados, consideramos que o empréstimo é pouco abordado nas aulas de Língua Portuguesa, como também nas aulas de Língua Inglesa. Conforme já prevíamos, o termo estrangeirismo é mais familiar aos participantes do que empréstimo.

Em nossa análise, consideramos três fatores que podem justificar maior porcentagem para o conhecimento do estrangeirismo em detrimento do empréstimo: primeiro, a abordagem do termo estrangeirismo na sala de aula é feita de forma genérica; segundo, o desconhecimento do processo de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, ou seja, quando o estrangeirismo passa a ser empréstimo; terceiro, diferentes perspectivas teóricas do tratamento do assunto nos materiais didáticos, não diferenciando os termos estrangeirismo e empréstimo, ou utilizam outros termos na abordagem. A seguir, apresentamos a questão número 4:

4. Qual definição você daria para **Empréstimo**?

Gráfico 9 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 4



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Obtivemos quatro comentários na questão 4:

R1, R2: “Eu já ouvi falar, mas não lembro”;

R3: “não estudei sobre isso”;

R4: “Empréstimo é pegar uma certa quantia em dinheiro emprestado no banco”.

O objetivo da questão 4 é sondar o conhecimento dos participantes sobre a definição de empréstimo no sentido linguístico.

Os resultados apontaram que 42% dos participantes consideram o empréstimo como palavras estrangeiras não dicionarizadas, 25% consideram palavras de diferentes idiomas e podem ser encontradas no dicionário, 22% consideram como uso de palavras em inglês na Língua Portuguesa e 11% declararam outros. Isso significa que 75% dos participantes apresentam equívocos ou desconhecimento sobre o empréstimo, em detrimento de 25% que declararam o empréstimo como palavras de diferentes idiomas pertencentes à Língua Portuguesa.

Consideramos, de acordo com nossa perspectiva teórica, que há equívocos por parte dos participantes na definição dos termos estrangeirismo e empréstimo. A seguir, apresentamos a questão número 5:

5. Se fosse para você pesquisar o significado da palavra **bullying** na biblioteca da sua escola, qual dicionário você pegaria?

Gráfico 10 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 5



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 5 é verificar se os participantes têm noção que podem

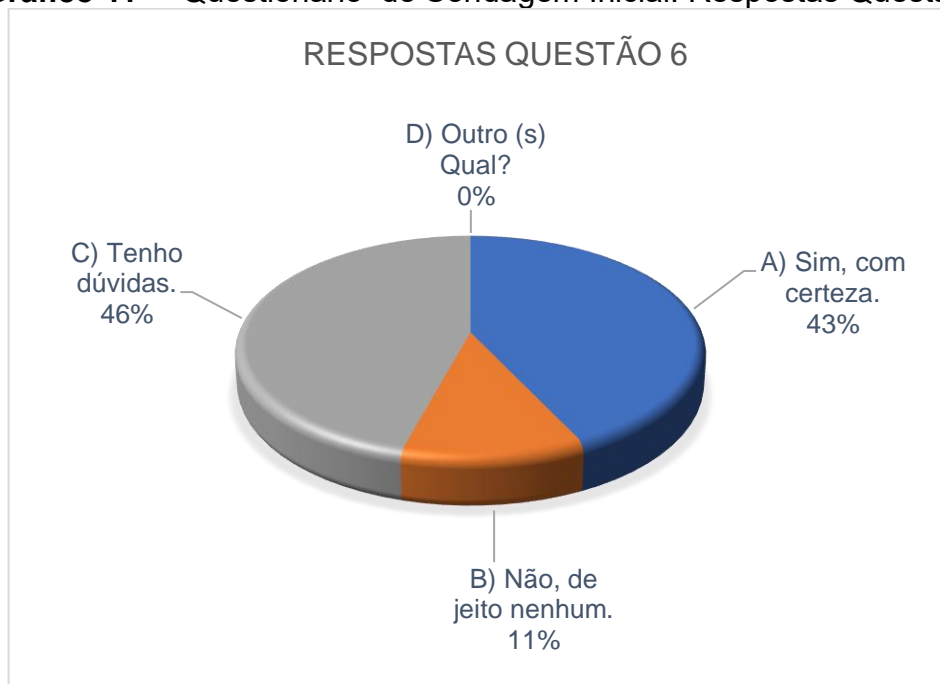
encontrar o termo bullying no dicionário de Língua Portuguesa, assim podemos sondar o conhecimento deles da presença de palavras estrangeiras nesse dicionário. Elegemos bullying para pesquisa por ser um assunto trabalhado com frequência em sala de aula e discutido com os adolescentes, ou seja, é um termo utilizado num contexto mais específico de comunicação.

Os resultados apontaram que 54% dos participantes têm dúvida em qual dicionário procurar, 34% tem certeza que está no dicionário de inglês (totalizando 88%), enquanto 12% dos participantes têm certeza que encontram no dicionário de português.

Com base em nossa experiência em sala de aula, já esperávamos esse resultado. Podemos afirmar, então, que poucos participantes têm conhecimento de que as palavras estrangeiras podem ser encontradas no dicionário de Língua Portuguesa, e a maioria fica em dúvida se deve pesquisar no dicionário de inglês ou português. A seguir, apresentamos a questão número 6:

6. As palavras **internet**, **site**, **mouse**, **e-mail** são muito usados em nossa comunicação. Você acha que podemos encontrar essas palavras no dicionário de português?

Gráfico 11 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 6



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 6 é verificar se os participantes têm conhecimento que

podem encontrar as palavras internet, site, mouse e e-mail no dicionário de Língua Portuguesa, considerando que são termos da informática amplamente utilizados pela população em geral. Além disso, pretendemos comparar os dados com a questão 5, considerando que o termo bullying é utilizado em contextos mais específicos de comunicação.

Os resultados apontaram que 46% dos participantes têm dúvida, 11% consideram não encontrar (totalizando 57%), enquanto 43% têm certeza que encontram os termos no dicionário de Língua Portuguesa.

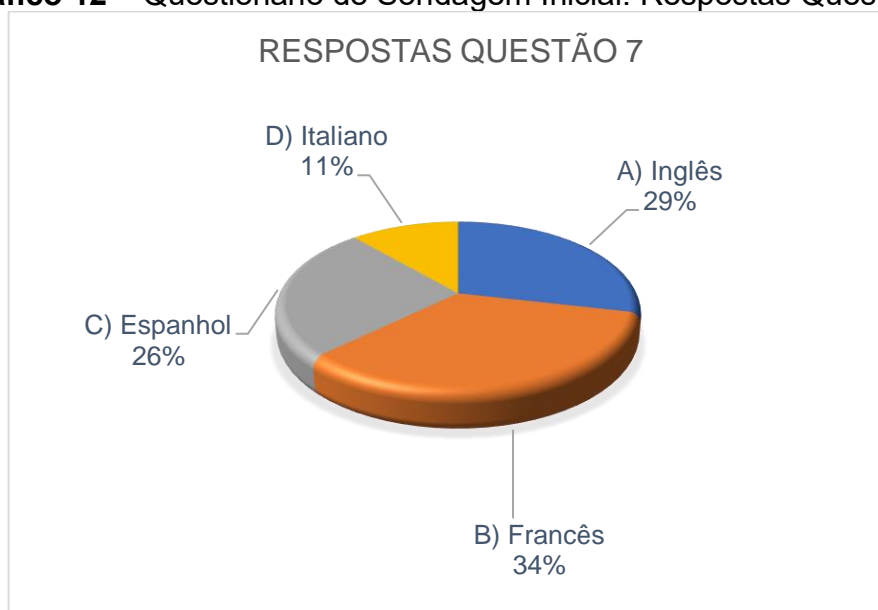
Os números revelam que uma porcentagem menor dos participantes afirma encontrar os termos da informática no dicionário de Língua Portuguesa.

Os dados comparativos entre as questões 5 e 6 nos permite afirmar que os participantes têm maior conhecimento de termos mais populares que circulam no cotidiano de uma comunidade linguística do que termos utilizados em contextos mais específicos de comunicação. A seguir, apresentamos a questão número 7:

7. Observe como as palavras a seguir eram escritas no idioma original: sutiã (soutien), batom (bâton), maquiagem (maquillage).

De qual idioma você acha que originou essas palavras?

Gráfico 12 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 7



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 7 é verificar se os participantes têm noção da presença de palavras em francês na Língua Portuguesa.

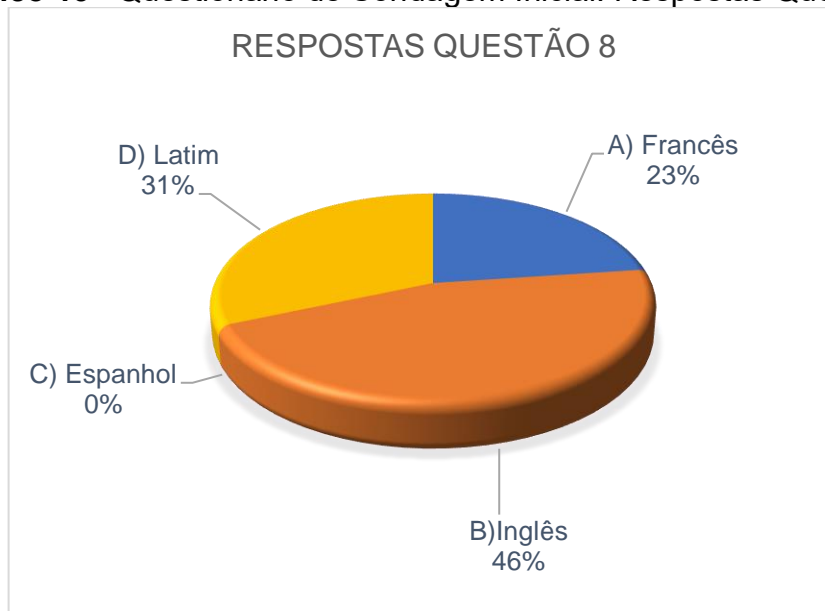
Os resultados apontaram 34% para o francês, 29% para o inglês, 26% para o espanhol e 11% para o italiano, portanto, o percentual para o francês foi maior que do

inglês e dos outros idiomas.

Consideramos que os participantes têm noção da influência do francês na Língua Portuguesa, o que nos surpreendeu, pois acreditávamos que o inglês teria a maior porcentagem. A seguir, apresentamos a questão número 8:

8. De qual idioma você acha que originou as palavras em destaque: “Ele tem **déficit** de atenção”, “Ela postou no **status** que está solteira”, “Brasil **versus** Argentina”.

Gráfico 13– Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 8



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 8 é verificar se os participantes têm noção da presença de palavras do latim na Língua Portuguesa, considerando que *déficit*, *status* e *versus* são empréstimos do latim. Além disso, temos a finalidade de constatar se o inglês é apontado como a língua de origem de uma palavra quando se desconhece de qual idioma ela veio.

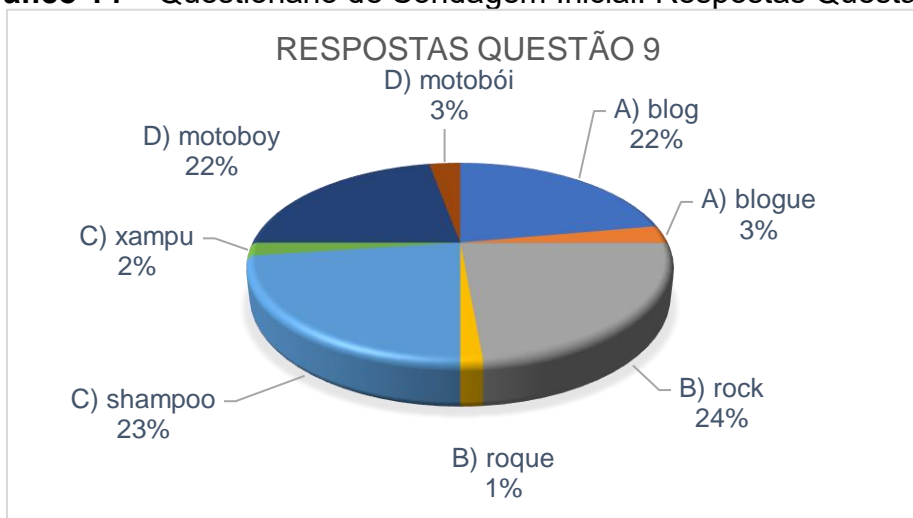
Os resultados apontaram 46% para o inglês, 31% para o latim, 23% para o francês e 0% para o espanhol. Diante desses números, observamos que o inglês obteve o maior número de respostas.

Constatamos que o inglês é a língua mais apontada quando se desconhece o idioma de origem das palavras. O latim ficou em segundo lugar na porcentagem, consideramos que ainda assim, houve um bom número de escolhas para esse idioma, acreditávamos que a porcentagem seria menor. A seguir, apresentamos a questão número 9:

9. Quais dessas formas você usa para escrever as palavras a seguir?

- a) () blog Ou () blogue
 b) () rock Ou () roque
 c) () shampoo Ou () xampu
 d) () motoboy Ou () motobói

Gráfico 14 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 9



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 9 é verificar se os participantes optam pela grafia das palavras estrangeiras ou com aportuguesamento, no caso de palavras que apresentam essa possibilidade.

Os resultados apontaram para a escolha de 22% para blog, 24% para rock, 23% para shampoo e 22% para motoboy, totalizando 91% para as palavras estrangeiras. Por outro lado, o resultado foi de 3% para blogue, 1% para roque, 2% para shampoo e 3% para motobói, totalizando 9% para as palavras com aportuguesamento.

Diante desses dados, podemos afirmar que os participantes, em sua grande maioria, optam pela grafia estrangeira, mesmo existindo a possibilidade da grafia com aportuguesamento. Outro dado importante é que alguns participantes, em seus comentários, alegaram desconhecimento da grafia dessas palavras com aportuguesamento, acreditamos que esse é um dos fatores que motivam a opção pela palavra estrangeira. A seguir, apresentamos a questão número 10:

10. Qual das duas expressões você mais usa nas conversas com seus amigos?

- a) () Gosto de hot dog com bastante molho! ou () Gosto de cachorro-quente com bastante molho!
- b) () Esse celular é top ! ou () Esse celular é muito bom!
- c) () Adorei essa selfie! ou () Adorei esse autorretrato!
- d) () Essa informação é fake! ou () Essa informação é falsa!

Gráfico 15 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 10



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 10 é sondar se os participantes, numa conversa com os amigos, optam por expressões que tenham a variante estrangeira em detrimento da variante da Língua Portuguesa.

Os resultados apontaram 4% para hot dog, 17% para top, 23% para selfie e 13% para fake, totalizando 57% das escolhas para as variantes estrangeiras. Por outro lado, os números foram de 24% para cachorro-quente, 8% para muito bom, 0% para autorretrato e 11% para notícia falsa, totalizando 43% das escolhas para as variantes em português.

Diante disso, observa-se a preferência do uso das variantes estrangeiras pelos participantes em conversas com os amigos na maioria das palavras, com exceção para hot dog e selfie.

É importante tecer algumas considerações em relação a hot dog e cachorro-quente, a variante em português obteve o maior número de respostas. Os participantes comentaram que utilizam as duas, porém em contextos diferentes, nos

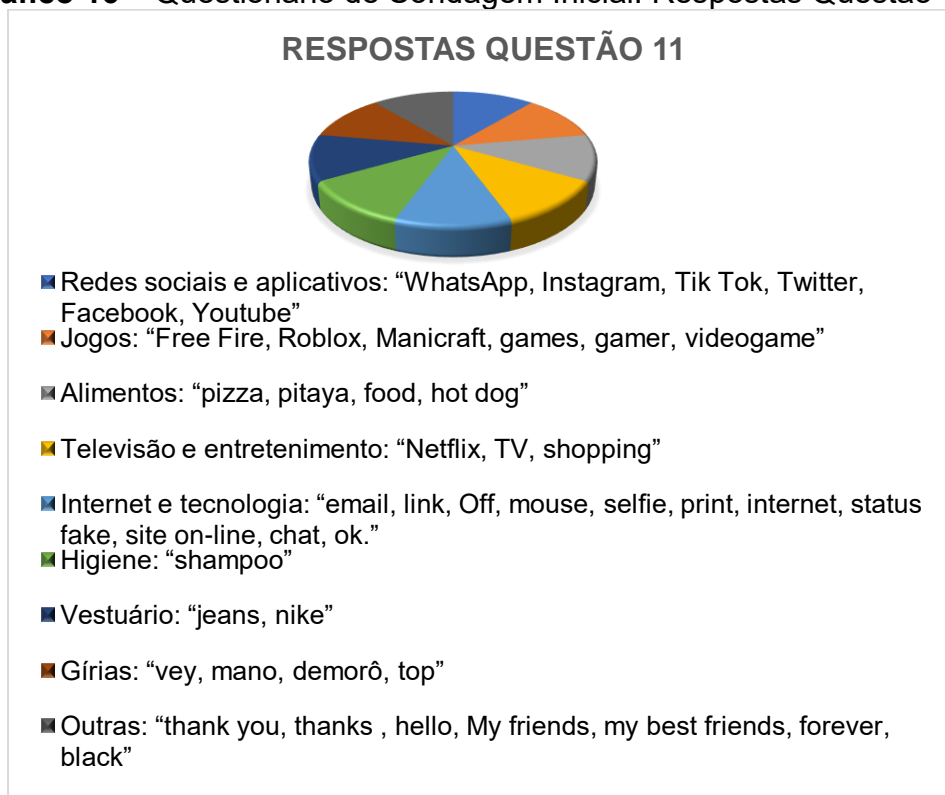
carrinhos de venda deste produto alguns veem escrito hot dog, outros cachorro-quente, enquanto nas embalagens de pão eles veem mais a palavra hot dog.

Colocamos a palavra autorretrato como concorrente de selfie na tentativa de verificar se eles usariam, apesar de sabermos que o uso de autorretrato não é comum nesse contexto, porém ninguém fez opção pela variante em português, o que nos leva afirmar que o uso social de selfie pela coletividade determina essa escolha.

A palavra top é mais utilizada em detrimento de “muito bom”, enquanto fake e falsa são utilizadas quase que na mesma proporção. Nesse caso, e nos demais exemplos, podemos concluir que as escolhas lexicais envolvem sempre a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo. A seguir, apresentamos a questão número 11:

11. Você poderia dar exemplos de mais palavras estrangeiras usadas por você, seus amigos e familiares?

Gráfico 16 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 11



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O objetivo da questão 11 é sondar palavras estrangeiras que os participantes costumam usar no cotidiano com amigos e familiares. Nessa questão, o objetivo é coletar apenas dados qualitativos, por isso não apresentamos a porcentagem no gráfico. Organizamos as palavras por categoria para facilitar a visualização dos

resultados.

As palavras pizza, selfie, jeans e Roblox (um jogo da moda entre os adolescentes, segundo comentários dos participantes) foram as que mais apareceram nas respostas.

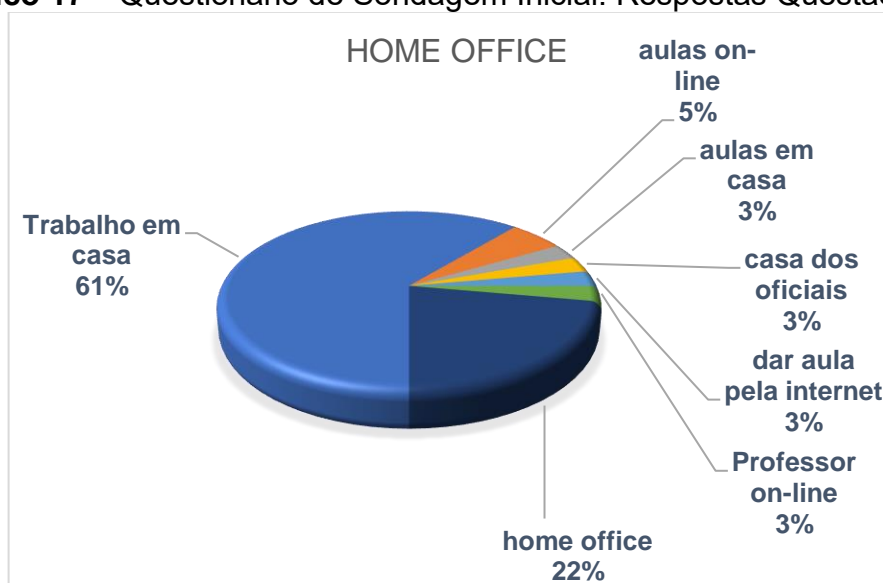
Ao analisar os resultados, observamos que os participantes se lembraram mais das palavras estrangeiras relacionadas aos contextos comunicativos das redes sociais, jogos, internet e tecnologia. Observamos que alguns confundem gírias com palavras estrangeiras, no caso de “vey”, “mano” e “demorô”. Palavras estrangeiras presentes em marcas de produto, nomes de empresas, nomes de jogos, redes sociais, aplicativos também apareceram nas respostas: Netflix, Nike, Manicraft, Free Fire, Tik Tok, entre outras. A seguir, apresentamos a questão número 12:

12. As palavras **home office**, **lockdown**, **aulas on-line**, **chat**, entre outras, foram muito utilizadas pela população durante a pandemia da Covid-19. Seria possível substituir essas palavras e expressões estrangeiras por suas correspondentes em português?

O objetivo da questão 12 é analisar a versão em Língua Portuguesa que os participantes apresentam para os itens lexicais estrangeiros propostos na questão. A finalidade é observar se eles utilizam uma tradução literal, criam suas próprias versões, ou ainda se respondem de acordo com o que mais ouviram entre a população nesse período. Na questão 12 apresentamos o resultado por alternativa:

a) Home office

Gráfico 17 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-A



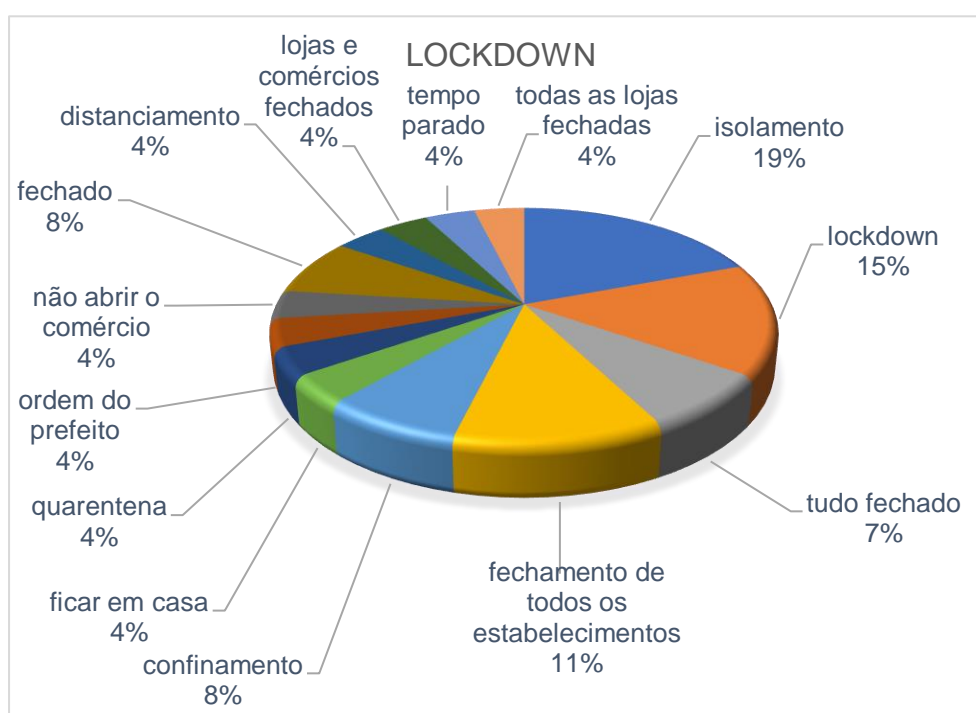
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados apontaram 61% para trabalho em casa, 22% para home office, 5% aulas on-line, 3% professor on-line, 3% dar aula pela internet, 3% casa dos oficiais e 3% aulas em casa.

A variante “trabalho em casa” obteve a maior porcentagem, seguida de “home office”, totalizando 83% de respostas para essas duas expressões. Considerando esse dado, concluímos que os participantes escolheram o que mais ouviram entre a população nesse período.

b) Lockdown

Gráfico 18 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-B

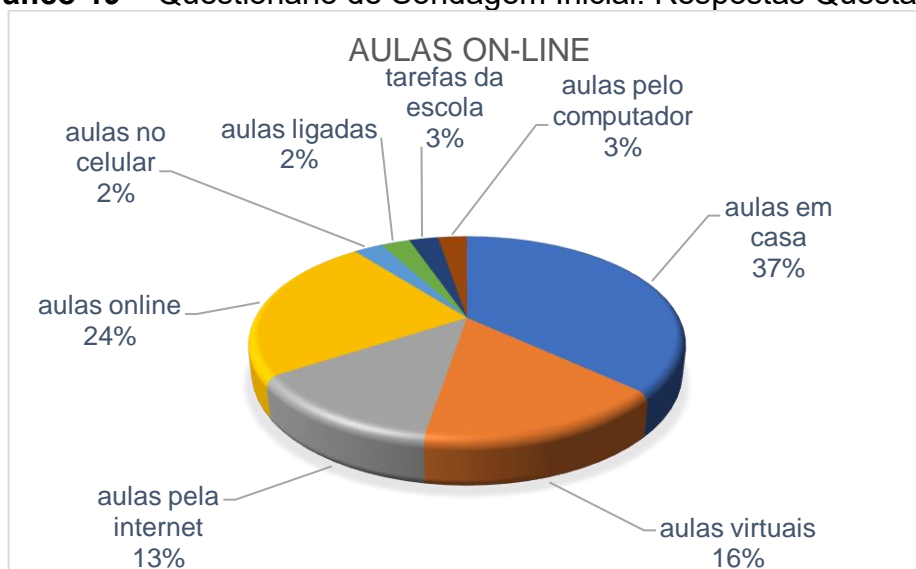


Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados apontaram 19% para isolamento, 15% lockdown, 11% fechamento de todos os estabelecimentos, 8% confinamento, 8% fechado, seguidos de 4% para ficar em casa, 4% quarentena, 4% ordem do prefeito, 4% não abrir o comércio, 4% distanciamiento, 4% lojas e comércios fechados, 4% tempo parado e 4% todas as lojas fechadas.

Considerando todas as respostas apresentadas, entendemos que os participantes apresentaram palavras e expressões que mais ouviram entre a população, as ideias estavam relacionadas ao lockdown, apesar de sabermos que essa é uma medida restritiva mais rígida, pois ela impede a circulação de pessoas, a restrição do uso de vias públicas, como estradas e rodovias. Ainda assim, consideramos a maioria das respostas coerentes com o lockdown.

c) Aulas on-line

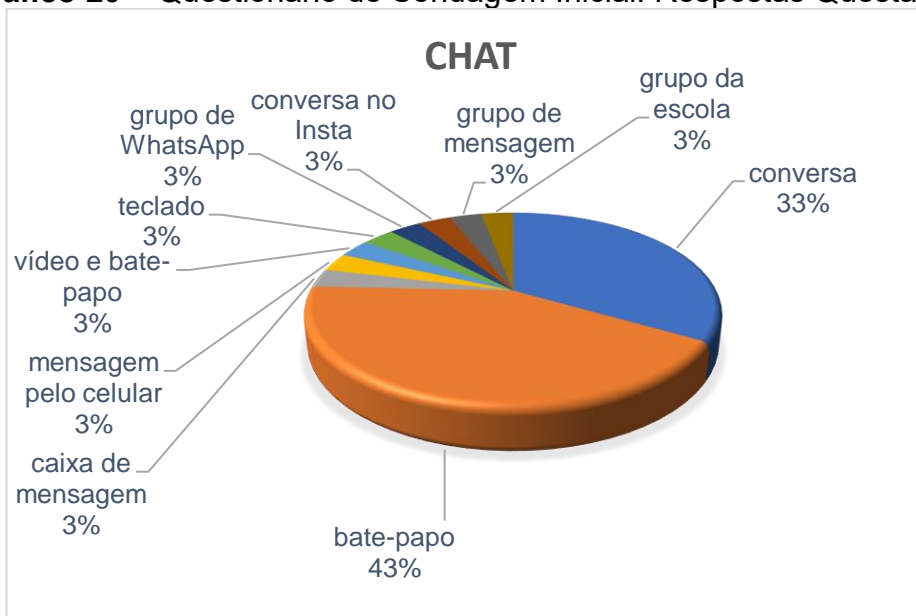
Gráfico 19 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-C

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados encontrados apontaram 37% para aulas em casa, 24% aulas online, 16% aulas virtuais, 3% aulas pelo computador, 3% tarefas da escola, 2% aulas ligadas, 2% aulas no celular.

Considerando todas as respostas podemos afirmar que os participantes apresentaram variantes coerentes com o que mais ouviram entre a população e no contexto escolar, pois essa modalidade de ensino foi o formato de aulas em todo país durante a pandemia da covid-19.

d) Chat

Gráfico 20 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 12-D

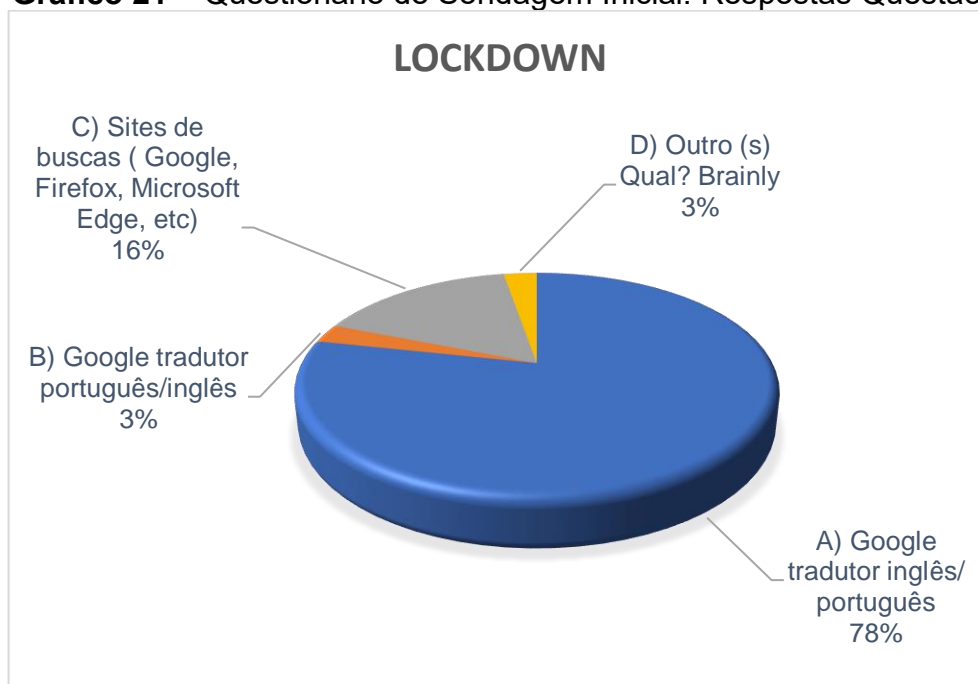
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados apontaram 43% para bate-papo, 33% conversa, seguidos de 3% para caixa de mensagem, 3% mensagem pelo celular, 3% vídeo e bate-papo, 3% teclado, 3% grupo de WhatsApp, 3% conversa no Insta, 3% grupo de mensagem, 3% grupo da escola.

Ao observar que os maiores percentuais das respostas foram para as variantes bate-papo e conversa, considerando ainda as demais respostas, entendemos que os participantes optaram por variantes que mais ouviram entre a população, principalmente no contexto comunicativo das redes sociais e durante as aulas online. A seguir, apresentamos a questão número 13:

13. Se fosse para você fazer uma pesquisa virtual sobre o significado da palavra **lockdown**, ou outras palavras estrangeiras, onde você iria?

Gráfico 21 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 13



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

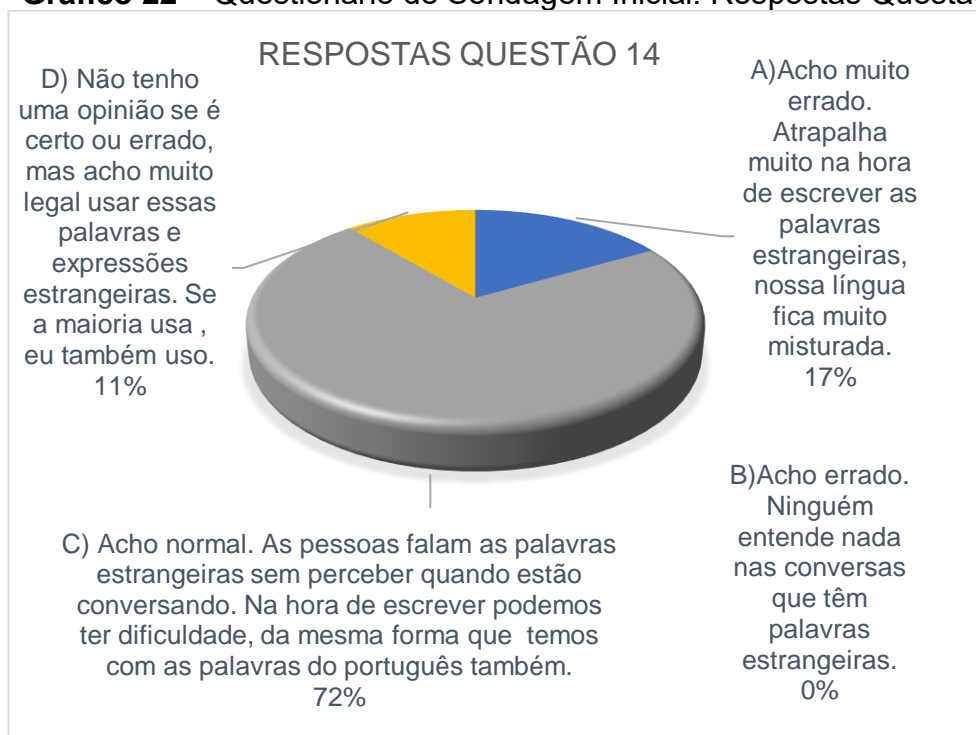
A questão 13 foi elaborada com o objetivo de sondar qual site de buscas os participantes têm o hábito de realizar suas pesquisas sobre o significado das palavras estrangeiras.

Os resultados apontaram que 78% dos participantes realizam suas pesquisas no Google tradutor inglês/português, 16% utilizam o Google, Firefox, Microsoft Edge e outros, 3% Google tradutor português/inglês e 3% Brainly.

Observa-se, então, que o Google tradutor inglês/português é o recurso mais procurado pelos participantes. A seguir, apresentamos a questão número 14:

14. Qual é a sua opinião sobre o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa?

Gráfico 22 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 14



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Obtivemos vinte e oito comentários na questão 14:

Alternativa “a”

R1: “Eu acho errado, atrapalha bastante quando a gente vai escrever as palavras estrangeiras”;

R2: “Acho muito errado, fica mais difícil de ler e escrever, só me complica, por mim eu não usaria”.

Alternativa “b”

Nenhum participante marcou essa opção, portanto não houve comentários.

Alternativa “c”

R3: “Às vezes eu também uso, acho completamente normal”;

R4: “A gente fala palavras estrangeiras e não percebemos que falamos.”;

R5: “Acho normal, as pessoas falam as palavras estrangeiras sem perceber quanto estão conversando”;

R6: “Eu acho normal, porque são palavras inovadoras”;

R7: “Não tenho nada contra, inclusive a gente fala tanto que a gente aprende junto com as outras palavras em português”;

R8: “Acho completamente normal, a gente fala palavras estrangeiras e nem

percebemos”;

R9 “Uns acham certo, outros acham errado, depende de cada pessoa. Eu acho legal e fácil”;

R10: “Eu marquei a letra C porque eu também acho normal”;

R11: “Eu acho normal, tipo eu acho que as palavras são normais, por exemplo, pizza é usada no italiano e também no inglês”;

R12: “Acho normal. As pessoas falam as palavras estrangeiras sem perceber”;

R13: “Normal”;

R14: “Eu acho normal porque as pessoas falam e acham interessante, assim como eu acho importante para aprender mais”;

R15:” A minha opinião é que essas pessoas usam essas palavras sem querer. Eu não me importo, já que uso essas palavras sem perceber”;

R16: “É raro alguém ainda usar linguagem formal, e só em português. Então eu acho super normal usar palavras estrangeiras”;

R17:” Eu acho muito legal essas palavras em inglês e por exemplo: pizza, hot dog”;

R18: “Às vezes a gente realmente fala sem perceber, já faz parte do dia a dia de muitas pessoas, às vezes vira uma gíria entre algumas conversas”;

R19: “Acho muito normal. Acho lindo”;

R20: “Acho normal porque as palavras estrangeiras também podem ajudar a gente no inglês. Eu não vejo dificuldade nisso”;

R21: Na minha opinião acho muito comum, mas às vezes tenho dificuldade para entender e escrever;

R22: “Acho bom e prático. Acho legal a mistura de línguas”;

R23: “Acho bem normal porque sou acostumando”.

Alternativa “d”

R24: “Eu uso algumas palavras em inglês, mas eu não sei se é errado ou se é certo, depende muito da opinião de cada um, uns acham certo, outros acham errado, depende muito da opinião de cada pessoa, uns acham normal essa palavra na nossa língua, já eu acho legal, mais fácil”;

R25: “É muito legal, tanto para português quanto para inglês, eu uso em casa demais até para cumprimentar aos outros”;

R26: “Eu acho legal, eu tenho um pouco de dificuldade, mas entendo algumas coisas muito bem”;

R27: “Eu acho bom porque facilita para falar algumas palavras e ajuda aprender inglês”;

R28: “As pessoas falam palavras estrangeiras que nem percebem quando estão conversando. Na hora de escrever, podemos errar e ter dificuldades da mesma forma que temos com as palavras e expressões em português”.

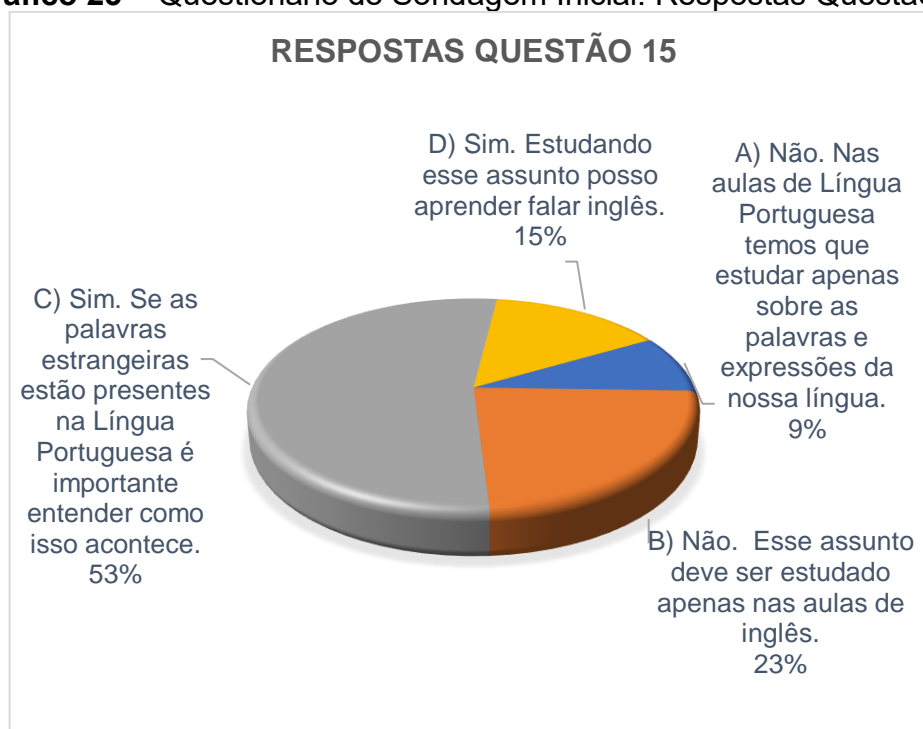
A questão 14 foi elaborada com objetivo de verificar a opinião dos participantes sobre a presença das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

Os resultados apontaram que 72% dos participantes consideram normal o uso de palavras estrangeiras, as pessoas usam sem perceber, 17% acham muito errado, a língua fica misturada, 11% não têm opinião se é certo ou errado, mas acham legal e usam porque a maioria usa, 0% acham errado e consideram que ninguém entende as palavras estrangeiras.

Diante dos números apresentados e dos comentários dos participantes, concluímos que a maioria considera normal o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, as pessoas usam sem perceber nas conversas orais, as dificuldades apresentadas na escrita de palavras estrangeiras são as mesmas que eles têm com as palavras da Língua Portuguesa. A seguir, apresentamos a questão número 15:

15. Você considera importante estudar esse assunto da presença de palavras estrangeiras nas aulas de Língua Portuguesa?

Gráfico 23 – Questionário de Sondagem Inicial: Respostas Questão 15



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Obtivemos vinte e sete comentários na questão 15:

Alternativa “a”

R1: “Como falei não gosto de usar palavras assim, acho muito difícil”;

Alternativa “b”

R2: “Acho que são assuntos ligados, porém diferentes que não devem ser tratados nas aulas de português”;

R3: “palavras em inglês tem que ver na aula de inglês porque eu nunca vi palavras em inglês nas aulas de Língua Portuguesa.”;

R4: “Não tenho opinião”;

Alternativa “c”

R6: “Na minha opinião é muito importante, pois isso irá facilitar nosso entendimento nessa mistura de línguas”;

R7: “Porque na língua portuguesa nas aulas nos falamos um pouco de estrangeiro”;

R8: “Eu acho que é importante entender o português das línguas estrangeiras se estão sendo usadas”;

R9: “É bom estudar inglês, é legal”;

R10: “Sim, estudando sobre esse assunto posso aprender coisas novas”;

R11: “Se as palavras estão na nossa língua, temos que entender como funciona”;

R12: “Sim, é bom aprender sobre isso e ajuda a facilitar nossa língua”;

R13: “As palavras estrangeiras presentes na língua portuguesa são importantes aprender como isso acontece”;

R14: “Eu acho que não”;

R15: “Acho importante e interessante para o nosso aprendizado”;

R16: “Bem, se estão presentes na língua portuguesa precisamos aprender”;

R17: “É bom entender como as palavras estrangeiras foram “parar” na língua portuguesa e qual o significado delas”;

R18: “As palavras estrangeira são muito importantes para o conhecimento do português”;

R19: “Sim, acho importante porque a gente já fala no nosso dia a dia”;

Alternativa “d”

R20: “Eu acho que nós temos que aprender mais o inglês porque as palavras fazem parte do nosso dia a dia, então é bom saber o significado”;

R21: “Sim por que se não aprende escrever”;

R22: “Nós temos que entender sobre as palavras estrangeiras”;

R23: “Sim, porque as palavras estrangeiras estão no nosso dia a dia”;

R24: “eu estudo inglês para me ajudar em coisas como palavras em inglês, filmes, trabalhos, para não precisar esperar dublar ou traduzir, eu vou entender tudo”;

R25: “Sim, porque eu posso aprender mais um pouco do que eu não sei”;

R26: “Sim, assim eu posso aprender falar inglês”;

R27: “Sim, é muito importante porque quando topamos um amigo de outro país nós sabemos falar com eles”.

A questão 15 foi elaborada com o objetivo de sondar a opinião dos participantes sobre a importância de estudar sobre estrangeirismo nas aulas de Língua Portuguesa, ou se consideram que esse assunto é restrito às aulas de inglês.

Os resultados apontaram que 53% dos participantes consideram importante estudar sobre a presença das palavras estrangeiras na aula de Língua Portuguesa, 23% consideram ser um assunto para aula de inglês, 15% acreditam que estudar sobre estrangeirismo ajuda aprender inglês e 9% consideram que esse assunto não deve ser estudado na aula de Língua Portuguesa.

Diante desse percentual, podemos afirmar que a maioria dos participantes consideram importante estudar sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa, não apenas na aula de inglês.

4.2 AS OFICINAS PEDAGÓGICAS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

As atividades das oficinas pedagógicas foram elaboradas visando alcançar os objetivos propostos da pesquisa, e está fundamentada nos pressupostos teóricos da revisão bibliográfica e documental. Para isso, as atividades foram distribuídas em cinco oficinas, totalizando 24 horas/aula de 50 min .

Optamos por apresentar a descrição e análise dos resultados de forma intercalada, à medida que relatamos o processo de aplicação, na sequência já apresentamos os gráficos com os dados, análise dos resultados e exemplares de atividades dos participantes.

Ressaltamos que não houve intervenção, correção gramatical ou ortográfica da nossa parte nas respostas dos participantes e nos textos produzidos nas atividades propostas pelas oficinas, optamos por utilizar os textos originais escritos pelos participantes por entendermos que eles demonstram melhor a realidade do que quando há interferência e/ou correção do professor. Por outro lado, temos ciência dos

desvios ortográficos, a falta de pontuação, falta de concordância, porém esse não era o foco de análise dessa pesquisa.

É importante esclarecer o emprego de alguns termos: utilizamos “alunos ou estudantes” na descrição das oficinas, considerando que todos os alunos das duas turmas participaram das atividades propostas; na análise dos resultados utilizamos o termo “participantes” pelas questões éticas de pesquisa, considerando que as respostas analisadas são apenas dos alunos autorizados mediante entrega dos termos de autorização; por uma questão de fluidez textual, utilizamos, em alguns momentos do texto e nas atividades propostas, o termo *palavra* de forma genérica para se referir também a “expressões” como, por exemplo, drive-thru, fast food, home office, e também para se referir a “termos”, como internet, site, download, login etc.(termos da informática).

Esclarecemos ainda que a análise e os comentários feitos por nós nos resultados se referem as palavras utilizadas no contexto da Língua Portuguesa no Brasil. Informamos também que as pesquisas no VOLP para constatar se as palavras são oficializadas ou não oficializadas foram realizadas entre os meses de fevereiro de 2022 a fevereiro de 2023, portanto, após essa data, algumas palavras consideradas estrangeirismos, podem ter se tornado empréstimos, ou seja, podem ter sido oficializadas na Língua Portuguesa.

4.2.1 Oficina 1: O Estrangeirismo nosso de cada dia!

A primeira oficina foi elaborada com o objetivo de refletir sobre a presença de palavras estrangeiras que circulam na sociedade em variadas esferas comunicativas, o que justifica o título “O estrangeirismo nosso de cada dia”, introduzir os conceitos de estrangeirismo e empréstimo, apresentar o VOLP como ferramenta de pesquisa, tendo-o como referência para as palavras estrangeiras oficializadas e não oficializadas na Língua Portuguesa.

Essa oficina foi desenvolvida em 4h/aula e, como recursos, foram utilizados notebook, projetor multimídia, laboratório de informática, xérox das atividades, e dicionário escolar impresso de Língua Portuguesa.

Para começar a “colocar a mão na massa”, primeiramente, entregamos cópias das atividades propostas para análise de uma imagem com palavras estrangeiras, conforme observamos na figura 3:

Figura 3 - Estrangeirismos



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/CP7vSKe2Du8/maxresdefault.jpg>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

Após a leitura, explicamos que essa imagem aparece em alguns sites da internet como exemplos de palavras estrangeiras que circulam na sociedade e estão presentes na Língua Portuguesa. Com a finalidade de ativar os conhecimentos prévios de forma dialogada, propomos algumas questões:

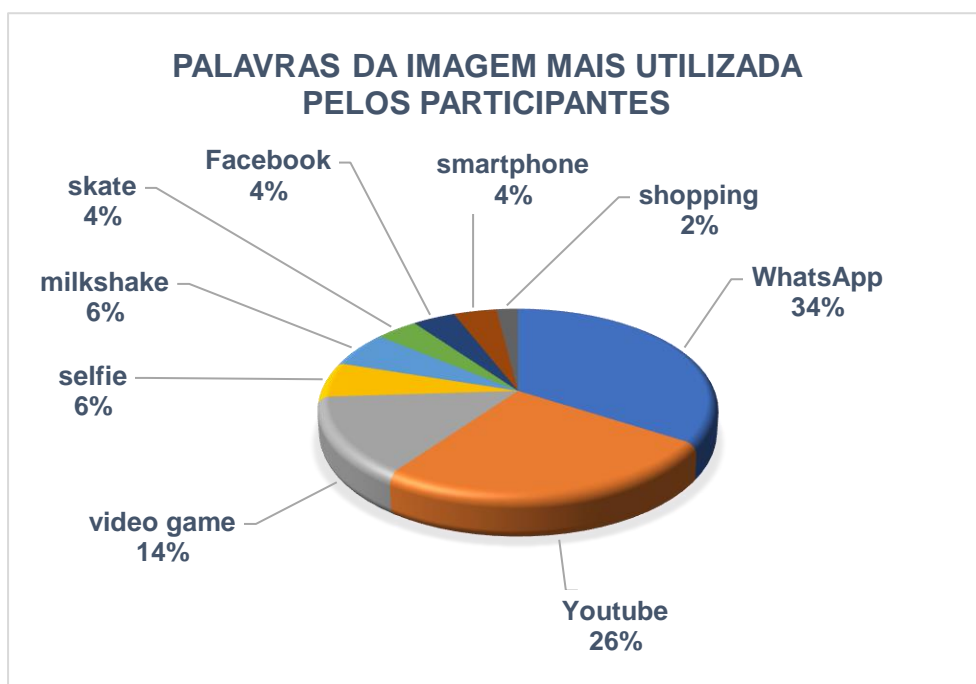
- a) Você conhece as palavras da imagem? Você utiliza essas palavras em seu cotidiano?
- b) Quais são utilizadas com maior frequência por você?
- c) Quais outras palavras estrangeiras você, sua família e amigos utilizam também?
- d) Como você identifica uma palavra estrangeira na Língua Portuguesa?
- e) Você consegue explicar o motivo da presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa?
- f) Como você acha que as palavras estrangeiras entram em nossa língua?
- g) O que significa estrangeirismo para você?
- h) O que significa empréstimo para você?

Como podemos observar, algumas questões estão parecidas com as do questionário de sondagem inicial. Esclarecemos que nas oficinas as questões foram colocadas com o objetivo de ativar os conhecimentos prévios e promover diálogo e interatividade em sala de aula, por meio de leitura de imagens. No questionário, os estudantes responderam individualmente e de forma escrita, pois o objetivo era a sondagem dos conhecimentos prévios para análise da professora-pesquisadora, por meio de questões de múltipla escolha.

Dando continuidade na descrição da oficina, solicitamos aos estudantes que respondessem às questões por escrito, para isso poderiam dialogar e trocar ideias com os colegas de sala para elaborarem suas respostas, o registro escrito viabiliza a análise dos dados posteriormente, tendo em vista a quantidade de questões propostas, as observações detalhadas no diário de anotações seriam mais complexas, nesse caso.

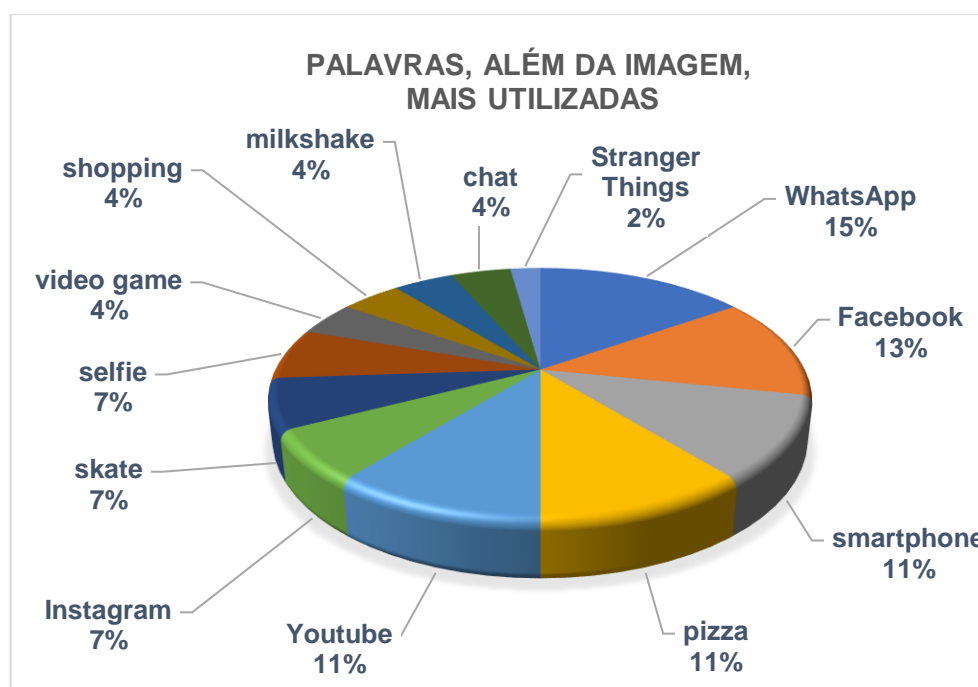
Em relação ao questionamento sobre as palavras da imagem que eles mais utilizam no cotidiano, os resultados apontaram que WhatsApp, Youtube e vídeo game foram as palavras que apresentaram maior porcentagem de uso, seguidas de selfie, milkshake, skate, Facebook, smartphone e shopping, como podemos verificar no gráfico 24:

Gráfico 24 – Respostas: palavras da imagem mais utilizadas



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Na questão sobre quais outras palavras estrangeiras, além das que estavam na imagem, eles utilizavam com amigos e familiares. Os resultados apontaram que WhatsApp, Facebook, smartphone, pizza e Youtube apresentaram a maior porcentagem de uso entre os participantes, seguidas das palavras Instagram, skate, selfie, vídeo game, shopping, milkshake, chat e Stranger Things, conforme podemos visualizar pela porcentagem do gráfico 25:

Gráfico 25 – Respostas: palavras estrangeiras mais utilizadas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Pela leitura do gráfico, observamos que os participantes repetiram a maioria das palavras utilizadas na imagem apresentada no início da oficina. As palavras WhatsApp, Facebook, Youtube, Instagram tiveram uma representatividade significativa ao analisar a porcentagem de respostas, o que nos leva a concluir o uso frequente dessas redes sociais no contexto comunicativo dos participantes. Ainda conforme o próprio relato deles, enfatizaram que até os avós aprenderam a usar essas ferramentas de comunicação. As palavras além das que estavam na imagem foram pizza, Instagram, chat e Stranger Things, representando uma pequena parcela na porcentagem.

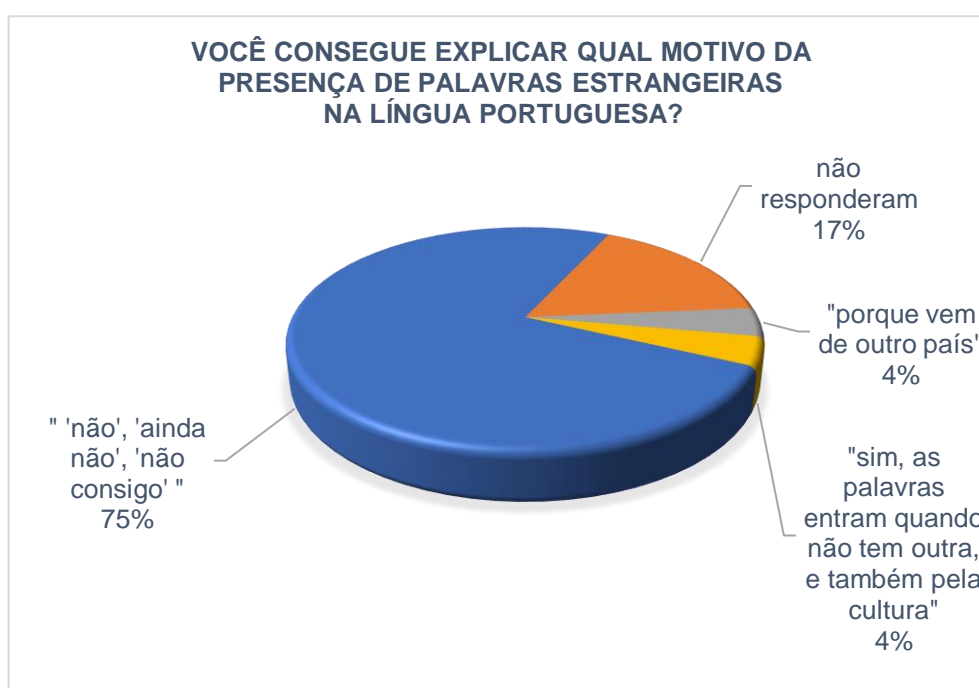
Um detalhe que nos chamou atenção foi o fato de aparecer “smartphone”, porém não aparecer “celular” nas respostas, sendo essa última mais utilizada no contexto comunicativo dos estudantes. Diante disso, entendemos que os participantes optaram por repetir as palavras que estavam na imagem pelo fato de terem ativado a memória ao visualizá-las por escrito.

Questionamos a escolha de “Stranger Things” como resposta, e um dos participantes nos explicou que é uma série da Netflix. Explicou também que ele e todos da casa estavam assistindo juntos, conversavam sempre sobre os episódios. Assim sendo, no contexto familiar desse participante em específico o nome dessa série

estrangeira era frequente, portanto, a resposta estava coerente com a pergunta de acordo com seu contexto comunicativo.

Sobre o questionamento se eles conseguiam explicar o motivo da presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, os resultados apontaram que a maioria não soube explicar ou não responderam, seguido de uma pequena porcentagem das respostas de que as palavras estrangeiras entram na Língua Portuguesa quando não tem outra palavra, pela cultura ou porque vem de outro país, conforme podemos observar no gráfico 26:

Gráfico 26 – Respostas: motivo da presença de palavras estrangeiras



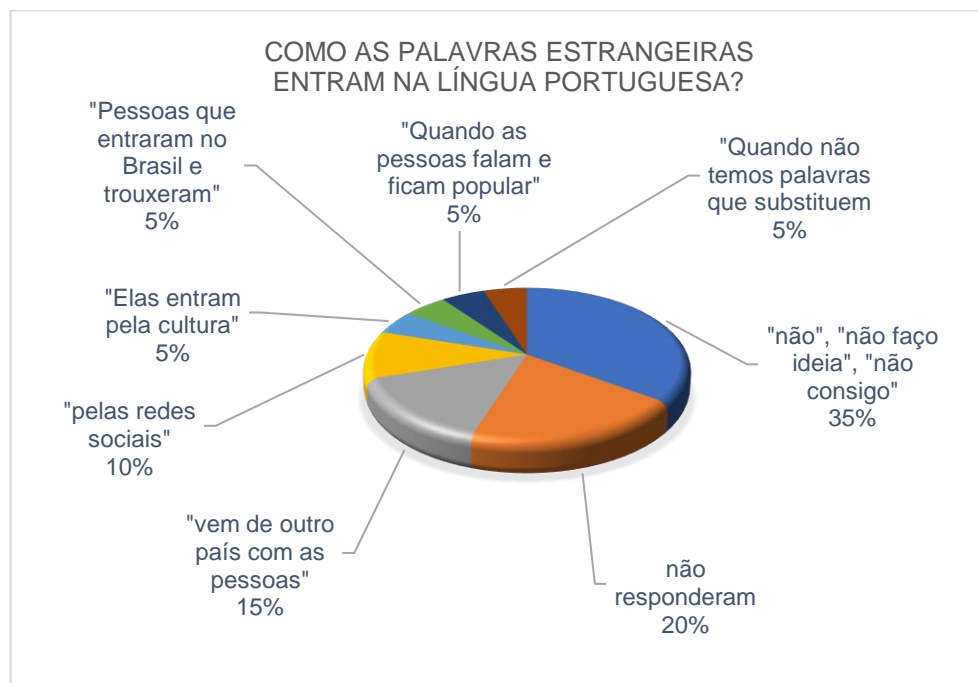
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Consideramos importante pontuar que, nas turmas em que a pesquisa foi desenvolvida, uma das questões que inquietam os professores é o fato de os estudantes não responderem algumas questões propostas, ou simplesmente responderem “sim”, “não”, “sei lá”, “não sei de nada”, isso pode ser percebido nas respostas dos participantes nessa primeira oficina, reflexo desse comportamento rotineiro nas atividades. Diante dessas inquietações, o coletivo de professores tem procurado trabalhar essa problemática tentando motivar os estudantes a desenvolverem suas respostas justificando o sim ou o não.

Perguntamos também como as palavras estrangeiras entram na Língua Portuguesa. As respostas foram diversificadas, porém prevaleceu o número de

participantes que não responderam ou não sabiam, as outras respostas se dividiram entre aqueles que responderam que as palavras estrangeiras entram pelas redes sociais, quando não temos palavras da língua para expressar o que se quer dizer, pela cultura, entre outras, conforme podemos visualizar no gráfico 27:

Gráfico 27 – Respostas: entrada de palavras estrangeiras



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Podemos observar no gráfico que os participantes apresentaram respostas coerentes com os estudos linguísticos, ao analisar as respostas observamos que todas têm relação aos fatores que motivam a entrada de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, como os fatores sociais, culturais, históricos, políticos, econômicos, o contato entre os povos, a tecnologia, os avanços dos meios de comunicação, a popularização da internet, a globalização, e assim por diante.

Questionamos ainda o que eles entendem por estrangeirismo e empréstimo com a finalidade de estabelecer um diálogo antes de apresentar os conceitos.

Os resultados apontaram respostas diversificadas, prevalecendo os que não responderam ou não sabiam. Algumas respostas demonstraram uma confusão entre estrangeirismo e estrangeiros (objetos, coisas ou pessoas que vêm de outros países). Embora tenham respondido em outras palavras, as demais respostas demonstraram noção de estrangeirismo como palavras de outros idiomas na Língua Portuguesa.

Devido à quantidade, dividimos as respostas em dois gráficos para uma melhor

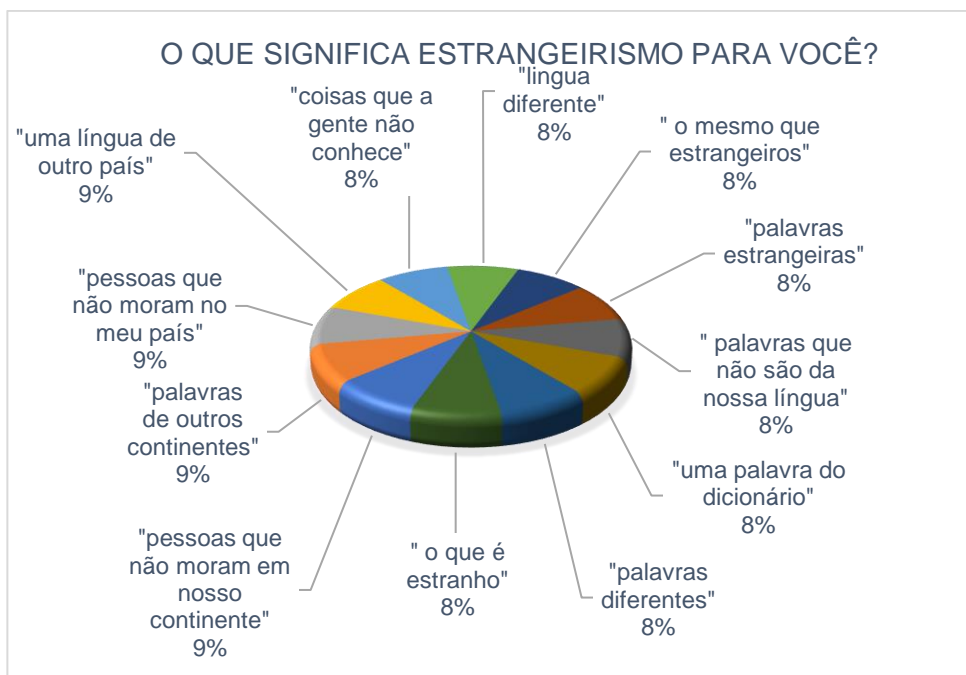
visualização, a parte 1 com a maior porcentagem e a parte 2 com as demais respostas, conforme podemos observar nos gráficos 28 e 29:

Gráfico 28 – Respostas: significado de estrangeirismo - Parte 1



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 29 – Respostas: significado de estrangeirismo - Parte 2



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Em relação à definição de empréstimo, diferente do estrangeirismo, os resultados apontaram que os participantes não associavam esse termo às questões

linguísticas, ou seja, ainda não tinham noção que as palavras estrangeiras, depois de incorporadas na Língua Portuguesa, podem ser chamadas de empréstimo. Nessa questão, a maioria não respondeu ou não sabia, as respostas obtidas todas estavam relacionadas a pegar dinheiro emprestado ou pegar alguma coisa emprestada com alguém, conforme podemos visualizar no gráfico 30:

Gráfico 30 – Respostas: significado de empréstimo



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Após as discussões, apresentamos os conceitos de estrangeirismo e empréstimo e refletimos sobre a contribuição de entradas de palavras estrangeiras para ampliação do léxico da Língua Portuguesa. Ao falarmos sobre o processo de incorporação utilizamos os termos palavras não oficializadas para o estrangeirismo e palavras oficializadas para o empréstimo. Refletimos ainda sobre o uso do termo estrangeirismo, utilizado de forma genérica para se referir às palavras estrangeiras que estão presentes na Língua Portuguesa.

Antemão, aproveitamos esse momento para explicar aos estudantes que as palavras estrangeiras, para serem incorporadas na língua, precisam ser utilizadas pelo coletivo com uma frequência de uso considerável, ou seja, um grupo representativo em uma comunidade linguística precisa fazer uso dessa palavra até se tornar comum entre os falantes.

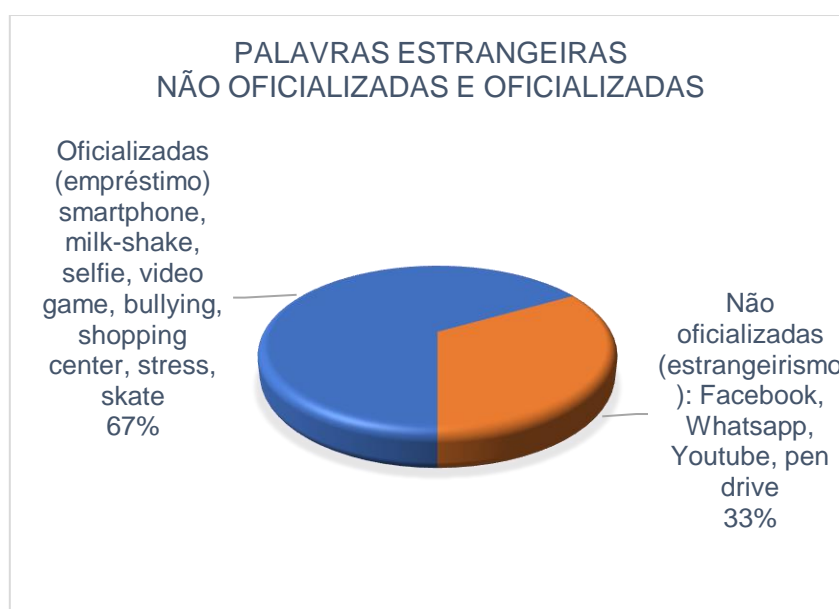
É importante ressaltar que o objetivo da oficina não é focar na memorização dos termos, porém acreditamos que diferenciar estrangeirismo e empréstimo é

importante para a compreensão do processo de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, as palavras estrangeiras não oficializadas (estrangeirismo) e oficializadas (empréstimo). Acreditamos que a utilização desses dois termos, didaticamente, pode facilitar a abordagem e aprendizagem desses processos linguísticos.

Na sequência, apresentamos o VOLP como ferramenta de pesquisa, explicando sua finalidade e funcionamento. Em seguida, levamos os estudantes para o laboratório de informática para pesquisarem se as palavras da imagem analisada estavam presentes ou não no VOLP. Os estudantes levaram o caderno para anotar as palavras estrangeiras não oficializadas (estrangeirismo) e as oficializadas (empréstimo). Porém, a internet do laboratório estava passando por reparos e apresentou uma certa instabilidade, fato que interferiu no tempo de realização da pesquisa, os participantes não conseguiram pesquisar todas as palavras. Nesse caso, solicitamos que terminassem a pesquisa em casa.

Nas terceira e quarta aulas, começamos socializando as pesquisas realizadas no VOLP. Pedimos que observassem no caderno se as respostas apresentaram mais palavras estrangeiras não oficializadas (estrangeirismo) ou palavras oficializadas (empréstimo), os participantes responderam que as palavras oficializadas (empréstimo) apresentaram o maior número de palavras. Os resultados da pesquisa no VOLP podem ser visualizados no gráfico 31:

Gráfico 31 – Respostas: pesquisa no VOLP



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Diante do gráfico, constatamos que as respostas dos participantes foram

coerentes com a pesquisa ao VOLP, o empréstimo apresentou o maior número de palavras.

Para dar continuidade, dividimos a turma em grupos entre 4 e 5 estudantes, entregamos cópias das atividades a serem realizadas nesse segundo momento da oficina. As conversas paralelas aumentaram significativamente, pois a mudança das carteiras de lugar e a organização dos grupos provocou, inicialmente, uma certa euforia nos estudantes, o barulho foi inevitável. Nesse caso, fez-se necessário a intervenção do professor para que os estudantes não perdessem o foco, alertando-os sobre o tempo e pedindo que falassem num tom de voz mais baixo para que o ambiente ficasse mais harmonioso. Ao propor essa atividade em grupo já prevíamos que isso pudesse acontecer pela experiência que temos em sala de aula e o conhecimento do comportamento das turmas em questão.

Enquanto os grupos se organizavam, convidamos dois alunos para buscarem os dicionários de Língua Portuguesa na biblioteca, porém eles retornaram para sala com dicionários de Língua Inglesa, o que demonstra a visão de que palavras e expressões estrangeiras são encontradas apenas nos dicionários de língua estrangeira, ou ainda pelo fato da professora-pesquisadora também ministrar aulas de Língua Inglesa nessas turmas, os alunos podem ter se confundido. Pedimos que eles trocassem os dicionários e aproveitamos para esclarecer para a turma que, quando uma palavra estrangeira é oficializada na língua, ela vai constar nos dicionários de Língua Portuguesa, pois passa a pertencer ao nosso patrimônio linguístico.

Começamos a aula pela leitura de rótulos e embalagens conforme a figura 4:

Figura 4 – Rótulos e embalagens



Disponível em: <http://viverehapernder.blogspot.com/2010/06/alguns-exemplos-de-estrangeirismo.html>. Acesso em: 02 de out. de 2021.

Após a leitura, pedimos que preenchessem dois quadros: no primeiro, solicitamos que dividissem as palavras encontradas em nome de estabelecimento, produto, marca do produto, palavras estrangeiras e palavras em português; no segundo, propomos uma pesquisa no VOLP e no dicionário escolar de Língua Portuguesa²⁰. A pesquisa no VOLP tem a finalidade de constatar se as palavras estrangeiras já estão oficializadas (+) ou não oficializadas (-) e qual idioma de origem de cada uma, solicitamos também que anotassem a definição deles para a palavra antes da pesquisa no dicionário e, posteriormente, anotassem a definição de cada palavra encontrada de acordo com o dicionário impresso de Língua Portuguesa disponibilizado a eles.

Nessa aula, a pesquisa no VOLP foi realizada pela professora-pesquisadora e projetada no quadro para os alunos anotarem em suas atividades se a palavra estava oficializada e qual seu idioma de origem.

Os alunos questionaram o motivo de não realizarmos a pesquisa no laboratório de informática, esclarecemos que a internet estava passando por reparos durante aquela semana, pois o prédio da escola é novo e ainda está em fase de organização.

Diante disso, alguns comentaram que quando eles mesmos pesquisam no VOLP é melhor do que quando projetamos a pesquisa, orientamos que eles

²⁰ O dicionário utilizado para pesquisa foi o Aurélio Júnior de 2011, disponibilizado pela biblioteca da escola. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

pesquisassem outras palavras quando chegassem em casa para se familiarizarem com o VOLP. Eles perguntaram onde poderiam comprar o VOLP, esclarecemos que a última edição, lançada em 2021, está disponível apenas na versão digital, pode ser acessado de forma online no site da ABL ou baixar o aplicativo no celular.

Conforme já explicamos anteriormente, o celular não é permitido na escola em que a pesquisa foi desenvolvida, sendo assim, decidimos trabalhar de acordo com essa realidade.

Apesar disso, refletimos sobre a importância do uso do celular como ferramenta de pesquisa em algumas atividades propostas, portanto sugerimos aos professores que forem aplicar a pesquisa que utilizem o celular em sala de aula (se for possível) de acordo com a realidade de cada um.

O objetivo dessa atividade, entre outros, é compreender a diferença entre o VOLP e o dicionário, em especial o dicionário escolar - mais utilizado no contexto de sala de aula - além disso, refletir sobre o processo de incorporação das palavras estrangeiras ao acervo lexical da Língua Portuguesa, reforçando que um estrangeirismo se torna empréstimo devido a frequência de uso por um número representativo de falantes da comunidade linguística.

A seguir, apresentamos um exemplar da atividade desenvolvida pelos participantes na figura 5:

Figura 5 – Pesquisa dos participantes em rótulos e embalagens

Nome de estabelecimento	Produto	Marca	Palavras estrangeiras	Palavras em português
Kalib's	-	-	Delivery	-
-	refrigerante	coca-cola	-	-
-	refrigerante	garçon's lanchonete	diet	-
-	Pó de suco	light	-	-
-	requieço	nestle	light	-
-	embalagem de Sandu	Mc Donald's	-	-
-	Batata frita	Mc Donald's	-	-
-	-	-	Drive-Thru	entrada
-	-	natio	-	-
-	-	Sony	-	-
-	-	Heimtex	-	-

Palavras estrangeiras	VOLP (+) ou (-)	Idioma	Minha definição	Pesquisa no dicionário de Língua Portuguesa Definição
Delivery	+	Inglês	Entrega de comida	Sistema de entrega a domicílio
Drive thru	+	Inglês	Quando você vai a um estabelecimento, onde você pega comida sem sair do carro	-
light	+	Inglês	alimentos com menos calorias gordura	lig - re de alimentos ou bebida com menos valores calóricos que o usual
diet	+	Inglês	alimentos com menos açúcares	lig - re de alimentos ou bebida com ingrediente modificado, reduzido, ou suprimido visando a um tipo específico de dieta, como a dos diabéticos

Fonte: Atividade dos participantes da pesquisa (2022).

Enquanto realizavam a pesquisa nos pediram ajuda, pois não estavam encontrando a palavra delivery e a expressão drive thru. Nesse momento, fizemos

uma intervenção para orientar quanto à necessidade de verificar a data de edição do dicionário, o que eles estavam utilizando era uma edição de 2011. Posto isso, esclarecemos que *delivery* e *drive-thru* foram incorporadas ao acervo linguístico da Língua Portuguesa na edição de 2021 do VOLP, por esse motivo não constavam no dicionário em questão.

Alguns participantes anotaram a definição de *delivery* e *drive-thru* pesquisando em outros dicionários, alguns tinham em suas mochilas o dicionário escolar de bolso, inclusive alguns insistiram para utilizar o dicionário de inglês. Aproveitamos para esclarecer aos estudantes que as palavras estrangeiras nem sempre são do inglês.

Apesar de sabermos que o dicionário online é uma ferramenta de pesquisa cada vez mais comum, fizemos questão de utilizar o dicionário impresso em vez do dicionário online, justamente para mostrar que o dicionário impresso pode não acompanhar as mudanças mais recentes da língua dependendo do ano de sua edição.

Os resultados da pesquisa, conforme as atividades desenvolvidas pelos participantes, apontaram que as palavras *delivery*, *drive-thru*, *light* e *diet* são oficializadas na Língua Portuguesa e todas vieram do inglês. Após a aplicação da pesquisa fizemos uma correção na expressão “drive thru”, pois de acordo com o VOLP a escrita oficial é *drive-thru*, ou seja, apresenta hífen, apesar que ambas circulam na sociedade grafadas das duas formas.

Consideramos importante compilar algumas respostas dos participantes em relação a definição que eles deram para as palavras pesquisadas e algumas de nossas observações, conforme podemos observar no quadro 9:

Quadro 9 – Definição dos participantes para delivery, drive-thru, light e diet

Palavras estrangeiras oficializadas na Língua Portuguesa	Definição dada pelos participantes	Observações
delivery	<p>“entrega de comida” “entregas” “entregador” “entrega em casa” “Para entregar alguma coisa, é um tipo de entrega de comida nas casas” “um sistema de entrega” “entrega rápida” “é quando a gente faz um pedido e eles entregam na nossa casa”</p>	<p>Os participantes comentaram que o sistema delivery é um sistema de entrega em casa, não só de comida, mas também de remédios, roupas, supermercado, pet shop etc. Destacaram ainda com a pandemia eles passaram a utilizar com frequência esse sistema de entrega.</p>
drive-thru	<p>“Quando você vai a um estabelecimento, onde você pega comida sem sair do carro.” “pedir lanche” “entrega de carro” “restaurante para carros” “quando o cliente é atendido sem sair do carro, moto etc.” “fast food” “quando a gente vai buscar no estabelecimento” “comprar coisas com o carro em fila” “no drive thru você pede a sua comida e vai buscar” “um sistema que ligamos, pedimos e eles entregam”</p>	<p>Dialogamos sobre a diferença entre o delivery e o drive-thru, os participantes explicaram que no sistema drive-thru é preciso fazer o pedido e ir até o local buscar, geralmente, de carro ou moto, enquanto no delivery o entregador vai até à sua residência, alguns estabelecimentos cobram taxa de entrega, outros não.</p>
diet	<p>“alimentos com menos açúcar” “dieta, perde quilo” “alimento diferente” “sem açúcar” “coisas sem açúcar” “é uma comida ou bebida para pessoas de dieta” “produto saudável, porém, sem açúcar” “um refrigerante sem açúcar”</p>	<p>Alguns participantes se manifestaram explicando que os produtos diet são mais indicados para pessoas com diabetes por colocar adoçante no lugar do açúcar.</p>

Light	“alimentos com menos gordura” “comida saudável” “alimentos mais saudáveis” “algo com poucas calorias” “não engorda” “comida ou bebida sem açúcar” “produto saudável” “bebida com menos açúcar” “um refrigerante sem açúcar”	Houve uma certa confusão entre light e diet, os participantes que sabiam a diferença esclareceram que light são os produtos menos calóricos em relação ao produto original, ou seja, light tem menos gordura e não menos açúcar.
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Consideramos que os participantes apresentaram respostas coerentes ao definir as palavras de acordo com o contexto em que estavam inseridas na leitura dos rótulos e embalagens, os equívocos apresentados foram esclarecidos de forma dialogada. As respostas dos participantes se tornaram um “material vivo” para refletirmos que a língua expressa as experiências de vida dos falantes, observamos que algumas respostas expressam a mesma ideia, porém de forma diferente, à maneira particular de cada um.

Na sequência, os alunos, ainda em grupos, realizaram a leitura de dois cardápios de lanches que podem ser visualizados nas figuras 6 e 7:

Figura 6 – Cardápio 1

X-SALADA SIMPLES Pão, Carne, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,00
X-SALADA SIMPLES C/ SALSICHA Pão, Carne, Mussarela, Presunto, Salsicha, Alface e Tomate	6,00
X-SALADA ESPECIAL Pão, Carne, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,50
X-SALADA ESPECIAL C/ SALSICHA Pão, Carne, Ovo, Mussarela, Presunto, Salsicha, Alface e Tomate	6,50
X-DOG SIMPLES Pão, Salsicha, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	4,50
X-DOG ESPECIAL Pão, Salsicha, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,00
X-DOG SIMPLES C/ BACON Pão, Salsicha, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,50
X-DOG ESPECIAL C/ BACON Pão, Salsicha, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,00
X-BACON SIMPLES Pão, Carne, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50
X-BACON ESPECIAL Pão, Carne, Bacon, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	7,00
X-LOMBO SIMPLES Pão, Lombo, Mussarela, Presunto, Alface, Tomate e Milho	6,50
X-LOMBO ESPECIAL Pão, Lombo, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface, Tomate e Milho	7,00
X-FILÉ SIMPLES Pão, Filé, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50
X-FILÉ ESPECIAL Pão, Filé, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	7,00
X-FRANGO SIMPLES Pão, Frango, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50

Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/sanduicheria-do-edval/5202c513498ea8221837f682>. Acesso em: 04 de mai. de 2022.

Figura 7 – Cardápio 2

BURGUER PLACE		Hamburguer	
Hamburguer Simples	Pão e Hamburguer	R\$	9,00
Hamburguer Catupiry	Pão, hamburguer e catupiry	R\$	14,50
Hamburguer Catupiry Salada	Pão, hamburguer, catupiry, alface, tomate e maionese	R\$	16,00
Hamburguer Creme de Milho	Pão, hamburguer, e creme de milho	R\$	13,50
Hamburguer Bacon	Pão, hamburguer e bacon	R\$	14,00
Hamburguer Bacon Egg	Pão, hamburguer, bacon e ovo	R\$	15,00
Hamburguer Champignon	Pão, hamburguer e champignon temperado	R\$	13,00
Hamburguer Vinagrete	Pão, hamburguer e molho vinagrete	R\$	12,50
Hamburguer Salada	Pão, hamburguer alface, tomate e maionese	R\$	12,00
Hamburguer Tártaro	Pão, hamburguer e molho tártaro	R\$	12,00
Hamburguer Malonesa	Pão, hamburguer e maionese	R\$	11,00
Hamburguer a Moda	Pão, hamburguer, malonesa, presunto e cebola	R\$	15,50

Disponível em: <https://guiadohamburger.com/avaliacao/burguer-place-ipiranga/> Acesso em: 04 de mar. de 2022.

Como atividade, seguimos a mesma proposta anterior, solicitamos aos estudantes para preencherem um quadro com as palavras estrangeiras encontradas nos cardápios, em seguida realizamos a pesquisa para constatar se as palavras estrangeiras estavam oficializadas (+) ou não oficializadas (-) pelo VOLP e qual o idioma de origem, projetamos a pesquisa no quadro. Solicitamos que anotassem a definição deles para a palavra antes da pesquisa no dicionário e, posteriormente, anotassem a definição de cada palavra encontrada de acordo com o dicionário impresso de Língua Portuguesa disponibilizado a eles.

Durante a leitura, em tom de brincadeira, os alunos questionaram sobre os preços do primeiro cardápio, pois acharam muito barato em relação ao segundo, queriam até saber o endereço para ir lanchar lá, visto que onde lancham está bem mais caro. Os alunos ainda destacaram que, na maioria das lanchonetes, pit dogs, bares e restaurantes, os cardápios são disponibilizados em “QR Code”, inclusive algumas não disponibilizam mais os cardápios impressos.

Além disso, os estudantes aproveitaram para conversarem sobre suas experiências de quando vão comer sanduíches, onde costumam ir, quais são os de preferência de cada um, entre outras.

A seguir, apresentamos uma amostra da pesquisa realizada pelos participantes na figura 8:

Figura 8 – Pesquisa dos participantes nos cardápios

PALAVRA ESTRANGEIRA	VOLP (+) OU (-)	IDIOMA	MINHA DEFINIÇÃO	DICIONÁRIO DE PORTUGUESA DEFINIÇÃO	DE LÍNGUA
x-dog dog	-	Inglês	Pão, Salsicha, Bacon, Muzzola etc ...	-	
Bacon	+	Inglês	carne de porco	Toucinho defumado.	
Hamburger	- (hambúrguer)	Inglês	Pão + bacon e Hamburguer	-	
egg	-	Inglês	ovo	-	
champignon	+	francês	Cogumelo.	- Champignon: Cogumelo branco arredondado, comestível muito utilizado no Brasil.	
Catupiry	-	uma ma- ca famo- sa		-	

Fonte: Atividade dos participantes da pesquisa (2022).

Os resultados mostraram que as palavras estrangeiras não oficializadas encontradas foram x-dog, hamburger, egg e catupiry, enquanto bacon e champignon são oficializados na Língua Portuguesa. Em relação ao idioma, champignon veio do francês, as demais do inglês. Consideramos importante compartilhar as respostas com a definição dada pelos participantes nessa atividade e algumas observações feitas durante a realização da pesquisa, conforme mostra o quadro 10:

Quadro 10 – Palavras dos Cardápios: definição dos participantes

Palavras estrangeiras	Definição dada pelos participantes	Observações
x-dog	<p>“pão, salsicha, bacon, mussarela etc.”, “cachorro quente”, “sanduíche”, “é um sanduíche com muitas coisas, pão, salsicha etc.”, “uma comida muito gostosa com um nome estrangeiro” “é um tipo de comida bem recheada”, “um combo de comida”, “é o nome de um sanduíche”.</p>	<p>Os participantes comentaram que de acordo com suas realidades, x-dog parece um hot-dog, mas em forma de sanduíche, vem alguns complementos além da salsicha.</p>
hamburger	<p>“pão e bacon e hamburger”, “pão com carne”, “um pedaço de carne que põe no pão”, “carne para colocar no pão” “uma comida bem conhecida e gostosa”, “é tipo uma carne moída”, “carne feita de lombo muito amassada”.</p>	<p>“hamburger” é oficializada na Língua Portuguesa com aportuguesamento hambúrger, os participantes comentaram que pode ser tanto uma carne para colocar no pão, como também um tipo de sanduíche de acordo o uso no cotidiano deles.</p>
egg	<p>“ovo”, “ovo para fritar”, “estrutura reprodutiva por fêmeas de aves, répteis, peixes etc.”. “é o filhote da galinha”.</p>	<p>A maioria dos participantes definiu “egg” como “ovo”. Esclarecemos que “ovo” é a tradução e não a definição da palavra. Um dos participantes definiu “egg” de acordo com o dicionário, pois segundo ele não conseguiu definir com suas palavras.</p>

catupiry	<p>“uma marca famosa de requeijão”, “é um tipo de requeijão”, “queijo”, “um creme que deixa as coisas melhores”, “melhor requeijão”, “um tipo de marca bem famosa”, “molho”, “uma mistura para coxinha”.</p>	<p>Alguns participantes não sabiam o que era “catupiry”, esclarecemos que é uma marca famosa de requeijão que se tornou uma metonímia e passou a ser usada como produto, o requeijão.</p>
bacon	<p>“carne de porco” “é uma parte do porco” “é um toucinho de porco” “um pedaço de carne de porco com um nome estrangeiro” “parte mais gostosa do porco” “uma comida bem conhecida” “barriga do porco” “pele de porco”</p>	<p>Dialogamos sobre a diferença entre o toucinho e o bacon para os brasileiros, alguns participantes explicaram que o bacon é um toucinho processado, pois passa pelo processo de defumação.</p>
champignon	<p>“cogumelo” “um cogumelo bastante cultivado no Brasil” “palmito” “é um tipo de cogumelo comestível”</p>	<p>Champignon causou estranheza entre os participantes, a maioria não conhecia esse alimento. Alguns se manifestaram dizendo que já haviam experimentado no stroganoff.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

As dúvidas mais frequentes durante essa atividade foram em relação a catupiry e champignon. Essas palavras, principalmente champignon, não eram conhecidas pela maioria dos estudantes. Pedimos aqueles que sabiam para explicarem aos demais colegas.

Apesar de champignon ser uma palavra estrangeira oficializada, não significa que ela é conhecida em todos os grupos sociais, pois sabemos que é um produto caro, portanto nem todos tem condições de consumir. Alguns comentaram que já tinham ouvido falar, mas nunca tinham experimentado. Esse fato demonstra que a língua varia de acordo com a realidade social de cada grupo.

Outra palavra do cardápio que foi questionada foi “tártaro” de “molho tártaro”, alguns ficaram em dúvida se “tártaro” era uma palavra estrangeira, nesse caso, pesquisamos no VOLP e constatamos que é uma palavra oficializada, porém não é estrangeira. Quanto ao significado pedi que olhassem no dicionário, após a pesquisa

surgiram os comentários que a palavra apresenta significados variados, eles lembraram ainda de tártaro, em outro contexto, uma sujeira que pode aparecer nos dentes por falta de higiene.

Depois da pesquisa no dicionário alguns comentaram que conheciam molho tártaro, porém com outros nomes. Um dos participantes disse que chamava de “molhinho verde”, sua mãe fazia em casa com maionese, ovo, azeite, cebolinha verde, vinagre e ervas para comerem com torrada ou quanto faziam churrasco, outros disseram que não era verde, mas branco, outros comentaram que o feito em casa é mais gostoso que o do pit dog, outros disseram que para ser tártaro tem que ser picante, “meio azedinho”.

Esses resultados nos permitem afirmar que a falta de conhecimento de uma palavra não tem relação por ser estrangeira ou não, mas está relacionada com as experiências de vida dos falantes e o contato com as palavras. Conforme observamos, bacon (do inglês) é conhecida pela maioria, enquanto tártaro (do português) era pouco conhecida.

A análise dos dados nos permite concluir que a maioria dos participantes compreenderam os processos que levam uma palavra estrangeira a ser incorporada na Língua Portuguesa, entre eles, a frequência de uso por um grupo representativo na coletividade de uma comunidade linguística; compreenderam o que é o VOLP, vivenciaram experiências de pesquisa por meio dessa ferramenta, tendo-a como referência para as palavras estrangeiras não oficializadas (estrangeirismo) e oficializadas (empréstimo), assim os conceitos de estrangeirismo e empréstimo foram construídos de forma dialogada e vivenciadas na prática.

A oficina proporcionou momentos de reflexão sobre os fatores que motivam a entrada e a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa em diferentes esferas comunicativas.

Outra contribuição importante dessa oficina é o fato de os alunos perceberem que as palavras estrangeiras, quando passam a pertencer ao nosso acervo lexical, aparecem no dicionário de Língua Portuguesa, compreenderam também a diferença entre o VOLP e o dicionário escolar.

Quanto ao trabalho em grupo, consideramos que tornou o ambiente mais propício para trocas de experiências entre os estudantes, o que não seria possível com a disposição da sala em filas, assim a atividade foi mais produtiva.

Uma observação que já comentamos, mas que gostaríamos de reforçar é a

importância do uso do celular como ferramenta pedagógica. Percebemos, em alguns momentos, que se fosse possível sua utilização em sala de aula, teríamos maior agilidade na realização das atividades, principalmente o acesso ao VOLP que pode ser baixado no celular e acessado pelo aplicativo.

Para finalizar, ressaltamos que é evidente que no processo ensino-aprendizagem não conseguimos atingir a todos os alunos da mesma forma e na mesma proporção. Porém, tendo em vista os objetivos e os resultados apresentados, podemos avaliar a primeira oficina positivamente, consideramos que atingimos os objetivos propostos.

4.2.2 Oficina 2: Black Friday ou Black Fraude?

A segunda oficina teve duração de 6h/aula, os recursos utilizados foram notebook e projetor multimídia, xérox de texto para leitura, câmera fotográfica para produção de fotomontagem, cartolinas, pincéis, tesoura, cola, revistas para recortes e fita adesiva para exposição de cartazes.

O objetivo dessa oficina é compreender a relação da importação das palavras estrangeiras atreladas às questões socioculturais da sociedade brasileira, a importação de hábitos e costumes estrangeiros, principalmente, os oriundos da cultura norte-americana, considerando a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo.

Dessa forma, escolhemos o título “Black Friday ou Black Fraude?” por representar, ao mesmo tempo, a adoção de uma cultura norte-americana com a expressão “Black Friday”, e a expressão “Black Fraude”, difundida no contexto comercial do Brasil, como forma de ironizar e protestar contra propagandas enganosas.

Na primeira e segunda aulas, iniciamos com a retomada da discussão da oficina anterior, o fato de o estrangeirismo ser utilizado pela população nos mais variados contextos comunicativos, independente da classe social, nível de escolaridade, faixa etária, sexo, região, o contato com palavras estrangeiras de diferentes idiomas é inevitável.

Entregamos cópias para leitura da reportagem intitulada “Estrangeirismos estão atrelados à importação da cultura estrangeira”, retirada do jornal da USP, conforme mostra o texto 1:

Texto 1: Estrangeirismo e importação da cultura estrangeira

Estrangeirismos estão atrelados à importação da cultura estrangeira

A tomada de expressões de uma língua por outra pode sinalizar a valorização de um idioma em relação a outro

- Post category: [Atualidades](#) / [Rádio USP](#)
- <https://jornal.usp.br/?p=135438>
15/12/2017 - Publicado há 4 anos

Black Friday, off, sale, hot dog. O que esses termos têm em comum? Todos eles são palavras da língua inglesa que o Brasil tomou. De acordo com Ieda Maria Alves, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, nós não importamos palavras, e sim fatos, acontecimentos que determinam a cultura de um país. Como consequência disso, trazemos a expressão em si também.



Fotomontagem: jornal.usp.br

De acordo com a especialista, o incentivo à manutenção do nosso idioma e da nossa própria cultura é essencial, mas uma política linguística pode causar grande insatisfação popular (como aquela causada pelo Novo Acordo Ortográfico).

Se, no Brasil, nós emprestamos termos de origem anglicana, Portugal faz o mesmo com as palavras francesas. Assim, formam-se novos vocábulos que derivam da França, com a diferença de que são aportuguesados, e não simplesmente importados.

Fonte: ESTRANGEIRISMOS estão atrelados à importação da cultura estrangeira. Jornal da USP, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/estrangeirismos-estao-atrelados-a-importacao-da-cultura-estrangeira/>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

Após a leitura, refletimos sobre os apontamentos da professora Ieda Maria Alves, estudiosa do assunto, afirmando que “nós não importamos palavras, e sim fatos, acontecimentos que determinam a cultura de um país. Como consequência

disso, trazemos a expressão em si também”. Para isso, propomos algumas questões para serem discutidas oralmente:

- a) Expresse sua opinião sobre as ideias do texto.
- b) Qual a relação do texto lido com a fotomontagem?
- c) Por que você acha que a maioria dos produtos que consumimos hoje em dia utilizam palavras estrangeiras?
- d) Na sua casa, você e sua família consomem algum desses produtos da fotomontagem?

Os resultados apontaram que a maioria dos participantes conhece e/ou consome os produtos da fotomontagem, comentaram que os produtos apresentam palavras estrangeiras por alguns motivos, conforme observamos nas respostas dos participantes:

R1: “porque os produtos vieram do exterior”;

R2: “porque no Brasil vende muito produto importado”;

R3: “porque inglês é mais chique”;

R4: “porque usar inglês destaca mais o produto, chama mais atenção de quem vai comprar”;

R4: “tem palavra do inglês que é melhor pra falar, eu gosto de falar tipo venish, mas a batata Ruffles eu já acho mais difícil”.

A partir das respostas, refletimos que fatores sociais, políticos e econômicos da importação de bens e consumo influenciam diretamente na entrada de palavras estrangeiras. Além disso, o prestígio social nas escolhas das palavras estrangeiras em vez da escolha de palavras da Língua Portuguesa para rotular produtos demonstram que, ideologicamente, a língua estrangeira, principalmente o inglês, é considerada oriunda de uma “cultura melhor”. O posicionamento dos estudantes demonstrou criticidade, comentaram que “os brasileiros realmente acreditam que o inglês é uma “língua melhor”, porque os Estados Unidos são mais ricos e poderosos, pontuaram que “pensar assim é errado”. Isso demonstra que os participantes têm consciência das questões ideológicas que permeiam as escolhas lexicais.

Um exemplo que refletimos com os estudantes foi sobre a marca “Vanish”²¹ (produto de origem escocesa, lançado pela primeira vez em 1983 no Reino Unido, atualmente com sede mundial na Inglaterra). A palavra “vanish” (do inglês), traduzida

²¹ As informações sobre a marca Vanish foram retiradas do blog Mundo das Marcas. Disponível em <https://mundodasmarcas.blogspot.com/2016/12/vanish.html>. Acesso em: 15 de ago. de 2022.

para o português significa “desaparecer” ou “sumir”.

Diante disso, questionamos aos estudantes os motivos que eles acreditavam que levaram a escolha dessa palavra estrangeira. Entre as considerações dos participantes estavam a de que “essa palavra deu certo”, “combinou com a ideia de tirar manchas, acabar com elas, desaparecer da roupa”, apontaram também a sonoridade da palavra: “o jeito de pronunciar ajudou, mesmo a gente não sabendo o significado”.

É notório que as questões discursivas estão em evidência nas considerações dos participantes na escolha de “Vanish”. Porém, refletimos em sala que é importante considerar que, os aspectos sociais, discursivos e ideológicos que envolvem as escolhas lexicais estão imbricados, são indissociáveis, o que pode acontecer é de um aspecto ter um peso maior na escolha do que outro.

Pensando ainda no aspecto discursivo, refletimos sobre “Corn Flakes” do inglês e “flocos de milho” em português. Apresentamos aos participantes a possibilidade da escolha de “Corn Flakes”, pensando na construção gramatical do inglês, a ausência de preposição torna a expressão mais sucinta, em detrimento de “flocos de milho” em português, a presença da preposição “de” torna a expressão mais extensa. Os participantes concordaram e deram outros exemplos, entre eles, “playlist” (do inglês), discursivamente, simplifica o que poderia ser uma “lista de música” em português.

Na sequência, propomos a produção de uma fotomontagem com a finalidade de aproximar os estudantes de palavras estrangeiras em objetos que eles convivem em casa e, ainda, refletir sobre os motivos dessas escolhas como fruto de fatores sociais, culturais, políticos, tecnológicos, econômicos etc.

Para isso, produzimos e apresentamos uma fotomontagem para motivar a participação na produção, conforme podemos visualizar na figura 9:

Figura 9 – Fotomontagem em dois minutos na cozinha



Fonte: Fotomontagem arquivo pessoal das autoras (2022).

Os participantes enviaram as fotos para o WhatsApp da professora-pesquisadora. A seguir, apresentamos exemplares das produções nas figuras 10 e 11:

Figura 10 – Fotomontagem participante 1



Fonte: Fotomontagem dos participantes da pesquisa (2022).

Figura 11 – Fotomontagem participante 2



Fonte: Fotomontagem dos participantes da pesquisa (2022).

As produções demonstraram que os participantes coletaram imagens de objetos e produtos disponíveis em casa, como também recortes de revistas e imagens da internet. A “Air fryer” foi o objeto mais fotografado, os comentários apontaram que na maioria das casas tem esse eletrodoméstico.

A palavra shampoo também foi motivo de discussão. Ao falarmos da existência da palavra xampu na Língua Portuguesa, os estudantes demonstraram surpresos com essa informação, visto que as embalagens, em sua grande maioria, apresentam shampoo nos rótulos. Fomos questionadas em diversos momentos se tínhamos certeza da existência da palavra xampu, se não estávamos equivocadas com essa informação.

Para ratificar, projetamos uma pesquisa no VOLP, como resultados constatamos que ambas, shampoo e xampu, são oficializadas na Língua Portuguesa, um dos comentários foi o de que xampu pode até ser oficializada, “mas só no papel” porque nas embalagens o que eles veem é shampoo. Realizamos também uma pesquisa na internet para ver se encontrávamos alguma embalagem escrita xampu, encontramos pouquíssimas, uma delas apresentamos na figura 12:

Figura 12– Embalagem de xampu

Disponível em: <https://www.americanas.com.br/produto/35717847/shampoo-t-xuxinha-baruel-caixa-com-12-120ml-camomila>. Acesso em: 07 de set. de 2022.

A maioria dos alunos disseram que não conheciam essa marca, pedimos que analisassem os motivos pela escolha de xampu, os comentários dos participantes foram em torno de que poderia ser uma empresa brasileira, por isso optaram pela palavra em português, outros disseram que poderia ser para valorizar a Língua Portuguesa, diferente do que as outras empresas fazem ao escolher Shampoo. Um dos participantes observou que o xampu era da linha turma da xuxinha, então o motivo era o “X” em comum no produto e no nome da linha (xampu/xuxinha). Consideramos uma percepção interessante, nesse caso, o aspecto discursivo está em evidência. Diante desse ponto de vista, pesquisamos e constatamos que as demais linhas dessa mesma marca utilizam shampoo em suas embalagens como podemos ratificar na figura 13:

Figura 13 – Embalagem de shampoo



Disponível em: https://encrypted-tbn2.gstatic.com/shopping?q=tbn:AND9GcR3hBXFn1Pqe_Jx2afgyoG41hgt5VnvlmheUmggBMzKEoSilUIVUiKxVRFddja06v9pRZTYlzt8ohwzHSKkm3WEzerBNdWlBeROXjRfCfmDzdSSSPXmMn&usqp=CAE. Acesso em: 07 de set. de 2022.

Diante dos resultados, consideramos que os participantes fizeram apontamentos coerentes durante a primeira e segunda aulas, finalizamos esse momento reafirmando que as escolhas lexicais entre as palavras estrangeiras e o português envolvem sempre a dimensão social, discursiva e ideológica.

Nas terceira e quarta aulas, projetamos vitrines de lojas em shoppings com a expressão “Black Friday” e um anúncio com a expressão “Black Fraude”, conforme podemos visualizar nas figuras 14 e 15:

Figura 14 – Placa de Black Friday



Fonte: Placa de desconto da Black Friday — Foto: Chico Escolano. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/black-friday/2022/noticia/2022/11/25/hoje-e-dia-de-black-friday-veja-dicas-para-aproveitar-as-ofertas-e-fugir-do-prejuizo.ghtml>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Figura 15 – Placa de Black Fraude

Disponível em : <https://segredosdomundo.r7.com/black-fraude/>. Acesso em: 30 de jul. de 2022.

Em seguida, entregamos cópias de dois textos informativos: o primeiro explicando a origem do estrangeirismo “Black Friday” utilizada no comércio do Brasil, expressão adotada da cultura norte-americana; o segundo, explicando como surgiu a expressão “Black Fraude” no Brasil.

Discutimos as ideias dos textos e colocamos em discussão a expressão “Black Fraude”. Os participantes pontuaram que a palavra “Fraude”, nesse contexto, poderia se referir tanto às propagandas enganosas que oferecem descontos ilusórios, enganando os consumidores, quanto a sites falsos, onde golpistas fazem a venda virtual, recebem do consumidor, mas não entregam o produto, ou seja, também é uma fraude. Comentaram ainda que esses crimes virtuais acontecem com frequência no período da Black Friday, pois os golpistas aproveitam para oferecer os produtos com um preço menor, sem que os consumidores desconfiem, alguns deram exemplos de pessoas próximas, como amigos e familiares que já caíram nesses golpes.

Um dos participantes sugeriu a utilização da expressão “Black Fake”, consideramos uma sugestão interessante, os comentários foram o de que realmente se encaixaria nesse contexto de propagandas falsas, sites falsos/ sites fakes.

Na quinta e sexta aula, para consolidar as discussões sobre os aspectos socioculturais do estrangeirismo, propomos a produção de cartazes para explorar a influência de culturas estrangeiras no Brasil, que resulta nos estrangeirismos presente na Língua Portuguesa.

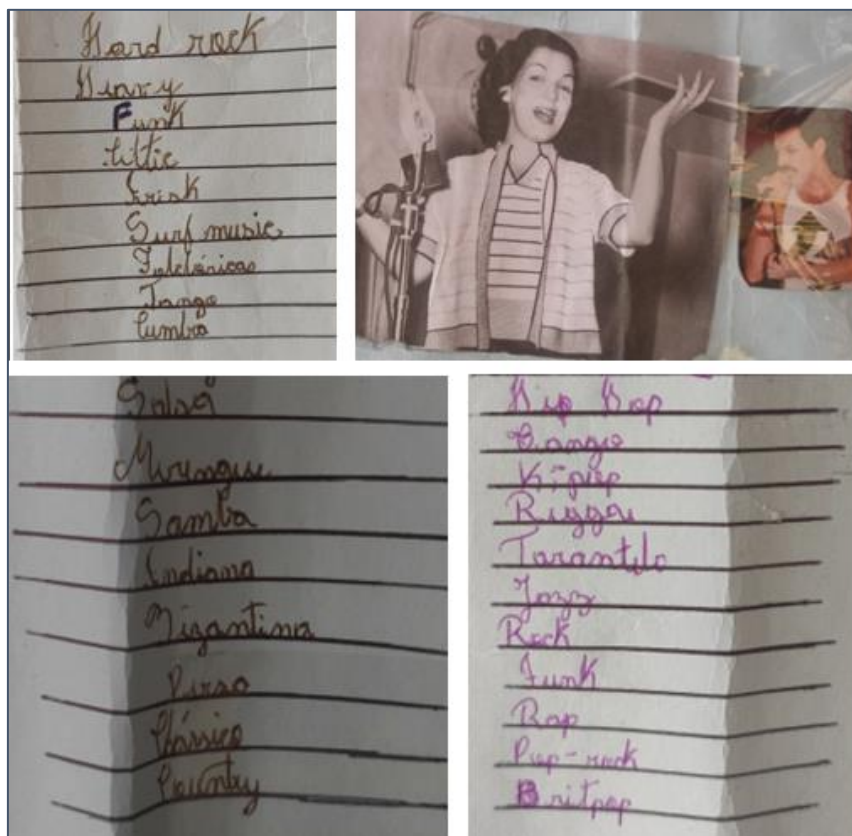
Para isso, dividimos a turma em grupos entre 4 e 5 alunos, e fizemos o sorteio das temáticas a serem trabalhadas (culinária, lanches, esportes, música, moda,

palavras da pandemia etc.), marcamos a data de apresentação dos trabalhos para que eles já se organizassem para isso.

Dois grupos pediram para fazer o trabalho de forma digital em vez de cartazes. Para incentivar o uso dos recursos tecnológicos, concordamos, porém avisamos que deveriam fazer o trabalho em casa, pois ainda não havia internet disponível no laboratório. Para que os estudantes desses dois grupos não ficassem ociosos, pedimos que ajudassem a professora-pesquisadora na organização da sala, distribuição e recolhimento do material e dessem suporte aos grupos que estavam produzindo os cartazes.

Um dos motivos que acreditamos ter despertado o interesse de alguns para realizarem o trabalho digital foi o fato de a escola ter acabado de instalar um projetor multimídia e caixa de som em cada sala de aula, uma novidade na escola. Além disso, cada professor havia ganhado um notebook do governo nesse mesmo período. Assim, os alunos estavam motivados a utilizarem esses recursos, pois eles nos solicitaram a utilização do projetor multimídia no dia da apresentação. A seguir, apresentamos recortes dos trabalhos produzidos pelos participantes nas figuras 16 a 21:

Figura 16 – Recortes de trabalhos dos participantes: música



Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Figura 17– Recortes de trabalhos dos participantes: pandemia 1



Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Figura 18– Recortes de trabalhos dos participantes: culinária

pratos estrangeiros

CONTRIBUIÇÕES INTERNACIONAIS

O Brasil é um país feito de várias outras nações ao longo de sua história. Já parou pra pensar em todas as contribuições internacionais nas nossas cozinhas? Pois são muitas, então venha viajar conosco através da história :

STROGONOFF

Poucas pessoas sabem que o tradicional estrogonofe dos almoços de família tem origem russa, sendo derivado de "Strogonov", o nome de uma família real do período czarista. No Brasil, a receita recebeu adições de molho de tomate e acompanhamentos de arroz e batata palha.

origem russa

Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Figura 19– Recortes de trabalhos dos participantes: moda anos 50 a 80

Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Figura 20 – Recortes de trabalhos dos participantes: moda 2020

➤ DELIVERY DE ROUPAS

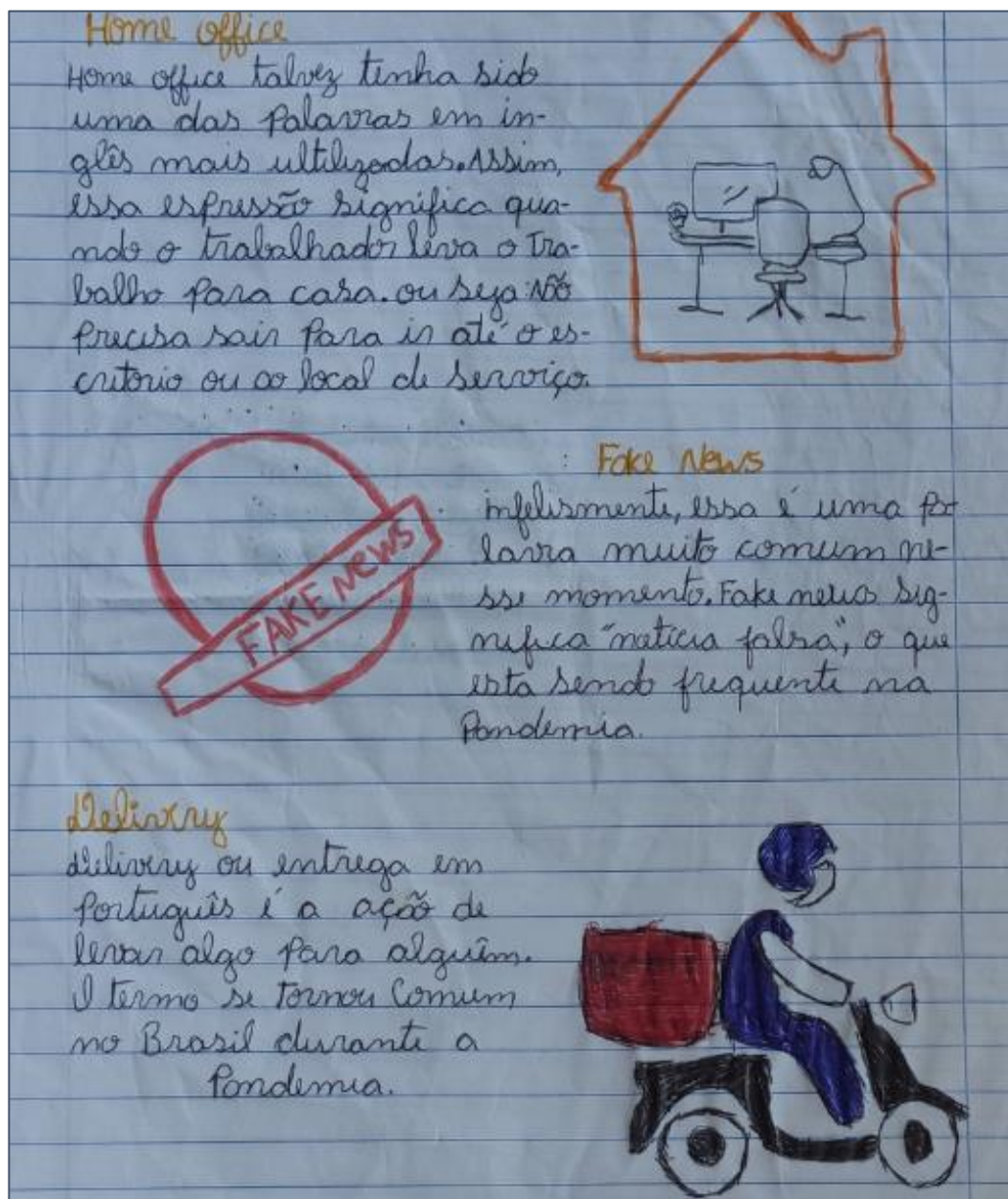
O delivery é um serviço que tem crescido muito no nosso dia a dia, principalmente agora nesse momento de isolamento social por conta da pandemia do Covid-19.

A moda se reinventa a cada dia! Por isso, pensando na tecnologia que avança diariamente, a Upperbag leva a moda até você na sua casa.

Com a correria do cotidiano, as pessoas acabam tendo menos tempo de ir até as lojas fazerem compras. Por isso, o delivery simplifica sua vida entregando conforto, praticidade e qualidade na sua casa.

Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Figura 21– Recortes de trabalhos dos participantes: pandemia 2



Fonte: Recortes de trabalhos dos participantes (2022).

Reservamos uma aula para socialização dos trabalhos, esse momento contribuiu, significativamente, para consolidar os objetivos da oficina, tendo em vista que o conteúdo das pesquisas proporcionou reflexões sobre a influência dos aspectos socioculturais na entrada de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

À vista disso, refletimos com os estudantes sobre a contribuição da entrada dessas palavras estrangeiras para ampliação do léxico da Língua Portuguesa, nosso acervo lexical enriquece com a entrada de novas palavras. Para exemplificar, comparamos esse processo de ampliação lexical com uma família que cresce com a chegada de um novo integrante.

A partir dos trabalhos dos participantes, elaboramos alguns gráficos de amostra com a finalidade de analisar os resultados pela porcentagem de palavras estrangeiras e palavras da Língua Portuguesa que foram encontradas nos trabalhos realizados. Conforme mostramos nos gráficos 32 a 36²²:

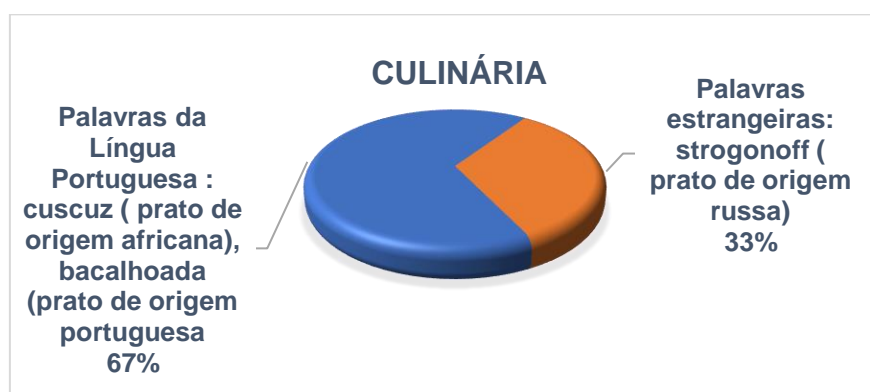
Gráfico 32 – Trabalho dos participantes: Música



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

O resultado do gráfico aponta que, na temática música, prevaleceu as palavras da Língua Portuguesa com 58%, as palavras estrangeiras representaram a menor parcela com 42%. Nessa amostra, verifica-se que no Brasil há uma diversidade de estilos musicais, conseqüentemente, uma diversidade de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa oriundas dessa esfera comunicativa.

Gráfico 33 – Trabalho dos participantes: Culinária



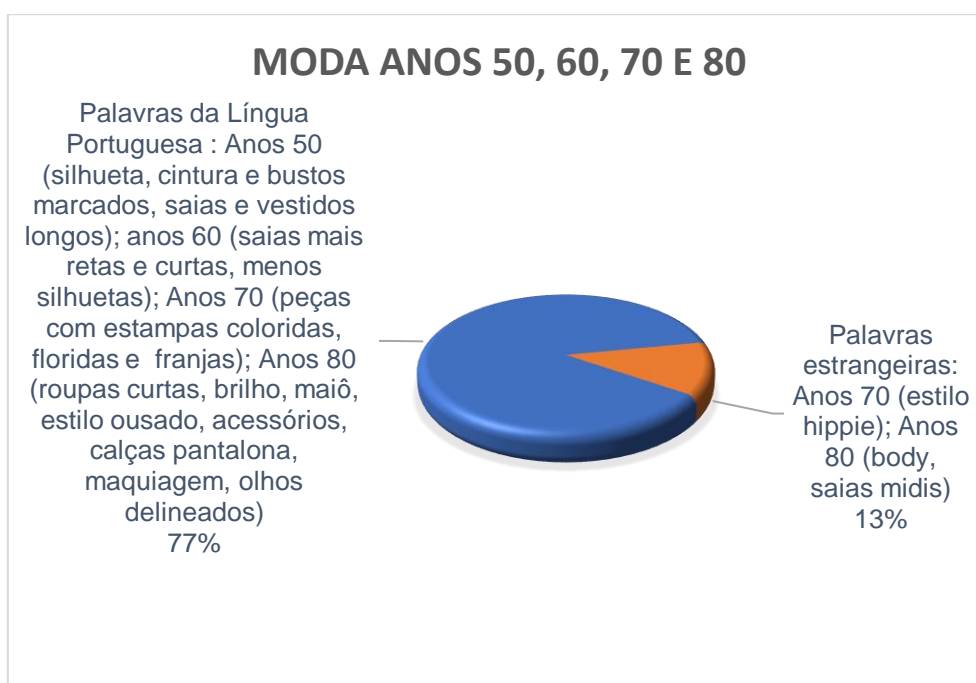
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

²² Nos gráficos 32 a 36 mostram as palavras que passaram pelo processo de aportuguesamento como pertencentes à Língua Portuguesa, mesmo sendo de origem estrangeira. Esse assunto foi esclarecido na seção 2.2.2 (p. 59-60)

O trabalho da culinária apresentou três pratos: cuscuz e bacalhoda, palavras da Língua Portuguesa, representando 67% no gráfico; strogonoff, palavra estrangeira, representando 33%. Essa amostra nos permitiu refletir sobre a diferença entre a origem da palavra estrangeira e a origem do prato estrangeiro, observamos que a palavra strogonoff é do inglês, mas a origem do prato é russa, cuscuz e bacalhoda são palavras da Língua Portuguesa, mas o primeiro prato é de origem africana, o segundo portuguesa.

Observamos ainda que strogonoff (do inglês) e estrogonofe (com aportuguesamento) são palavras oficializadas na Língua Portuguesa de acordo com o VOLP, o que nos permite concluir que há toda uma carga ideológica ao aportuguesar a palavra “estrogonofe”, uma tentativa de valorização da língua nacional (assunto a ser discutido na próxima oficina).

Gráfico 34 – Trabalho dos participantes: Moda anos 50, 60,70 e 80

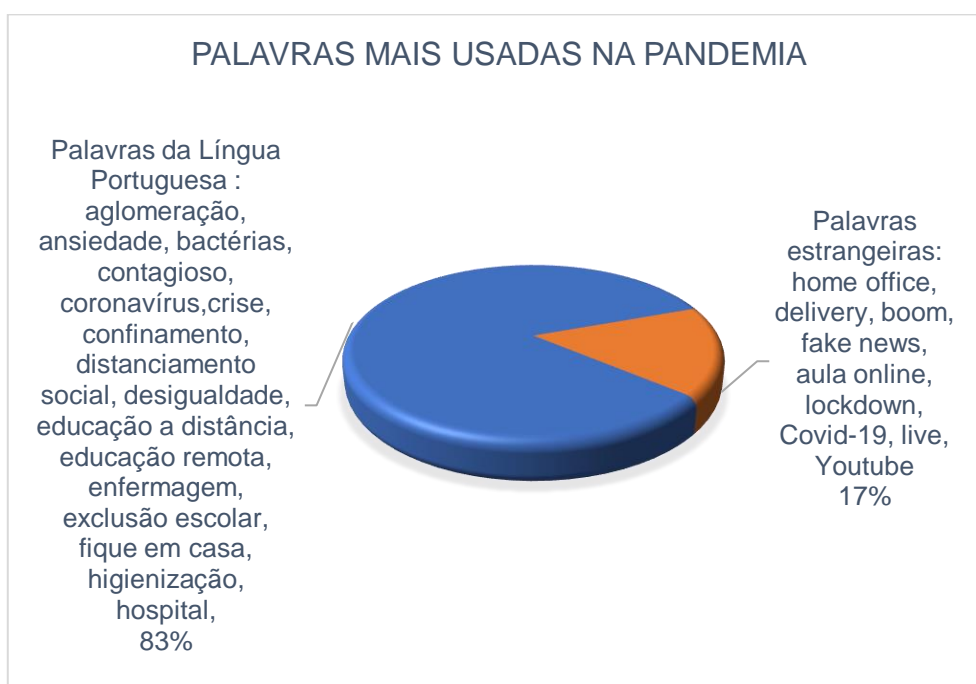


Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Gráfico 35 – Trabalho dos participantes: Moda 2020

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os dois gráficos juntos sobre moda anos 50, 60, 70,80 e 2020 resultam numa percentagem de 88,5% para as palavras da Língua Portuguesa e 11,5% para palavras estrangeiras. Assim, nesse trabalho sobre moda, as palavras da Língua Portuguesa obtiveram o maior número de palavras.

Gráfico 36 – Trabalho dos participantes: pandemia covid-19

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

No trabalho sobre as palavras mais usadas na pandemia da Covid-19, os resultados mostram que 83% são palavras da Língua Portuguesa, enquanto as palavras estrangeiras apresentam 17%. Portanto, nesse trabalho a maior porcentagem foi para as palavras da Língua Portuguesa

Pela leitura dos gráficos apresentados nos trabalhos realizados pelos participantes, podemos concluir que, em todas as temáticas prevaleceram as palavras da Língua Portuguesa em detrimento da menor parcela para as palavras estrangeiras. Além disso, os fatores socioculturais influenciam diretamente do comportamento linguístico da sociedade brasileira ao analisar as palavras estrangeiras apresentadas nos trabalhos.

Diante desses resultados, podemos afirmar que as palavras estrangeiras não descaracterizam, nem trazem prejuízo para Língua Portuguesa, pelo contrário, elas contribuem para o enriquecimento do nosso acervo lexical (assunto a ser discutido na próxima oficina).

Os resultados apontaram que o léxico da Língua Portuguesa revela a identidade cultural do Brasil, as várias palavras estrangeiras presentes na música, na moda, na culinária, na dança, no contexto pandêmico do coronavírus, entre outros, são resultados do contato com diversas culturas espalhadas pelo mundo.

Ao longo da realização das atividades dessa oficina, refletimos sobre a dimensão social, discursiva e ideológica em torno do estrangeirismo, além da presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa oriundas das relações socioculturais, presentes nos produtos que consumimos, na culinária, na música, na dança, na moda, na tecnologia, na internet, e assim por diante oriundos das relações socioculturais.

As produções de fotomontagem, as pesquisas para produção de cartazes e apresentação dos trabalhos, os comentários, reflexões feitas em sala e análise dos resultados, nos permite avaliar positivamente essa oficina e considerar que alcançamos os objetivos propostos.

4.2.3 Oficina 3: “Tamu junto e misturado!”

A terceira oficina teve duração de 3h/aula, os recursos utilizados foram notebook, projetor multimídia, caixa de som e caderno para entrevista.

O objetivo dessa oficina é desvelar o estigma de que as palavras estrangeiras

descaracterizam a Língua Portuguesa, com a finalidade de contribuir para minorar o preconceito e o purismo em relação à presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, tendo em vista o caráter heterogêneo das línguas.

Escolhemos o título “Tamu junto e misturado!”, partindo do princípio de que as palavras estrangeiras estão presentes na Língua Portuguesa e não as descaracteriza, considerando que as línguas são heterogêneas e dinâmicas.

Na primeira e segunda aulas, introduzimos a oficina com a leitura da tirinha “coisas desse Brasil tiririca”, que pode ser visualizada na figura 22:

Figura 22 – Tirinha “Coisas desse Brasil Tiririca!



Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com/2018/07/atividade-sobre-processo-de-formacao-de.html>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Partimos de questões relacionadas à crítica da tirinha com a finalidade de promover uma discussão:

- A leitura da tirinha nos permite concluir que o preconceito está relacionado com a cultura ou com a palavra estrangeira?
- Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

As discussões foram coerentes com as ideias apresentadas na tirinha, a crítica em relação à dominação da cultura americana no Brasil com a comemoração do Halloween, e o uso de palavras estrangeiras pelos interlocutores de forma instantânea e natural, logo na sequência. Os participantes tiveram a percepção que o preconceito, nesse caso, não é com a palavra e sim com a cultura.

Em seguida, projetamos um vídeo da professora Carina Fragozo, intitulado “Estrangeirismos: estamos indo longe demais?” com objetivo de refletir sobre o estrangeirismo e as críticas sobre o purismo linguístico.

Ressaltamos que a escolha desse vídeo²³ para a oficina se deu pelo fato de a

²³ Fonte: Fragozo, Carina. Estrangeirismos: estamos indo longe demais? English in Brazil. Youtube, 2019. (7min e 4s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1vyYWmpI9w>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

abordagem do conteúdo estar relacionada aos questionamentos sobre purismo ou nacionalismo linguístico e, ainda, refletir sobre assuntos já abordados nas oficinas anteriores sobre os fatores que motivam a entrada de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

Relatamos a seguir as ideias apresentadas pela professora Carina Fragoso. Na descrição do vídeo há uma reflexão: “Internet, fast food, feedback, playlist, delivery, link... não é difícil pensar em uma porção de palavras do inglês que usamos no português, e não é de hoje que os empréstimos e estrangeirismos fazem parte da nossa língua. Mas será que estamos indo longe demais? Será que o inglês está destruindo a língua portuguesa?” (trecho extraído da descrição do vídeo.)

A professora aborda no vídeo que internet, fast food, coffee break, delivery, e tantas outras palavras da língua inglesa são usadas e entendidas com perfeição aqui no Brasil. Pontua ainda que estrangeirismos e empréstimos fazem parte da nossa língua há tempos, porém há aqueles que não gostam e esses incomodam com as palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

O vídeo foi gravado no teatro municipal de São Paulo com a finalidade de falar de um fato histórico: a semana de arte moderna de 1922 e as ideias nacionalistas, a tentativa de valorizar do que era nosso, o que era brasileiro e uma certa aversão ao que era estrangeiro, pelo fato de considerar que nossa arte era muito colonizada, um estilo muito europeu. Essa ideia ficou clara no manifesto de Oswald de Andrade de 1928 em que ele faz a pergunta “Tupi or not tupi: that’s the questions.”, a professora aponta que essa frase se traduz na ideia de que ele queria saber “o quanto nós somos brasileiros?” ou “somos brasileiros mesmo ou não?”. A tentativa era a de valorizar nossa língua, nossa gramática.

Nesse clima de nacionalismo, a professora aproveita para abordar a questão de palavras estrangeiras usadas na Língua Portuguesa, comenta sobre o Projeto de Lei de 1999 do deputado Aldo Rebelo sobre “a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa”, ou seja, a tentativa de evitar ao máximo o uso de palavras estrangeiras no Brasil.

A partir disso, é feito o questionamento se é possível eliminar o uso de palavras estrangeiras, questiona se os estrangeirismos e empréstimos fazem algum mal para nossa língua, para nossa cultura, para nosso intelecto ou algo parecido. Em primeiro lugar, a professora ressalta que palavras que no passado foram estrangeirismos, atualmente já estão completamente incorporadas em nosso acervo, por exemplo,

palavras do francês como balé, crochê, maquete, garçom, que hoje são usadas naturalmente, um dia já foram estrangeirismos, o mesmo ocorre com o inglês, como futebol (football), coquetel (cocktail), panqueca (pancake), escâner (scanner), exemplos de palavras que passaram por adaptação fonológica e ortográfica.

Em consonância com o que já havíamos discutido em oficinas anteriores, o vídeo aponta os fatores de entrada de palavras estrangeiras, entre eles, “as lacunas linguísticas”, um exemplo é internet, não temos ainda outra palavra em nossa língua para substituí-la, ressalta que a palavra internet não existia, simplesmente porque a internet não existia, depois de sua criação nos Estados Unidos, foi trazida para o português sem adaptação ortográfica, houve uma adaptação fonológica (isso ocorre na maioria das palavras estrangeiras quando entram no Brasil).

Enquanto em fast-food/ fast food (um lanche rápido), high tech (alta tecnologia), hot dog (cachorro quente), “sale” (liquidação/promoção) temos uma palavra ou mais em português que as substituem. Nesse caso, não é uma questão puramente linguística e sim cultural, a influência da cultura norte-americana no Brasil e no mundo, a globalização, e o fato do inglês ser considerado uma língua de prestígio aqui no Brasil. Sendo assim, usar “sale” em vez de liquidação/promoção traduz um sentimento que a palavra do inglês é mais chique, mais elitizada.

A professora revela no vídeo que o uso exagerado da Língua Inglesa a incomoda um pouco, há usos que são desnecessários, em seu ponto de vista, por exemplo, fazer uma “call” em vez de fazer uma ligação, eu vou “bookar” para você em vez de eu vou agendar para você.

A professora conclui refletindo que, independentemente da opinião de cada um, o que hoje é estranho, no futuro pode se tornar o padrão (trazemos essa discussão teórica na seção 2.3 *sistema, norma e fala*, p.86), pois não temos como controlar a língua, pois elas não são estáticas, mas estão em constante mudança, são dinâmicas por natureza. Assim, querer uma língua pura, livre de influências externas, querer fiscalizar, controlar as línguas humanas, é uma tarefa impossível de ser realizada, é como “tentar controlar o que é incontrolável”. A professora termina usando estrangeirismo de forma proposital, assim ela pergunta: “Eu quero saber de você, o que você pensa sobre esse assunto? (...) “Se você tiver um *insight* deixa aqui nos comentários, confira os *links* e as *playlists* que eu vou deixar aqui no *box*, que eu vou deixar na descrição do vídeo, e deixe o seu *like*” (...).

Após o vídeo abrimos um espaço para debate do assunto. Primeiro eles

pediram para pesquisar no VOLP se as palavras utilizadas pela professora no final do vídeo eram não oficializadas ou oficializadas, percebemos o interesse dos alunos pelo VOLP após a primeira oficina, a pesquisa constatou que insight, link, playlist e box são oficializadas, ou seja, empréstimos. Enquanto “like” ainda não é oficializada, portanto, ainda é um estrangeirismo. Os comentários dos participantes foram coerentes com as ideias apresentadas no vídeo, apesar de uma minoria se posicionar contrária ao uso de palavras estrangeiras, a maioria conseguiu relacionar as ideias da tirinha com as reflexões do vídeo.

Após o debate, projetamos dois textos para leitura; o primeiro reflete sobre o preconceito linguístico, o julgamento do “certo” e “errado” no uso da Língua Portuguesa de acordo com a norma culta, em vez dos conceitos de “adequado” e “inadequado” de acordo com as situações comunicativas; o segundo reflete sobre purismo linguístico.

Ponderamos que a ideia de preconceito e purismo linguísticos estão interligadas, porém apresentamos as reflexões sobre preconceito e purismo em dois textos diferentes com a finalidade de mostrar aos estudantes que, da mesma forma que acontece preconceitos e estigmas de outras formas de linguagem que fogem à norma culta, acontece também preconceitos e estigmas em relação à presença de outros idiomas na língua nacional, uma visão purista da linguagem. Conforme podemos observar nos textos 2 e 3:

Texto 2: Preconceito linguístico

Preconceito Linguístico

O preconceito linguístico está relacionado à rejeição, ao julgamento das formas de se expressar diferentes da norma culta, uma visão do “certo” e do “errado” na língua. Segundo os estudiosos da língua, partindo do princípio da variação linguística, não existe “certo” e “errado” na maneira de se comunicar e se expressar, tanto na fala quanto na escrita. A língua varia de acordo com a classe social, gênero, idade, grau de escolaridade, região, profissão dos falantes. O que existe, então, é a noção de adequado ou inadequado conforme as situações comunicativas que estamos inseridos. As variedades linguísticas presentes no Brasil, representam a identidade do povo brasileiro e sua cultura, portanto, devem ser valorizadas.

Exemplos de preconceito linguístico:

- Julgar que o português de Portugal é melhor que o português do Brasil;
- Debochar do sotaque de alguém por ser estrangeiro ou por diferenças regionais, como goiano, mineiro, baiano, cearense, carioca, paulista, gaúcho etc.;
- Julgar que uma região do Brasil tem o português melhor do que nas outras regiões (por exemplo, acreditar que o português mais “correto” é o falado na região sul);
- Discriminar as gírias modernas ou debochar das gírias antigas;
- Rir ou corrigir as pessoas que cometem desvios na pronúncia (como falar "bicicreta" e não bicicleta);
- Discriminar a linguagem abreviada usada nas redes sociais ou na internet em geral (o internetês, por exemplo).
- Acreditar que os desvios gramaticais de uma pessoa são “erros” de português;
- Debochar dos diferentes nomes para mesma coisa, em lugares diferentes (como laranjinha, geladinho, dindim, sacolé, juju);
- Entre outras...

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Bagno (2007b).

Texto 3: Purismo linguístico

Purismo linguístico

Ao pensar no caráter social das línguas, podemos dizer que o estrangeirismo é um processo natural, todas as línguas recebem influências de outras. Porém, há quem não goste dessa influência e tenta combater ou até proibir o estrangeirismo na Língua Portuguesa, argumentando que as palavras estrangeiras descaracterizam a língua e levam à perda de sua identidade nacional, uma ideia de purismo linguístico. Os estudiosos da língua já provaram que não existe língua pura, todas as línguas que existem no mundo são influenciadas por outras, reflexo da convivência humana, do contato e interação entre os povos.

Exemplos de visão purista da língua:

- Divulgar a ideia que a Língua Portuguesa está perdendo sua identidade nacional devido à presença de palavras estrangeiras;
- Acreditar que o inglês vai destruir o português;
- Julgar que as palavras estrangeiras atrapalham a compreensão de um texto;
- Julgar que as palavras estrangeiras atrapalham a comunicação dos falantes e/ou causam constrangimento ao pronunciá-las;
- Proibir o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa;
- Estipular multas pelo uso de palavras estrangeiras;
- E outras mais...

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Faraco (2001).

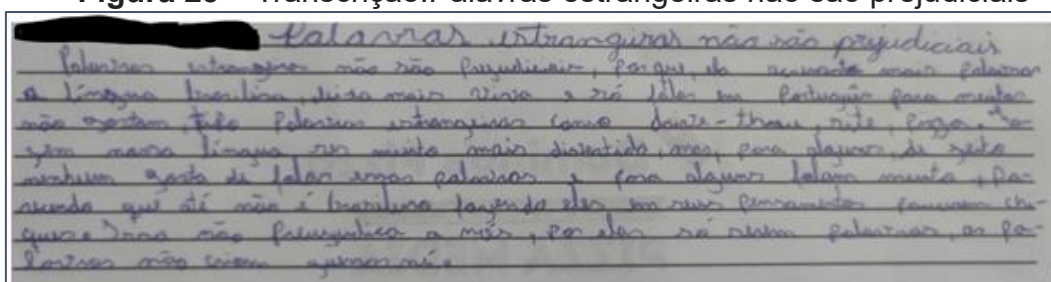
Os resultados apontaram que os participantes concordam com as ideias do texto sobre preconceito linguístico, porém a maioria acredita que, utilizando uma linguagem mais culta e formal na oralidade, podem aprender a escrever “melhor” e “dominar” a língua. Por outro lado, uma minoria considera que o importante é ser compreendido, em outras palavras, que a linguagem informal deve ser valorizada em qualquer ambiente de comunicação.

Diante dessas considerações, acreditamos que a noção de “certo” e “errado” ainda está arraigado no ambiente escolar, portanto a adequação linguística deve ser um assunto abordado, constantemente, nas aulas de Língua Portuguesa, incluindo, inclusive, os itens lexicais estrangeiros (assunto a ser abordado nas próximas oficinas).

Em relação ao purismo ou nacionalismo linguístico, as opiniões ficaram divididas, mas a maioria acredita que os estrangeirismos não descaracterizam a Língua Portuguesa (o que vai ao encontro do resultado da questão 14 do questionário de sondagem inicial. Outra parte acredita que há exageros no uso dos estrangeirismos, principalmente do inglês. Por outro lado, uma minoria se posicionou contrário ao uso dos estrangeirismos, pois consideram uma forma de “modificar” nossa língua.

A seguir, apresentamos um exemplar de resposta de um dos participantes. Para melhorar a compreensão da leitura, transcrevemos o texto original conforme mostra a figura 23:

Figura 23 – Transcrição: Palavras estrangeiras não são prejudiciais



Palavras estrangeiras não são prejudiciais

Palavras estrangeiras não são prejudiciais, porque, ela acrescenta mais palavras na língua brasileira, deixa mais viva e só falar em Português para muitos não gostam, tipo palavras estrangeiras como drive-thru, site, pizza. Fazem a nossa língua ser muito mais divertida, mas, para alguns, de jeito nenhum gosta de falar essas palavras e para alguns falam muito e parecendo até que não é brasileiro fazendo eles em seus pensamentos parecerem chiques. Isso não prejudica a nós, por elas só serem palavras, as palavras não criam guerras né.

Fonte: Recorte e transcrição de respostas dos participantes(2022).

Após as discussões realizadas em sala, na terceira aula dessa oficina, propomos uma entrevista com a comunidade escolar. Para isso, informamos previamente à coordenação da escola que os alunos iriam sair da sala de aula para realizarem essa atividade de entrevista, visto que não é comum ver alunos circulando nos corredores e espaços externos da escola no horário de aula.

O objetivo da entrevista é coletar opiniões favoráveis ou contrárias de pessoas da comunidade escolar sobre a presença de palavras e expressões estrangeiras na Língua Portuguesa. Os estudantes foram instruídos a elaborarem uma ficha no caderno para coleta dos dados, como idade, sexo, cidade onde nasceu, profissão, além de elaborarem previamente a pergunta para entrevista.

Os participantes entrevistaram funcionários, professores e alunos de outras

turmas. Com o objetivo de envolver também os familiares na pesquisa, pedimos que cada participante fizesse a entrevista com um membro da família quando chegassem em casa. As perguntas básicas dos participantes foram “Qual é a sua opinião sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, por exemplo, show, pizza, site, e-mail?”, “você acha que as palavras estrangeiras ajudam ou atrapalham a Língua Portuguesa?”. Os participantes escreveram as perguntas em linguagem própria e, alguns, elaboraram outras perguntas além dessas citadas.

A seguir, apresentamos transcrições e recortes das entrevistas, reforçamos que não fizemos a correção ortográfica e gramatical, optamos por apresentar a escrita original dos participantes, acreditamos ser uma forma de mostrar a realidade. Devido à dificuldade para ler alguns textos depois de escaneados, optamos por fazer a transcrição de algumas entrevistas para melhor compreensão do leitor, conforme apresentamos nas figuras 24 a 30:

Figura 24 – Transcrição de entrevista dos participantes 1

Profissão: professora
 Idade: 28
 Cidade/estado: Goiânia Go
 “Ela acha que é uma forma de dominação que a gente sofre, é uma forma de colonização dos estados unidos em cima da nossa cultura”.

Fonte: Transcrição de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 25 – Transcrição de entrevista dos participantes 2

Profissão: Merendeira
 Idade: 67 anos
 Nascida na Bahia
 “Acho importante trazer coisas deles pra cá e levar as nossas pra lá porque somos todos irmãos pela fé e o povo de deus deve ser unido”.

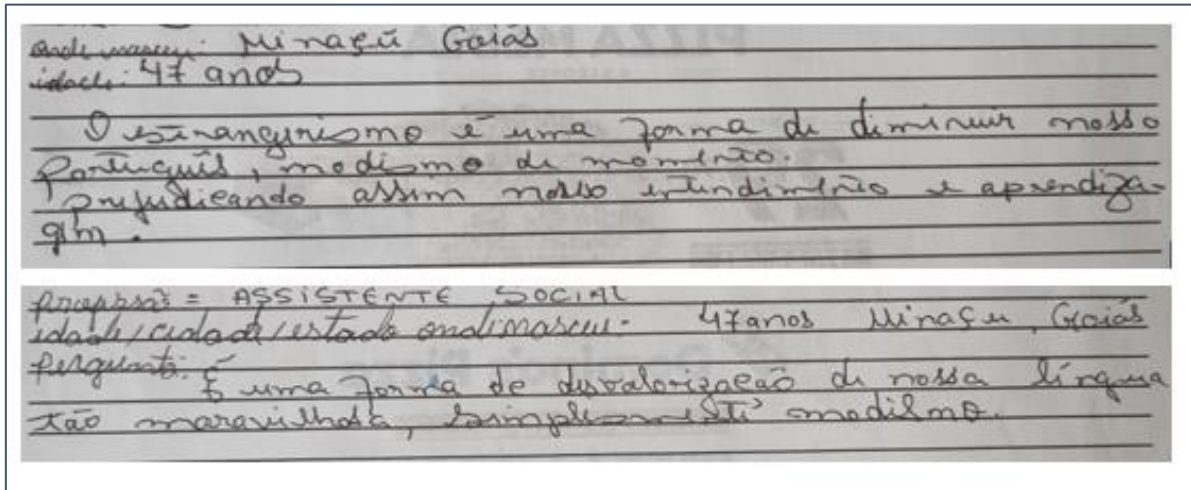
Fonte: Transcrição de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 26 – Transcrição de entrevista dos participantes 3

Profissão: Estudante
 Idade: 15 anos
 Cidade/estado onde nasceu: Cuiabá MT
 “Eu acho bom, por conta de aumentar o vocabulário. Não vejo prejuízo nisso”.

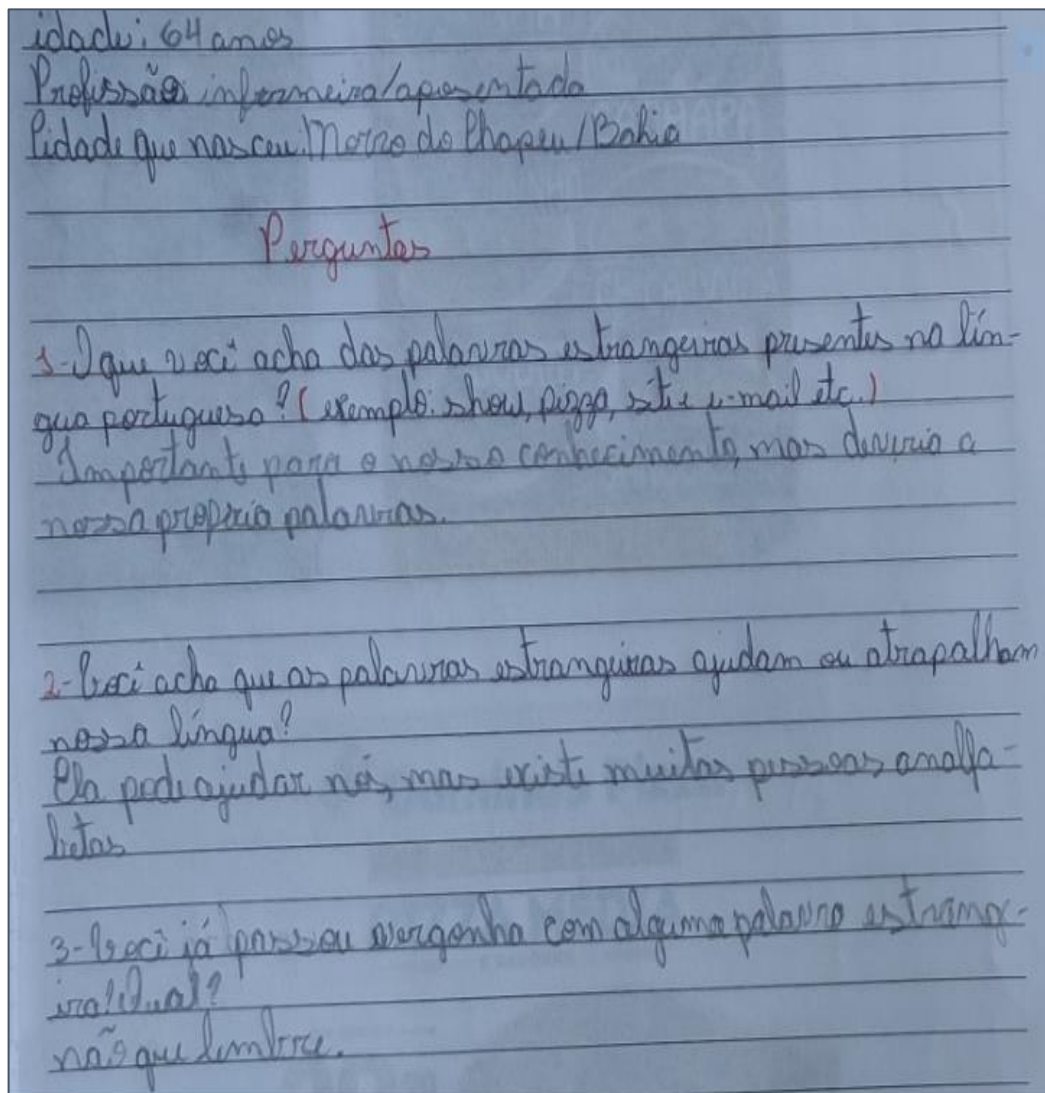
Fonte: Transcrição de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 27 – Recorte de entrevista dos participantes 1



Fonte: Recortes de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 28 – Recorte de entrevista dos participantes 2



Fonte: Recortes de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 29 – Recorte de entrevista dos participantes 3

<ul style="list-style-type: none"> • data de nascimento: 29/04/1986 • cidade: GOIANIA-GO • estado civil: CASADA • Escolaridade : ENSINO MÉDIO COMPLETO 	<p>A pessoa entrevistada disse q as palavras estrangeiras mais usadas na sua residência são: Internet, smart, crush, motoboy, boy, slide, shampoo, sedan, drink, blog, backup, e rally. Essas são as palavras mais usadas pelos seus filhos e seu marido e ela mesmo, essas palavras também são confundidas para o português, muitas pessoas pensam que palavras estrangeiras são a original do português, mais não são. essas palavras foram usadas da pessoas entrevistada.</p>
<p>ENTREVISTA DE LINGUAGENS ESTRANGEIRAS</p>	<p><u>muito obrigada!♥</u></p>

Fonte: Recortes de entrevistas dos participantes (2022).

Figura 30 – Recorte de entrevista dos participantes 4

idade: 51 anos
 cidade onde nasceu: Teresina - Piauí
 Profissão: Vendedora

Perguntas

1) O que você acha das palavras estrangeiras presentes na língua portuguesa (exemplo: show, pizza)

2) Você acha que as palavras estrangeiras ajudam ou atrapalham nossa língua?

Respostas

1) Acho interessante pois, nos auxiliam na linguagem pois as pessoas estão fazendo muito intercâmbio com outros países, isso facilita nossa comunicação.

2) Acho normal pois vamos evoluir, crescer para viver melhor pois muitas pessoas vem de fora para nosso País

Fonte: Recortes de entrevistas dos participantes (2022).

Elaboramos ainda um gráfico para análise da porcentagem de opinião favorável ou contrária ao estrangeirismo entre a comunidade escolar e familiares. Computamos os dados pela análise de todas as entrevistas dos participantes, não apenas as dos recortes e transcrições apresentados anteriormente. Colocamos alguns comentários dos entrevistados, conforme podemos visualizar no gráfico 37:

Gráfico 37 – Estrangeirismo: opinião da comunidade escolar e familiares



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Diante da análise dos dados quantitativos (79% de opiniões favoráveis e 21% contrárias) e qualitativos podemos afirmar que a maioria da comunidade escolar e familiares dos participantes são favoráveis ao uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

Acreditamos que essa oficina contribuiu para desvelar o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa, minorar o preconceito linguístico e a visão purista da língua, considerando o caráter heterogêneo e dinâmico da língua.

Tendo em vista os objetivos dessa oficina, a participação nas atividades, os resultados analisados no gráfico, os dados qualitativos, avaliamos essa oficina positivamente, consideramos que atingimos os objetivos propostos.

4.2.4 Oficina 4: Temos pizza, sanduíche gourmet e chica doida!

A quarta oficina teve duração de 3h/aula, os recursos utilizados foram notebook e projetor multimídia, caixa de som, xérox das atividades para leitura e produção de tirinha.

Essa oficina foi elaborada com o objetivo de compreender a movimentação e os principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa: incorporação pelo aportuguesamento dos estrangeirismos; incorporação da palavra estrangeira e aportuguesamento; incorporação de palavras estrangeiras apenas no idioma original; incorporação de palavras com duas grafias estrangeiras e refletir se a incorporação de palavras estrangeiras traz prejuízo à Língua Portuguesa.

O título “Temos pizza, sanduíche gourmet e chica doida!” foi escolhido pelo fato de termos trabalhado panfletos e anúncios com essa temática.

Para iniciar, durante a primeira e segunda aulas, introduzimos a oficina com leitura de panfletos e anúncios de pratos e lanches, conforme podemos visualizar nas figuras 31 a 33:

Figura 31– Panfleto 1: Pratos e lanches



Disponível em https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQVxHEb6J2TUfcTxSyk_sbmTzhLqrph7YAxU2qQ-t4TKStmeT5QnVAG0f814ujY1CfGA80&usqp=CAU . Acesso em: 04 de maio de 2022.

Figura 32 – Panfleto 2: Pratos e lanches



Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ-O5VKORu13M_Pa4nQQImc6PuPXc5Bxl45inixJU7kTQos5B0pp5s51eqb6FDS2z8pUD8&usqp=CAU. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

Figura 33 – Anúncio de pizza



Disponível em: <https://www.dominos.com.br/>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Após a leitura, propomos algumas questões:

- Você conseguiu visualizar palavras estrangeiras nas imagens? Quais?
- Você acha que houve exagero de palavras estrangeiras nos textos que você leu?
- As palavras estrangeiras atrapalharam a compreensão dos textos?

d) Quais palavras estão escritas em português, mas você acha que têm origem estrangeira?

e) Quais palavras você acha que são tipicamente brasileiras? Por quê?

Após as discussões e análise das respostas, os resultados apontaram que os participantes consideraram como palavras estrangeiras: sanduíche gourmet, pão sírio, omelete, lasanha, smilinguido, pizza, corn e bacon “espaghetti” e margherita. Nenhum dos participantes considerou que houve exagero de palavras estrangeiras nos panfletos e no anúncio.

A maioria dos participantes respondeu que as palavras estrangeiras não atrapalharam a compreensão dos textos. No entanto, enquanto respondiam às questões, as dúvidas que surgiram foram sobre as palavras “barca”, “cachapa”, “pão sírio” e “chica doida”.

Os comentários foram que a “barca” é um sanduíche bem grande que vem numa bandeja em forma de barca; a “cachapa” ninguém conhecia, arriscaram que era um prato estrangeiro, informamos que é um prato de origem venezuelana, uma espécie de panqueca, que teve sua receita adaptada para o Brasil; “pão sírio”, alguns disseram que é um pãozinho branco, seco, redondo e sem gosto, bom para comer com patê; a “chica doida” explicaram que é uma espécie de pamonha assada feita com linguiça, queijo muçarela, bacon, calabresa, e outros ingredientes, informamos a eles que é uma comida típica de Goiás feita com massa de milho-verde.

Por outro lado, palavras estrangeiras como pizza e gourmet não apresentaram dúvidas pela maioria dos participantes. Os comentários apontaram que gourmet é uma espécie de sanduíche artesanal, porém mais chique e mais caro. Avaliamos, nesse caso, que o empréstimo “gourmet” representa um ideal de cultura da alta gastronomia francesa, utilizando ingredientes mais requintados, nobres e de alta qualidade, enquanto a palavra “artesanal” representa um ideal de hábitos adaptados para cultura brasileira, pelo fato de ser um sanduíche feito com hambúrguer de ingredientes caseiros preparado de forma manual, ou seja, um hambúrguer não industrializado.

Quanto à pergunta sobre as palavras escritas em português que eles acreditam ter origem estrangeira, os resultados foram sanduíche, gourmet e cachapa. Aproveitamos para informar aos estudantes que sanduíche é um aportuguesamento de “sandwich” (do inglês), gourmet é uma palavra estrangeira oficializada na Língua Portuguesa, ou seja, um empréstimo do francês, e cachapa apresenta uma origem

não esclarecida (por ser um prato típico da cultura venezuelana alguns atribuem ao espanhol, outros apontam como origem indígena).

As palavras tipicamente brasileiras, na visão dos participantes, são escondidinho, lasanha, sanduíche e chica doida, conforme observamos em alguns exemplares das respostas:

R1: “eu acho que escondidinho é tipicamente de origem brasileira”;

R2: “Lasanha porque essa comida é muito falada no brasil”;

R3: “Lasanha é a minha favorita”;

R4: “Lasanha pois é uma comida típica”

R5: “Sanduíche, uma delícia”.

R6: “Chica doida, porque a minha vó faz na roça dela”

Podemos observar que lasanha foi a palavra mais citada como tipicamente brasileira. Em nossa análise, consideramos, pelos comentários feitos, que alguns participantes estavam se referindo ao prato e não à palavra. Informamos que a lasanha foi trazida para o Brasil pelos imigrantes italianos, portanto a palavra lasanha é um aportuguesamento de lasagna (do italiano), e sanduíche, um aportuguesamento de sandwich (do inglês). Nos comentários, alguns disseram que, em algumas situações, falam “sanduba” ou “sandubão”.

O escondidinho e a chica doida também foram apontados como palavras tipicamente brasileiras. Esses pratos são populares na cozinha goiana (estado de origem da maioria dos participantes). O escondidinho é de origem imprecisa, apesar de ser considerado de origem nordestina na maioria das buscas que fizemos.

A chica doida é típica da culinária goiana, a origem do nome do prato causou uma certa curiosidade nos estudantes. Esclarecemos que, nesse caso, a questão histórica está associada a escolha do nome do prato. De acordo com uma reportagem do portal R7: “Chica Doida”²⁴ é um prato que faz parte do patrimônio cultural e imaterial de Goiás, possui esse nome porque a criadora, Dona Petronilha, teria improvisado essa “pamonha” recheada com queijo, jiló, linguiça e pimenta, pelo fato de ter acabado as palhas de milho que servem de “embalagem” para esse creme”, ela improvisou e levou a massa ao forno para gratinar.

²⁴ Fonte: “CHICA DOIDA”: prato patrimônio cultural e imaterial de Goiás é destaque no “só goiás que tem” da Record tv Goiás-GO, 2022. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/recordtv-emissoras/centro-oeste/record-tv-goias/chica-doida-prato-patrimonio-cultural-e-imaterial-de-goias-e-destaque-no-so-goias-que-tem-da-record-tv-goias-29062022> . Acesso em: 22 de jun. de 2022.

Diante dessas considerações feitas anteriormente, observamos que o olhar dos participantes foi para o uso social da palavra, o que ela representa na realidade, não a materialidade da palavra em si. Portanto, podemos afirmar que a compreensão do significado de uma palavra está relacionada às experiências adquiridas pelos falantes nas relações sociais, culturais e históricas.

Na sequência, preparamos uma aula expositiva e dialogada sobre a entrada de palavras estrangeiras como reflexo do processo de globalização, mostrando exemplos de palavras que circulam na Língua Portuguesa que são oriundas de idiomas estrangeiros, em especial do inglês.

Logo após, refletimos sobre os principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, esclarecendo e exemplificando a movimentação das palavras:

- a) Palavras estrangeiras incorporadas pelo processo de aportuguesamento:
 - futebol originou do inglês “football”;
 - supermercado originou do inglês “supermarket”;
 - batom originou do francês “bâton”;
 - maquiagem originou do francês “maquillage”.
- b) Palavras estrangeiras incorporadas com ambas grafias aceitas pelo VOLP, com o idioma original e com aportuguesamento:
 - nylon/náilon;
 - skate/esquite;
 - rock/roque.
- c) Palavras estrangeiras incorporadas apenas com a grafia estrangeira:
 - Mouse (informática)
 - Selfie
 - Internet
 - Pizza
- d) Palavras incorporadas com duas grafias estrangeiras aceitas pelo VOLP:
 - on-line/ online;
 - off-line/ offline;
 - e-mail /email;
 - fast -food/ fast food.

Consideramos importante a reflexão que, em alguns casos, o aportuguesamento ocorre por uma tentativa de valorização da Língua Portuguesa

para evitar o uso da palavra estrangeira. Porém, colocamos em discussão se, na prática, realmente funciona, se os falantes adotam espontaneamente a grafia aportuguesada em todos os casos. Questionamos, por exemplo, qual das formas eles escrevem as palavras stress (inglês) ou estresse (português), skate (inglês) ou esqueite (português), rock (inglês) ou roque (português). Os resultados apontaram que palavras como roque e esqueite eram desconhecidas pela maioria dos participantes, e pontuaram que o fato de estarem oficializadas não faz as pessoas usarem.

Diante desses processos, podemos perceber que nosso léxico se expande ao incorporar palavras estrangeiras, o que é benéfico para a língua. Salientamos ainda, que os falantes, a partir do momento que passam utilizar de forma coletiva e com alta frequência um estrangeirismo, o mesmo tende a ser incorporado ao léxico.

Para finalizar esse primeiro momento da oficina, projetamos um vídeo²⁵ de 10 min, intitulado “Feicibúqui, stalkear, "deadline": o estrangeirismo na língua portuguesa”, com a finalidade de endossar as reflexões em torno do aportuguesamento e sua relação com o purismo linguístico.

As reflexões do vídeo começaram com a abordagem do estrangeirismo como um processo espontâneo e natural de palavras de outros idiomas na Língua Portuguesa. Explicou sobre anglicismo (palavras do inglês) e galicismo (palavras do francês) para introduzir o processo de aportuguesamento das palavras. No caso de ateliê (atelier) e champanhe(champagne) são galicismos que passaram pelo processo de aportuguesamento. Enquanto mouse (informática), e-mail, internet são anglicismos que não modificaram a escrita.

O vídeo aborda ainda a facilidade dos brasileiros em transformar estrangeirismos em verbos da 1ª conjugação, a terminação “-ar”, como aconteceu com “delete” (estrangeirismo do latim) utilizado nos teclados dos computadores, logo surgiu o verbo deletar, assim como outros exemplos em stalkear, clicar, checar, escanear, printar, tuitar etc.

Outro assunto abordado no vídeo é o aportuguesamento fonológico, adaptação da pronúncia das palavras estrangeiras: facebook /féicibuqui/, youtube /iutúbi/ smartphone /ismartifoni/, nesses casos, o /i/ é marcante na pronúncia dos brasileiros,

²⁵ Fonte: BRASILEIRICES. Feicibúqui, stalkear, "deadline": o estrangeirismo na língua portuguesa. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d3Q21hlpHes> . Acesso em: 30 de abr. de 2022.

diferente da pronúncia do inglês, idioma de origem dessas palavras.

Para concluir, o vídeo aborda o uso exagerado das palavras estrangeiras, principalmente o inglês, comenta que é quase impossível viver sem estrangeirismo no mundo globalizado, porém prevalece o bom senso, em certos casos não é possível substituir palavras como airbag, spam, zoom, mas em outros há a possibilidade de substituição como feedback/retorno, delivery/entrega, coffee break/lanchinho, finaliza refletindo sobre o purismo linguístico e o bom senso no uso dos estrangeirismos.

Iniciamos a terceira aula da oficina propondo um momento de discussão oral, projetamos a imagem de parte de um teclado de computador com as teclas “delete”, “end”, “home”, “page up”, “page down” e “insert”. Discutimos sobre a função das teclas e a aprendizagem dessas palavras pelo contato dos falantes, conversamos ainda sobre a entrada de palavras estrangeiras por termos da informática, contribuindo também para a ampliação lexical. Os comentários dos participantes se resumiram em “essas palavras estrangeiras são aprendidas na prática, mexendo no computador e não atrapalha as pessoas aprenderem informática”.

Logo em seguida, propomos a leitura de uma tirinha, conforme apresentamos na figura 34:

Figura 34 – Tirinha de Calvin



Disponível em: <https://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/01/estrangeirismos-tirinha-calvin.html> .Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Após a leitura, propomos algumas questões com o objetivo de refletir sobre o uso das palavras “delete e reinicializar” no contexto comunicativo da tirinha:

- Qual é a situação vivida por Calvin?
- Quais palavras da tira são próprias do universo da informática?
- Qual palavra própria da nossa língua poderia ser usada no lugar de delete?
- No contexto da tira, qual o sentido da palavra reinicializou no último quadrinho?

- e) Quais outras palavras da nossa língua poderiam substituir reinicializar com o mesmo sentido?
- f) Existe uma palavra estrangeira para reinicializar? Em que contexto você já vivenciou?

Sobre a pergunta de qual é a situação vivida por Calvin, colocamos exemplares de algumas respostas dos participantes:

R1: “Ele está brincando de robô”;

R2: “ele se deu mal por fugir da obrigação”;

R3: “Calvin não limpou o quarto e foi brincar”;

R4: “Está brincando em vez de fazer o que a mãe pediu”.

R4: “Não arrumou o quarto que sua mãe mandou e brincou a manhã toda.”

As palavras do universo da informática apontadas pelos participantes foram computador, me faça uma pergunta, erro de sistema, sistema, delete, tente novamente, reinicializar.

Na questão sobre qual palavra da Língua Portuguesa poderia ser usada no lugar de delete, os resultados foram deletar, apagar, apague, excluir, descarte.

Sobre o sentido de reinicializou no contexto da tira, os resultados apontaram:

R1: “Ele começou de novo”;

R2: “A mãe falou pra ele arrumar o quarto”;

R3: “Ela o mandou para cima”;

R4: “apagou e desligou e ligou novamente”;

R5: “ela reinicializou ele e mandou ele pra cima”;

R6: “A mamãe me mandou aqui pra cima”.

Quanto à palavra da nossa língua que substitui reinicializar, os participantes apontaram reiniciar, desligar e ligar, começar outra vez e começar de novo. Quanto à palavra estrangeira para substituir reinicializar, a maioria respondeu que não sabia, poucos apontaram reset, resetar, resete, restart e resetting. Dois participantes explicaram a situação vivenciada com as palavras estrangeiras reset e restart:

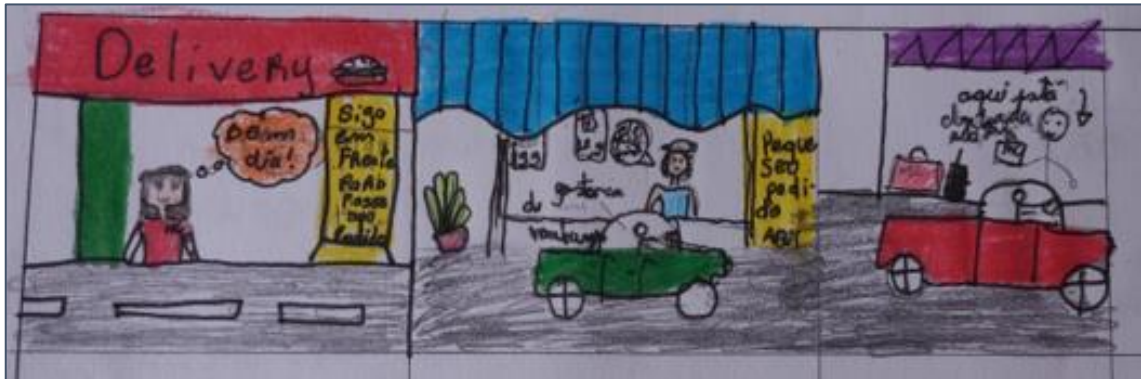
R1: “ao reiniciar o computador apareceu essa palavra”,

R2: “tipo você fazer merda e começar de novo”.

Para finalizar essa oficina, propomos a produção de uma tirinha utilizando estrangeirismos utilizados no cotidiano. Não especificamos a temática, nem as palavras estrangeiras, deixamos livre, pois o objetivo era perceber que o estrangeirismo está presente nas mais variadas situações e ambientes comunicativos

da nossa sociedade sem prejuízo à Língua Portuguesa, utilizado por interlocutores de todas as classes sociais, idade, sexo, grau de escolaridade, localização geográfica, entre outros. A seguir, apresentamos alguns exemplares de tirinhas produzidas pelos participantes nas figuras 35 a 39:

Figura 35 – Produção dos participantes: Tirinha 1



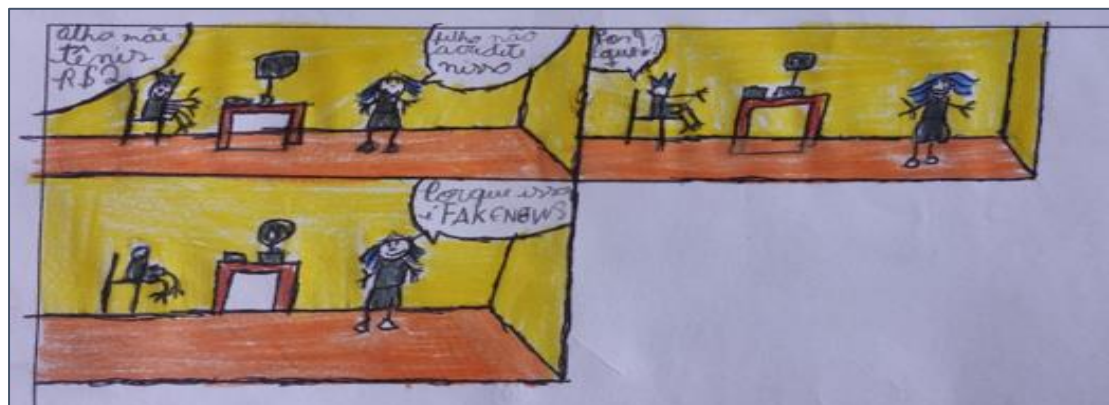
Fonte: Foto de tirinha produzida pelos participantes da pesquisa (2022).

Figura 36 – Produção dos participantes: Tirinha 2



Fonte: Foto de tirinha produzida pelos participantes da pesquisa (2022).

Figura 37 – Produção dos participantes: Tirinha 3



Fonte: Foto de tirinha produzida pelos participantes da pesquisa (2022).

Figura 38 – Produção dos participantes: Tirinha 4



Fonte: Foto de tirinha produzida pelos participantes da pesquisa (2022).

Figura 39 – Produção dos participantes: Tirinha 5



Fonte: Foto de tirinha produzida pelos participantes da pesquisa (2022).

As produções das tirinhas mostraram que os participantes usaram as palavras estrangeiras em diferentes situações comunicativas, portanto foram condizentes com a proposta da oficina.

Acreditamos que essa oficina contribuiu para compreensão dos principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa. Diante dos objetivos propostos, a participação nas atividades, as produções da tirinha, os dados qualitativos, avaliamos essa oficina positivamente, consideramos que atingimos os objetivos propostos.

4.2.5 Oficina 5: O Estrangeirismo “tá on”!

A quinta oficina teve duração de 8h/aula, os recursos utilizados foram notebook, projetor multimídia, caixa de som, xérox das atividades para leitura e produções textuais.

O título dessa oficina, “O Estrangeirismo ‘tá on!’”, foi escolhido para expressar o sentido de “O Estrangeirismo está presente na Língua Portuguesa”. A intenção é chamar a atenção dos estudantes por meio de uma gíria estrangeira utilizada por eles. Observamos que a expressão “tá on”, estava sendo utilizada, frequentemente, em sala de aula com sentido de “tô na área”, “tô na pista”, “tô ligado”, “tô presente”, inclusive alguns alunos respondiam à chamada com “tô on”. Essa expressão começou como “o pai tá on”, utilizada pelo jogador Neymar em 2020 para comemorar a classificação do Paris Saint-Germain, com sentido de que ele estava “ligado” e pronto para a partida. A partir dessa situação, a expressão se disseminou na sociedade e expandiu para diversos contextos comunicativos.

O objetivo dessa oficina é possibilitar a compreensão do processo de variação linguística incluindo os itens lexicais estrangeiros, direcionando para uma proposta de adequação linguística.

Para tal propósito, durante a primeira e segunda aulas, projetamos imagens de embalagens para leitura e abordagem da discussão em torno das variantes “biscoito e bolacha”, com a intenção de sondar qual delas é utilizada pelos estudantes. O objetivo dessa atividade é refletir sobre o processo de variação linguística com exemplos de palavras da Língua Portuguesa. A seguir, apresentamos as embalagens nas figuras 40 a 42:

Figura 40 – Embalagem de biscoito recheado



Disponível em: https://br.openfoodfacts.org/images/products/789/100/024/1356/front_pt.17.full.jpg .

Acesso em: 04 de mai de 2022.

Figura 41 – Embalagem de biscoito doce de maizena



Disponível em: https://world-fr.openfoodfacts.org/images/products/789/608/086/2132/front_pt.4.full.jpg .

Acesso em: 04 de maio de 2022.

Figura 42 – Embalagem de biscoito salgado



Disponível em: https://br.openfoodfacts.org/images/products/789/115/232/1197/front_pt.4.full.jpg

Acesso em: 04 de maio de 2022.

Por meio de uma aula dialogada, propomos questões para sondar qual dessas palavras eles utilizavam:

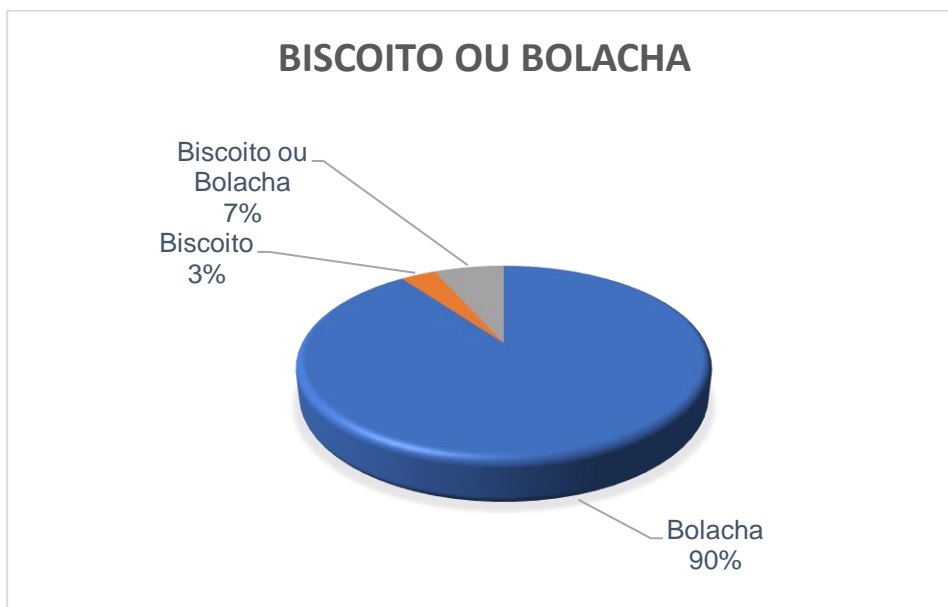
- a) Nas embalagens está escrito biscoito ou bolacha?
- b) Na sua região as pessoas falam biscoito ou bolacha?
- c) Existe diferença entre biscoito e bolacha para você? Qual?
- d) Você conhece alguém que fala essa palavra diferente de você?

Os participantes responderam que nas embalagens está escrito biscoito, porém alguns comentaram que nunca haviam prestado atenção. Os resultados apontaram que a variante bolacha é a mais falada na região dos participantes (a maioria é goiano), comentaram que um colega de sala, recém-chegado do Rio de Janeiro, fala biscoito com sotaque carioca “bixcoito”.

Os participantes disseram que existe diferença entre biscoito e bolacha. Segundo eles, a bolacha é o produto que apareceu nas embalagens das imagens, eles compram no supermercado e existe também a “bolachinha de nata” caseira. Enquanto o biscoito é feito em casa, tem o biscoito de queijo ou biscoito frito de polvilho, pode ser de sal ou de doce. Acrescentaram que o biscoito de polvilho pode ser comprado de pacote, parecido com a peta, porém há diferença entre peta e biscoito. Em suas descrições, a peta é mais seca, oca e compridinha, e o biscoito é redondo, outros argumentaram que também existe peta redonda.

Em relação se eles conhecem alguém que falam diferente de bolacha (variante mais usada por eles), apontaram prontamente o colega carioca que fala “bixcoito” e outros amigos e familiares oriundos de outras regiões, principalmente do nordeste (Bahia e Maranhão).

A seguir, os resultados das variantes biscoito e bolacha utilizada pelos participantes em relação as embalagens apresentadas no início da oficina, podem ser visualizados no gráfico 38:

Gráfico 38 – Resultado: Biscoito ou Bolacha?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados apontaram que 90% dos participantes falam bolacha, 7% falam ambas, biscoito ou bolacha, e 3% falam biscoito. Comparamos os resultados dos participantes com uma enquete realizada sobre o uso de biscoito e bolacha no Brasil, consideramos que os resultados foram aproximados com a realidade da maioria dos brasileiros, conforme mostra a figura 43 :

Figura 43– Biscoito ou Bolacha? Um país dividido

Disponível em <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-certo-e-biscoito-ou-bolacha/>.
Acesso em: 15 de fev. de 2023.

Logo após, projetamos um vídeo²⁶ de 2min e 36s, intitulado “Irmãos gêmeos nascem em dias e estados diferentes”. A escolha desse vídeo se deu por abordar questões da variação regional e, ainda, utilizar os exemplos de biscoito e bolacha discutidos na oficina.

A reportagem conta a história do Miguel e do Davi, um caso raro na medicina, gêmeos prematuros que nasceram em dias e estados brasileiros diferentes. O Miguel nasceu em Resende-RJ, em 28 de janeiro de 2022, pesando 1,1kg. O Davi nasceu em São Paulo- SP, 36h e 34min depois, no dia 29 de janeiro de 2022, pesando 1,3kg.

Os pais dos gêmeos moravam em Resende-RJ, a mãe é de origem pernambucana. A repórter conta que com 27 semanas de gestação a bolsa da mãe rompeu, foi para o hospital e nasceu o Miguelzinho, mas para surpresa de todos o trabalho de parto parou, e o Davi ficou quietinho na barriga da mãe.

A família decidiu ir para São Paulo porque os gêmeos precisariam de UTI neonatal por serem prematuros, a viagem durou 4h, a mãe em uma ambulância, o Miguel em outra. O pai conta que ficava monitorando as contrações da mãe e olhando as maternidades mais próximas em cada cidade que passava, em caso de emergência.

Quando chegaram em São Paulo, a equipe médica já estava à espera para fazer o parto. Em entrevista, uma médica explica que a placenta do primeiro bebê havia ficado na mãe, então mãe e filho corriam riscos de infecção. Porém, a mãe já estava em franco trabalho de parto, então nasceu Davi, de parto normal, em boas condições. Os gêmeos receberam alta quase três meses depois, com mais que o dobro do peso.

Sobre o futuro dos gêmeos, como um nasceu no Rio de Janeiro e o outro em São Paulo, a mãe explica que o Miguel vai falar “bixcoito” (reproduzimos a pronúncia da mãe) e o Davi vai falar bolacha. Sobre o time de futebol, o pai explica que o Miguel pode torcer para o Flamengo, mas o Davi vai torcer para o São Paulo como o pai.

Os pais dos bebês viveram uma situação que consideramos pertinente para abordar o assunto de variação linguística com os estudantes. A variação regional estava em evidência no comentário dos pais em relação à história dos gêmeos.

²⁶ Fonte: SBT NEWS. **Irmãos gêmeos nascem em dias e estados diferentes**. SBT Brasil (03/05/22). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KhjsTMI_vOg. (2min e 36s). Acesso em: 04 de maio de 2022.

Entretanto, os estudantes estavam mais interessados em comentar a história dos gêmeos, principalmente duas coincidências que chamaram atenção: uma delas é um estudante novato, recém chegado exatamente do Rio de Janeiro, o mesmo confirmou que fala “bixcoito” na região onde nasceu; outra coincidência é a existência de duas irmãs gêmeas idênticas em uma das turmas, fato que despertou a curiosidade dos estudantes, fizeram várias perguntas: como foi o nascimento delas, quem era a mais velha, a diferença de tempo entre elas, se houve algum fato inusitado. As duas prontamente contaram um pouco da história delas.

Em seguida, apresentamos o conceito de variação linguística, esclarecemos que esse processo acontece, naturalmente, em todas as línguas. Abordamos de forma reflexiva os fatores que contribuem para variação linguística, como a região (conforme assistiram no vídeo dos gêmeos), classe social, faixa etária, sexo, grau de escolaridade, profissão, entre outros.

Na sequência, partimos para exemplos de palavras que apresentam variantes na Língua Portuguesa, como xixi, mijó, urina. Questionamos em que situações seriam mais adequada o uso de uma ou outra variante. Os comentários foram condizentes com os conceitos de adequação linguística:

R1: “Urina a gente usa mais pra exame, a gente não fala que vai fazer exame de mijó”;

R2: “Xixi, as mulheres também falam que vai fazer um xixizinho”;

R2: “Meu pai falou que homem não faz xixi, homem dá um mijão”, fazer xixi é coisa pra mulher”;

R4: “Quando nasci meu pai falou que os amigo dele foi beber meu mijó”.

Nas respostas dos participantes, observamos valores sociais, culturais e regionais que perpassam as escolhas lexicais de acordo com as situações comunicativas, ou seja, a adequação linguística. A variante “urina” expressa uma linguagem técnica para fazer exame, o “xixizinho” expressa uma fala feminina numa situação informal. O uso de “mijão” para homens em vez de “xixi” demonstra um preconceito, uma fala machista. Em “beber o mijó” demonstra uma situação cultural de algumas regiões do Brasil: quando nasce um bebê, o pai reúne os amigos mais íntimos para comemorar com bebida alcoólica, mas o convite é feito com a expressão “beber o mijó da criança” (essas explicações foram de acordo com nosso conhecimento cultural da região de Goiás).

Depois disso, introduzimos a discussão da (im)possibilidade de adequação linguística com itens lexicais estrangeiros, o objetivo é possibilitar a compreensão de

que as palavras estrangeiras, ao adentrarem na Língua Portuguesa, também apresentam variantes.

Apresentamos as variantes hot dog e cachorro quente, duas palavras oficializadas na Língua Portuguesa, perguntamos a forma mais utilizada por eles. A maioria respondeu que utilizam tanto hot dog quanto cachorro quente, depende da situação, numa festa de aniversário, por exemplo, o mais comum é dizer que “vai ter cachorro quente”, nas embalagens de pão e nos carrinhos de rua já viram os dois escritos.

Continuamos a aula, questionando se havia outra palavra que eles utilizavam para se referir a hot dog e cachorro quente, se conheciam outras formas de falar em outras regiões, as respostas apontaram que não conheciam outra palavra.

Informamos que, nem sempre, hot dog e cachorro quente significam a mesma coisa em todas as realidades. Na Paraíba²⁷, por exemplo, hot dog e cachorro quente apresentam uma diferença, enquanto o hot dog é feito com salsicha, o cachorro quente é feito com salsicha e carne moída. Além disso, na Bahia o hot dog é chamado de dogão, assim como em outras regiões do Brasil. Refletimos sobre a variação regional nesses exemplos citados.

Conversamos ainda sobre chat e bate-papo, ambas expressões podem se referir a uma conversa pela internet. Nesse caso, os participantes apontaram que enquanto chat se refere a uma conversa apenas no contexto virtual, bate-papo pode significar uma conversa virtual, como também uma conversa pessoalmente.

Propomos um momento para discussão oral, para isso projetamos algumas imagens e questionamos sobre a (im)possibilidade de os empréstimos selfie, test drive e airbag serem substituídos por outras variantes no contexto em que estavam inseridas.

Os comentários dos participantes se resumiram em: para selfie, sugeriram a substituição por foto, “selfie também dá pra falar foto”; para test drive, uma minoria sugeriu “teste de direção”, mas a maioria comentou que falar “test drive é melhor do que teste de direção”; para airbag, sugeriram a substituição por “equipamento de segurança”, argumentamos que, nesse caso, estariam explicando o que era um airbag

²⁷ As informações sobre o hot dog e cachorro quente da Paraíba e Bahia foram retiradas do site frigideira aiqfome. Fonte: COMO é o dogão nas diferentes regiões do Brasil? Frigideira Aiqfome. Disponível em: <https://frigideira.aiqfome.com/como-e-o-dogao-nas-diferentes-regioes-do-brasil/#:~:text=Doq%C3%A3o%20da%20Para%C3%ADba&text=O%20caso%20aqui%20%C3%A9%20bastante,o%20segundo%20ganha%20carne%20mo%C3%ADda>. Acesso em: 29 de jun. de 2022.

e não sugerindo uma variante, pois há diversos equipamentos de segurança em um automóvel, traduzido literalmente seria um “saco de ar”, consideraram que não seria bem aceita, portanto não apontaram uma variante, disseram que “é melhor deixar quieto”.

Apresentamos, ainda, um meme do Neymar com a gíria “o pai tá on”, questionamos sobre a ideia do estrangeirismo “on” presente na expressão, as ideias apresentadas foram “tá ligado”, “tô na pista”, “tô na área”, “o papai chegou”, “tô aqui”.

Para continuar as discussões sobre a variação linguística com itens lexicais estrangeiros, nas terceira e quarta aulas, apresentamos o estrangeirismo “Crush”, gíria utilizada entre adolescentes e jovens para falar sobre o interesse afetivo por alguém, o objetivo é refletir sobre a variação histórica que a língua apresenta.

A escolha dessa palavra se deu por acreditarmos que seria um tema de interesse para a faixa etária (12 e 13 anos). Ao observarmos o comportamento apresentado por alguns estudantes durante as aulas, percebemos que eles trocavam bilhetinhos escritos, constantemente, falando sobre namoro.

Projetamos algumas imagens com frases sobre “Crush” e propomos algumas perguntas:

- a) Você e seus amigos utilizam a palavra Crush?
- b) O que é Crush para você?
- c) Você sabe como seus pais usavam a palavra Crush quando mais jovens?
- d) Existem outras palavras que substituem Crush?

Após as discussões, os resultados apontaram que o estrangeirismo “crush” é utilizado com frequência pelos participantes, eles consideram “crush” alguém por quem você se apaixona e tem interesse para namorar. Em relação como os pais falavam sobre “crush” a maioria não soube responder, disseram que precisaria perguntar em casa, outros arriscaram “paquera”. Outras palavras que substituem “crush” seria “meu amor”, “meu bem”, “meu querido(a)”, “minha paixão”, “meu favo de mel”, “paixonite aguda”.

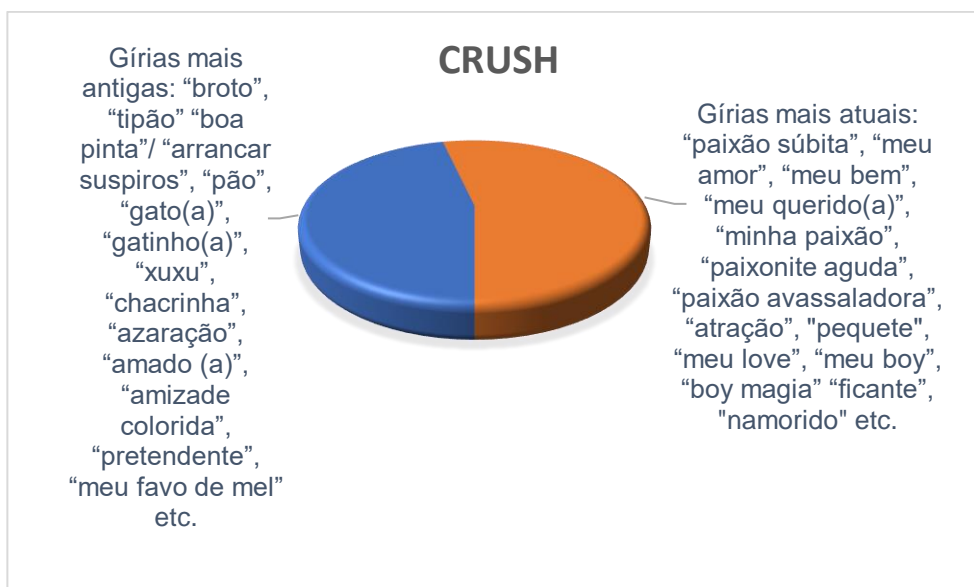
Partimos para a leitura de um texto informativo intitulado “O que é um crush? Se você está solteiro e ainda não sabe o que é está na hora de atualizar as gírias”, retirado do jornal Gazeta do Povo²⁸. O texto traz a origem e significado da palavra

²⁸ Fonte: **O que é um crush?** Se você está solteiro e ainda não sabe o que é está na hora de atualizar as gírias. Gazeta do Povo, 2016. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/o-que-e-crush/>. Acesso em: 01 de out de 2022.

“crush” (do inglês) significa “esmagamento”, uma paixão súbita, um sentimento de ter o coração esmagado por outra pessoa. No texto citam também gírias dos anos 50 a 80 utilizadas no lugar de “crush”.

A seguir, apresentamos algumas gírias e expressões em torno do estrangeirismo “crush”, com base nas respostas dos participantes e pelo texto lido em sala, conforme mostramos no gráfico 39:

Gráfico 39– Gírias antigas e atuais para “Crush”



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Diante dos resultados, refletimos com os participantes sobre as questões históricas que envolvem as escolhas lexicais, explicamos que a língua é dinâmica, está sempre em movimento, evolui constantemente. Sendo assim, nosso léxico vai se expandindo, por isso não temos uma única maneira de nos referirmos a mesma coisa.

Esclarecemos também que a intenção do gráfico não é apresentar uma divisão estática entre gírias antigas e gírias atuais para crush, considerando o caráter dinâmico das línguas, essas gírias se entrelaçam nos discursos, há gírias atuais que já foram utilizadas por gerações anteriores, como também há gírias mais antigas que ainda são usadas na atualidade. Portanto, a escolha de uma ou outra opção vai depender das situações comunicativas, ou seja, uma questão de adequação linguística.

Um exemplo que apresentamos aos estudantes foi que nas décadas de 80 e 90 existia uma marca de refrigerante de laranja chamada Crush, portanto se você perguntar o que é um “crush” fora do contexto, a memória afetiva de algumas pessoas pode se remeter ao Crush como marca de refrigerante, outras podem se reportar

apenas ao crush (pessoa amada), outras ainda podem ter vivido a experiência das duas. Nesse caso, a faixa etária será um dos fatores de influência no conhecimento dessas palavras.

Os estudantes comentaram que nunca tinham ouvido falar desse refrigerante, esclarecemos que não temos conhecimento se ele era comercializado em todas as regiões do país, a localização geográfica também é um dos fatores de influência no conhecimento do refrigerante Crush.

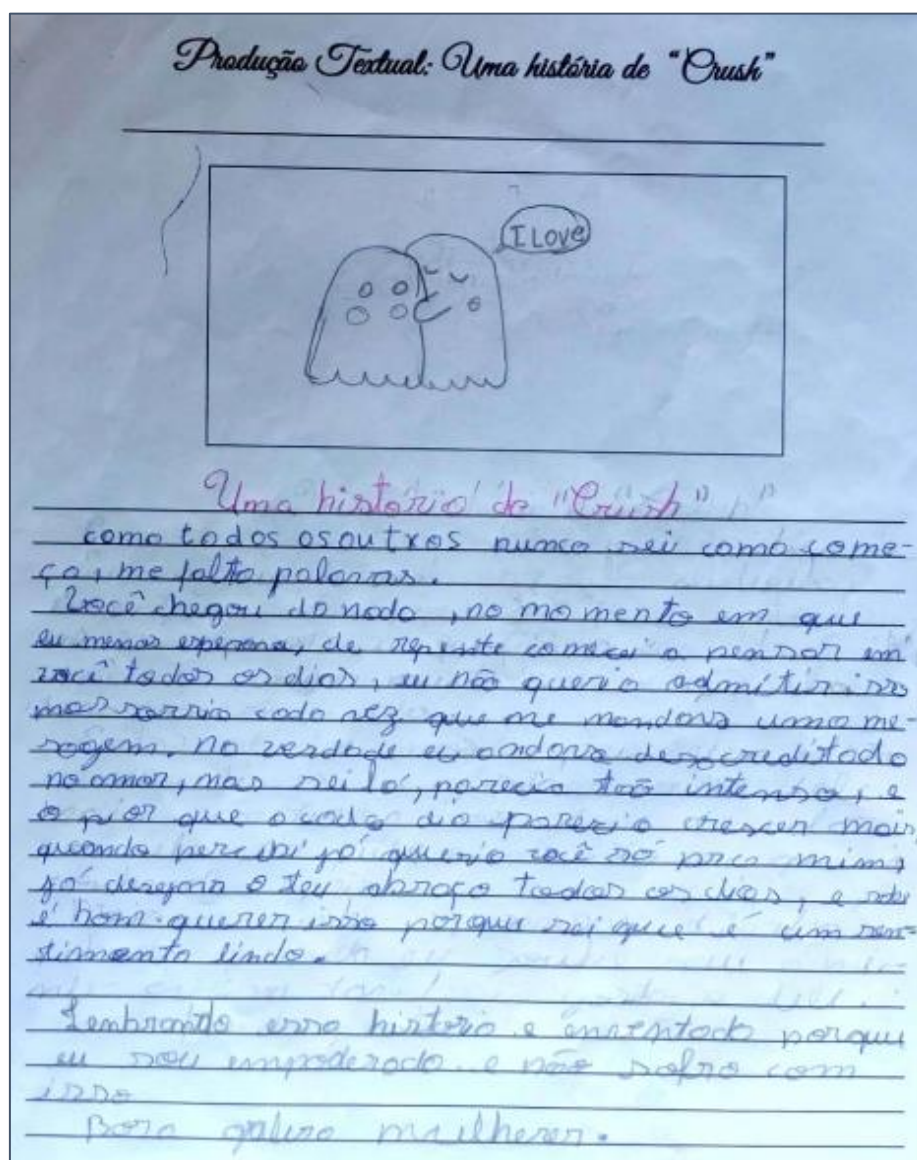
Após essas reflexões, propomos um momento de descontração em pares, duas brincadeiras, uma de tentar adivinhar o crush da pessoa por meio de perguntas, e uma é traçar o perfil de um crush ideal de acordo com os gostos de cada um.

Para finalizar esse momento da oficina, propomos uma produção textual com o tema “Uma história de crush”, pedimos que nos contassem situações vivenciadas envolvendo um crush. Alguns comentaram que ainda não tinham vivenciado situações com crush, nesse caso, orientamos que podiam contar histórias que aconteceram com outras pessoas. Deixamos também um espaço na folha de produção para que eles pudessem fazer algum desenho ou versinho relacionado a história, caso desejassem.

O objetivo dessa produção textual é analisar se a linguagem utilizada pelos participantes está adequada às situações comunicativas das histórias e analisar as escolhas lexicais ao se referirem ao crush.

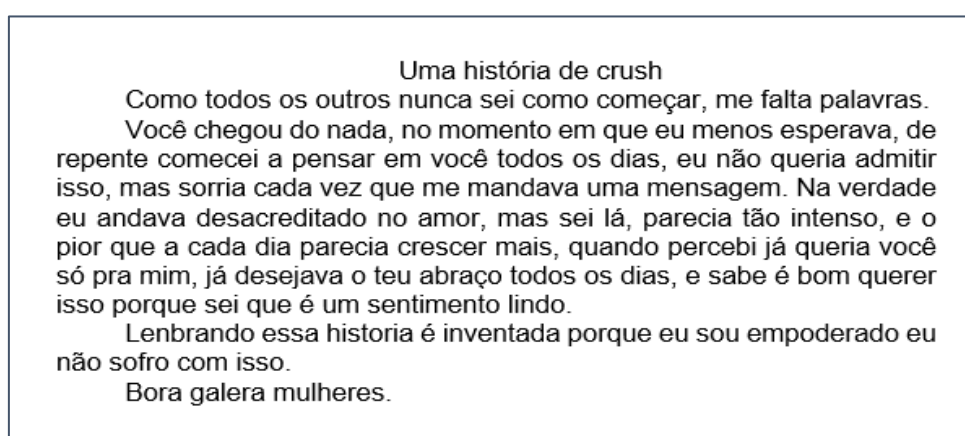
Organizamos exemplares de produções textuais dos participantes, seguidos de sua transcrição para melhores condições de leitura. Optamos por preservar e não transcrever os nomes citados nos textos, mesmo sendo fictícios, portanto, utilizamos o sinal “(…)” em vez dos nomes. A seguir, apresentamos as produções e transcrições dos textos nas figuras 44 a 59:

Figura 44 – Produção Textual: Uma história de crush



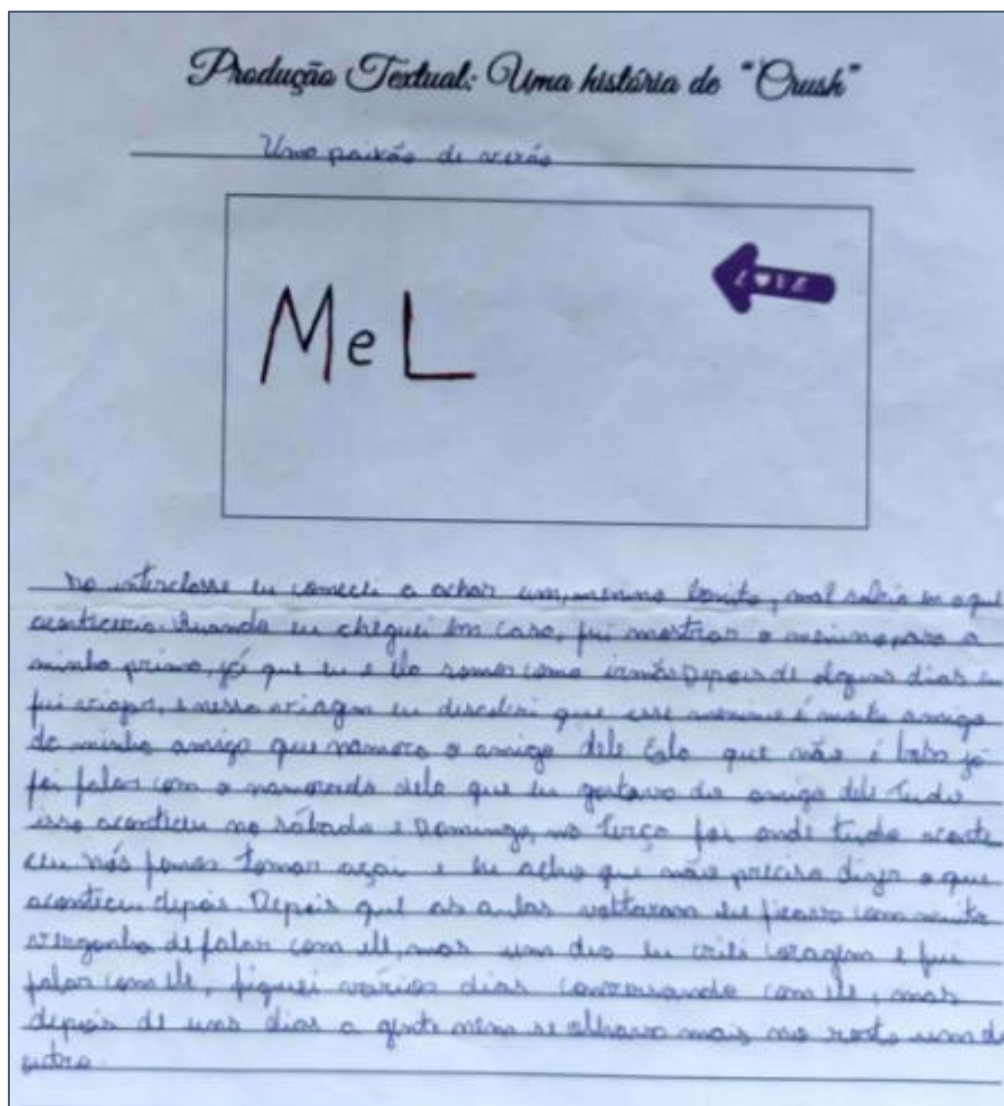
Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

Figura 45 – Transcrição Produção Textual: Uma história de crush



Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 46 – Produção Textual: Uma paixão de verão



Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

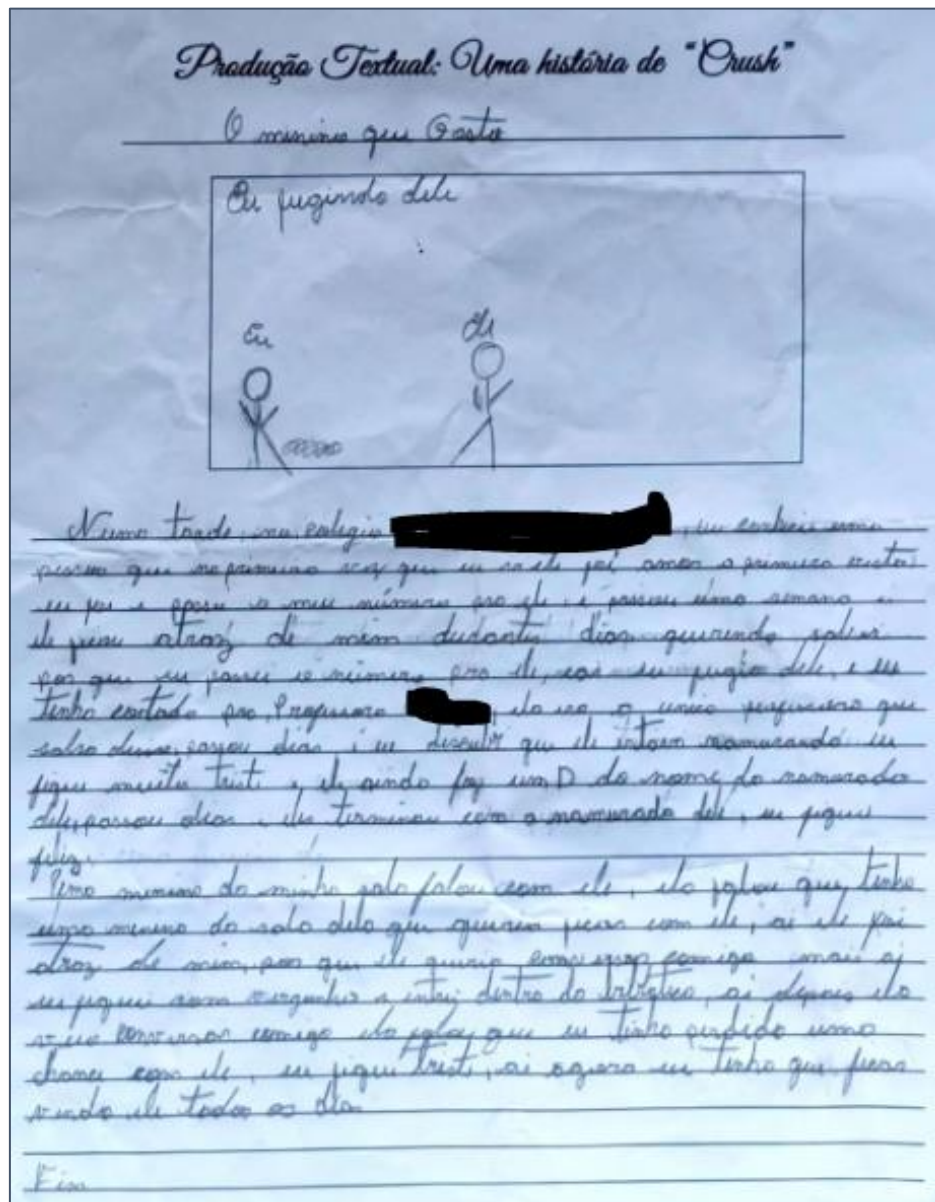
Figura 47 – Transcrição Produção Textual: Uma paixão de verão

Uma paixão de verão

No interclasse eu comecei a achar um menino bonito, mal sabia eu o que aconteceria. Quando eu cheguei em casa, fui mostrar o menino para a minha prima, já que eu e ela somos como irmãs. Depois de alguns dias eu fui viajar, e nessa viagem eu descobri que esse menino é muito amigo da minha amiga que namora o amigo dele. Ela que não é boba já foi falar com a namorada dela que eu gostava do amigo dele. Tudo isso aconteceu no sábado e Domingo, na terça foi onde tudo aconteceu depois. Depois que as aulas voltaram eu ficava com muita vergonha de falar com ele, mas um dia eu criei coragem e fui falar com ele, fiquei vários dias conversando com ele, mas depois de uns dias a gente nem se olhava mais no rosto um do outro.

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 48 – Produção Textual: O menino que eu gosto



Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

Figura 49 – Transcrição Produção Textual: O menino que eu gosto

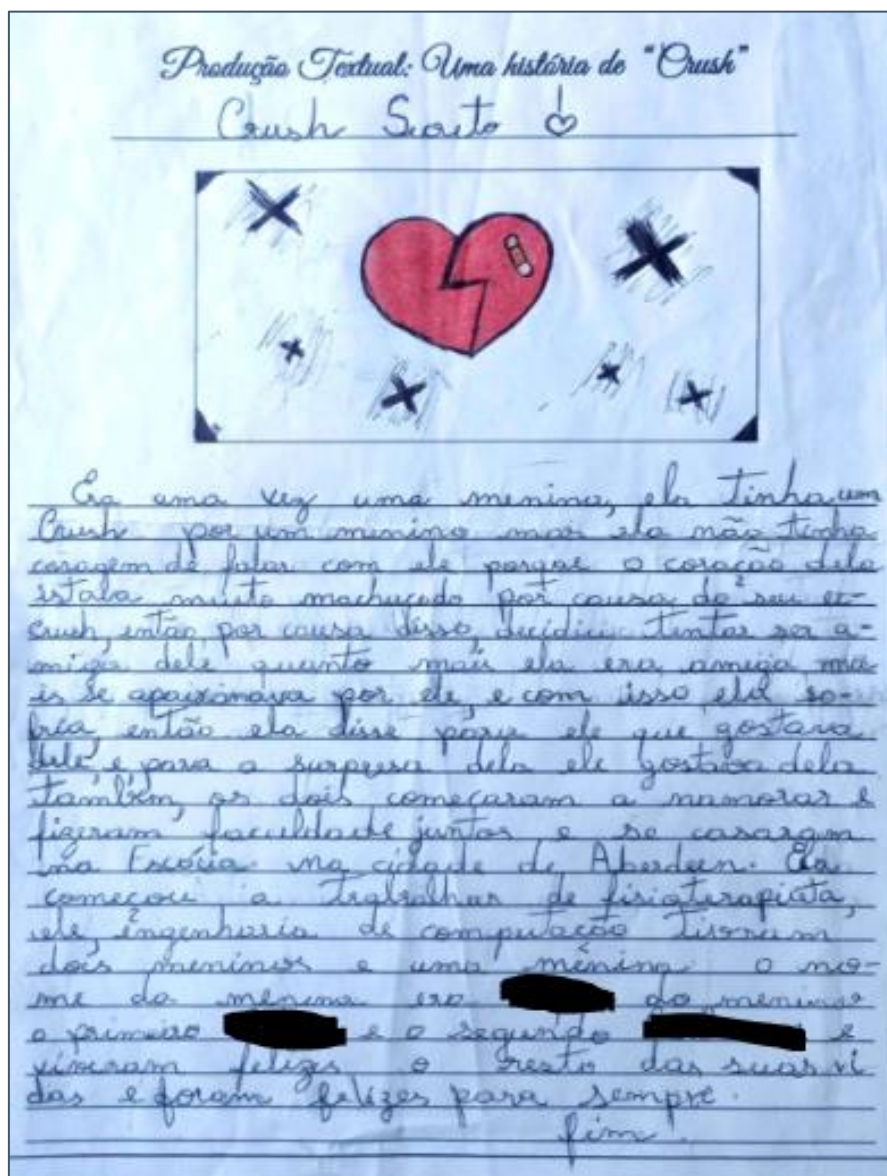
O menino que eu gosto

Numa tarde no colégio(...), eu conheci uma pessoa que na primeira vez que eu vi ele foi amor a primeira vista, ele ficou atrás de mim durante dias querendo saber por que eu passei o número pra ele, e ai eu fugia dele, e eu tinha contado pra professora (...), ela era a única professora que sabia disso, passou dias, ele terminou com a namorada dele, eu fiquei feliz.

Uma menina da minha sala falou com ele, ela falou que uma menina da sala dela que queria ficar com ele, ai ele foi atrás de mim, por que ele queria conversar comigo mais ai eu fiquei com vergonha e entrei dentro da biblioteca, ai depois ela veio conversar comigo ela falou que eu tinha perdido uma chance com ele, eu fiquei triste, ai agora eu tenho que ficar vendo ele todo os dias.

Fim

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 50 – Produção Textual: Crush Secreto

Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

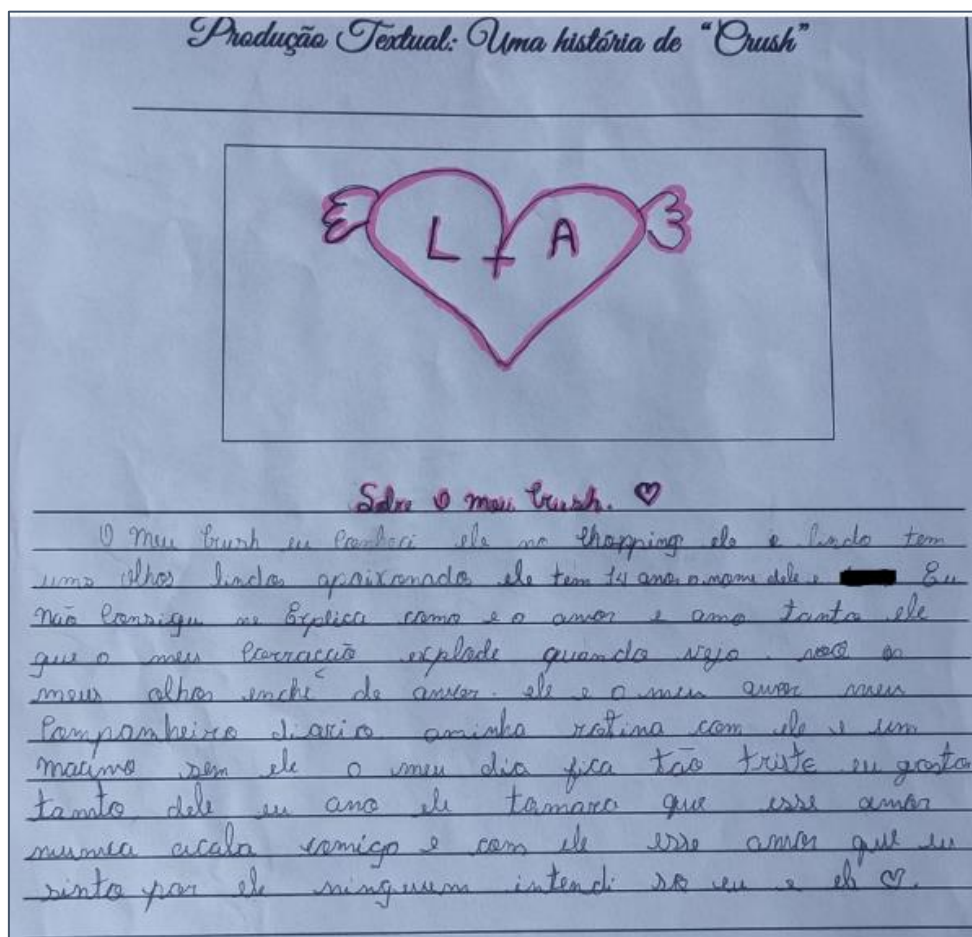
Figura 51 – Transcrição Produção Textual: Crush Secreto

Crush Secreto

Era uma vez uma menina, ela tinha um crush por um menino mas ela não tinha coragem de falar com ele porque o coração dela estava muito machucado por causa do seu ex-crush, então, por causa disso, decidiu tentar ser amiga dele, quanto mais ela era amiga mais se apaixonava por ele, e com isso, ela sofria, então ela disse para ele que gostava dele, e para a surpresa dela ele gostava dela também, os dois começaram a namorar e fizeram faculdade juntos e se casaram na Escócia na cidade de Aberdeen. Ela começou a trabalhar de fisioterapeuta, ele, engenharia de computação tiveram dois meninos e uma menina o nome da menina era (...) do menino o primeiro (...) e o segundo (...) e viveram felizes o resto das suas vidas e foram felizes para sempre.

fim.

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 52 – Produção Textual: Sobre o meu crush

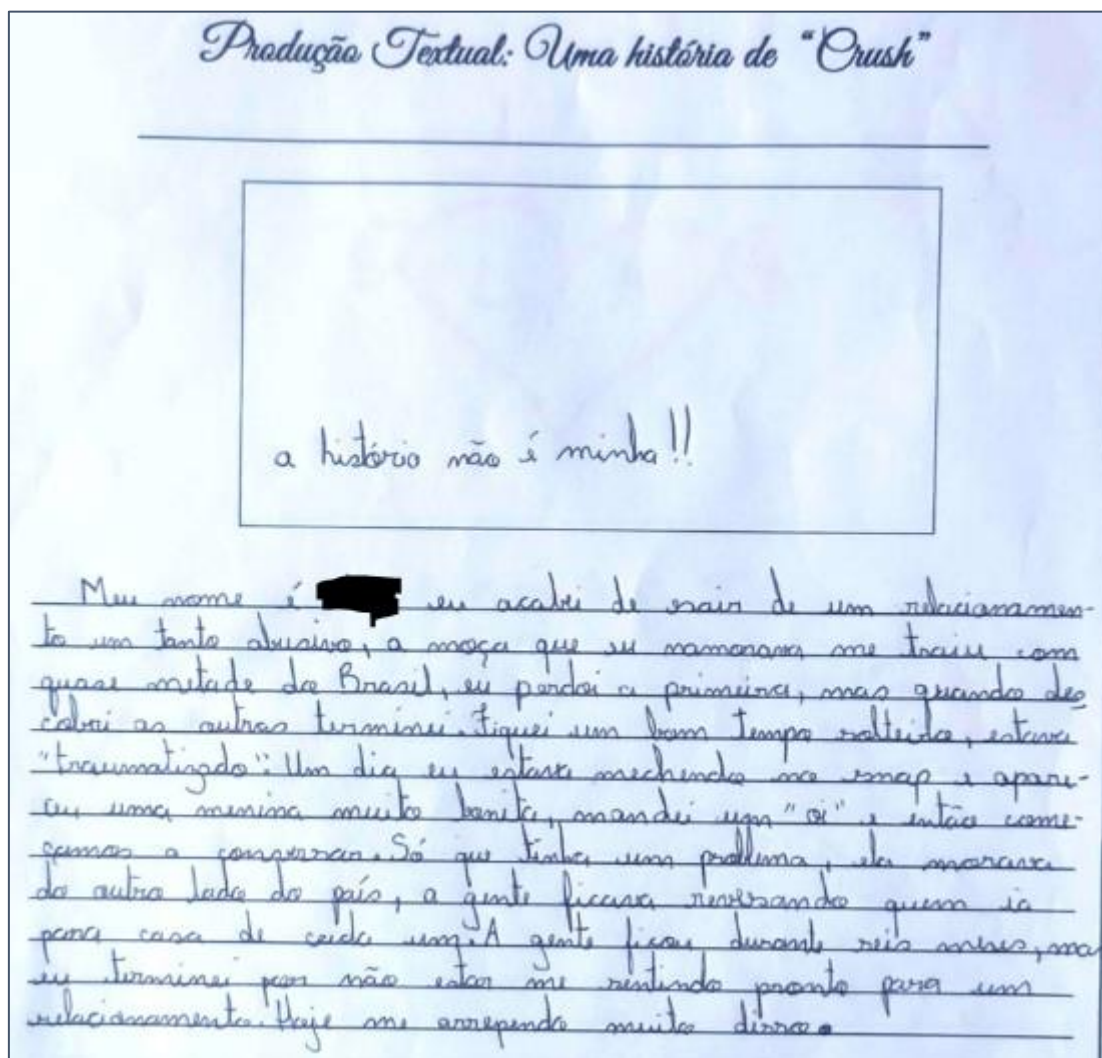
Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

Figura 53 – Transcrição Produção Textual: Sobre o meu crush.

Sobre o meu crush.

O meu crush eu conheci ele no shopping ele é lindo tem uns olhos lindos apaixonados ele tem 14 anos o nome dele e (...). Eu não consigo me explicar como é o amor e amo tanto ele que o meu coração explode quando vejo você os meus olhos enche de amor. Ele é o meu amor meu companheiro diário aminha rotina com ele e um máximo sem ele o meu dia fica tão triste eu gosto tanto dele eu amo ele tomara que esse amor nunca acaba comigo e com ele esse amor que eu sinto por ele ninguém entendi só eu e ele.

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 54 – Produção Textual: A história não é minha!

Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

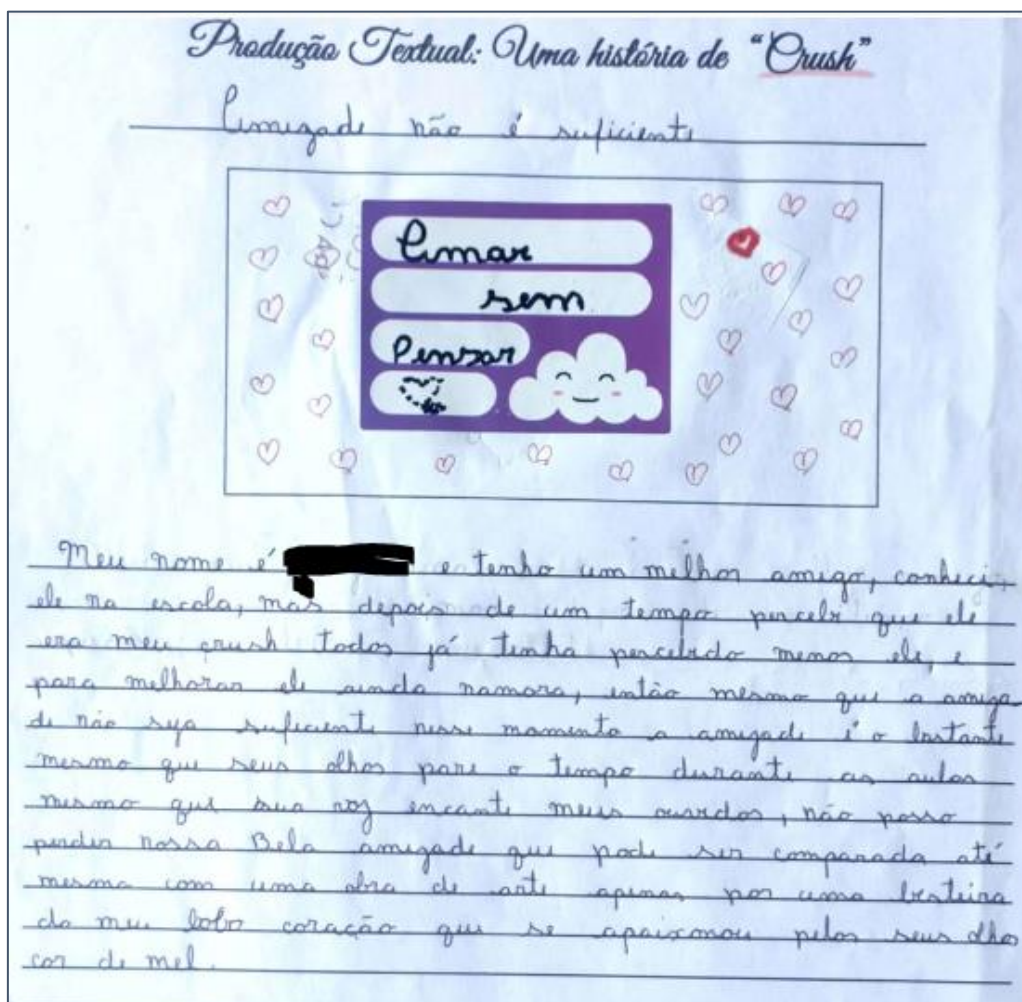
Figura 55 – Transcrição Produção Textual: A história não é minha!

A história não é minha!

Meu nome é (...) eu acabei de sair de um relacionamento um tanto abusivo, a moça que eu namorava me traiu com quase metade do Brasil eu perdi a primeira, mas quando descobri as outras terminei. Fiquei um bom tempo solteiro, estava "traumatizado". Um dia eu estava mechendo no snap e apareceu uma menina muito bonita, mandei um "oi" e então começamos a conversar. Só que tinha um problema, ela morava do outro lado do país, a gente ficava revesando quem ia para casa de cada um. A gente ficou durante seis meses, mas eu terminei por não estar me sentindo pronto para um relacionamento. Hoje me arrependo muito disso.

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 56 – Produção Textual: Amizade não é suficiente



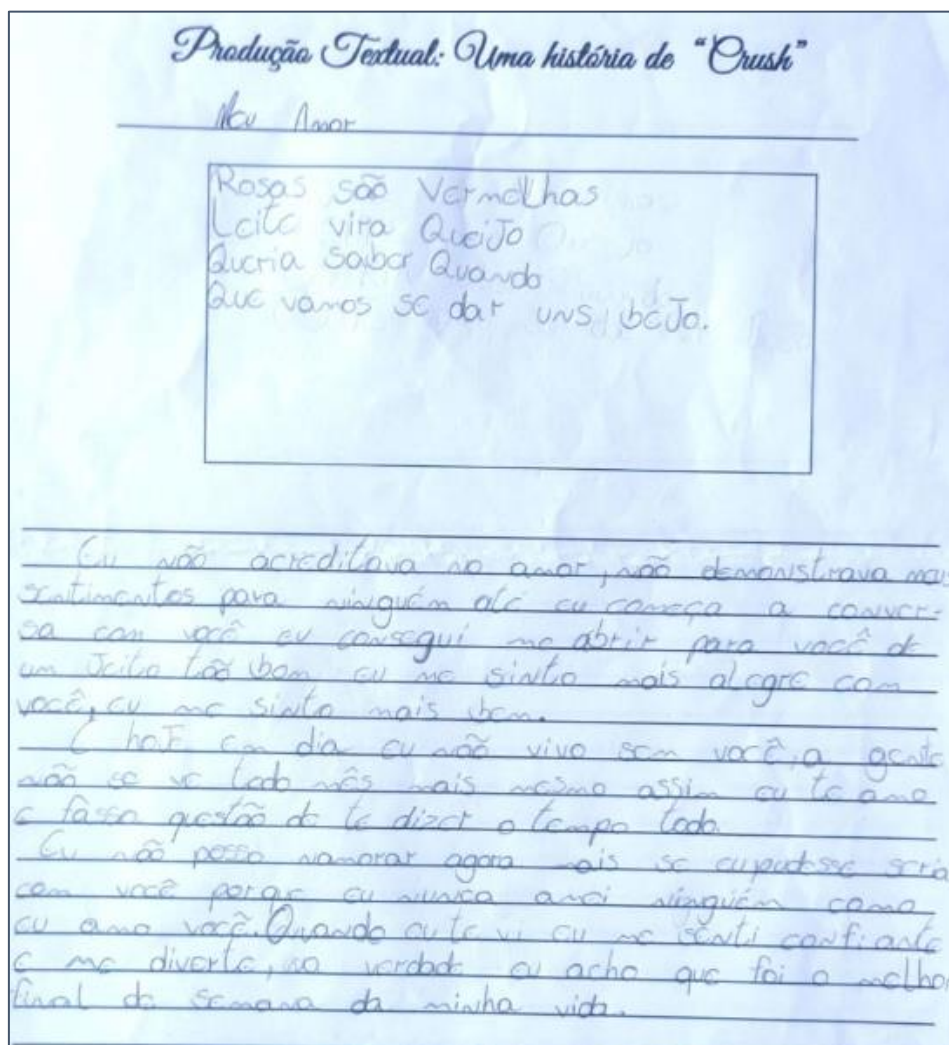
Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

Figura 57 – Transcrição Produção Textual: Amizade não é suficiente

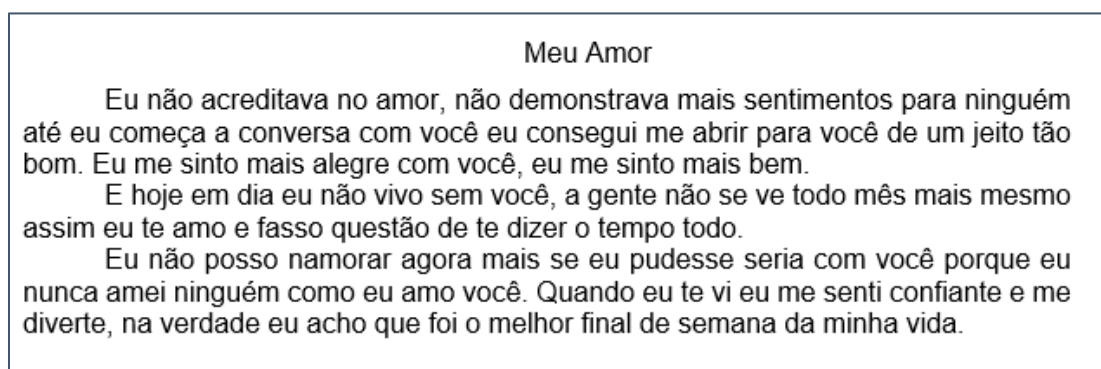
Amizade não é suficiente

Meu nome é (...) e tenho um melhor amigo, conheci ele na escola, mas depois de um tempo percebi que ele era meu crush todos já tinha percebido menos ele, e para melhorar ele ainda namora, então mesmo que a amizade não seja suficiente nesse momento a amizade é o bastante mesmo que seus olhos pare o tempo durante as aulas mesmo que sua voz encante meus ouvidos, não posso perder nossa Bela amizade que pode ser comparada até mesmo com uma obra de arte apenas por uma besteira do meu bobo coração que se apaixonou, pelos seus olhos cor de mel.

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

Figura 58 – Produção Textual: Meu Amor

Fonte: Recorte de produção textual dos participantes (2022).

Figura 59 – Transcrição Produção Textual: Meu Amor

Fonte: Transcrição de produção textual dos participantes (2022).

A análise das produções textuais nos permite afirmar que as palavras e expressões mais utilizadas para se referirem ao “crush” foram meu amor, “love”, meu

melhor amigo, o menino que eu gosto, uma menina bonita, amor à primeira vista, uma bela amizade, meu companheiro, meu tudo, paixão, e ainda a própria palavra “crush” e ex-crush.

A palavra “eu” foi a mais usada para iniciar os textos, enquanto “ele(a)”, “dele(a)” foram as mais utilizadas para contar sobre a situação vivida com o “crush”.

A palavra “você” foi a mais utilizada ao direcionar uma mensagem sentimental ao “crush” no texto. As pessoas mais envolvidas nos discursos, além do “crush”, são os amigos(as).

Em relação aos sentimentos e desejos vividos por parte de quem estava contando a história, as palavras mais utilizadas foram sorriso, abraço, namoro, vergonha, chance, coragem, feliz, coração, surpresa, olhos, machucado, desacreditado, apaixonado, alegre, decidir, crescer, gostar, pensar, sorrir, sofrer, descobrir, namorar, fugir, terminar, conversar, olhar etc.

O ambiente escolar foi onde se passou a maioria das histórias de “crush”, as palavras mais utilizadas foram escola, colégio, sala de aula e aula. Algumas histórias se passaram em ambientes virtuais.

Ao analisar os textos dos participantes, observamos que prevalece uma linguagem mais coloquial, com predomínio de traços da oralidade, a maioria das histórias se passam em ambientes e situações informais de comunicação, além disso há toda uma linguagem permeada de expressões com sentidos figurados para expressar sentimentos e emoções vividas nas histórias. Diante disso, consideramos que a linguagem utilizada pelos participantes está adequada às situações comunicativas das histórias.

Ressaltamos que não houve intervenção, correção gramatical ou ortográfica, optamos por utilizar os textos originais escritos pelos participantes. Ao analisar a linguagem utilizada, não estamos analisando o “certo” ou “errado” na língua, mas o adequado ou inadequado de acordo com o contexto comunicativo. Por outro lado, temos ciência dos desvios ortográficos, a falta de pontuação, falta de concordância, porém esse não era nosso foco de análise nessa pesquisa.

Para dar continuidade, na quinta, sexta e sétima aulas, continuamos a abordagem de questões relacionadas à adequação linguística envolvendo os itens lexicais estrangeiros, por meio de leitura e interpretação de anúncio, tirinha, vitrines de lojas e meme. De início, apresentamos uma tirinha lida em sala, conforme mostra a figura 60:

Figura 60 – Tirinha: Entrega e Delivery



GALHARDO, Caco. Chico Bacon Pizzaiolo. Blog do Galhardo.

Disponível em: <https://lefufri.wordpress.com/2020/12/14/linguagem-nao-e-so-sobre-comunicacao/>. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

Logo após, propomos algumas questões:

- Qual é a crítica feita na tirinha?
- Por que você acha que o atendente respondeu que não fazia entrega?
- Nas situações comunicativas do nosso cotidiano, entrega e delivery possuem o mesmo significado ou existe diferença? Explique que tipo de serviço é esse.

Em relação à crítica da tirinha, os participantes responderam:

- R1: “a substituição das palavras em português por palavras estrangeiras”;
- R2: “a influência do estrangeirismo na nossa língua portuguesa”;
- R3: “troca da palavra entrega por delivery”;
- R4: “a gente fala tanta palavra estrangeira que esquecemos da nossa”;
- R5: “Ele usa muito inglês e esqueceu do português”;
- R6: “A crítica é sobre estrangeirismo”.

A maioria dos participantes apresentou respostas coerentes ao apontarem que a crítica da tirinha se refere ao estrangeirismo, consideramos que as respostas foram condizentes com os aspectos sociais, discursivos e ideológicos que influenciam o uso de palavras estrangeiras em detrimento de uma correspondente na Língua Portuguesa.

No questionamento sobre o motivo do atendente ter respondido que não faz entrega, as respostas apontaram:

- R1: “Por que ele não está acostumado a falar entrega”;
- R2: “porque delivery é o certo para o rapaz”;
- R3: “Porque ele acostumou com delivery”;
- R4: “porque ele usa mais delivery e não entrega”;

- R5: “por que delivery é mais rápido que entrega”;
- R6: “porque ele quis fazer uma piada com o estrangeirismo”;
- R7: “possivelmente ele não sabia que era a mesma coisa”;
- R8: “Eu acho que delivery é mais usado no estrangeirismo”;
- R9: “Ele já substituiu entrega por delivery”;
- R10: “O delivery é mais rápido e eficaz do que entrega.”;
- R11: “Porque normalmente usamos entrega”;
- R12: “Porque a palavra delivery substitui entrega”;
- R13: “Por que ele só fala delivery”;
- R14: “Estava cansado”;
- R15: “Porque as palavras estrangeiras substituem as normais”.

Observamos que a maioria das respostas direcionaram para reflexão de que a palavra estrangeira delivery substituiu entrega no contexto comercial da tirinha.

Sobre o questionamento do significado de entrega e delivery nas situações comunicativas do cotidiano, os participantes responderam:

- R1: “Entrega e delivery são as mesmas coisas. São serviços de entrega”;
- R2: “Serviço de entrega de comida e bebida”
- R3: “Elas têm muita diferença”
- R4: “Delivery é onde vai de carro, entrega é quando vai até a sua casa.”
- R4: “Delivery foi uma palavra estrangeira adotada pelas empresas e hoje tem o mesmo significado de entrega, é um tipo de entrega.”

Consideramos que as respostas foram coerentes, pois a maioria considerou que entrega e delivery é o mesmo tipo de serviço. Em R3, acreditamos que a diferença apontada pelo participante se refere à materialidade da palavra delivery e entrega, não ao tipo de serviço. Em R4, percebemos que houve um equívoco entre delivery e drive-thru, observamos em outras respostas que alguns ainda confundem esses dois tipos de serviço.

Trabalhamos ainda a leitura de uma tirinha para refletir sobre a adequação linguística das palavras “sale” e “liquidação” de acordo com os ambientes comunicativos, apresentamos a tirinha na figura 61:

Figura 61 – Vitrine de loja: Sale e Liquidação

Disponível em: <https://celpebrasnapratica.com/estrangeirismo/>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Propomos as seguintes questões para discussão:

- O estrangeirismo “sale” tem como correspondente em português a palavra liquidação. Você já viu essa palavra? Onde?
- Além de “sale” e liquidação quais outras palavras também tem o mesmo sentido?
- em que contexto a palavra “sale” não seria adequada, ou seja, não deveria ser usada? Por quê?

Em relação onde eles costumam ver a palavra “sale”, a maioria respondeu que vê no shopping e nas lojas, seguidos de vitrines, anúncios, aplicativos, placa, lojas virtuais, alguns responderam que raramente vê a palavra sale, e poucos disseram que nunca viram.

Além de “sale” e liquidação as palavras apontadas pelos participantes que têm o mesmo sentido estão no gráfico 40:

Gráfico 40– Resultado: variantes “Sale” e Liquidação

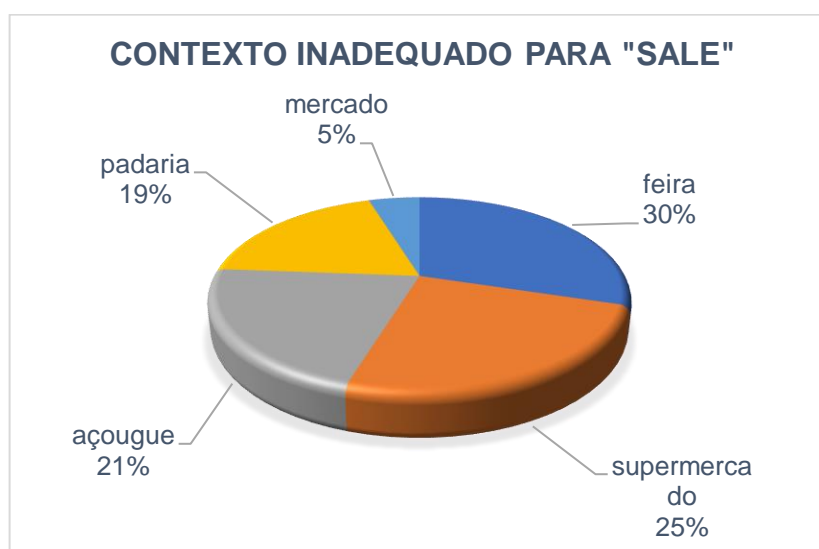
Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os resultados mostram que as variantes mais apontadas pelos participantes foram Promoção 27%, Black Friday 22%, oferta 22% (as três variantes representam juntas 71%), enquanto as porcentagens menores foram para desconto 13%, off 8%, liquidação 5%, queima de estoque 2% e varejo 1% (somando 29%).

Observamos que os participantes atribuíram duas variantes estrangeiras para “sale”: Black Friday e Off. Por outro lado, apontaram seis variantes estrangeiras para “Sale”. O resultado nos permite concluir que, nesse caso, as variantes em Língua Portuguesa apresentaram o maior número em detrimento das variantes estrangeiras, ou seja, os falantes têm opção de escolher entre o estrangeirismo ou o português. Porém, perguntamos qual o motivo da escolha entre uma e outra? Eis a questão. Para responder a essa questão é preciso analisar os fatores discutidos anteriormente as dimensões sociais, discursivas e ideológicas na escolha das variantes e a adequação linguística que envolve os ambientes comunicativos, os interlocutores, entre outros.

Sobre a pergunta em que contexto “sale” não seria adequada, apresentamos os resultados no gráfico 41:

Gráfico 41 – Resultado: contexto inadequado para “Sale”



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Os participantes apontaram que os contextos mais inadequados para “sale” são feira 30%, supermercado 25%, açougue 21%, padaria 19% e mercado 5%. Os participantes esclareceram em sala que mercado se refere a um local fixo com pequenas lojas ou bancas que vende alimentos, raízes, utensílios de cozinha, roupa, sapato, chapéu, comidas típicas e outros, parecido com uma feira (esclarecemos que em Goiânia, mercado é uma tradição, faz parte do patrimônio cultural de Goiás).

Quanto aos motivos que justificam que “sale” é inadequado para esses ambientes, apresentamos exemplares de respostas:

R1: “Porque combina mais com shopping”;

R2: “Porque é um espaço mais popular”;

R3: “Porque não combina com o local”

R4: “Não faria sentido sale para um lugar mais popular”

R5: “Não combina, não é adequado”;

R6: “Nesses locais a linguagem deve ser mais popular”;

R7: “Porque poderia usar outras frases”;

R8: “Na feira e no mercado fica feio, estranho”;

R9: “No Açougue não deve usar, lá vende carne”.

Diante dessas respostas podemos afirmar que os participantes consideram a palavra “sale” mais elitizada, ou seja, não é adequada para ambientes mais populares, pois acreditam que nesses, devem se utilizar uma linguagem mais popular para combinar com o público que frequenta o local.

Essa reflexão nos permite confirmar que a (in)adequação de uma palavra tem uma relação direta com o ambiente comunicativo e com os interlocutores e, ainda podemos perceber que, na maioria das vezes, a palavra estrangeira é escolhida em uma escala de valores, que a coloca num patamar mais elevado, considerada de maior prestígio na sociedade brasileira.

Na sequência, refletimos sobre o empréstimo fake news e suas variantes. Para promover as discussões, apresentamos um meme, conforme mostra a figura 62:

Figura 62 – Meme: Fake News e Conversa Fiada



Após a leitura, os participantes apontaram que a expressão Fake News foi considerada mais “chique” porque veio do exterior e é do inglês, em detrimento de “conversa fiada”, uma expressão utilizada em situações mais informais no Brasil. Pontuaram que a crítica do meme infere que o que vem do exterior é melhor, em consequência disso a língua estrangeira, principalmente o inglês, tem maior prestígio.

Diante disso, questionamos aos participantes os contextos comunicativos que envolvem tanto fake news quanto conversa fiada. Os comentários apontaram que fake news é uma expressão utilizada em ambientes comunicativos mais formais, citaram os telejornais, jornais, revistas, notícias, reportagens, e ambientes virtuais. Quanto às variantes, apresentaram como correspondente em português a expressão notícias falsas ou mentira. Em contextos menos formais, disseram que também há o uso de “fake” e “falso”

Acrescentamos a informação de que a expressão fake news foi oficializada na Língua Portuguesa na edição do VOLP de 2021, em decorrência da alta frequência de uso durante a pandemia da Covid-19.

Sobre a expressão “conversa fiada”, os participantes apontaram que é mais utilizada em situações informais, numa fofoca, quando as pessoas estão brigando, numa conversa de boteco, numa conversa entre amigos(as) etc. Pedimos que os participantes pensassem em outras expressões correspondentes para “conversa fiada”, eles apontaram que também é uma mentira, uma enganação, uma enrolação, em outras palavras “conversa mole”, “conversa pra boi dormir”, “lorota”, “lenga-lenga”, “migué”, “desculpa esfarrapada”, “lero-lero”, “papo-furado”, “passar a lábia”. Observamos que, em algumas respostas, as expressões se aproximam de conversa fiada, porém são usadas em contextos diferentes.

Diante dessas contribuições dos participantes sobre o uso de fake News e conversa fiada, consideramos que as ideias foram coerentes com os estudos linguísticos, os participantes tiveram a percepção de que a escolha dos falantes entre as variantes depende das situações comunicativas, adequando a língua conforme os níveis de formalidade ou informalidade.

Após essas reflexões, entregamos um quadro com palavras estrangeiras para ser preenchido por palavras correspondentes. A seguir, apresentamos alguns exemplares de atividades realizadas pelos participantes nas figuras 63 a 66:

Figura 63 – Exemplar 1: Palavras estrangeiras e suas correspondentes

PALAVRA ESTRANGEIRA	OUTRAS PALAVRAS CORRESPONDENTES
DELIVERY	ENTREGA, TELE-ENTREGA
SELFIE	x
NOTEBOOK	x
SMARTPHONE	Celular
FAKE NEWS	Uma notícia falsa
BULLYING	x
DRIVE THRU	Caixa entrega
INTERNET	x
SITE	x
ONLINE	+
OFFLINE	+
EMAIL	+
HOME OFFICE	Trabalho em casa
MOUSE (INFORMÁTICA)	x
DOWNLOAD	Baixar
LOGIN	+
FASHION	Moda
REVEILLON	Ano novo
LINGERIE	roupa íntima
BLACKOUTE	x
TOILETE	Santário
AIR FRYER	x
TROLLAR	Brincadeira
ZOOM	Apresentar
LIVE	Vídeo ao vivo
STALKEAR	Investigar
SHIPPAR	x
CHIP	x
AIR BAG	x

Fonte: Foto de atividade dos participantes (2022).

Figura 64 – Exemplar 2: Palavras estrangeiras e suas correspondentes

PALAVRA ESTRANGEIRA	OUTRAS PALAVRAS CORRESPONDENTES
DELIVERY	ENTREGA, TELE-ENTREGA
SELFIE	almoço x janta
NOTEBOOK	
SMARTPHONE	para lerincar
FAKE NEWS	falso
BULLYING	crime
DRIVE THRU	comida para se e leris
INTERNET	Ulife
SITE	informação
ONLINE	A pessoas ta sendo a mensagem
OFFLINE	sem internet
EMAIL	conta
HOME OFFICE	trabalho em casa
MOUSE (INFORMÁTICA)	equipamento para mexer no celular
DOWNLOAD	
LOGIN	para conseguir acessar internet
FASHION	moda
REVEILLON	ritado de ano
LINGERIE	roupa íntima
BLACKOUTE	sem energia
TOILETE	
AIR FRYER	comida sem óleo
TROLLAR	serenadeira sem gosto
ZOOM	abrir a tela do celular
LIVE	programação online
STALKEAR	ver perfil do outro
SHIPPAR	juntar um e-mail
CHIP	informação no celular
AIR BAG	proteção

Fonte: Foto de atividade dos participantes (2022).

Figura 65 – Exemplar 3: Palavras estrangeiras e suas correspondentes

PALAVRA ESTRANGEIRA	OUTRAS PALAVRAS CORRESPONDENTES
DELIVERY	ENTREGA, TELE-ENTREGA
SELFIE	X
NOTEBOOK	X
SMARTPHONE	celular
FAKE NEWS	Notícia falso
BULLYING	X
DRIVE THRU	drive
INTERNET	X
SITE	X
ONLINE	X
OFFLINE	X
EMAIL	X
HOME OFFICE	trabalho em casa
MOUSE (INFORMÁTICA)	X
DOWNLOAD	X
LOGIN	X
FASHION	moda
REVEILLON	Ano novo
LINGERIE	Roupa íntima
BLACKOUT	X
TOILETE	sanitório
AIR FRYER	X
TROLLAR	brincadeira
ZOOM	aproximar
LIVE	vídeo ao vivo
STALKEAR	investigar
SHIPPAR	X
CHIP	X
AIR BAG	X

Fonte: Foto de atividade dos participantes (2022).

Figura 66 – Exemplar 4: Palavras estrangeiras e suas correspondentes

PALAVRA ESTRANGEIRA	OUTRAS PALAVRAS CORRESPONDENTES
DELIVERY	ENTREGA, TELE-ENTREGA
SELFIE	x
NOTEBOOK	x
SMARTPHONE	celular
FAKE NEWS	notícia falsa
BULLYING	x
DRIVE THRU	lavar car no lago
INTERNET	x
SITE	x
ONLINE	ligado
OFFLINE	desligado
EMAIL	x
HOME OFFICE	base de oficina
MOUSE (INFORMÁTICA)	>
DOWNLOAD	carregando
LOGIN	>
FASHION	moda
REVEILLON	ano novo
LINGERIE	roupa íntima
BLACKOUTE	fichamento
TOILETE	Banheiro
AIR FRYER	panela elétrica
TROLLAR	brincadeira
ZOOM	compart
LIVE	ao vivo
STALKEAR	curiosar a vida dos outros
SHIPPAR	juntas
CHIP	x
AIR BAG	

Fonte: Foto de atividade dos participantes (2022).

Para melhor visualização dos resultados das correspondentes apresentadas para as variantes estrangeiras, compilamos as respostas dadas pelos participantes no quadro 11:

Quadro 11 – Respostas: Palavras estrangeiras e suas correspondentes

PALAVRA ESTRANGEIRA	RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES: CORRESPONDENTES
DELIVERY	entrega, tele-entrega
SELFIE	foto, almoço e janta
NOTEBOOK	computador, laptop, aparelho eletrônico
SMARTPHONE	Celular, para brincar, telefone
FAKE NEWS	notícias falsas, falso, mentira
BULLYING	crime, preconceito, opressão
DRIVE THRU	entregar, buscar na loja, tele-entrega, comida passa e leva, entrega no carro, compra especializada para veículos, comprar de dentro do veículo
INTERNET	wifi, rede social
SITE	página da internet, informação, sítio
ONLINE	ligado, estar na internet, conectado, a pessoa tá vendo a mensagem, entrou
OFFLINE	desligado, não estar na internet, desconectado, sem internet, saiu
EMAIL	Mensagem
HOME OFFICE	trabalhar em casa, escritório em casa
MOUSE (INFORMÁTICA)	controle, rato, aparelho eletrônico
DOWNLOAD	baixar, instalar
LOGIN	conta, logar, entrar
FASHION	moda, estilosa, maravilhosa, bonito, muito linda
REVEILLON	ano novo, passagem de ano, virada do ano, virar a noite
LINGERIE	roupa íntima, calcinha, sutiã, roupa íntima feminina
BLACKOUTE	ficar no escuro, sem energia, apagão, cair a luz, queda de energia geral
TOILLETE	banheiro, sanitário, w.c.
AIR FRYER	fritadeira elétrica, panela elétrica, cozinhar e fritar, comida sem óleo
TROLLAR	pegadinha, brincadeira, zoar, brincadeira sem gosto,
ZOOM	ampliar uma coisa, aproximar, puxar uma coisa longe, abrir a tela no celular
LIVE	ao vivo, vídeo ao vivo, programação online, transmissão ao vivo, transmissão em tempo real
STALKEAR	espionar, investigar, curiar a vida dos outros, ver perfil do outro, olhar, observar, perseguir, perseguição

SHIPPAR	achar que duas pessoas combinam, juntar um casal, juntar, formar casal, combinar pessoas
CHIP	cartão, informação no celular, chip do celular
AIRBAG	proteção, contra acidente, equipamento de segurança

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Esclarecemos que as palavras do quadro foram contextualizadas oralmente com os participantes, refletindo as situações comunicativas possíveis a partir das respostas elaboradas por eles.

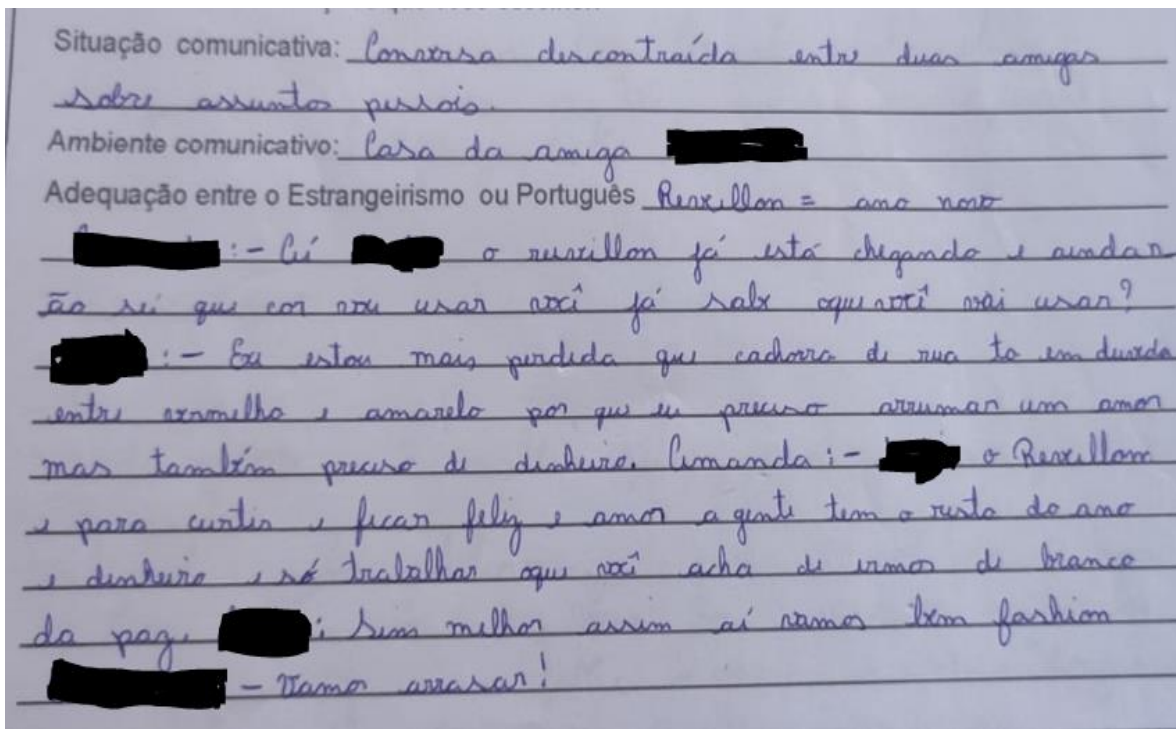
Ao analisar as correspondentes para as palavras estrangeiras, consideramos a maioria das respostas coerentes. Observamos que, em alguns casos, os participantes optaram por definir ou explicar o sentido da palavra. Em *airbag*, por exemplo, responderam “proteção, contra acidente e equipamento de segurança”, o que demonstra que explicaram para que serve e o que é um *airbag*. Em *selfie*, responderam “foto, almoço e janta”, nessas duas últimas palavras, acreditamos que associaram *selfie* com a expressão *self-service*, um serviço de autoatendimento utilizado principalmente em restaurantes onde o próprio cliente serve seu prato. Em *internet*, as respostas “*wifi* e *rede social*” demonstram uma associação de palavras do campo lexical de *internet*.

Para finalizar essa oficina, na oitava aula propomos uma produção de diálogos com o objetivo de analisar a adequação linguística entre o estrangeirismo e o português, de acordo com os contextos comunicativos, nas conversas produzidas pelos participantes. Para isso, orientamos os participantes que poderiam utilizar palavras estrangeiras trabalhadas ao longo das oficinas ou outras. Na proposta de atividade, colocamos algumas sugestões de situações comunicativas:

- Conversa descontraída entre mãe e filha ou entre pai e filho sobre namoro de antigamente e namoro de hoje;
- Conversa descontraída entre duas amigas ou dois amigos sobre assuntos pessoais;
- Conversa entre um estudante e a diretora da escola reivindicando algo importante;
- Conversa entre um estudante tirando dúvidas com o professor (a) durante uma aula;
- Ou outras situações que você escolher.

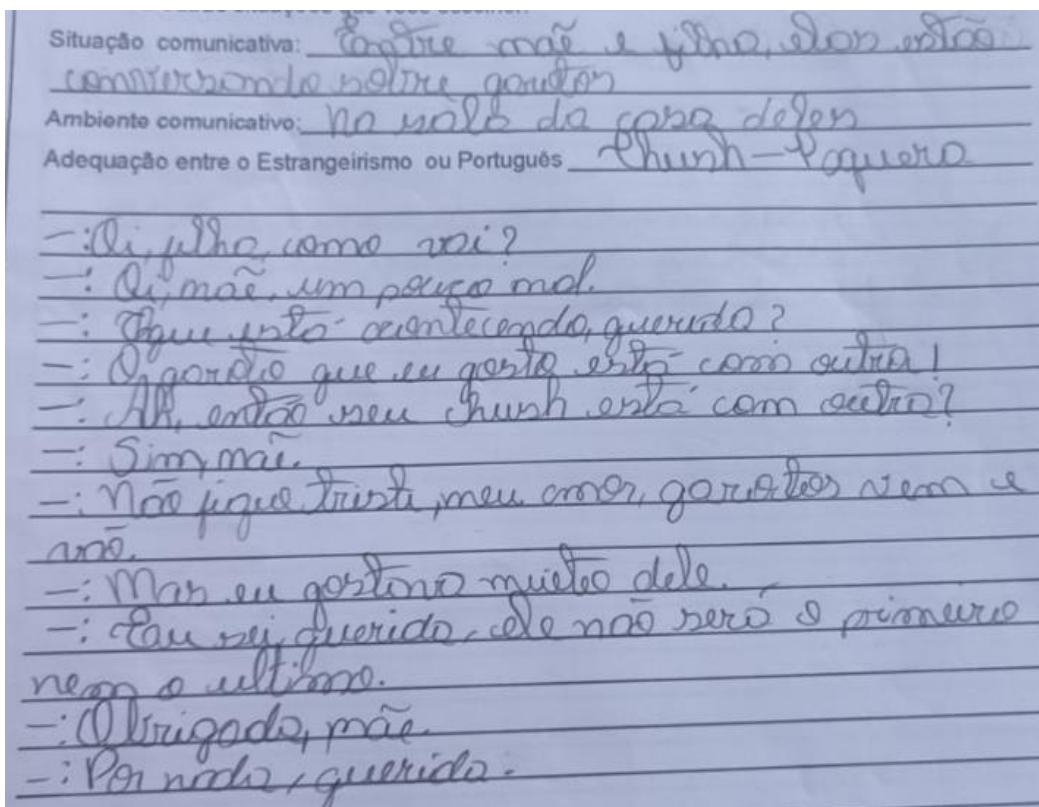
A seguir, apresentamos fotos de exemplares das produções textuais dos participantes nas figuras 67 a 74:

Figura 67 – Produção de diálogos: Réveillon e ano novo



Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 68 – Produção de diálogos: Crush e paquera



Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 69 – Produção de diálogos: Bullying

Situação comunicativa: com amigos

Ambiente comunicativo: Praga

Adequação entre o Estrangeirismo ou Português Bullying

[Redacted]: - **[Redacted]** tu viu o site de fotos fake que fiziam?

[Redacted]: - que site?

[Redacted]: - o lá de insta, tão stalkando todo mundo e fazendo fke.

[Redacted]: - mesmo que essa de tem que denunciar isso.

[Redacted]: - países

[Redacted]: - então tá, meu lá em casa, outra hora mais fake

[Redacted]: - meu lá em casa também. beijo! tchau.

Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 70 – Produção de diálogos: crush, whatsApp, stalkear e Réveillon

Situação comunicativa: conversa descontraída entre irmãs para um

Ambiente comunicativo: no quarto

Adequação entre o Estrangeirismo ou Português Crush, WhatsApp e Stalkar Réveillon

[Redacted] tenho uma coisa para te conta.

- Fala. Disse **[Redacted]**

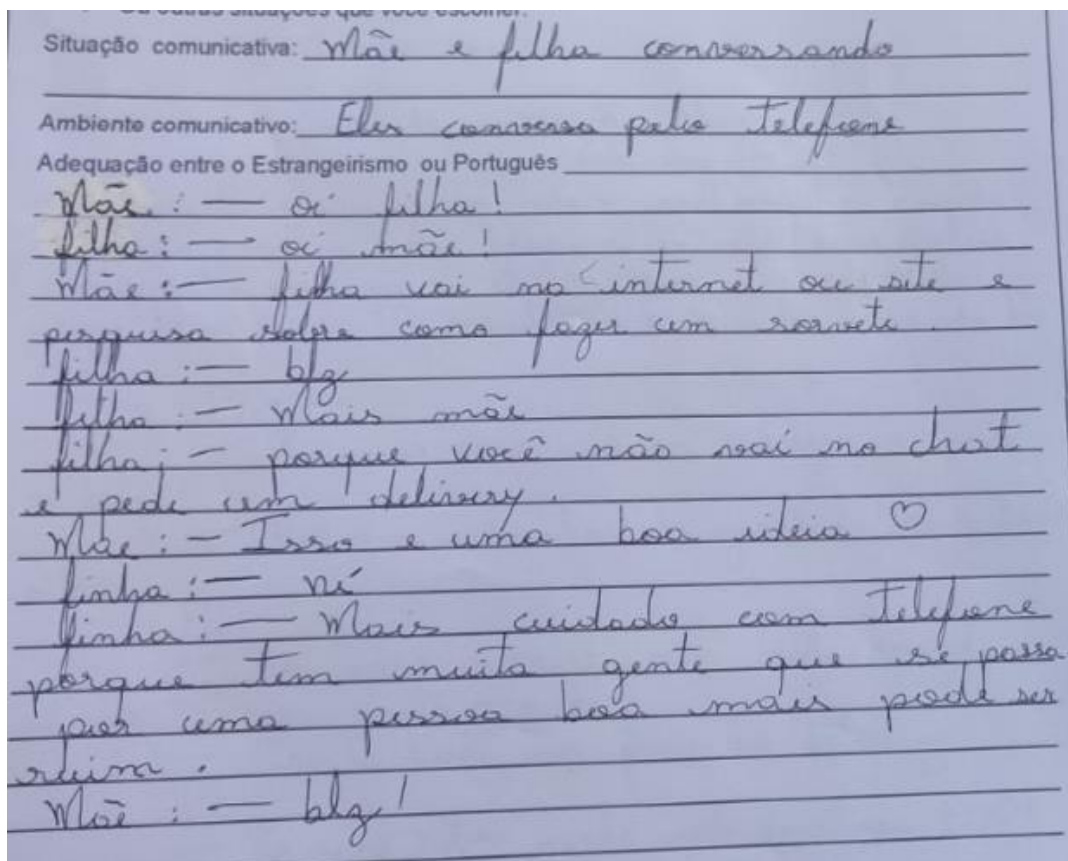
- lembra que é passio Réveillon na praia né? Passi
la eu encontrei o meu crush, mas eu não pedi
nada para ele enquetes de WhatsApp eu conto

- Pega ai teu celular e vai Stalkar ele. Disse **[Redacted]**

- Vou precurar ele aqui e depois eu tifo

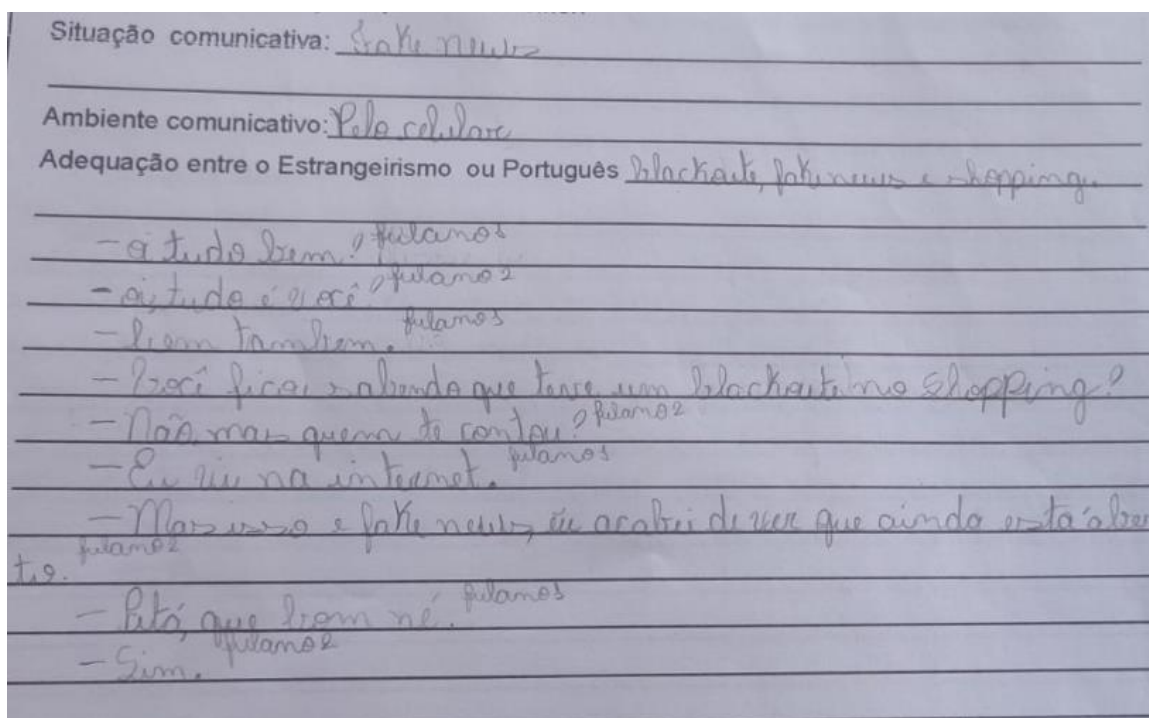
Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 71 – Produção de diálogos: internet, site, chat e delivery



Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 72 – Produção de diálogos: blackout, fake News e shopping



Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 73 – Produção de diálogos: internet e boy

Situação comunicativa: Conversa entre amigos.

Ambiente comunicativo: Casa - Whatsapp

Adequação entre o Estrangeirismo ou Português: Internet, boy

- Oi, [redacted]!

- Oi, [redacted]. Tudo bem?

- Eu tô bem, tenho novidades!!

- Me conta tudo, com detalhes.

- Fui numa festa mês passado e conheci um garoto que inclusive é um boy muito gato. Ele não é do tipo de cara que sai para curtir com todo mundo, ele disse que me achou interessante e tal, ficamos conversando por tempo longo. Ele é uma cara, de fato, muito incrível. Acho que com ele vai ser algo sério.

- Que legal, [redacted]! Felicidades.

Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Figura 74 – Produção de diálogos: pizza e online

Situação comunicativa: Conversa descontraída entre amigos

Ambiente comunicativo: Instagram

Adequação entre o Estrangeirismo ou Português: _____

[redacted]

"— Oi amiga, tudo bem?"

[redacted]

"— Oi, está sim! Temos de sair hoje? Ou vou pra minha casa?"

[redacted]

"— Pode sair para a minha casa, vamos pedir pizza."

[redacted]

"— Tá bom então, mais tarde eu vou."

[redacted]

"— Talvez a [redacted] vai vir também, ela tá online e não me responde."

[redacted]

"— Ué, então tá amiga, vou estudar, amanhã tenho prova."

Fonte: Foto de produção de diálogos dos participantes (2022).

Ao analisar as produções dos diálogos dos participantes, observamos que a maioria optou por contextos comunicativos mais informais, o que já era esperado por nós, devido à faixa etária dos participantes. As situações comunicativas apresentadas foram conversas descontraídas entre amigos(as), mãe e filha conversando, conversa entre irmãos ou irmãs, primo(a).

A maior parte do conteúdo das conversas foram sobre assuntos pessoais contando sobre acontecimentos do cotidiano, sobre crush, novidades em relacionamentos, bullying, entre outros.

Os ambientes comunicativos mais comuns foram em casa (na sala, no quarto), casa de amigos, na praça, telefone, celular, WhatsApp e Instagram.

As palavras mais utilizadas na adequação linguística entre o estrangeirismo e o português foram crush e paquera, réveillon e ano novo, réveillon, crush, boy, pizza, internet, online, offline, site, chat, delivery, fake news, fake, stalkear, bullying, shopping, blackout, selfie. Observamos que a maioria das palavras estrangeiras escolhidas foram as trabalhadas ao longo das oficinas.

Diante da análise das produções dos diálogos, consideramos que os participantes compreenderam o processo de adequação linguística e fizeram o uso coerente nas escolhas entre o estrangeirismo ou português de acordo com os contextos comunicativos dos diálogos.

Ao finalizar a quinta oficina, observando os objetivos propostos e análise dos dados mediante as atividades trabalhadas, as respostas dos participantes, as discussões, reflexões e produções textuais, consideramos que essa oficina possibilitou aos participantes a compreensão do processo de variação linguística e a possibilidade de adequação linguística incluindo os itens lexicais estrangeiros. Sendo assim, avaliamos positivamente essa oficina e consideramos que atingimos os objetivos propostos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nasceu do nosso desejo de contribuir com o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa desprovido de preconceitos e da visão purista da língua, reservar espaço para o ensino do léxico e romper com o silenciamento da abordagem do estrangeirismo como variação linguística. Para isso, elaboramos uma proposta de intervenção voltada para a variação linguística e para o ensino do léxico, com foco no estrangeirismo. Como produto final, foi elaborado um Caderno de Atividades, apresentando um trabalho sistematizado com propostas de atividades que contribuem para a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes do Ensino Fundamental.

Nossa pesquisa foi embasada no princípio da heterogeneidade das línguas, a ideia de que não existe língua sem influências externas, os estudos dos documentos oficiais e das abordagens teóricas apontaram que a pluralidade cultural do Brasil influenciou diretamente na diversidade linguística do país. Portanto, a Língua Portuguesa apresenta em seu acervo lexical influências de vários idiomas. Acreditamos que esse panorama de construção histórica e linguística contribuiu para a visão de que o estrangeirismo reflete as relações sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas do contato entre os povos.

Concluimos que os objetivos de nosso trabalho, quais sejam, elaborar uma proposta de intervenção voltada para variação linguística e o ensino do léxico, com foco na presença do estrangeirismo na Língua Portuguesa, considerando sua dimensão social, discursiva e ideológica, visando contribuir para ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes, foram atingidos e que a nossa questão de pesquisa, “um conjunto de atividades, direcionadas a alunos do Ensino Fundamental, possibilita que eles compreendam em que consiste o estrangeirismo na estrutura do léxico, bem como sua dimensão social, discursiva e ideológica nas práticas discursivas?” foi respondida de forma afirmativa, pois consideramos que as atividades elaboradas e aplicadas em sala de aula, por meio de oficinas pedagógicas, possibilitaram aos participantes a compreensão de que o estrangeirismo enriquece o acervo lexical, pois ao serem incorporadas na língua passam a fazer parte do nosso patrimônio linguístico e cultural, bem como a compreensão do uso do estrangeirismo nas práticas discursivas, considerando que ao fazer escolhas entre o estrangeirismo e o português, os falantes

levam em consideração a dimensão social, discursiva e ideológica das palavras estrangeiras e seus efeitos nos discursos, conforme às situações comunicativas.

Consideramos que o método e os procedimentos utilizados foram escolhas assertivas, pois o conjunto da pesquisa-ação e as oficinas pedagógicas contribuíram para a construção coletiva do conhecimento. Embasados no tripé sentir-pensar-agir, pudemos perceber o protagonismo dos estudantes ao participarem de práticas de linguagem, pesquisas e produção do conhecimento com foco na busca de respostas para os questionamentos apresentados. Os dados coletados durante as discussões, reflexões, respostas às atividades e produções dos participantes tornaram um “material vivo” para análise e consolidação dos resultados dessa pesquisa.

Ao analisar os resultados quantiquantitativos, consideramos que a hipótese apresentada na pesquisa foi confirmada, a proposta de intervenção possibilitou a compreensão do estrangeirismo como um processo de ampliação do léxico da Língua Portuguesa, e a visão de que as palavras estrangeiras não são prejudiciais à língua, e viabilizou a percepção da possibilidade de adequação linguística, incluindo os itens lexicais estrangeiros.

Os dados do questionário de sondagem inicial e das oficinas foram importantes para a comprovação da problemática levantada por nós, o silenciamento do estrangeirismo em sala de aula. Os resultados apontaram:

- 83% dos participantes não haviam estudado sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa;
- 75% dos participantes apresentavam equívocos entre estrangeirismo e empréstimo, e ainda o desconhecimento do empréstimo no sentido linguístico;
- 88% dos participantes apresentavam desconhecimento ou dúvidas em relação à presença de palavras estrangeiras no dicionário de Língua Portuguesa.

Não podemos afirmar categoricamente que o problema foi resolvido, pois estaríamos ignorando a realidade. Sabemos que os passos para a resolução de um problema, em se tratando de um cenário nacional, exige um trabalho gradativo e contínuo. Porém, podemos afirmar que, em nosso contexto de atuação, conseguimos amenizar o problema e obter resultados que mostram a eficácia desse trabalho para o âmbito escolar.

Consideramos que um dos pontos fortes desta pesquisa foram as reflexões acerca do enriquecimento da Língua Portuguesa, e a possibilidade de adequar as

palavras estrangeiras conforme as situações comunicativas. Nas oficinas, os participantes vivenciaram práticas de linguagem, tanto na oralidade quanto na escrita, os resultados demonstraram pleno domínio dos participantes em apontar propostas de adequação linguística conforme cada situação comunicativa. Um dos exemplos foi a adequação do estrangeirismo *Sale* ao ambiente comunicativo, as respostas demonstraram que *Sale* não combina com ambientes mais populares como mercadinhos e feiras, mas com ambientes considerados mais elitizados como shopping e vitrines de lojas. Nesse processo de adequação foi possível observar que a variante estrangeira está numa posição de prestígio social na escala de valores da comunidade linguística.

Outro detalhe que nos chamou atenção foi na forma que elaboramos certas questões e a necessidade de repensá-las. Em uma das atividades perguntamos “onde você costuma ver a palavra *Sale*? Entre as respostas estava “eu nunca vi essa palavra”. Isso significa que esquecemos que nem todos têm contato com as mesmas palavras que nós, se para mim é comum ver essa palavra no shopping, eu posso ter um aluno que nunca foi ao shopping.

Quanto ao estigma de que as palavras estrangeiras representam uma ameaça à integridade da Língua Portuguesa, analisamos a porcentagem de palavras de uma pesquisa realizada pelos participantes sobre algumas temáticas, os resultados mostraram que:

- Na música, 58% são palavras da Língua Portuguesa, em detrimento de 42% de palavras estrangeiras;
- Na culinária, 67% das palavras levantadas pela pesquisa são da Língua Portuguesa, em detrimento de 33% de palavras estrangeiras;
- Na moda, 87% das palavras levantadas pela pesquisa são da Língua Portuguesa, em detrimento de 13% de palavras estrangeiras;
- Na pandemia, 83% das palavras levantadas pela pesquisa são da Língua Portuguesa, em detrimento de 17% de palavras estrangeiras.

É evidente que a amostra da pesquisa dos participantes é pequena ao se pensar na amplitude do léxico da Língua Portuguesa, porém para o contexto de realização da pesquisa esses dados foram importantes, pois colaboraram para mostrar que, a porcentagem de palavras estrangeiras não é um número representativo em detrimento das palavras da Língua Portuguesa, ou seja, o estrangeirismo não

representa motivo de preocupação ao se pensar na descaracterização ou extinção da língua. Ao contrário disso, os resultados revelaram as discussões que já havíamos apresentado na pesquisa, o estrangeirismo é resultado dos processos históricos, políticos, sociais, ideológicos, tecnológicos, mudança das formas de comunicação entre os povos e, principalmente reflexo do contato cultural que refletem a mudança no comportamento linguístico.

A partir desse resultado, consideramos ainda que as palavras estrangeiras ao adentrarem no sistema linguístico crescem o léxico e oportunizam a possibilidade de escolha dos falantes em suas práticas discursivas, contribuindo assim para o processo de adequação linguística. Outra consideração que confirmamos diante desses resultados apresentados é que as palavras estrangeiras não modificam a estrutura gramatical da língua conforme abordamos na pesquisa, portanto consideramos que a presença de palavras estrangeiras no léxico demonstra que a língua está viva, é dinâmica, heterogênea e está em constante transformação.

Ainda em relação ao estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa, os resultados mostraram que a maioria dos participantes e a comunidade escolar envolvida na pesquisa não apresentaram visão purista da língua. Os dados apontaram:

- 77% dos participantes apresentaram a noção de estrangeirismo como a presença de diferentes idiomas na Língua Portuguesa, isso significa a noção da heterogeneidade da língua;
- 72% dos participantes não apresentaram visão purista, a maioria considera normal o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.

Quanto aos resultados das entrevistas realizadas pelos participantes durante as oficinas no ambiente escolar e familiar, obtivemos:

- 79% da comunidade escolar e familiares dos participantes são favoráveis ao uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, portanto não apresentam visão purista.

Os que foram favoráveis argumentaram que as palavras estrangeiras favorecem as trocas de experiências e intercâmbio entre os povos, aumentam o vocabulário, auxiliam na compreensão da Língua Portuguesa e são importantes para ampliação do conhecimento. Os que se posicionaram contrários argumentaram que as palavras estrangeiras é uma forma de dominação, prejudicam à compreensão e aprendizagem da Língua Portuguesa, consideram que as pessoas usam apenas por

modismo, e também acreditam que é uma forma de desvalorização da Língua Portuguesa.

Argumentamos com os estudantes que o modismo citado pelos entrevistados está mais relacionado às questões ideológicas que tratamos na pesquisa, como considerar a cultura do outro melhor, do que simplesmente usar as palavras por estar “na moda”. Não há como negar que existe um certo modismo, porém isso não acontece apenas com as palavras estrangeiras, mas com as da própria língua também. Há de se considerar que sempre houve palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, basta pensar na construção histórica do Brasil e a presença de povos de diversos lugares do mundo que trouxeram sua cultura e deixaram diversas palavras estrangeiras como herança para o acervo lexical. Além disso, é preciso refletir que o processo de globalização influenciou diretamente no aumento considerável de palavras estrangeiras, não só no Brasil, mas na maioria dos países em volta do mundo. Portanto, não podemos afirmar que estrangeirismo utilizado apenas por modismo, os estudos realizados nessa pesquisa nos permitem reafirmar que o uso de palavras estrangeiras é o reflexo histórico e sociocultural da sociedade.

Retomando os dados, apesar de serem uma pequena amostragem, revelam que a maioria dos falantes da comunidade escolar, no contexto de aplicação da pesquisa, não apresentaram visão purista da língua. Este ponto da pesquisa merece atenção, pois é preciso perguntar então: onde nasce o purismo linguístico e a disseminação do olhar estigmatizante para esses processos linguísticos analisados? Acreditamos que esse questionamento pode dar origem a uma próxima pesquisa, fica a sugestão para um trabalho futuro. Em nossa pesquisa, os dados revelaram que, na maioria das vezes, o purismo linguístico parte de um grupo restrito de falantes, como foi o caso do projeto de lei 1676/1999 do deputado Aldo Rebelo do PCdoB/SP que tentou proibir o uso de palavras estrangeiras.

Outras sugestões para pesquisas futuras a partir da temática abordada nessa pesquisa podemos deixar: as questões sociais, linguísticas, discursivas e ideológicas em torno do aportuguesamento das palavras estrangeiras; o tratamento do estrangeirismo e do empréstimo nos livros didáticos de Língua Portuguesa; a presença das palavras estrangeiras nos dicionários de língua portuguesa; a percepção do estrangeirismo e empréstimo pela sociedade e na comunidade escolar; purismo linguístico na era da globalização; estrangeirismo: modismo e/ou necessidade da sociedade; a presença do estrangeirismo nos gêneros

discursivos/textuais (pode ser interessante pesquisar sobre a presença do estrangeirismo em algum gênero específico ou comparar o uso do estrangeirismo em diferentes gêneros; entre outros temas que podem ser pensados a partir de cada realidade e interesse de pesquisa.

Nossa análise crítico-reflexiva nos permite fazer uma avaliação positiva desse trabalho. É evidente que no processo ensino-aprendizagem não é possível mensurar com precisão em que medida os objetivos foram alcançados em cada aluno, pois não conseguimos atingir a todos da mesma forma e na mesma proporção, então fizemos uma avaliação dos aspectos gerais da contribuição da pesquisa.

Nesta pesquisa, deixamos como colaboração para docentes e outros profissionais da área de Língua Portuguesa conhecimentos teórico-científicos sobre o tema abordado e ainda didático-metodológicos para aplicação de atividades em sala de aula por meio de um material didático como produto resultante da pesquisa, o Caderno de Atividades, disponibilizado no apêndice C deste trabalho (p.267), o qual será amplamente divulgado em canais virtuais de comunicação, em formato PDF, primordialmente aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e a quem mais possa interessar.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Victor. Tupi deu importantes contribuições ao português. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/tupi-deu-importantes-contribuicoes-ao-portugues>. Acesso em: 20 de mar. de 2022.
- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. In **Alfa**. São Paulo. vol 28 (supl.), p.119-126, 1984.
- ALVES, Ieda Maria. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. In: **Alfa**. São Paulo: UNESP, n. 32, p. 1-14, 1988.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo. Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARRIADA, Eduardo; VALLE, Hardalla Santos do. Educar para transformar: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistêmica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2514>. Acesso em: 30 de mar. 2022.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BAGNO, Marcos. **A dupla face do “erro gramatical”**: a face linguística e a face sociocultural, 2002. Disponível em: <https://www.stellabortoni.com.br/index.php/partigos/1237-a-iupla-faii-io-iaao-gaamatiial>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.
- BAGNO, Marcos. “Cassandra, fênix e outros mitos”. In: FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001a.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001b.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001c.
- BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007a.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 49.^a ed. São Paulo: Loyola, 2007b.
- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da dinâmica do neologismo. In: Língua e Literatura: **Revista dos departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. Ano VII, v. 7, 1978. p. 185-208. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 30 de set. 2021.

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos semânticos da produtividade léxica. In: Língua e Literatura: **Revista dos departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. Ano VIII, v. 8, 1979, p. 165-183. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/issue/view/8581/628>. Acesso em: 16 de set. de 2021.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade**: processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed., São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

BÍBLIA. Português. **Bíblia online**. Tradução Almeida Revista e tualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, c1993. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/>. Acesso em: 15 de mar. de 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de filologia e linguística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/Edusp, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. In: **Alfa**. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), p 135-144, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. ALFA: Revista de Linguística, Estudos lexicológicos e lexicográficos v. 40, p. 27-46, 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107739>. Acesso em 28 de abr. de 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: 30 de mar. de 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. 1. 2 ed. Campo Grande: MS: Editora da UFMS, p. 13-22, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: teoria lexical e linguística computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. TradTerm, São Paulo, v. 7, p. 153-181, 2001c. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230>. Acesso em: 15 de mar. de 2022.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Nova York: H. Holt, 1933.

BOLOGNINI, Carmen Zink. Línguas de imigração europeia. Holandês. **EBL-Enciclopédia das Línguas no Brasil**. UNICAMP: São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.labeurb.unicamp.br/elb/europeias/leiamais_holandes.html . Acesso em: 31 de mar. de 2022.

BOLOGNINI, Carmen Zink and Payer, Maria Onice. Línguas de imigrantes. Línguas do Brasil. **Revista Ciência e Cultura**, vol.57, no.2, p.42-46, jun. 2005.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Diário da Câmara dos Deputados. (1999). **Projeto de Lei nº 1676**, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B) de São Paulo, 1999. pp. 52060-52063. 4 de novembro de 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Parecer nº 11, de 7 de julho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, p. 28, 9 de dezembro de 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192.. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro 4a. ed. Livraria Acadêmica, 1967.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El Rei D. Manuel. Dominus**. São Paulo, 1963. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117060m%20>. Acesso em: 30 de ago. de 2021.

CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009. CONTIERO, Elza; FERRAZ, Aderlande Pereira. A neologia de

empréstimos no LDP: uma abordagem a partir dos atos discursivos. In: SIMÕES, Darcilia; OSÓRIO, Paulo (Orgs.). **Léxico: Investigação e Ensino**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. p.45-59. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Lexico_e_Ensino.pdf . Acesso em: 30 de mar. de 2022.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A. & PEREIRA, Maria Teresa (orgs.). **Língua Portuguesa: descrição e ensino**, São Paulo, Parábola Editorial, 2011. p. 223-237.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e habla. In: **Teoria del lenguaje y lingüística general**. 3 ed., Madrid: Gredos, 1973. p.11-113

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do Grande ABC**. 2007. 635f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. (Tomo I)

CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1980.

DIAS, Eliana. Ensino do léxico: a construção da autoria na produção de glossários escolares. **Linguagem em (Re)vista**, vol. 11, n. 21. Niterói, jan./jun. 2016.

DUBOIS, Jean. et al. **Dicionário de Linguística**. Trad. Frederico P. de Barros et al. Dir. e coord. ger. da trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2000.

EVA. **Dicionário dos nomes próprios**. Significado dos nomes, 2022. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/eva/> . Acesso em: 15 de mar. de 2022.

EXPRESSÕES latinas que se fazem presente no português moderno. Superprof Blog. 18 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/blog/vocabulos-latinos-no-idioma-de-camoos/>. Acesso em: 01 de abr. de 2022.

FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia. **Língua portuguesa, educação e mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p.146-162.

FERRAZ, Aderlande Pereira; FILHO, Sebastião C. da Silva. Desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, Aderlande Pereira (Org.). **O léxico do português em estudo na sala de aula**. Araraquara: Letraria, 2016. p. 9-30.

FERREIRA, Helena M, VIEIRA, MAURICÉIA, S. O trabalho com o léxico em sala de aula: desafios para o ensino de língua materna. **Revista Letras Raras**. ISSN: 2317-2347 – Vol 2, Nº 2 – 2013. <https://doi.org/10.35572/rlr.v2i2.185>

FIGUEIREDO, Cândido de. **Estrangeirismos**: resenha alfabética e crítica de centenas de vocábulos e locuções estranhas indevidamente usadas em nossa linguagem oral e escrita. 5. ed. v. 1. Lisboa: Clássica, 1938.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila. Fortaleza: UECE, 2002.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. A Pedagogia da pesquisa-Ação. Educação e Pesquisa. **Revista da Faculdade de Educação da USP**. Vol.31, fascículo 3. p. 483-502. São Paulo. dez. 2005.

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300011>

FRANZIN, Adriana. Palavras indígenas nomeiam a maior parte das plantas e animais do Brasil. **EBC - Empresa Brasil de comunicação**. 29 de out. de 2015. disponível em: disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCEZ, Pedro M e ZILLES, Ana Maria S. “Estrangeirismos, desejos, ameaças”. In FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.) **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRIGOLETTO, Marisa. O inglês na atualidade: uma língua global. **EBL- Enciclopédia das Línguas no Brasil**. UNICAMP: São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=98>. Acesso em: 31 de mar. de 2022.

GUIMARÃES, Eduardo. A Língua Portuguesa no Brasil. . Línguas do Brasil. **Revista Ciência e Cultura**, vol.57, no.2, p. 24-28, jun. 2005.

KRIEGER, Maria da Graça. **Dicionário em sala de aula**: guia de estudos e exercícios. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola, 2008.

LETRAS, Academia Brasileira de. **Vocabulário Ortográfico**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico> . Acesso em: 15 de set. de 2021.

LÍNGUAS DO BRASIL. A língua inglesa no Brasil. **Revista Ciência e Cultura**. vol. 57, num. 2, 2005. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerNoticia.lab?id=302>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

LINGUICÍDIO. **Dicionário Informal**. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/linguic%EDdio/> . Acesso em: 20 de mar. de 2022.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social. In: NEGRI, Ligia. *et al.* (Org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004. p. 263- 284.

MOITA, Filomena M. G. S. Cordeiro; ANDRADE, Fernando César B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2006. Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-1671.pdf> . Acesso em: 30 ago. de 2022.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONIZ, Priscilla. Criacionismo. Educação.biologia. **Globo.com**, c2015. Disponível em: <http://educacao.globo.com/biologia/assunto/origem-da-vida/criacionismo.html> . Acesso em: 15 de mar. de 2022.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Vol. 1. 2 ed. Campo Grande: MS: Editora da UFMS, 2001.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variedades do português no mundo e no Brasil**. *Cienc. Cult.*, vol.57, no.2, p.31-34, jun., 2005.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes e. Reflexões sobre ética e pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.
<https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000100001>

PALAVRA. DICIONÁRIO, Caldas Aulete. Aulete digital, 2022. Ed. Lexicon Editora Digital, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://aulete.com.br/palavra> : Acesso em: 15 de mar. de 2022.

PALAVRA. DICIONÁRIO, Michaelis. Português. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Português brasileiro: Palavra. c2022, Ed. Melhoramentos. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=palavra> . Acesso em: 15 de mar. de 2022.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, mai./ago. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/File/16/15>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

PAYER, Maria Onice. Nacionalismo. EBL- Enciclopédia das Línguas no Brasil. UNICAMP: São Paulo, 2005. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/>

pages/noticias/lerArtigo.lab?categoria=17&id=117. Acesso em: 31 de mar. de 2022.

POR QUE o latim continua sendo o idioma oficial da igreja? Agência de Notícias Gaudium Press, São Paulo, 24 de maio de 2018. Disponível em: <https://gaudiumpress.org/content/95438-por-que-o-latim-continua-sendo-o-idioma-oficial-da-igreja/>. Acesso em: 24 de mar. de 2022.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala. 9. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

REGIMENTO INTERNO DO PROFLETRAS. Anexo da Resolução no 043/2012-CONSEPE, de 15 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.profletras.ufrn.br/Documentos/108963191/regimento#.Wqbg7OjwblU>. Acesso em: 20 de abr. de 2022.

RODRIGUES, Auro de Jesus et al. **Metodologia Científica**. 5. ed. Aracaju: UNIT, 2014.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>

SANDMANN, Antônio José. **Competência lexical**. São Paulo: Editora da UFPR, 1991.

SÉRGIO, Ricardo. **Palavras de origem estrangeira**. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Eletrônico. 2001. / Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Eletrônico. 5.0, 17 de abr. de 2011. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/2914649>. Acesso em: 01 de abr. de 2022.

SILVA, Paulo Adriano Santos; GOMES, Robertta de Jesus; LELIS, Diego Andrade de Jesus. A importância das oficinas pedagógicas na construção do conhecimento cartográfico: novas proposições metodológicas para o ensino de geografia. **VI Colóquio Internacional, Educação e Contemporaneidade**, São Cristóvão, SE, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10180/23/22.pdf>. Acesso em: 18 de abr. de 2022.

SILVA, Shirley dos Santos. **Manual para estruturação de oficina pedagógica**. 2019. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/598685/2/Produto_ManualOficinaPedagogica.pdf. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 2002.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Métodos de pesquisa**. Apostila. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TIMBANE, Alexandre Antônio; SANTOS, Ivonete da Silva; ALVES, Maria José. A variação léxico-semântica em jornais lusófonos. In: **Anais do 2º Congresso de pesquisa, ensino e extensão**, UFG, RC, Catalão, p.773-779, 28-30 set. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312046886_A_VARIACAO_LEXICO-SEMANTICA_EM_JORNAIS_LUSOFONOS. Acesso em: 31 de mar. de 2022.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português**. São Paulo: Vozes, 2014.

XATARA, Claudia Maria. Estrangeirismos sem fronteira. **Alfa**. v. 45, p. 149-154, 2001.

ZILLES, Ana Maria S. “Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos”. In FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 15-36

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO INICIAL

Questionário de Sondagem Inicial

1. Você já deve ter percebido que usamos muitas palavras estrangeiras em nosso dia a dia. Você já deve ter ouvido alguma dessas frases: “Se você gostou desse vídeo deixe seu **like**”, “Vou tirar um **print** de tela da nossa conversa”, “Minha mãe faz **cupcake** para vender”. As palavras **print**, **like**, **cupcake**, são consideradas **estrangeirismos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) Sim
 b) Não
 c) Estudei, mas foi na aula de inglês
 d) Outro(s) _____

2. Qual definição você daria para estrangeirismo?

- a) Estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano etc.) na Língua Portuguesa.
 b) Estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas em nossa língua, mas de tanto serem usadas em nossa comunicação diária, já pertencem à Língua Portuguesa, inclusive podem ser encontradas no dicionário de português.
 c) Estrangeirismo é o uso de palavras em inglês na Língua Portuguesa.
 d) Outro (s) _____

3. No período de pandemia, ouvimos muito essa frase nos noticiários de Goiânia: “Atenção: hoje haverá vacinação contra covid-19 no Passeio das Águas **Shopping** pelo sistema **drive-thru**”. As palavras **Covid-19**, **Shopping**, **drive-thru** são consideradas **empréstimos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) Sim
 b) Não
 c) Estudei, mas foi na aula de inglês
 d) Outro(s) _____

4. Qual definição você daria para **empréstimo**?

- a) Empréstimo é o uso de palavras de outros idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano etc.) que usamos na Língua Portuguesa, mas ainda não estão no dicionário.
 b) Empréstimo é o uso de palavras de diferentes idiomas em nossa língua que, de tanto serem usadas em nossa comunicação diária, passaram a pertencer à Língua Portuguesa, inclusive podem ser encontradas no dicionário de português.
 c) Empréstimo é o uso de palavras do inglês na Língua Portuguesa.
 d) Outro(s) _____

5. Se fosse para você pesquisar o significado da palavra **bullying** na biblioteca da sua escola, qual dicionário você pegaria?

- a) Dicionário de português, com certeza.
 b) Dicionário de inglês, com certeza.
 c) Os dois, pois tenho dúvida em qual deles encontro essa palavra.
 d) Outro (s) _____

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL

6. As palavras **site**, **mouse**, **e-mail**, **internet** são muito usadas em nossa comunicação. Você acha que podemos encontrar essas palavras no dicionário de português?
- a) () sim, com certeza.
 b) () Não, de jeito nenhum.
 c) () Tenho dúvidas.
 d) () Outro(s) Qual? _____
7. Observe como as palavras a seguir eram escritas no idioma original: **sutiã** (**soutien**), **batom** (**bâton**), **maquiagem** (**maquillage**). Qual língua você acha que originou essas palavras?
- a) () Inglês
 b) () Francês
 c) () Espanhol
 d) () Italiano
8. De qual idioma você acha que originou as palavras em destaque: “Ele tem **déficit** de atenção”, “Ela postou no **status que está solteira**”, “Brasil **versus** Argentina”.
- a) () Francês
 b) () Inglês
 c) () Espanhol
 d) () Latim
9. Quais dessas formas você usa para escrever as palavras a seguir?
- a) () blog Ou () blogue
 b) () rock Ou () roque
 c) () shampoo Ou () xampu
 d) () motoboy Ou () motobói
10. Qual das duas expressões você mais usa nas conversas com seus amigos?
- a) () Gosto de hot dog ou () Gosto de cachorro-quente
 com bastante molho! com bastante molho!
- b) () Esse celular é top ! ou () Esse celular é muito bom!
- c) () Adorei essa selfie! ou () Adorei esse autorretrato!
- d) () Essa informação é fake! ou () Essa informação é falsa!
11. Você poderia dar exemplos de mais palavras estrangeiras usadas por você, seus amigos e familiares?
- _____
- _____
- _____

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL

12. As palavras **home office**, **lockdown**, **aulas on-line**, **chat**, entre outras, foram muito utilizadas pela população durante a pandemia da Covid-19. Seria possível substituir essas palavras e expressões estrangeiras por suas correspondentes em português?

- a) home office _____
- b) lockdown _____
- c) aulas on-line _____
- d) chat _____

13. Se fosse para você fazer uma pesquisa virtual sobre o significado da palavra **lockdown**, ou outras palavras estrangeiras, onde você iria?

- a) () Google tradutor inglês/ português
- b) () Google tradutor português/inglês
- c) () Sites de buscas (Google, Firefox, Microsoft Edge etc.)
- d) () outro(s) Qual? _____

14. Qual é a sua opinião sobre o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa?

- a) () Acho muito errado. Atrapalha muito na hora de escrever as palavras estrangeiras, nossa língua fica muito misturada.
- b) () Acho errado. Ninguém entende nada nas conversas que têm palavras estrangeiras.
- c) () Acho normal. As pessoas falam as palavras estrangeiras sem perceber quando estão conversando. Na hora de escrever podemos ter dificuldade, da mesma forma que temos com as palavras do português também.
- d) () Não tenho uma opinião se é certo ou errado, mas acho muito legal usar essas palavras e expressões estrangeiras. Se a maioria usa, eu também uso.

Comente sua opinião!

15. Você considera importante estudar esse assunto da presença de palavras estrangeiras nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) () Não. Nas aulas de Língua Portuguesa temos que estudar apenas sobre as palavras e expressões da nossa língua.
- b) () Não. Esse assunto deve ser estudado apenas nas aulas de inglês.
- c) () Sim. Se as palavras estrangeiras estão presentes na Língua Portuguesa é importante entender como isso acontece.
- d) () Sim. Estudando esse assunto, posso aprender a falar inglês.

Comente sua opinião!

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!



APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIOGEOLINGUÍSTICO

Questionário Sociogeolinguístico

1. Data de nascimento _____/_____/_____
2. Idade: _____ anos
3. Sexo () F () M
4. Cidade de nascimento _____
5. Estado de nascimento _____
6. Qual cidade/ estado seus pais ou responsáveis nasceram?
 Pai: Cidade _____ Estado _____
 Mãe: Cidade _____ Estado _____
 Responsável: Cidade _____ Estado _____
7. Há quanto tempo você e sua família moram em Goiânia?
 () 1 ano ou menos () Entre 5 e 10 anos
 () Entre 1 e 5 anos () Mais de 10 anos
8. Além do lugar onde você nasceu e de Goiânia, seus pais ou responsáveis já moraram em outro lugar? Onde?
 () Sim. Nome da Cidade _____ Estado _____
 () Não.
9. Qual seu lazer/diversão/ passatempo preferido?

10. Você gosta de ler? Que tipo de leitura?

11. Onde você costuma passear com sua família e amigos?
 () teatro () clube
 () cinema () Shopping
 () Outros _____
12. Na sua casa tem quais aparelhos eletrônicos disponíveis para seus estudos e pesquisas?
 () computador () Celular
 () Notebook () Nenhum
 () Tablet () Outros _____

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!



APÊNDICE C – O CADERNO DE ATIVIDADES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Programa de Pós-graduação Mestrado
Profissional em Letras

Caderno de Atividades

Ensino Fundamental

Estrangeirismo ou Português?
Eis a questão:
uma proposta para adequação linguística



Parte integrante da Pesquisa de Mestrado
PROFLETRAS/UFU

Profa. Me. Rosimeire Viviane de Oliveira Araújo
Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini

Uberlândia-MG
2023

Apresentação

Este Caderno de Atividades é parte integrante da pesquisa de mestrado, "Estrangeirismo ou português? Eis a questão: Uma proposta para adequação linguística", realizada no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, o caderno foi elaborado pela Profa. Me. Rosimeire Viviane de Oliveira Araújo sob orientação da Profa. Dra. Adriana Cristina Cristianini.

A temática abordada na pesquisa é a presença das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, processos conhecidos como estrangeirismo e empréstimo. Com este material pedagógico, esperamos contribuir com docentes e com o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa por meio de atividades que visam a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes, incluindo os itens lexicais estrangeiros, considerando sua dimensão social, discursiva e ideológica.

As autoras

ADRIANA CRISTINA CRISTIANINI

Possui Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo - USP e Pós-doutorado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa;
Doutorado em Linguística pela USP;
Mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie- UPM;
Especialização em Teoria da Literatura e Literatura comparada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André - FSA;
Licenciatura em Letras (Português e Inglês) - FSA;
Professora associada do departamento de Letras (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia e professora do PROFLETRAS-UFU;
Líder do Grupo de Pesquisa Sociogeolinguística-GPS/UFU; vice-líder do Grupo de Estudos em Dialectologia e Geolinguística - GPDG/USP.

adriana.cristianini@ufu.br

ROSIMEIRE VIVIANE DE OLIVEIRA ARAÚJO

Possui Mestrado pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras - Universidade Federal de Uberlândia- PROFLETRAS/UFU; Especialização em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica-PUCGO e pela Universidade Salgado de Oliveira -UNIVERSO-GO;
Licenciatura em Letras (Português/Inglês) - PUCGO;
Professora-regente efetiva de Línguas Portuguesa e Inglesa pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás e pela Secretaria Municipal de Educação de Goiânia-GO;
Membro do Grupo de Pesquisa Sociogeolinguística-GPS/UFU

rosimeire.oliveira@ufu.br

SUMÁRIO

1	LÍNGUA PORTUGUESA E ESTRANGEIRISMO: UMA REFLEXÃO	5
2	AOS CAROS COLEGAS PROFESSORES.....	7
3	O CADERNO DE ATIVIDADES	8
4	A PROPOSTA PEDAGÓGICA.....	9
5	AS OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	10
5.1	PLANEJAMENTO OFICINA 1.....	13
5.2	PLANEJAMENTO OFICINA 2.....	14
5.3	PLANEJAMENTO OFICINA 3.....	15
5.4	PLANEJAMENTO OFICINA 4.....	16
5.5	PLANEJAMENTO OFICINA 5.....	17
	QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL.....	19
	QUESTIONÁRIO SOCIOGEOLINGUÍSTICO	22
	OFICINA 1: O ESTRANGEIRISMO NOSSO DE CADA DIA.....	23
	OFICINA 2: BLACK FRIDAY OU BLACK FRAUDE?.....	31
	OFICINA 3: “TAMU JUNTO E MISTURADO!”	37
	OFICINA 4: TEMOS PIZZA, SANDUÍCHE GOURMET E CHICA DOIDA!.....	42
	OFICINA 5: O ESTRANGEIRISMO “TÁ ON”!.....	49
	REFERÊNCIAS.....	62

LÍNGUA PORTUGUESA E ESTRANGEIRISMO: UMA REFLEXÃO

A língua reflete a identidade de seu povo e suas relações sociais, isso significa que, à medida que a sociedade muda, a língua também muda para atender às necessidades de seus falantes. Por ter um caráter social, dinâmico e heterogêneo, as línguas se renovam natural e constantemente. As mudanças que ocorrem na língua são provenientes de fatores diversos, podendo ser de ordem social, cultural, histórica, econômica, política, entre outros.

O Brasil, desde seu processo de colonização, sempre foi palco de influência de outros povos espalhados pelos continentes, europeu, africano, americano, entre outros. Imigrantes de diversos lugares do mundo foram deixando suas heranças culturais e linguísticas sobre a nação brasileira, as quais se misturaram às línguas dos povos indígenas, os habitantes nativos do país.

Se a história do Brasil é marcada pela presença de vários povos, a sua língua não seria diferente. Assim, palavras indígenas, africanas, francesas, italianas, árabes, inglesas, entre outras, passaram a integrar o acervo lexical da Língua Portuguesa. O processo de introduzir palavras de outros idiomas em uma língua é chamado de estrangeirismo. Ao serem incorporadas na língua, as palavras estrangeiras passam a ser chamadas de empréstimo.

A construção histórica da identidade do país contribuiu para sua pluralidade cultural, influenciando diretamente no hibridismo e na diversidade linguística da Língua Portuguesa.

No entanto, com o processo de globalização, o estrangeirismo tem-se intensificado cada dia mais, sobretudo

em relação à quantidade de palavras do inglês presentes na Língua Portuguesa. A presença marcante de palavras estrangeiras na língua causa inquietação e divide opiniões na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Há o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a língua nacional, numa visão purista da língua.

A presença de palavras estrangeiras em uma língua é o reflexo do contato sociocultural de seus falantes com outros povos. Além disso, as palavras estrangeiras contribuem para o enriquecimento do acervo lexical, um patrimônio linguístico e cultural. Nesse sentido: Bagno (2001, p.82) afirma que "não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas"; Contiero e Ferraz (2014, p. 51) corroboram a ideia de que "nenhuma língua é isenta de receber unidades lexicais de outros idiomas, sobretudo porque muito da renovação e riqueza de seu léxico advém da incorporação dessas palavras trazidas de fora e adaptadas ao nosso patrimônio lexical"; Campos (1986, p.35) afirma que "o empréstimo linguístico enriquece a língua que o recebe sem tornar mais pobre a língua que o cede".

Então, o estrangeirismo é reflexo da construção contínua da língua ao longo de sua existência. A sua intensificação nas últimas décadas é o espelho do legado histórico das gerações que não precisam sair de casa para se comunicar com o mundo, a interconexão entre os povos é feita a qualquer tempo, a qualquer hora e em qualquer espaço.

As autoras

AOS CAROS COLEGAS PROFESSORES

Prezado professor, é uma honra cumprimentá-lo* e saber que esse material chegou em suas mãos. O Caderno de Atividades que você recebeu é resultado da pesquisa de mestrado intitulada "Estrangeirismo ou português? Eis a questão: Uma proposta para adequação linguística", realizada no âmbito do PROFLETRAS/UFU. Partindo da experiência de nossa prática profissional com o Ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, a motivação inicial para esse trabalho surgiu após a constatação do pouco espaço reservado ao ensino do léxico, e o silenciamento da abordagem do estrangeirismo como variação linguística. Observamos a necessidade de um trabalho mais sistematizado, incluindo as palavras estrangeiras presentes na Língua Portuguesa, com a finalidade de minorar a visão purista da língua, propondo atividades que contribuam para a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística, e da competência comunicativa dos estudantes. Esperamos que você desenvolva as atividades aqui propostas em sua sala de aula, fazendo modificações, alterações e as adequações necessárias ao seu contexto e às necessidades dos seus alunos de acordo com sua realidade.

Um abraço!

As autoras

O CADERNO DE ATIVIDADES

O Caderno de Atividades está organizado em DUAS PARTES:

- ✓ A PRIMEIRA PARTE é o material de apoio docente, a apresentação da proposta pedagógica, o método e o procedimento adotado para desenvolver o trabalho em sala de aula, a apresentação das oficinas pedagógicas, as orientações ao professor e o planejamento de cada oficina;

- ✓ A SEGUNDA PARTE é o material de aplicação aos discentes, o questionário de sondagem inicial, o questionário sociolinguístico e as atividades para serem desenvolvidas com os estudantes em sala de aula.

Esse Caderno de atividades será divulgado via canais virtuais de comunicação por meio de arquivo PDF, assim o professor poderá editar as atividades e fazer os ajustes necessários, poderá ainda imprimir ou projetar as atividades em sala conforme a sua realidade. Optamos por esse meio de divulgação ao por ser de amplo alcance no âmbito educacional e pela facilidade de adequação do professor para seu contexto de atuação.

Professor, você pode compartilhar esse Caderno de Atividades com outros professores e profissionais afins!

As autoras

A proposta pedagógica

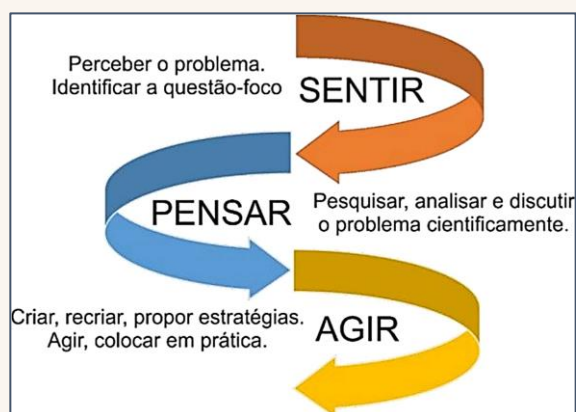
O método adotado para a aplicação da pesquisa que resultou neste Caderno de Atividade foi a pesquisa-ação, tendo em vista que a aplicação de uma pesquisa em sala de aula tem como meta aliar a teoria à prática para alcançar os objetivos propostos. Nesse sentido, Silveira; Córdova (2009, apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.35) afirmam que "objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais". Acreditamos que tal procedimento permite ao professor-pesquisador uma autoavaliação, uma autorreflexão sobre sua postura profissional, em busca do aprimoramento das práticas de ensino, contribuindo para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e o engajamento dos estudantes, assim os resultados são benéficos para todos os envolvidos. Adotamos as oficinas pedagógicas como instrumento para aplicação das atividades em sala de aula.

Diante desses pressupostos, a proposta pedagógica desse material está dividida em DUAS ETAPAS de aplicação: A PRIMEIRA é a aplicação de dois questionários com duração de 2h/aula (50min), o questionário de sondagem inicial para verificar os conhecimentos prévios e o questionário sociogeolinguístico com a finalidade de conhecer o perfil dos estudantes; A SEGUNDA é a aplicação de cinco oficinas pedagógicas distribuídas em 24h/aula (50min) por meio de atividades que abordam a temática do estrangeirismo e visam contribuir para a ampliação do repertório lexical, da adequação linguística, e da competência comunicativa dos estudantes.

As oficinas pedagógicas

Como instrumento pedagógico adotamos as oficinas para aplicação das atividades com base nos pressupostos de Arriada; Valle (2012, p.4): “caracterizamos as oficinas como uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. Ou seja, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir- pensar -agir, com objetivos pedagógicos”. Acreditamos que as oficinas proporcionam um ambiente interativo de aprendizagem por meio da reflexão, considerando os sentimentos, pensamentos e ações dos envolvidos em torno dos objetivos de ensino, conforme podemos observar na proposta:

Tripé sentir-pensar-agir



Fonte: Silva (2019, p.5).

Diante desses fundamentos, elaboramos cinco oficinas pedagógicas distribuídas em 24h/aulas (50 min). As atividades foram direcionadas ao nosso contexto de aplicação, alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede oficial de ensino, localizada em Goiânia-GO, porém esclarecemos que as atividades podem ser adaptadas para todos os anos escolares do Ensino Fundamental-Anos Finais (6.º ao 9.º ano).

As atividades das oficinas foram elaboradas tendo como fundamentos teóricos os estudos de Alves (1990;1984), Antunes (2012), Bagno (2001), Barbosa (1978, 1979; 1981), Biderman (1978; 1984; 2001), Bortoni-Ricardo (2005), Cristianini (2007), e nas diretrizes oficiais do ensino de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental - Anos Finais, fundamentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Brasil (2018).

Para elaboração das atividades consideramos os aportes teóricos nas áreas da lexicologia e da Sociolinguística Educacional, como também o documento norteador da Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Entre as competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental no documento, consta:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. (BRASIL, 2018, p.87).

A faixa etária dos estudantes do Ensino Fundamental e sua relação com as práticas de linguagem também foram consideradas na elaboração das atividades. Nesta fase, os adolescentes se espelham nos padrões comportamentais do grupo em diversos aspectos, aparência física, no vestuário, acessórios, design do cabelo, nas músicas, nas atividades de lazer e, principalmente, na linguagem própria, característica dessa fase da vida.

Os estudantes dessa fase inserem-se em uma faixa etária que corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. Nesse período de vida [...], ampliam-se os vínculos sociais e os laços afetivos, as possibilidades intelectuais e a capacidade de raciocínios mais abstratos. Os estudantes tornam-se mais capazes de ver e avaliar os fatos pelo ponto de vista do outro[...]. (BRASIL, 2018, p.60).

Nesse sentido, Brasil (2018) afirma que o educador precisa ter disposição para entender e dialogar com as formas próprias de expressão das culturas juvenis, cujos traços são mais visíveis.

Diante desses eixos norteadores, elaboramos os objetivos propostos para as oficinas. A seguir, apresentamos os objetivos, as orientações gerais para aplicação e a proposta de cada oficina.

O objetivo das atividades das oficinas é desvelar o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa e a compreensão da variação linguística, incluindo os itens lexicais estrangeiros, considerando a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo, visando contribuir para ampliação do repertório lexical, da adequação linguística e da competência comunicativa dos estudantes.

Como objetivos específicos as oficinas podem propiciar a compreensão dos processos de introdução, formação e incorporação das palavras estrangeiras ao acervo lexical da Língua Portuguesa, bem como o impacto desse processo na estrutura do léxico; possibilitar o discernimento dos motivos da presença ou ausência de itens lexicais estrangeiros no Vocabulário Oficial da Língua Portuguesa (VOLP) e no dicionário escolar; contribuir para minorar o preconceito em relação ao uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, desvelando o estigma de que elas descaracterizam a língua nacional; refletir sobre os aspectos socioculturais e ideológicos das escolhas dos falantes entre o estrangeirismo e o português; a compreensão da possibilidade de adequação linguística incluindo os itens lexicais estrangeiros.

Organizamos as atividades partindo sempre de questões para discussão, com a finalidade de promover um diálogo e reflexão das questões socioculturais que envolvem a língua. Apresentamos diversos gêneros discursivos/textuais como ponto de partida para leitura e discussão, atividades e produções textuais.

É importante ressaltar que as palavras e expressões estrangeiras propostas nas atividades devem ser contextualizadas oralmente com os estudantes em sala de aula, pensando sempre nas possíveis situações comunicativas de acordo com cada realidade.

Esclarecemos que não numeramos a sequência de atividades por entender que elas apresentam um ciclo ininterrupto do sentir-pensar-agir. Não dividimos as oficinas por aula, colocamos apenas uma carga horária estimada para a oficina. Acreditamos que cada ambiente escolar apresenta suas especificidades locais, cabe ao professor fazer os ajustes necessários quanto ao tempo e organização da proposta.

A seguir, apresentamos o planejamento de cada oficina:

5.1 PLANEJAMENTO OFICINA 1

OFICINA 1: O ESTRANGEIRISMO NOSSO DE CADA DIA!

Estrangeirismo ou Empréstimo? Eis a questão!

Nesta oficina refletimos sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, e introduzimos os conceitos de estrangeirismo e empréstimos.

Tempo estimado: 4h/aula

Recursos: notebook, projetor multimídia, laboratório de informática, xérox das atividades, e dicionário escolar impresso de Língua Portuguesa.

Objetivo: Refletir sobre a presença de palavras estrangeiras que circulam na Língua Portuguesa em variadas esferas comunicativas, introduzir os conceitos de estrangeirismo e empréstimo, apresentar o VOLP como ferramenta de pesquisa, tendo-o como referência para as palavras estrangeiras oficializadas e não oficializadas na Língua Portuguesa.

Procedimentos:

- ✓ Leitura de imagens com palavras estrangeiras, questões para discussão;
- ✓ Reflexão sobre os conceitos de Estrangeirismo e Empréstimo;
- ✓ Apresentação do VOLP, diferença entre o VOLP e o dicionário escolar;
- ✓ Leitura de embalagens e rótulos;
- ✓ Leitura de Cardápios;
- ✓ Atividade de pesquisa no VOLP e no dicionário impresso de Língua Portuguesa.

5.2 PLANEJAMENTO OFICINA 2

OFICINA 2: BLACK FRIDAY OU BLACK FRAUDE?

Estrangeirismo: importação da palavra ou da cultura?

Eis a questão!

Nesta oficina tratamos da relação da importação das palavras estrangeiras atreladas às questões socioculturais, considerando a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo.

Tempo estimado: 6h/aula

Recursos: notebook e projetor multimídia, xérox de texto para leitura, câmera fotográfica para produção de fotomontagem, cartolinas, pincéis, tesoura, cola, revistas para recortes e fita adesiva para exposição de cartazes.

Objetivo: Compreender a relação da importação das palavras estrangeiras atreladas às questões socioculturais da sociedade brasileira, a importação de hábitos e costumes estrangeiros, principalmente, os oriundos da cultura norte-americana, considerando a dimensão social, discursiva e ideológica do estrangeirismo.

Procedimentos:

- ✓ Leitura de reportagem: "Estrangeirismos estão atrelados à importação da cultura estrangeira", questões para discussão;
- ✓ Leitura e produção de fotomontagem, análise das palavras estrangeiras;
- ✓ Leitura de placas e anúncios de Black Friday e Black Fraude;
- ✓ Leitura de textos informativos: "Black Friday, de onde vem esse nome..." e "O que é a famosa Black Fraude? Comentários e sugestões de outras expressões";
- ✓ Trabalho em grupo: Produção de cartazes sobre a influência de culturas estrangeiras no Brasil, temas sugeridos: culinária, moda, música, dança, esportes, aparelhos eletrônicos, pandemia Covid-19 etc.);
- ✓ Apresentação oral dos trabalhos; análise do estrangeirismo

5.3 PLANEJAMENTO OFICINA 3

OFICINA 3: "TAMU JUNTO E MISTURADO!"

Estrangeirismo: Preconceito ou Purismo? Eis a questão

Nesta oficina tratamos sobre o purismo linguístico e do estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa;

Tempo estimado: 3h/aula

Recursos: notebook, projetor multimídia, caixa de som e caderno para entrevista.

Objetivo: Desvelar o estigma de que as palavras estrangeiras descaracterizam a Língua Portuguesa, com a finalidade de contribuir para minorar o preconceito e o purismo em relação à presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, tendo em vista o caráter heterogêneo das línguas.

Procedimentos:

- ✓ Leitura de tirinha "coisas desse Brasil tiririca", questões para discussão;
- ✓ Projeção de vídeo: "Estrangeirismos: estamos indo longe demais? Discussão sobre estrangeirismo e purismo linguístico";
- ✓ Leitura e discussão de textos: "Preconceito linguístico" e "Purismo Linguístico";
- ✓ Reflexões sobre a heterogeneidade da língua;
- ✓ Entrevista sobre a opinião da comunidade escolar e familiares sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa;
- ✓ Socialização das entrevistas.

5.4 PLANEJAMENTO OFICINA 4

OFICINA 4: TEMOS PIZZA, SANDUÍCHE GOURMET E CHICA DOIDA!

Estrangeirismo: Prejuízo ou benefício? Eis a questão!

Nesta oficina abordamos os principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa e reflexões sobre o aportuguesamento.

Tempo estimado: 3h/aula

Recursos: notebook e projetor multimídia, caixa de som, xérox das atividades para leitura de tirinha.

Objetivo: Compreender a movimentação e os principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa: incorporação pelo aportuguesamento dos estrangeirismos; incorporação da palavra estrangeira e aportuguesamento; incorporação de palavras estrangeiras apenas no idioma original; incorporação de palavras com duas grafias estrangeiras.

Procedimentos:

- ✓ Leitura de panfletos e anúncios de pratos e lanches, questões para discussão sobre a compreensão de palavras estrangeiras e da Língua Portuguesa relacionadas ao conhecimento cultural;
- ✓ Reflexão sobre a influência da globalização no aumento de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa e no mundo;
- ✓ Apresentação dos principais processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa;
- ✓ Reflexões sobre prejuízo ou benefício da incorporação de palavras estrangeiras no léxico da Língua Portuguesa;
- ✓ Aportuguesamento dos estrangeirismos e a dupla grafia
- ✓ Palavras incorporadas apenas com grafia estrangeira;
- ✓ Leitura de teclado de computador, significado de algumas teclas, o contato com termos estrangeiros, questões para discussão;
- ✓ Projeção de vídeo para reflexão: É possível evitar o uso de palavras estrangeiras;
- ✓ Leitura e produção de tirinhas utilizando estrangeirismos.

5.5 PLANEJAMENTO OFICINA 5

OFICINA 5: O ESTRANGEIRISMO "TÁ ON"!

Estrangeirismo ou Português? Eis a questão: Variação e adequação linguística

Nesta oficina abordamos o processo de variação linguística com a inclusão dos itens lexicais estrangeiros, direcionando para uma proposta de adequação linguística.

Tempo estimado: 8h/aula

Recursos: notebook, projetor multimídia, caixa de som, xérox das atividades para leitura e produções textuais.

Objetivo: O objetivo dessa oficina é possibilitar a compreensão do processo de variação linguística, incluindo os itens lexicais estrangeiros, direcionando para uma proposta de adequação linguística.

Procedimentos:

- ✓ Leitura de embalagens: Biscoito ou Bolacha? Questões para discussão;
- ✓ Projeção de vídeo para reflexão: "Irmãos gêmeos nascem em dias e estados diferentes";
- ✓ Reflexão sobre o conceito de variação linguística e a possibilidade de variação dos itens lexicais estrangeiros;
- ✓ Reflexão sobre a adequação linguística com itens lexicais estrangeiros: (im)possibilidade?
- ✓ Leitura de imagens e versinhos com o estrangeirismo "Crush", questões para discussão, variação da palavra "Crush";
- ✓ Leitura do texto informativo: O que é um Crush? Discussão sobre gírias de hoje e gírias antigas para crush.
- ✓ Atividade em duplas: "Eu e crush" e "Sobre crush".
Dicas sobre o crush de alguém e perfil do meu crush.
- ✓ Produção textual: "Uma história de Crush"

- ✓ Leitura de tirinha: entrega e delivery, questões para discussão sobre adequação linguística;
- ✓ Leitura de anúncios de pizza: reflexão sobre as variantes possíveis para entrega e delivery e reflexão sobre a adequação conforme às situações comunicativas;
- ✓ Leitura de vitrine de loja: sale e liquidação
Questões para discussão e possibilidades de outras variantes para sale e liquidação, reflexão sobre a adequação conforme às situações comunicativas;
- ✓ Leitura de meme: Fake News e Conversa Fiada
Reflexão em torno das variantes possíveis para Fake News e Conversa Fiada e a adequação conforme às situações comunicativas;
- ✓ Reflexão sobre possíveis variantes para as palavras apresentadas em um quadro aos estudantes.
- ✓ contextualização oral das situações comunicativas adequadas para cada variante a partir das respostas dos estudantes;
- ✓ Leitura de anúncio em vitrine: Promoção de ratos ópticos
Questões para discussão sobre a adequação linguística da expressão do anúncio, reflexão sobre a possibilidade de uso de outras palavras em outros ambientes e contextos comunicativos;
- ✓ Produção de diálogos

Escolha entre as palavras estrangeiras e da Língua Portuguesa de acordo com as situações comunicativas:

- Conversa descontraída entre mãe e filha ou entre pai e filho sobre namoro de antigamente e namoro de hoje;
- Conversa descontraída entre amigos(as) sobre assuntos pessoais;
- Conversa entre um estudante e a diretora da escola sobre a sujeira da sala;
- Conversa entre um estudante e um professor sobre dúvidas na matéria;
- Ou outras situações a escolher.

A seguir, apresentamos a segunda parte do caderno:

- O Questionário de Sondagem Inicial;
- O Questionário Sociogeolinguístico;
- As Oficinas Pedagógicas.

Bom trabalho!

QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL

Questionário de Sondagem Inicial

1. Você já deve ter percebido que usamos muitas palavras estrangeiras em nosso dia a dia. Você já deve ter ouvido alguma dessas frases: “Se você gostou desse vídeo deixe seu **like**”, “Vou tirar um **print** de tela da nossa conversa”, “Minha mãe faz **cupcake** para vender”. As palavras **print**, **like**, **cupcake**, são consideradas **estrangeirismos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) () Sim
 b) () Não
 c) () Estudei, mas foi na aula de inglês
 d) () Outro(s) _____

2. Qual definição você daria para **estrangeirismo**?

- a) () Estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano, etc.) na Língua Portuguesa.
 b) () Estrangeirismo é o uso de palavras de diferentes idiomas em nossa língua, mas de tanto serem usadas em nossa comunicação diária, já pertencem à Língua Portuguesa, inclusive podem ser encontradas no dicionário de português.
 c) () Estrangeirismo é o uso de palavras em inglês na Língua Portuguesa.
 d) () Outro (s) _____

3. No período de pandemia, ouvimos muito essa frase nos noticiários de Goiânia: “Atenção: hoje haverá vacinação contra **covid-19** no Passeio das Águas **Shopping** pelo sistema **drive-thru**”. As palavras **Covid-19**, **Shopping**, **drive-thru** são consideradas **empréstimos** na Língua Portuguesa.

Você já estudou sobre esse assunto nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) () Sim
 b) () Não
 c) () Estudei, mas foi na aula de inglês
 d) () Outro(s) _____

4. Qual definição você daria para **empréstimo**?

- a) () Empréstimo é o uso de palavras de outros idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano, etc.) que usamos na Língua Portuguesa, mas ainda não estão no dicionário.
 b) () Empréstimo é o uso de palavras de diferentes idiomas em nossa língua que, de tanto serem usadas em nossa comunicação diária, passaram a pertencer à Língua Portuguesa, inclusive podem ser encontradas no dicionário de português.
 c) () Empréstimo é o uso de palavras do inglês na Língua Portuguesa.
 d) () Outro(s) _____

5. Se fosse para você pesquisar o significado da palavra **bullying** na biblioteca da sua escola, qual dicionário você pegaria?

- a) () Dicionário de português, com certeza.
 b) () Dicionário de inglês, com certeza.
 c) () Os dois, pois tenho dúvida em qual deles encontro essa palavra.
 d) () Outro (s) _____

QUESTIONÁRIO DE SONDAÇÃO INICIAL

6. As palavras **site**, **mouse**, **e-mail**, **internet** são muito usadas em nossa comunicação. Você acha que podemos encontrar essas palavras no dicionário de português?
- a) () sim, com certeza.
 b) () Não, de jeito nenhum.
 c) () Tenho dúvidas.
 d) () Outro(s) Qual? _____
7. Observe como as palavras a seguir eram escritas no idioma original : sutiã (**soutien**), batom (**bâton**), maquiagem (**maquillage**). Qual língua você acha que originou essas palavras?
- a) () Inglês
 b) () Francês
 c) () Espanhol
 d) () Italiano
8. De qual idioma você acha que originou as palavras em destaque: “Ele tem **déficit** de atenção”, “Ela postou no **status que está solteira**”, “Brasil **versus** Argentina”.
- a) () Francês
 b) () Inglês
 c) () Espanhol
 d) () Latim
9. Quais dessas formas você usa para escrever as palavras a seguir?
- a) () blog Ou () blogue
 b) () rock Ou () roque
 c) () shampoo Ou () xampu
 d) () motoboy Ou () motobói
10. Qual das duas expressões você mais usa nas conversas com seus amigos?
- a) () Gosto de hot dog ou () Gosto de cachorro-quente
 com bastante molho! com bastante molho!
- b) () Esse celular é top ! ou () Esse celular é muito bom!
- c) () Adorei essa selfie! ou () Adorei esse autorretrato!
- d) () Essa informação é fake! ou () Essa informação é falsa!
11. Você poderia dar exemplos de mais palavras estrangeiras usadas por você, seus amigos e familiares?
- _____
- _____
- _____

QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM INICIAL

12. As palavras **home office**, **lockdown**, **aulas on-line**, **chat**, entre outras, foram muito utilizadas pela população durante a pandemia da Covid-19. Seria possível substituir essas palavras e expressões estrangeiras por suas correspondentes em português?

- a) home office _____
- b) lockdown _____
- c) aulas on-line _____
- d) chat _____

13. Se fosse para você fazer uma pesquisa virtual sobre o significado da palavra **lockdown**, ou outras palavras estrangeiras, onde você iria?

- a) () Google tradutor inglês/ português
- b) () Google tradutor português/inglês
- c) () Sites de buscas (Google, Firefox, Microsoft Edge etc)
- d) () outro(s) Qual? _____

14. Qual é a sua opinião sobre o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa?

- a) () Acho muito errado. Atrapalha muito na hora de escrever as palavras estrangeiras, nossa língua fica muito misturada.
- b) () Acho errado. Ninguém entende nada nas conversas que têm palavras estrangeiras.
- c) () Acho normal. As pessoas falam as palavras estrangeiras sem perceber quando estão conversando. Na hora de escrever podemos ter dificuldade, da mesma forma que temos com as palavras do português também.
- d) () Não tenho uma opinião se é certo ou errado, mas acho muito legal usar essas palavras e expressões estrangeiras. Se a maioria usa, eu também uso.

Comente sua opinião!

15. Você considera importante estudar esse assunto da presença de palavras estrangeiras nas aulas de Língua Portuguesa?

- a) () Não. Nas aulas de Língua Portuguesa temos que estudar apenas sobre as palavras e expressões da nossa língua.
- b) () Não. Esse assunto deve ser estudado apenas nas aulas de inglês.
- c) () Sim. Se as palavras estrangeiras estão presentes na Língua Portuguesa é importante entender como isso acontece.
- d) () Sim. Estudando esse assunto, posso aprender a falar inglês.

Comente sua opinião!

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!



QUESTIONÁRIO SOCIOGEOLINGUÍSTICO**Questionário Sociogeolinguístico**

1. Data de nascimento ____/____/____
2. Idade:_____ anos
3. Sexo () F () M
4. Cidade de nascimento_____
5. Estado de nascimento_____
6. Qual cidade/ estado seus pais ou responsáveis nasceram?
Pai: Cidade_____ Estado_____
- Mãe: Cidade _____ Estado_____
- Responsável: Cidade_____ Estado_____
7. Há quanto tempo você e sua família moram em Goiânia?
() 1 ano ou menos () Entre 5 e 10 anos
() Entre 1 e 5 anos () Mais de 10 anos
8. Além do lugar onde você nasceu e de Goiânia, seus pais ou responsáveis já moraram em outro lugar? Onde?
() Sim. Nome da Cidade_____ Estado_____
- () Não.
9. Qual seu lazer/diversão/ passatempo preferido?

10. Você gosta de ler? Que tipo de leitura?

11. Onde você costuma passear com sua família e amigos?
() teatro () clube
() cinema () Shopping
() Outros_____
12. Na sua casa tem quais aparelhos eletrônicos disponíveis para seus estudos e pesquisas?
() computador () Celular
() Notebook () Nenhum
() Tablet () Outros_____

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!

Oficina 1

O Estrangeirismo nosso de cada dia!

Estrangeirismo ou Empréstimo? Eis a questão!

Observe as palavras da imagem:



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/CP7vSKe2Du8/maxresdefault.jpg>. Acesso em de 30 de abr. de 2022.


Questões iniciais

- Você conhece as palavras da imagem? Você utiliza essas palavras em seu cotidiano?
- Quais são utilizadas com maior frequência por você?
- Quais outras palavras estrangeiras você e sua família e amigos utilizam também?
- Você consegue explicar o motivo da presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa?
- Como você acha que as palavras estrangeiras entram em nossa língua?
- O que significa estrangeirismo para você?
- O que significa empréstimo para você?

Refletindo sobre o Conceito

Estrangeirismo

Estrangeirismo é um processo natural da entrada de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa. Os fatores podem ser de ordem social, política, econômica, comercial, contato entre povos e nações, assimilação da cultura, avanços científicos e tecnológicos, etc.




Fonte: Arquivo pessoal (2022).

O *Estrangeirismo* contribui para o enriquecimento do léxico da Língua Portuguesa, pois à medida que as palavras estrangeiras vão sendo aceitas e usadas com frequência pelos falantes, elas acabam sendo incorporadas ao nosso acervo lexical, ou seja, passam a pertencer ao nosso patrimônio linguístico. Nesse caso, usamos o termo *Empréstimo* para as palavras estrangeiras oficializadas na língua.

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

**Estrangeirismo e/ou Empréstimo?
Eis a questão!**



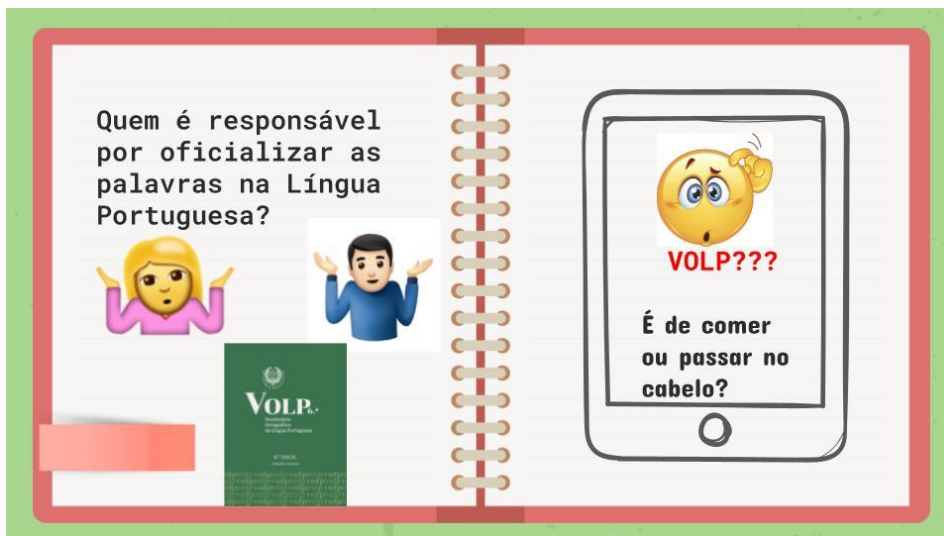
Estrangeirismo pode ser considerado palavras ou expressões oriundas de outros idiomas em uso na comunidade, porém ainda não foram oficializadas na Língua Portuguesa.

Empréstimo pode ser considerado palavras ou expressões oriundas de outros idiomas que já foram oficializadas na Língua Portuguesa.

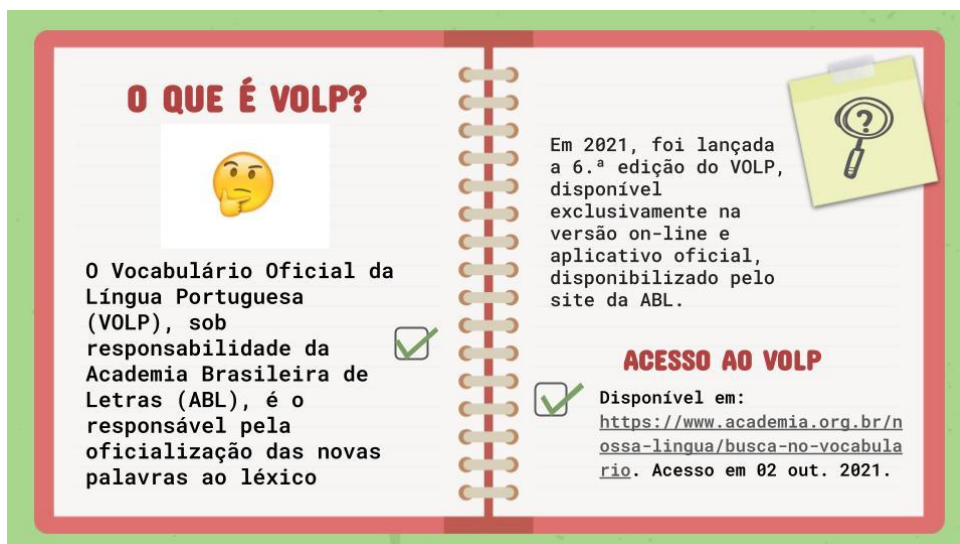
Fonte: Arquivo pessoal (2022).



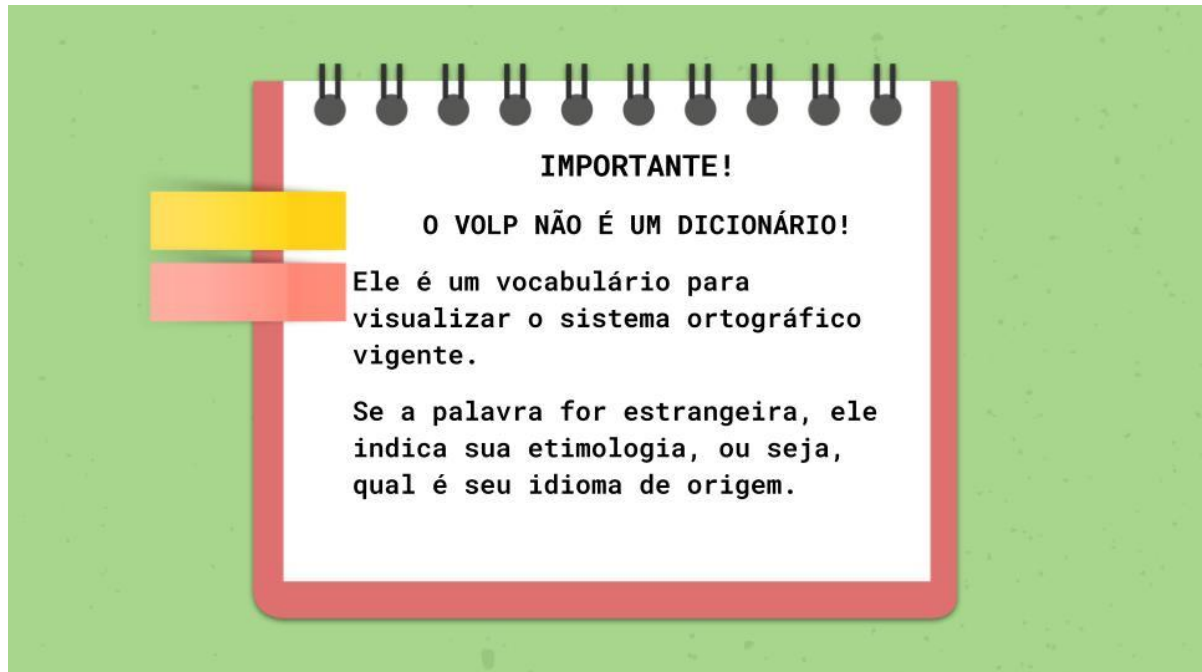
Fonte: Arquivo pessoal (2022).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Exemplo de busca da palavra bullying no VOLP:



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Hora de pesquisar

Agora você vai realizar uma pesquisa no VOLP e no dicionário de Língua Portuguesa para compreender um pouco mais sobre as palavras estrangeiras na Língua Portuguesa. Para isso anote suas respostas no quadro a seguir:

VOLP

(+) oficializada (empréstimo)

(-) não oficializada (estrangeirismo)

Palavras estrangeiras	VOLP (+) (-)	Idioma	Meu entendimento	Pesquisa no dicionário de Língua Portuguesa
Delivery				
Drive-thru				
Light				
Diet				


Hora de Ler e Pesquisar

Leitura de cardápio/menu:



Item	Preço
X-SALADA SIMPLES Pão, Carne, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,00
X-SALADA SIMPLES C/ SALSICHA Pão, Carne, Mussarela, Presunto, Salsicha, Alface e Tomate	6,00
X-SALADA ESPECIAL Pão, Carne, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,50
X-SALADA ESPECIAL C/ SALSICHA Pão, Carne, Ovo, Mussarela, Presunto, Salsicha, Alface e Tomate	6,50
X-DOG SIMPLES Pão, Salsicha, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	4,50
X-DOG ESPECIAL Pão, Salsicha, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,00
X-DOG SIMPLES C/ BACON Pão, Salsicha, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	5,50
X-DOG ESPECIAL C/ BACON Pão, Salsicha, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,00
X-BACON SIMPLES Pão, Carne, Bacon, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50
X-BACON ESPECIAL Pão, Carne, Bacon, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	7,00
X-LOMBO SIMPLES Pão, Lombo, Mussarela, Presunto, Alface, Tomate e Milho	6,50
X-LOMBO ESPECIAL Pão, Lombo, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface, Tomate e Milho	7,00
X-FILÉ SIMPLES Pão, Filé, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50
X-FILÉ ESPECIAL Pão, Filé, Ovo, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	7,00
X-FRANGO SIMPLES Pão, Frango, Mussarela, Presunto, Alface e Tomate	6,50

Disponível em: <https://pt.foursquare.com/v/sanduicheria-do-edval/5202c513498ea8221837f682>.
Acesso em 04 de maio de 2022.



Item	Preço
Hamburguer Simples Pão e Hamburguer	R\$ 9,00
Hamburguer Catupiry Pão, hamburguer e catupiry	R\$ 14,50
Hamburguer Catupiry Salada Pão, hamburguer, catupiry, alface, tomate e maionese	R\$ 16,00
Hamburguer Creme de Milho Pão, hamburguer, e creme de milho	R\$ 13,50
Hamburguer Bacon Pão, hamburguer e bacon	R\$ 14,00
Hamburguer Bacon Egg Pão, hamburguer, bacon e ovo	R\$ 15,00
Hamburguer Champignon Pão, hamburguer e champignon temperado	R\$ 13,00
Hamburguer Vinagrete Pão, hamburguer e molho vinagrete	R\$ 12,50
Hamburguer Salada Pão, hamburguer alface, tomate e maionese	R\$ 12,00
Hamburguer Tártaro Pão, hamburguer e molho tártaro	R\$ 12,00
Hamburguer Malonesa Pão, hamburguer e maionese	R\$ 11,00
Hamburguer a Moda Pão, hamburguer, maionese, presunto e cebola	R\$ 15,50

Disponível em: <https://guiadohamburguer.com/avaliacao/burquer-place-ipuranga/>. Acesso em 04 de mar. de 2022.

Que tal anotar as palavras estrangeiras que você encontrou nos dois cardápios?
Vamos fazer também uma pesquisa no VOLP e no dicionário de Língua Portuguesa?

VOLP

(+) oficializada (empréstimo)

(-) não oficializada (estrangeirismo)

Palavra estrangeira	VOLP (+) ou (-)	idioma	Minha Definição	Dicionário de Língua Portuguesa Definição

Para refletir!

Existem mais estrangeirismos ou empréstimos nas tabelas que você preencheu?
De qual idioma vem mais palavras estrangeiras na pesquisa realizada?

Agradecemos sua participação!



Oficina 2

Black Friday ou Black Fraude?

Estrangeirismo: importação da palavra ou da cultura? Eis a questão

Leia a reportagem:

Estrangeirismos estão atrelados à importação da cultura estrangeira

A tomada de expressões de uma língua por outra pode sinalizar a valorização de um idioma em relação a outro

Black Friday, off, sale, hot dog. O que esses termos têm em comum? Todos eles são palavras da língua inglesa que o Brasil tomou. De acordo com Ieda Maria Alves, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, nós não importamos palavras, e sim fatos, acontecimentos que determinam a cultura de um país. Como consequência disso, trazemos a expressão em si também.



Fotomontagem: jornal.usp.br

De acordo com a especialista, o incentivo à manutenção do nosso idioma e da nossa própria cultura é essencial, mas uma política linguística pode causar grande insatisfação popular (como aquela causada pelo Novo Acordo Ortográfico).

Se, no Brasil, nós emprestamos termos de origem anglicana, Portugal faz o mesmo com as palavras francesas. Assim, formam-se novos vocábulos que derivam da França, com a diferença de que são aportuguesados, e não simplesmente importados.

Fonte: ESTRANGEIRISMOS estão atrelados à importação da cultura estrangeira. Jornal da USP, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/atualidades/estrangeirismos-estao-atrelados-a-importacao-da-cultura-estrangeira/>. Acesso em: 03 de maio de 2022.

Questões para discussão

- Expresse sua opinião sobre as ideias do texto.
- Qual a relação do texto lido com a fotomontagem?
- Por que você acha que a maioria dos produtos que consumimos hoje em dia utilizam palavras estrangeiras?
- Na sua casa, você e sua família consomem algum desses produtos da fotomontagem?

Mas o que é uma fotomontagem?

Significado de Fotomontagem

substantivo feminino

Fotografias, legendas, desenhos artificialmente montados, para serem fotografados de modo a se obter uma nova visão em conjunto.

Fonte: FOTOMONTAGEM, Dicio, Dicionário Online de Português. Web, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fotomontagem/>. Acesso em 30 de jun. de 2022.

Fotomontagem

Em 2 minutos na cozinha!



Fonte: Fotomontagem de arquivo pessoal (2022).

Hora de produzir

Que tal produzir uma fotomontagem com palavras estrangeiras que circulam em seu cotidiano? Você pode fotografar produtos e objetos de sua residência, desenhar, fazer montagem com recortes de revistas ou imagens de internet, etc.

Se preferir, pode reunir as imagens por temas, como produtos alimentícios, higiene, limpeza, material escolar, roupas, redes sociais, informática, internet, música, dança, etc.

Black Friday ou Black Fraude?

Para ler e refletir!

Você conhece a origem da expressão Black Friday? Sabia que essa expressão tem origem na cultura norte-americana?

Você já viu alguma placa de anúncio parecida com essa? Onde?



Placa de desconto da Black Friday — Foto: Chico Escolano. Disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/black-friday/2022/noticia/2022/11/25/hoje-e-dia-de-black-friday-veja-dicas-para-aproveitar-as-ofertas-e-fugir-do-prejuizo.ghtml>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Você já ouviu falar na expressão “Black Fraude”? Sabe de onde surgiu? Você já viu algum anúncio de “Black Fraude”? Onde?

Por que você acha que colocaram Black Fraude neste anúncio?



Disponível em : <https://segredosdomundo.r7.com/black-fraude/>. Acesso em 30 de jul. de 2022.

Ler para compreender

Agora leia o texto informativo a seguir para entender melhor:

Black Friday: de onde vem esse nome...



Nos Estados Unidos, evento acontece tradicionalmente depois do feriado de Ação de Graças; Brasil e outros países aderiram à moda. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38087960> . Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Um dos dias mais aguardados no ano por lojistas e consumidores, a Black Friday teve origem nos Estados Unidos e, hoje, é adotada em vários países do mundo, como o Brasil.

No ano passado, o evento movimentou R\$ 7,72 bilhões, incluindo a CyberMonday, um aumento de 27,7% em relação ao mesmo período de 2019, segundo dados da Neotrust/Compre&Confie, empresa de inteligência de mercado.

O comércio online foi, aliás, um dos grandes beneficiados pela pandemia de covid-19. Isso porque, com medo de sair de casa, muitas pessoas passaram a comprar pela internet.

Nos Estados Unidos, a Black Friday acontece tradicionalmente depois do feriado de Ação de Graças, com filas a perder de vista.

Todos os consumidores têm um único objetivo: garimpar produtos com descontos que podem chegar a até 90% do preço original.

Fonte: KIM, Gittleson. Black Friday: de onde vem esse nome e outras 9 curiosidades sobre a data. BBC News Brasil. 24 novembro 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38087960> . Acesso em: 29 de jul. de 2022.

Ler para comentar

O QUE É A FAMOSA “BLACK FRAUDE”? ESPECIALISTAS DÃO DICAS PARA NÃO CAIR EM FURADAS

A “black fraude” surgiu pela prática de aumentar preço de produtos para depois anunciar preços normais como descontos. Com a Black Friday 2021 chegando, saiba como aproveitar descontos reais.

A Black Friday se tornou um dos eventos mais importantes do varejo brasileiro. No entanto, ainda existe um clima de desconfiança em relação às promoções oferecidas durante a data, que acabou **dando origem a expressões como “black fraude” ou “tudo pela metade do dobro”**.

Isso porque a Black Friday chegou no Brasil em 2010, com uma forte propaganda para aumentar o volume de vendas. Porém, já nos primeiros anos, foi constatado um acréscimo no valor de produtos na véspera do evento para depois anunciar os preços normais como “descontos”. (...)

O iDinheiro conversou com Ricardo Bove, idealizador da Black Friday no Brasil, e Renata Abalém, presidente da Comissão de Direito do Consumidor da OAB Goiás para entender melhor **o que é a black fraude e como não cair nesse tipo de furada**.

Afinal, de onde saiu a “black fraude”?

A expressão “black fraude” ficou famosa entre os consumidores depois de ter sido percebida **a existência de descontos falsos** na sexta-feira das ofertas. A prática consiste em aumentar os valores de produtos na véspera da Black Friday para, na data, abaixar novamente e anunciar os preços normais como “descontos”

Segundo Bove, isso se deu devido ao **despreparo dos lojistas na época, diante de uma forte adesão por parte dos consumidores**. “Em 2011, o valor das vendas na Black Friday foi de 60 milhões de reais; em 2012, 250 milhões; já, em 2013, passou para mais de 500 milhões de reais. Então, o interesse do consumidor chegou antes que os lojistas estivessem preparados para terem estoques, boas estruturas de sites e saberem lidar com a Black Friday. Os lojistas brasileiros achavam que era uma data normal e não estavam preparados para a massa de pessoas procurando descontos”, explica o empresário.

Já para a advogada cível e presidente da Comissão de Direito do Consumidor da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – Seção Goiás, **Renata Abalém**, a prática de **oferecer descontos falsos é um sintoma da própria cultura brasileira**.

“Infelizmente, nossa cultura é essa. O fornecedor, ao invés de fidelizar o cliente com política de transparência, prefere levar uma pequena vantagem pontual, do que manter uma postura de coerência, proximidade e empatia com seu cliente. Nós somos muito mal educados socialmente. A verdade é essa e é doída”, afirma.

Fonte: ENNESE, Júlia. O que é a famosa “Black Fraude”? especialistas dão dicas para não cair em furadas. Site iDinheiro. 26 de out de 2021. Disponível em: <https://www.idinheiro.com.br/noticias/black-fraude-evite-descontos-falsos/> . Acesso em 30 de jul. de 2022.

Qual outra expressão você usaria para substituir
Black Friday ou Black Fraude?

Trabalho em grupo



Reunidos em grupo de 4 estudantes, vocês irão produzir cartazes explorando palavras estrangeiras presentes na Língua Portuguesa como reflexo de outras culturas em nosso país. Para isso, vamos sortear uma temática para cada grupo (culinária, lanches, esportes, música, dança, moda, aparelhos eletrônicos, pandemia Covid-19, etc.).

No trabalho vocês irão pesquisar e produzir comentários sobre o reflexo da cultura de outros países na cultura brasileira.

Se preferirem, o grupo poderá realizar o trabalho de forma digital.

ATENÇÃO!

Na data agendada pela professora, vocês irão compartilhar e apresentar o trabalho para a turma explicando a pesquisa realizada. Vamos lá, mãos à obra!

Agradecemos sua participação!



Oficina 3

“Tamu junto e misturado”!

Estrangeirismo: Preconceito ou Purismo? Eis a questão

Leia a tirinha:



Disponível em: <http://professorjeanrodrigues.blogspot.com/2018/07/atividade-sobre-processo-de-formacao-de.html>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Questões para discussão

- A leitura da tirinha nos permite concluir que o preconceito está relacionado com a cultura ou com a palavra estrangeira?
- Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

Para assistir e refletir!



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/A1vyYWmpl9w/maxresdefault.jpg>. Acesso em 03 maio de 2022.

Vamos assistir ao vídeo, clique no link!

Fragozo, Carina. Estrangeirismos: estamos indo longe demais? English in Brazil. Youtube, 2019 (7min e 04 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A1vyYWmpl9w>. Acesso em 30 de abr. de 2022.

Questões para discussão!

**Você já ouviu falar em preconceito linguístico?
Você já ouviu falar em purismo linguístico?**



Disponível em: <https://s1.static.brasilecola.uol.com.br/be/conteudo/images/preconceito-linguistico.jpg>. Acesso em 04 de maio de 2022.

Você já foi vítima de preconceito linguístico?

**Você já ouviu falar que as palavras estrangeiras
descaracterizam a Língua Portuguesa?**

O que você acha disso?

Ler para entender

Preconceito Linguístico

O preconceito linguístico está relacionado à rejeição, ao julgamento das formas de se expressar diferentes da norma culta, uma visão do “certo” e do “errado” na língua. Segundo os estudiosos da língua, partindo do princípio da variação linguística, não existe “certo” e “errado” na maneira de se comunicar e se expressar, tanto na fala quanto na escrita. A língua varia de acordo com a classe social, gênero, idade, grau de escolaridade, região, profissão dos falantes. O que existe, então, é a noção de adequado ou inadequado conforme as situações comunicativas que estamos inseridos. As variedades linguísticas presentes no Brasil, representam a identidade do povo brasileiro e sua cultura, portanto devem ser valorizadas.

Exemplos de preconceito linguístico:

- Julgar que o português de Portugal é melhor que o português do Brasil;
- Debochar do sotaque de alguém por ser estrangeiro ou por diferenças regionais, como goiano, mineiro, baiano, cearense, carioca, paulista, gaúcho etc.;
- Julgar que uma região do Brasil tem o português melhor do que nas outras regiões (por exemplo, acreditar que o português mais “correto” é o falado na região sul);
- Discriminar as gírias modernas ou debochar das gírias antigas;
- Rir ou corrigir as pessoas que cometem desvios na pronúncia (como falar "bicicreta" e não bicicleta);
- Discriminar a linguagem abreviada usada nas redes sociais ou na internet em geral (o internetês, por exemplo).
- Acreditar que os desvios gramaticais de uma pessoa são “erros” de português;
- Debochar dos diferentes nomes para mesma coisa, em lugares diferentes (como laranjinha, geladinho, dindim, sacolé, juju);
- Entre outras...

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Bagno (2007)

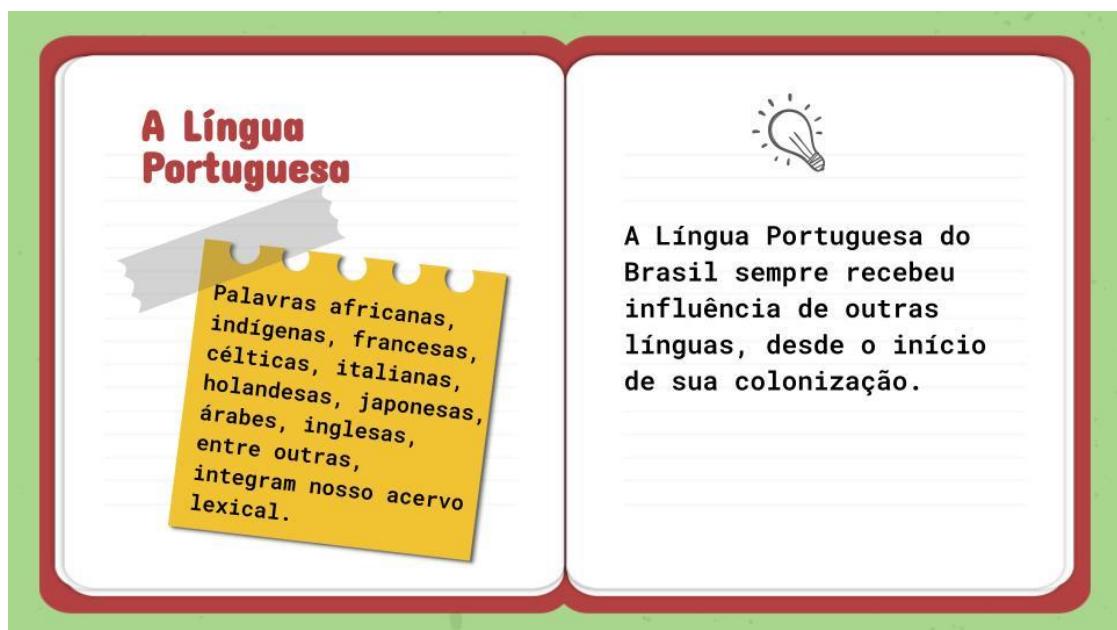
Purismo linguístico

Ao pensar no caráter social das línguas, podemos dizer que o estrangeirismo é um processo natural, todas as línguas recebem influências de outras. Porém, há quem não goste dessa influência e tenta combater ou até proibir o estrangeirismo na Língua Portuguesa, argumentando que as palavras estrangeiras descaracterizam a língua e levam à perda de sua identidade nacional, uma ideia de purismo linguístico. Os estudiosos da língua já provaram que não existe língua pura, todas as línguas que existem no mundo são influenciadas por outras, reflexo da convivência humana, do contato e interação entre os povos.

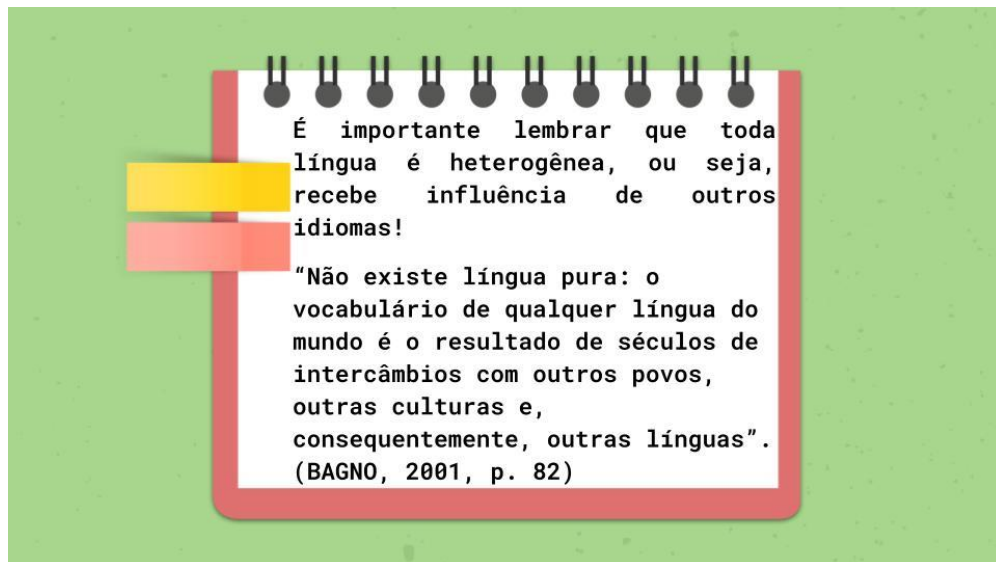
Exemplos de visão purista da língua:

- Divulgar a ideia que a Língua Portuguesa está perdendo sua identidade nacional devido à presença de palavras estrangeiras;
 - Acreditar que o inglês vai destruir o português;
 - Discriminar a linguagem abreviada usada nas redes sociais ou na internet em geral (o internetês, por exemplo).
 - Julgar que as palavras estrangeiras atrapalham a compreensão de um texto;
 - Julgar que as palavras estrangeiras atrapalham a comunicação dos falantes e/ou causam constrangimento ao pronunciá-las;
 - Proibir o uso de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa;
 - Estipular multas pelo uso de palavras estrangeiras;
- E outras mais...

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022) com base em Faraco (2001)



Fonte: Arquivo pessoal (2022).



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Hora de entrevistar

- Agora vocês vão se reunir em duplas para entrevistar alguém da escola para saber a opinião dessas pessoas sobre a presença de palavras estrangeiras na Língua Portuguesa.
- Em casa: cada estudante irá entrevistar um familiar e anotar a opinião dessa pessoa sobre o assunto.
- Para a entrevista é importante que você anote a idade, sexo, cidade onde nasceu e a profissão da pessoa.

AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO!



Oficina 4

Temos pizza, sanduíche gourmet e chica doida!

Estrangeirismo: Prejuízo ou benefício? Eis a questão!

Leia os Panfletos e o anúncio:



Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQVxHEb6J2TUfcTxSyk_sbmTzhLarph7YAxU2qQ-t4TKStmeT5QnVAGOf814ujY1CfGA80&usqp=CAU. Acesso em: 04 de mar. de 2022.

Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ-O5VKORu13M_Pa4nQQImc6PuPXc5Bxl45injxJU7kTQos5B0pp5s51eqb6FDS2z8pUD8&usqp=CAU. Acesso em 04 de mar. de 2022.

The advertisement for Domino's Pizza features the logo and the text 'FAVORITAS PIZZA MÉDIA 6 SABORES'. It shows a hand pulling a slice of pepperoni pizza. The price is listed as 'por apenas R\$ 29,90 CADA' with a red button that says 'PEÇA AGORA'. At the bottom, it lists 'SABORES PARTICIPANTES: CALABRESA, CORN & BACON, MUSSARELA, MAROHERITA, FRANGO C/ REQ., 3 QUEIJOS'.

Disponível em: <https://www.dominos.com.br/>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Questões

- a) Você conseguiu visualizar palavras estrangeiras nas imagens? Quais?
-
- b) Você acha que houve exagero de palavras estrangeiras nos textos que você leu?
-
- c) Quais palavras você não compreendeu o significado? Por quê?
-
- d) As palavras estrangeiras atrapalharam a leitura e a compreensão dos textos?
-
- e) Quais palavras estão escritas em português, mas você acha que têm origem estrangeira?
-
- f) Quais palavras você acha que são tipicamente brasileiras? Por quê?
-

Para refletir!

Você conhece estas palavras?

No mundo globalizado, as línguas se interconectam, contribuindo para o constante fluxo de palavras estrangeiras que circulam na sociedade, nas mais diversas áreas de comunicação humana.

Alimentação: pizza, strogonoff, sushi, sashimi, menu, hot dog, etc.

Música: funk, country, gospel, rock, rap, DJ, etc.

Comércio: shopping, delivery, ticket, sale, off, etc.

Lazer/ diversão: show, video game, playground, open bar, etc.

Moda: jeans, fashion, look, lycra, short, nylon, blazer, baby doll, etc.

Informática: hardware, software, scanner, bug, etc.

Internet: wi-fi, site, e-mail, on-line, off-line, link, etc.

Gírias e expressões: top, top das galáxias, crush, show de bola, stalkear, shippar, trollar, etc.

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Processos de incorporação das palavras estrangeiras Na Língua Portuguesa

a) Palavras estrangeiras incorporadas pelo processo de aportuguesamento:

- ✓ futebol originou do inglês “football”;
- ✓ supermercado originou do inglês “supermarket”;
- ✓ batom originou do francês “bâton”;
- ✓ maquiagem originou do francês “maquillage”.

b) Palavras estrangeiras incorporadas com ambas grafias aceitas pelo VOLP, com o idioma original e com aportuguesamento:

- ✓ nylon/náilon;
- ✓ skate/esquite;
- ✓ rock/roque.

c) Palavras estrangeiras incorporadas apenas com a grafia estrangeira:

- ✓ Mouse (informática)
- ✓ Selfie
- ✓ Internet
- ✓ Pizza

d) Palavras incorporadas com duas grafias estrangeiras aceitas pelo VOLP:

- ✓ on-line/ online;
- ✓ off-line/ offline;
- ✓ e-mail /email;
- ✓ fast -food/ fast food.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Ao observar esses processos de incorporação das palavras estrangeiras na Língua Portuguesa, você acha que houve prejuízo ou benefício? Eis a questão!
prejuízo ou benefício? Eis a questão!

E agora como escrever? Eis a questão! O stress ou estresse nosso de cada dia?



Disponível em:

https://media.istockphoto.com/id/805033904/pt/vetorial/ector-cartoon-head-blast-stress.jpg?s=1024x1024&w=is&k=20&c=PIGY_aH8I-eg3TseMqpPgOKulfk4tpkCSuthy3uQHQ=. Acesso em 20 de dez. de 2022



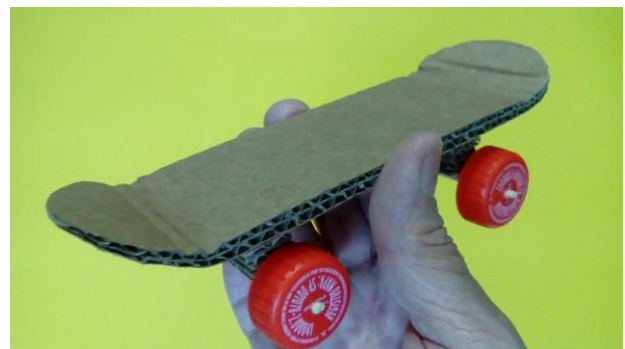
Disponível em:

<https://i.ytimg.com/vi/WJ810aHVnGY/maxresdefault.jpg>. Acesso em 20 de dez. de 2022

Pista de skate ou esquite?



Disponível em: <http://www.skatecuriosidade.com/wp-content/uploads/2008/12/revista-1977-esquite.JPG>. Acesso em 20 de dez. de 2022.



Disponível em:

https://i.ytimg.com/vi/T52LstE_PVc/maxresdefault.jpg. Acesso em 20 de dez. de 2022.

Vamos perguntar para o VOLP?

Algumas palavras na Língua Portuguesa aceitam dupla grafia pelo VOLP
Qual delas você tem mais costume de escrever? No idioma estrangeiro ou em português?

stress

s.m. *ing.* Estrangeira

estresse

s.m.

skate

s.m. *ing.* Estrangeira

esquite

s.m.

Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em 20 de dez. de 2022.

Empréstimos	Aportuguesamento
Buffet (francês)	Bufê (português)
Cowboy (inglês)	Caubói (português)
Layout (inglês)	Leiaute (português)
Drink (inglês)	Drinque (português)
Checkup (inglês)	Checape (português)
Scanner (inglês)	Escâner (português)
Sedan (inglês)	Sedã (português)
Blackout (inglês)	Blecaute (português)
Strogonoff (russo)	Estrogonofe (português)
Toilette (francês)	Toalete (português)

OBS. Ambas grafias são aceitas pelo VOLP

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Algumas palavras na Língua Portuguesa se mantêm na grafia original



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Observe a imagem:



Disponível em: <https://www.coladaweb.com/wp-content/uploads/2015/09/estrangeirismo.jpg>. Acesso em 03 de maio de 2022.

Questões para discussão

- Você conhece o objeto da imagem? Do que se trata?
- Você sabe a origem das palavras da imagem? Qual língua elas pertencem? São todas do mesmo idioma?
- Você sabe o significado da palavra delete? Como você aprendeu?
- Qual é a língua de origem da palavra delete, você sabe?
- Você sabe a função das outras teclas que aparecem na imagem: insert, home, end, page up, page down?
- Quais outras palavras estrangeiras aparecem no teclado dos computadores? Você se lembra? Qual a função delas?

Para assistir e refletir:

É sempre possível evitar o uso do estrangeirismo?

Vamos assistir ao vídeo e refletir:

BRASILEIRICES. Feicibúqui, stalkear, "deadline": o estrangeirismo na língua portuguesa. Youtube, 2016. (10min,17s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d3Q21hlpHes>. Acesso em 30 de abr. de 2022.

Hora de ler e responder!

Leia a tirinha e responda às questões propostas:



Disponível em: <https://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/01/estrangeirismos-tirinha-calvin.html>. Acesso em de 29 jul. de 2022.

a) Qual é a situação vivida por Calvin?

b) Quais palavras da tira são próprias do universo da informática?

c) Que palavra própria da nossa língua poderia ser usada no lugar de delete?

d) No contexto da tira, qual o sentido da palavra reinicializou no último quadrinho?

e) Quais outras palavras da nossa língua poderiam substituir reinicializar com o mesmo sentido?

f) Existe uma palavra estrangeira para reinicializar? Em que contexto você já vivenciou?

Hora de Produzir!

Que tal produzir uma tirinha bem legal utilizando palavras estrangeiras que você utiliza em seu cotidiano.

Oficina 5

O Estrangeirismo “lá on”!

Estrangeirismo ou Português? Eis a questão: Variação e adequação linguística

Biscoito ou Bolacha?

Leia as embalagens:



Disponível em: https://br.openfoodfacts.org/images/products/789/100/024/1356/front_pt.17.full.jpg. Acesso em 04 de maio de 2022.



Disponível em: https://world-fr.openfoodfacts.org/images/products/789/608/086/2132/front_pt.4.full.jpg. Acesso em 04 de maio de 2022.



Disponível em: https://br.openfoodfacts.org/images/products/789/115/232/1197/front_pt.4.full.jpg. Acesso em 04 de maio de 2022.

Questões para discussão

- Nas embalagens está escrito biscoito ou bolacha?
- Na sua região as pessoas falam biscoito ou bolacha?
- Existe diferença entre biscoito e bolacha para você? Qual?
- Você conhece alguém que fala essa palavra diferente de você?

Para assistir e refletir

Biscoito e Bolacha

Vamos assistir à reportagem dos irmãos gêmeos que nasceram em estados diferentes. Veja que história interessante!

Será que o nome deles será Biscoito e Bolacha? É isso? Eu hein! O que você acha?

SBT NEWS.Irmãos gêmeos nascem em dias e estados diferentes. SBT Brasil, 2022. (2 min e 36s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KhjsTMI_vOg. Acesso em 04 de maio de 2022.

Biscoito e/ou Bolacha?



Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-certo-e-biscoito-ou-bolacha/> . Acesso em 20 de dez. de 2022.

Para entender o conceito

Variação Linguística

Todas as línguas apresentam variação em diferentes aspectos, geográficos, regional, hábitos, costumes e cultura de uma região, social, faixa etária, sexo, grau de escolaridade, profissão, grupos específicos de convivência, valores, família, diferentes contextos comunicativos, nível de formalidade formal e informal, modalidade oral e escrita, etc.

biscoito e bolacha são duas formas diferentes de falar sobre o mesmo alimento, um exemplo de variação linguística.

Elaborado pelas autoras (2022).

Variação Linguística

Palavras estrangeiras

Você já parou para pensar que as palavras estrangeiras também podem apresentar variação linguística ao adentrarem na Língua Portuguesa?

Assim como biscoito e bolacha, temos o exemplo de Hot dog e cachorro quente

Duas formas diferentes de falar sobre o mesmo alimento em algumas regiões do Brasil. Na sua região hot dog e cachorro quente é a mesma coisa?

Variação e adequação linguística

mijo, xixi e urina

Número 1 ou Número 2 ?

Você utiliza essas palavras? Em que situações?

Você utiliza outra palavra para o ato de urinar ?



Em algumas palavras pode acontecer de ser mais comum o uso apenas no idioma original palavra:

Selfie
Air bag
internet

Para Pensar e Comentar!

Existe possibilidade das palavras estrangeiras a seguir serem substituídas? Em quais situações?

Selfie



Disponível em: <https://jumpercursos.com.br/wp-content/uploads/2019/05/162131-10-dicas-para-tirar-uma-selfie-perfeita.jpg>. Acesso em 29 de jul. de 2022.



Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-D8eSitzEkTc/U0H2dJX0FJJ/AAAAAAAAAGWE/G79B3QItt9I/s1600/old-skool-selfie.jpg>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Test drive



Disponível em: https://blog.apianet.com.br/wp-content/uploads/2021/09/blog_setembro.png. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Airbag



Disponível em: <https://quatrorodas.abril.com.br/wp-content/uploads/2017/03/airbag.jpg?quality=70&strip=info>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Expression “tá on”



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/x3vDGVDupqA/maxresdefault.jpg>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Hora de Ler, Divertir e Produzir

Você tem um crush?



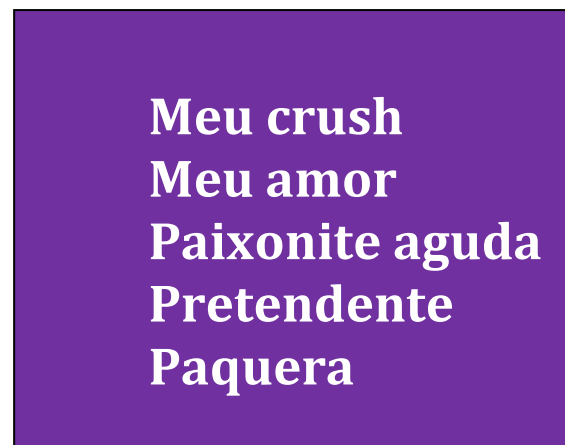
Disponível em: <https://wishiy.com/i/couple-sitting-on-bench/for/crush.jpg> . Acesso em 02 de maio de 2022.



Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/5lp5dsdK51UEIKpVpD23ro>. Acesso em 02 de maio de 2022.



Disponível em: <https://www.frasestop.com/meu-crush-tem-nome-e-e-igual-ao-teu-tem/> Acesso em 29 de jul. de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Questões para discussão

- Você e seus amigos(a) utilizam a palavra Crush?
- O que é Crush para você?
- Você sabe como seus pais usavam a palavra Crush quando mais jovens?
- Como você se expressa para se referir ao seu crush?
- Existem outras palavras que substituem Crush?

Para ler e viajar no tempo!

Crush e Paquera

O que é um crush? Se você está solteiro e ainda não sabe o que é está na hora de atualizar as gírias.

A gíria atual substitui outras que já foram utilizadas no decorrer do tempo: pão, paquera, gatinho, broto. O que vale é encontrar a alma-gêmea



Se você estava em Marte nos últimos anos e ainda não sabe o que "crush", leia aqui e descubra. Foto: Visualhunt | Foto: Photographer: Brandon Christophe

Traduzido literalmente do inglês, o significado pode parecer meio estranho (“esmagamento”), mas não é preciso quebrar muito a cabeça para relacionar o termo “crush” a uma paixão súbita, ao sentimento de ter o coração esmagado por outra pessoa. E quem não utiliza o verbete para falar da paquera atual está tão fora de moda quanto usar a palavra “paquera”. Então é melhor dar uma conferida nas gírias e atualizar o vocabulário para “entrar na pista” novamente.

A gíria atual substitui outras que já foram utilizadas no decorrer do tempo. Nos anos 1950, por exemplo, o crush era o “broto” da vez, um “tipão”. Na década seguinte, era preciso ser “boa pinta” para arrancar suspiros e não levar um fora do “pão”. Nos anos 1970, a moda já era ficar sem compromisso, fazendo “chacrinha” mesmo. Nos anos 1980, depois de muita “azaração” era preciso certo cuidado para não “desmanchar” o namoro.

Fonte: Gazeta do Povo. **O que é um crush? Se você está solteiro e ainda não sabe o que é está na hora de atualizar as gírias.** 25/05/2016. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/o-que-e-crush/>.

Acesso em: 01 de out. de 2022.

Hora da diversão!

Em duplas!
Que tal descobrir um pouco sobre o crush de alguém?



Marque se tiver coragem: _____

É DA MINHA CIDADE ?

Sim Não

ME NOTOU ?

Sim Não Não Sei

EU JÁ BEIJEI ?

Sim Não

GOSTA DE MIM ?

Sim Não Não Sei

SABE QUE É MEU CRUSH ?

Sim Não Não Sei

SÓ QUER MINHA AMIZADE ?

Sim Não Não Sei

TEMPLATE FEITO POR: @LOREPRAZERES

Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/594264113305491420/> .

Acesso em 29 de jul. de 2022.



@ITSMARAUJO

Sobre Crush

o que chama minha atenção

<input type="checkbox"/> ser engraçado/a	<input type="checkbox"/> não gostar de rotina
<input type="checkbox"/> ser cheiroso/a	<input type="checkbox"/> ser nerd
<input type="checkbox"/> gostar de series	<input type="checkbox"/> ser popular
<input type="checkbox"/> gostar de festa	<input type="checkbox"/> aguentar minha chatice
<input type="checkbox"/> sorriso lindo	<input type="checkbox"/> ser legal com amigos
<input type="checkbox"/> se vestir bem	<input type="checkbox"/> comer besteira
<input type="checkbox"/> mesmos hobbies	<input type="checkbox"/> topar qualquer role
<input type="checkbox"/> ser caseiro	<input type="checkbox"/> torcer pro mesmo time
<input type="checkbox"/> gostar de viajar	<input type="checkbox"/> gostar da minha banda/serie/saga favorito
<input type="checkbox"/> topar aventuras	

Disponível em:

<https://br.pinterest.com/pin/46302702404485408/> .

Acesso em 29 de jul. de 2022.

Hora de Produzir!

Sobre seu crush, conte-me tudo não esconda nada!
 Que tal contar uma história de crush que aconteceu com você ou alguém conhecido?
 Deixamos um espaço para você fazer um versinho ou desenhar algo sobre crush.

Questões para discussão

Leia a tirinha



GALHARDO, Caco. Chico Bacon Pizzaiolo. Blog do Galhardo.

Disponível em: <https://lefufrj.wordpress.com/2020/12/14/linguagem-nao-e-so-sobre-comunicacao/>. Acesso em 30 de abr. de 2022.

- Qual é a crítica feita na tirinha?
- Por que você acha que o atendente respondeu que não fazia entrega?
- Nas situações comunicativas do nosso cotidiano, as palavras “**entrega** e **delivery**” possuem o mesmo significado ou existe diferença? Explique que tipo de serviço é esse.

Observe os anúncios:



Disponível em: <https://lancenoticias.com.br/noticia/pizza-com-entrega-gratis-e-na-anjos-della-pizza-de-xanxere/>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/pizzariasemnomedofabinh/>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

- Você gosta de pizza? Você costuma pedir para comer em casa?
- Quais palavras foram utilizadas nos anúncios para se referir ao serviço de entrega da pizza?
- Você costuma ver mais a palavra delivery, entrega ou tele-entrega, telentrega em seu cotidiano? Onde geralmente você costuma ver essas palavras?

Observe as palavras da vitrine:



Disponível em: <https://celpebrasnapratica.com/estrangeirismo/>. Acesso em 29 de jul. de 2022.

- O estrangeirismo *sale* tem como correspondente em português a palavra *liquidação*. Você já viu essas palavras em algum lugar? Onde?
- Além de *sale* e *liquidação*, quais outras palavras apresentam o mesmo sentido?
- Você já viu a palavra *sale* na feira, numa banca de tomate, por exemplo? Você acha que fica adequada?
- Em que contextos você acha que a palavra *sale* não seria adequada, ou seja, seria melhor utilizar uma correspondente? Por quê?

Observe as expressões do meme:



Disponível em: <https://wl-incrivel.cf.tsp.li/resize/1200x630/jpg/0c1/839/b08aa15bd9920ad1aa429b83c6.jpg> . Acesso em 29 de jul. de 2022.

- Qual é a crítica do meme?
- Você acha que fake news e conversa fiada têm o mesmo sentido no meme?
- Existem outras expressões que substituem fake news? Em que contextos?
- Existem outras expressões que substituem conversa fiada? Em que contextos?

Para refletir e responder!

Agora vamos refletir um pouco mais sobre a variação linguística com as palavras estrangeiras. Pense em possibilidades de outras palavras ou expressões que podem substituir as palavras do quadro a seguir

Marque um X nas palavras que você não encontrar suas correspondentes:

PALAVRA ESTRANGEIRA	OUTRAS PALAVRAS CORRESPONDENTES
DELIVERY	
SELFIE	
NOTEBOOK	
SMARTPHONE	
FAKE NEWS	
BULLYING	
DRIVE THRU	
INTERNET	
SITE	
ONLINE	
OFFLINE	
EMAIL	
HOME OFFICE	
MOUSE (INFORMÁTICA)	
DOWNLOAD	
LOGIN	
FASHION	
REVEILLON	
LINGERIE	
BLACKOUT	
TOILETE	
AIR FRYER	
TROLLAR	
ZOOM	
LIVE	
STALKEAR	
SHIPPAR	
CHIP	

Agora vamos discutir oralmente as respostas que você colocou!
vamos analisar as situações comunicativas em torno das palavras!

Questões para discussão



Disponível em: <https://pt-static.z-dn.net/files/db1/42eb97b59f9e71a5d6b6f4ce31d059f1.jpg> .
Acesso em 30 de out. de 2022.

- O que está sendo anunciado?
- Qual a relação do objeto que está sendo anunciado com quem está olhando a vitrine?
- Por que você acha que está escrito ratos ópticos na vitrine? Você sabe se em algum lugar utilizam essa expressão?
- Pensando no contexto brasileiro, você acha que a expressão “ratos ópticos” é adequada para esse anúncio? Por quê?
- Qual palavra seria mais adequada para o contexto do anúncio aqui no Brasil? Por quê?
- Você acha que a expressão “ratos ópticos” poderia ser adequada em outros contextos? Quais?

Você sabia que em Portugal o mouse do computador é rato mesmo?

Adequação linguística

A adequação linguística é compreendida como a habilidade que os falantes têm para adaptar a língua de acordo com as necessidades comunicativas.

Ao longo das reflexões feitas nesta oficina, observamos que as palavras estrangeiras também podem se adequar de acordo com o ambiente, com as pessoas que estamos conversando, a situação comunicativa, o assunto.

Esse processo é possível porque a língua é heterogênea e apresenta variação em diferentes aspectos

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. In **Alfa**. São Paulo. vol 28 (supl.), p. 119-126, 1984.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo. Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAGNO, Marcos. “Cassandra, fênix e outros mitos”. In: FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 49.^a ed. São Paulo, Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. Os Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].
- BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos da dinâmica do neologismo. In: Língua e Literatura: **Revista dos departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. Ano VII, v. 7, 1978. p. 185-208. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/138126>. Acesso em: 30 de set. 2021.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos semânticos da produtividade léxica. In: Língua e Literatura: **Revista dos departamentos de Letras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**. Ano VIII, v. 8, 1979, p. 165-183. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/issu e/viés/8581/628>. Acesso em: 16 de set. 2021.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico, In OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998, v.1, p. 11-20.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Nós cheguem na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CONTIERO, Elza; FERRAZ, Aderlande Pereira. A neologia de empréstimos no LDP: uma abordagem a partir dos atos discursivos. In: SIMÕES, Darcilia; OSÓRIO, Paulo (Orgs.). **Léxico: Investigação e Ensino**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, p. 45-59. Disponível em: https://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Lexico_e_Ensino.pdf . Acesso em: 30 de mar.de 2022.

ESTRANGEIRISMOS estão atrelados à importação da cultura estrangeira. *Jornal da USP*, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/estrangeirismos-estao-atrelados-a-importacao-da-cultura-estrangeira/>. Acesso em: 03 de mai. de 2022.

FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.) **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcilia. **Língua portuguesa, educação e mudança**. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p.146-162.

FERRAZ, Aderlande Pereira; FILHO, Sebastião C. da Silva. Desenvolvimento da competência lexical e a neologia no português brasileiro contemporâneo. In: FERRAZ, Aderlande Pereira (Org.). **O léxico do português em estudo na sala de aula**. Araraquara: Letraria, 2016. p. 9-30.

FOTOMONTAGEM, Dicio, Dicionário Online de Português. Web, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fotomontagem/>. Acesso em 30 de jun. de 2022.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LETRAS, Academia Brasileira de. **Vocabulário Ortográfico**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/vocabulario-ortografico> . Acesso em: 15 de set. de 2021.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

TARTUCE, Terezinha de Jesus Afonso. **Métodos de pesquisa**. Apostila. Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>

ZILLES, Ana Maria S. “Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos”. In FARACO, Carlos Alberto *et al* (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 15-36.